

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

MARTIN CHRISTOPH CURI SPÖRL

**ESPAÇOS DA EMOÇÃO: ARQUITETURA FUTEBOLÍSTICA, TORCIDA E
SEGURANÇA PÚBLICA**

Niterói
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

MARTIN CHRISTOPH CURI SPÖRL

**ESPAÇOS DA EMOÇÃO: ARQUITETURA FUTEBOLÍSTICA, TORCIDA E
SEGURANÇA PÚBLICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor.

Linha de Pesquisa do orientador: Antropologia do corpo e do esporte
Projeto do orientador: Os espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e situações de conflito

Niterói
2012

Banca Examinadora

Profa. Orientadora – Dra. Simoni Lahud Guedes
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda
Fundação Getúlio Vargas

Profa. Dra. Rosana da Camara Teixeira
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos
Universidade Federal Fluminense

À Ivana

AGRADECIMENTOS

Uma tese de doutorado não é apenas trabalho do autor. Muitas mãos e mentes ajudaram. Gostaria de tentar dar conta e agradecer às pessoas que me apoiaram.

Esta tese foi desenvolvida com os recursos de uma bolsa do CNPQ que financiou o projeto de pesquisa da minha orientadora Simoni Lahud Guedes: “Os espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e situações de conflito”. Não só foi possível a dedicação integral à minha pesquisa, mas também comparecer a uma série de eventos e captar material para a pesquisa através da taxa de bancada. A bolsa me possibilitou condições excelentes de trabalho. Espero conseguir honrar a confiança em mim depositada e contribuir para as pesquisas brasileiras sobre segurança pública neste país.

Gostaria de agradecer o convívio profissional e amigável com minha orientadora Simoni Lahud Guedes.

À disponibilidade e as arguições dos professores membros da minha banca Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Édison Luis Gastaldo, Rosana da Camara Teixeira e Luiz Fernando Rojo Mattos e os suplentes Marcos Alvito Pereira da Souza e Leda Maria da Costa.

É também importante mencionar que recebi preciosas observações durante minha qualificação do professor Edilson Márcio Almeida da Silva. Além disso, gostaria de agradecer aos professores com os quais cursei disciplinas durante o Doutorado: Laura Graziela Figueiredo Fernandes Gomez, Delma Pessanha Neves, Jair de Souza Ramos, Antônio Carlos Rafael Barbosa, Julio Cesar de Souza Tavares e Carlos Eduardo Barbosa Sarmiento.

Todo meu trabalho acadêmico está ancorado no trabalho e no intercâmbio intelectual proporcionado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade – NEPESS. Agradeço a Marcos Alvito, Antonio Holzmeister e Bernardo Buarque de Hollanda por terem fundados este núcleo comigo. Este espaço de encontros gerou muitas amizades. Cito apenas alguns: Renato Lanna, André Gil, Luiz Rojo, Leda Costa, Mônica Araujo, Luiz Guilherme Burlamaqui Rocha, Francisco Rodrigues, Carol Walliter, Luisa Prochnik, Pedro Pio e Hugo Moraes.

Vinculado ao NEPESS criamos também e revista digital *Esporte e Sociedade* cujos editores agradeço à dedicação.

Durante minha pesquisa muitos professores cruzaram meu caminho e me ajudaram de alguma forma: José Sergio Leite Lopes, Maurício Murad, Arlei Sander Damo, Ronaldo Helal, Edmundo Drummond, Antonio Jorge Soares, Gilmar Marscarenhas, Luiz Henrique de Toledo, Túlio Velho, Jorge Ventura, Jorge Dorfmeister, Octavio Tavares, Pablo Alabarces, Anne-Marie Broudehoux, Jim Freeman, Richard Giulianotti, Otto Adang, Wolfram Manzenreiter, Christian Bromberger, Stefan Rinke, Chris Gaffney, Carmen Rial, Michel Misse, Christina Nacif Alves.

Fui representante dos alunos da Pós-Graduação e professor substituto no Departamento de Antropologia da UFF. Agradeço aos meus colegas de Colegiado e de Departamento, aos colegas da Secretaria e aos meus alunos.

Fui professor substituto no Departamento de Ciências Humanas da UERJ-FFP.

Agradeço aos meus colegas professores, aos colegas da Secretaria e aos meus alunos.

A Leda um agradecimento especial pela amizade, pelo profissionalismo e pela revisão.

Teria sido muito complicado fazer uma etnografia sem a colaboração dos interlocutores, que me contaram com muita paixão e empolgação sobre sua vida de torcedor.

Agradeço ao Cadu Ferreira e Luiz Mello da Golden Goal pelo apoio.

Lembro com um carinho especial os colegas da Pós-graduação da UFF: Izabella, Marta, Monique, Tatiana, Rafael, Pedro, Cássio, Michele, Letícia, Fabio, Hilaine, Bruner, Julia, Rolf, Mary, Verlan, Zé Colaço, Solange, Houda, Lenin, Lucia.

Gostaria de lembrar também de colegas na Alemanha: Nicole, Martina, Gerd, Reinaldo, Michael e especialmente Christina Peters.

Agradeço o apoio sempre quando visito a minha terra natal ou quando recebo visitas, lembrando da adolescência: Börnie, Jos, Ulf, Wolle, Kerstin, Fuchs, Peter, Maike e Reri.

Não posso esquecer alguns colegas jornalistas: Wolfgang Kunath, Henrik Jönsson, Mair Penna, Tim Vickery e Chris Moura.

Agradeço também à minha família: Elisabeth e Reinhard, Sebastian e Johannes, Dorothea, meus avós Maria e Edmund, Hedwig e Hermann, minha sogra Ivone, os sobrinhos Vitor e Igor.

À Ivana.

RESUMO

Para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, 12 novos estádios serão construídos no Brasil. Esses estádios precisarão atender a uma série de exigências da FIFA – o chamado padrão FIFA – muitas das quais relacionadas diretamente a preocupações com a segurança pública. No Rio de Janeiro, já há um estádio pronto que segue esse padrão: o Estádio Olímpico João Havelange, também conhecido como Engenhão. Esse estádio foi construído para o público dos Jogos Pan-Americanos de 2007, evento que durou duas semanas. Logo em seguida foi arrendado pelo clube Botafogo de Futebol e Regatas passando, portanto, a ser frequentado por sua torcida. Parte-se do pressuposto que o Engenhão não foi necessariamente construído para este tipo de público. A tese central deste trabalho é que há, no Brasil, uma disputa simbólica pelo significado do torcer e que os novos estádios, construídos para a Copa do Mundo de 2014 são um instrumento desta disputa. Os envolvidos neste fenômeno não são apenas os diversos grupos presentes durante os jogos nos estádios, mas também os construtores e administradores dos estádios. Há em jogo uma série de representações sociais sobre tais espaços, e a forma assumida por eles resulta das diferentes negociações. Sendo assim, é possível não somente observar as construções, o comportamento dos diversos grupos envolvidos, assim como entrevistá-los a respeito de suas representações, suas avaliações sobre o espaço em questão e a segurança pública. Esta é a principal proposta da pesquisa aqui realizada. O Engenhão é um campo empírico de pesquisa interessante porque oferece a oportunidade de averiguar os modos pelos quais a torcida de um clube reage a uma arquitetura projetada para atender às demandas de um público de megaeventos.

Palavras-chave

Futebol, Estádios, Torcedores, Segurança Pública, Megaeventos Esportivos, Disputa

ABSTRACT

12 new stadiums will be constructed for the 2014 World Cup soccer championship, all of which follow the so-called FIFA Standards preoccupied with public security. In Rio de Janeiro one of these stadiums has already been built: The João Havelange Olympic Stadium – better known as the Engenhão. This stadium was originally built for the 2007 Pan American games, a two-week event. Shortly afterwards the Engenhão was rented to the Botafogo soccer club and, thus used by this team's fans. However, it may be presumed that the Engenhão wasn't necessarily constructed for this kind of public. The key hypothesis of this work is that in Brazil there is a symbolic dispute over what it means to route for a team and the new stadiums, constructed for the 2014 World Cup, are being used as an instrument in this dispute. The actors involved in this phenomenon aren't only the numerous groups of fans who show up for the games in the stadiums, but also architects and stadium administrators. A whole series of social representations of these spaces are at stake and the forms they assume are the results of negotiation. Therefore, besides taking a closer look at how the stadium was constructed and how actors behave there, we might also question what their intentions are by conducting interviews with them about how they evaluate this space and also on public safety issues. This is the main proposal of this investigation. The Engenhão is an interesting research topic because it offers an opportunity to verify how a club's fans react to an architecture plan projected to attend to the demands of a mega sports event public.

Keywords

Football, Stadiums, Fans, Public Security, Mega Sportevents, Dispute

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Bilheterias no Engenhão.

Foto 2: A entrada ao Maracanã durante o Pan-2007.

Foto 3: O público do Pan-2007 assistiu as competições sentado.

Foto 4: Um pequeno grupo que quis assistir ao jogo em pé.

Foto 5: O Maracanã no dia 27.07.2007.

Foto 6: Primeiro jogo da Seleção Brasileira no Maracanã contra a seleção do México, realizada dia 24.06.50, válido pela Copa do Mundo desse mesmo ano

Foto 7: O Maracanã visto da rampa do Metrô.

Foto 8: A entrada do Maracanã com o cartaz do Governo do Estado Rio de Janeiro.

Foto 9: Bilheterias do Maracanã.

Foto 10: Bar na Praça em frente à UERJ.

Foto 11: Execução do Choque de Ordem em frente ao Maracanã.

Foto 12: Venda de cerveja na mala de um carro.

Foto 13: Estátua do jogador Garrincha no Maracanã.

Foto 14: As torcidas organizadas do Botafogo no Maracanã.

Foto 15: Um torcedor-símbolo do Botafogo.

Foto 16: O Engenhão visto da Linha Amarela.

Foto 17: O bairro do Engenho de Dentro visto do Engenhão.

Foto 18: Voluntários nos Jogos Pan-Americanos 2007.

Foto 19: Controle nas entradas do Pan-2007: detedores de metal e raios-X.

Foto 20: Um soldado da Força Nacional no Pan-2007.

Foto 21: Os arcos do Engenhão.

Foto 22: Os camarotes do Engenhão abaixo da arquibancada e acima das cadeiras.

Foto 23: Os assentos e as proteções no Engenhão.

Foto 24: O Engenhão é um estádio olímpico e pode receber competições de atletismo como aconteceu no Pan-2007.

Foto 25: Campanha da Prefeitura do Rio de Janeiro comemorando a escolha da sede dos Jogos Olímpicos 2016.

Foto 26: Bandeira colocada na fachada de um prédio de propriedade do Estado do Rio de Janeiro em comemoração à escolha da sede dos Jogos Olímpicos 2016.

Foto 27: O Bar Botachopp.

Foto 28: Venda de produtos dentro do jardim de um conjunto de prédios encostado ao Engenhão.

Foto 29: O amplo corredor do Engenhão.

Foto 30: A Loucos pelo Botafogo em ação.

Foto 31: Há uma linha brusca entre os torcedores organizados em pé e os torcedores sentados.

Foto 32: Torcedores em pé nos assentos.

Foto 33: O torcedor-símbolo “Anjo do Flamengo” no Maracanã.

Foto 34: A Charanga no Maracanã.

Foto 35: As Torcidas Organizadas do Botafogo em ação no Maracanã.

Foto 36: A bateria da Torcida Organizada “Raça Rubro-Negra” do Flamengo.

Foto 37: Um trapo da Loucos pelo Botafogo.

Foto 38: O público no Setor VISA assiste ao jogo sentado.

Foto 39: Um conjunto habitacional em Bangu.

Foto 40: As geladeiras de Maria com os adesivos do Botafogo.

Foto 41: Fernando e a sua cadeira T177.

Foto 42: Rua São Clemente no bairro de Botafogo.

Foto 43: Estátua do jogador Nilton Santos em frente ao Engenhão.

Foto 44: O Mascote Biriba num jogo do Botafogo no Engenhão.

Foto 45: Torcedores assistindo ao jogo em pé, mesmo havendo muitos lugares disponíveis.

Foto 46: Bar do Setor VISA.

Foto 47: Torcidas Organizadas: emoção ou violência?

Foto 48: Polícia na entrada do Engenhão.

Foto 49: Agentes da Prefeitura responsáveis pelo Choque de Ordem em frente do Engenhão.

Foto 50: Polícia montada em frente ao Engenhão.

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1: Crescimento da população carioca
- Tabela 2: Ingressos no Maracanã
- Tabela 3: Os jogos da Copa do Mundo de 1950 no Maracanã.
- Tabela 4: Jogos importantes no Maracanã.
- Tabela 5: Os maiores públicos no Maracanã.
- Tabela 6: Capacidade de estádios brasileiros.
- Tabela 7: Média de público no campeonato brasileiro de futebol
- Tabela 8: Receita de clubes brasileiros e europeus.
- Tabela 9: Megaeventos esportivos no Brasil.
- Tabela 10: População do Grande Méier.
- Tabela 11: Megaeventos esportivos em países BRIC.
- Tabela 12: Custos dos Jogos Olímpicos.
- Tabela 13: Lances Mínimos e Regras para Envio de Novos Lances.
- Tabela 14: Público em jogos do Botafogo no Engenhão 2009 e 2010.
- Tabela 15: As 12 maiores torcidas do Brasil entre 1983 – 2009 em %.
- Tabela 16: Divisão por faixa populacional em %.
- Tabela 17: O perfil etário das 12 maiores torcidas em %.
- Tabela 18: Perfil dos frequentadores de estádios de futebol cariocas em %.
- Tabela 19: Frequência em estádio.
- Tabela 20: Comportamento no estádio.
- Tabela 21: Tipos de torcedores.
- Tabela 22: Fatores que levam a estádios cheios.
- Tabela 23: Motivos de afastamento.
- Tabela 24: Qual é o maior problema no futebol brasileiro?
- Tabela 25: Nacionalismo e clubismo.
- Tabela 26: Medidas de segurança no futebol de alguns países europeus e no Brasil.

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos estádios Laranjeiras, Figueira de Melo, São Januário e Maracanã ao redor do centro do Rio de Janeiro.

Gráfico 2: Mapa do Maracanã e seus arredores, publicado no *Jornal do Brasil* por causa do *Choque de Ordem*.

Gráfico 3: Envolvimento administrativo do complexo do Maracanã.

Gráfico 4: Mapa do jornal *O Globo* destacando os arredores do Maracanã, explicando o *Choque de Ordem*.

Gráfico 5: Lugares das principais Torcidas Organizadas dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro no Maracanã em 2004.

Gráfico 6: Mapa dos arredores do Engenhão informando o acesso ao estádio e as categorias de ingressos nos setores do estádio.

Gráfico 7: Desenho do Engenhão.

Gráfico 8: Mapa do Engenhão.

Gráfico 9: Tipos ideais de torcedores.

Gráfico 10: Categorias de torcedores.

Gráfico 11: Relação dos torcedores com o time e a comunidade de torcedores.

Gráfico 12: Categorias de torcedores e categoria de acusação “violência”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. ESTÁDIOS	41
1.1 Maracanã.....	41
1.2 Engenhão	111
2. TORCEDORES	172
2.1 Quem são os torcedores?	172
2.2 Os torcedores no Engenhão	212
2.2.1 Identidade	235
2.2.2 Emoção	253
2.2.3 Conforto.....	263
2.2.4 Violência	270
2.3 Medidas de Segurança Pública	281
3. CONCLUSÃO.....	297
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	308

INTRODUÇÃO

Brasil – Equador 2:4

No sábado, 21 de julho de 2007, jogaram as seleções de futebol masculino do Equador e do Brasil no Estádio Jornalista Mario Filho, o Maracanã, Rio de Janeiro. O jogo era válido pela fase de grupos dos Jogos Pan-Americanos 2007. Apenas o vencedor avançaria para as semifinais. Era um dia ensolarado do inverno carioca e apesar de os ingressos não terem sido esgotados, o estádio contava com excelente presença de público. Foi o maior público até aquele momento nos Jogos Pan-Americanos e que somente seria superado pela final da competição de futebol feminino entre Estados Unidos e Brasil, no mesmo estádio.

Decidi ver o jogo com dois colegas, também doutorandos, e um professor francês de antropologia, que na época visitava a cidade. O grande número de espectadores era esperado e, por isso, decidimos comprar os ingressos antecipadamente para garantir nosso acesso. Como estava observando os jogos para uma pesquisa, combinamos que eu cuidaria dessa tarefa.

Os Jogos Pan-Americanos são um evento multiesportivo seguindo o modelo dos Jogos Olímpicos, mas com participação exclusiva de atletas dos países do continente americano. Portanto, tratava-se de um evento cujas competições foram distribuídas em diversos lugares da cidade do Rio de Janeiro. Em vários deles foram disponibilizadas bilheterias, nas quais era possível comprar ingressos para qualquer competição onde quer que fosse realizada. Aproveitei uma ida ao Estádio Olímpico Municipal João Havelange, também conhecido como Engenhão, para comprar os ingressos. O Engenhão foi construído especialmente para os Jogos Pan-Americanos. Suas bilheterias, ao contrário do Maracanã e outros estádios, possuem alambrados de metal que formam e separam as filas de compradores. O caixa possui uma estrutura de vidro através da qual é possível que vendedor e comprador se observem. A comunicação e a troca de dinheiro por ingresso se dá por intermédio de uma pequena abertura nessa estrutura. Isso representa uma mudança em relação aos antigos estádios, onde as bilheterias consistiam em simples buracos que obrigavam a pessoa a se abaixar para realizar a compra.

Chegando a minha vez pedi os três ingressos para meus colegas (eu não precisava, porque tinha o credenciamento profissional). Para a compra era necessário indicar a competição (futebol masculino), data (21/07/07) e setor aproximado

(arquibancada). Paguei e recebi os ingressos, nos quais constavam, além dessas indicações, o preço, o setor exato, a fila e o número do assento. Não era possível escolher o assento, que foi emitido aleatoriamente. A orientação oficial era de que esse número fosse respeitado, procedimento que não existe em competições nacionais de futebol no Brasil.



Foto 1: Bilheterias do Engenhão.

No dia do jogo, fizemos um *tour* turístico pela cidade com nosso visitante francês e chegamos por volta das 13h30min no Maracanã, sendo que o jogo começaria às 15h. Decidimos chegar cedo porque fora montado um esquema peculiar de segurança, que se distinguia bastante dos procedimentos normais em campeonatos nacionais. A principal medida foi a implantação de vários “currais”, pelos quais seguiam os espectadores que passavam por uma revista, que contava inclusive com detectores de metal e raios-X. Fizemos uso do metrô como meio de transporte e, assim que chegamos, passamos pela rampa da UERJ que segue para as arquibancadas. Esta entrada é também usada em campeonatos nacionais. Descendo a rampa da UERJ percebemos uma fila imensa, mas por causa das minhas pesquisas anteriores sabia que havia algumas entradas adicionais, através do estádio de atletismo Célio de Barros. Então ficamos mais à direita e encontramos esta entrada, que embora não fosse

sinalizada por placas, contava com dois voluntários que trajados com camisa branca¹, indicavam o caminho.

No gramado do estádio haviam sido colocados os currais, num dos quais nos enfileiramos, sendo que neles havia pouca gente, bem ao contrário das entradas próximas à rampa da UERJ. A partir de então passamos por três controles. O primeiro foi um voluntário de camisa preta, que pedia para que as pessoas portassem seus ingressos e nos informava se estávamos no acesso correto. Ficamos na fila e em menos de 5 minutos, chegou a nossa vez de entrar na segunda etapa de controle. Tínhamos de passar nossas bolsas por um raio-x e fomos controlados por um funcionário (e não voluntário) em uniforme preto munido de um detector de metal. Tudo se passou sem complicações e dessa forma podíamos enfrentar o último controle, que era formado por mais um voluntário que trajando uma camisa preta registrou e validou nosso ingresso.



Foto 2: A entrada do Maracanã durante o Pan-2007

A partir daí estávamos no interior da área dos Jogos Pan-Americanos, podendo seguir para o acesso comum das arquibancadas através de uma rampa. Chegando à parte de cima, no anel que dá acesso às arquibancadas, encontramos muita sinalização

¹ Em megaeventos esportivos se tornou bastante comum que os organizadores desenvolvam um programa de voluntários que são responsáveis por trabalhos mais simples no desenvolvimento dos eventos. No Rio, em 2007, havia quatro categorias que podiam ser reconhecidas pelos uniformes: azul = imprensa, verde = arbitragem, preto = segurança e branco = serviço ao público. Como o nome diz, os voluntários não receberam salários. Há várias pesquisas sobre os voluntários no Rio em 2007 em DaCosta et al, 2008.

indicando os setores. Seguimos a sinalização até encontrar nosso setor, entramos na arquibancada e procuramos nossa fila e assento. Havia inúmeros voluntários de camisa branca que ajudavam as pessoas a encontrar seus assentos. Chamou muito a atenção do pesquisador o fato de os espectadores se sentarem nos assentos e realmente procurarem o número que constava em seu ingresso. Este comportamento é diametralmente oposto aos costumes perceptíveis durante os jogos realizados no campeonato brasileiro. Daí surgiu uma situação que também chamou muita atenção.

Podíamos observar grupos que queriam assistir a partida em pé e que se identificavam através de faixas, camisas e cânticos como membros de uma torcida organizada do Clube de Regatas Flamengo. O comportamento desse grupo provocou fortes reações. Além de não ocuparem o assento indicado no seu ingresso, tirando o lugar de outras pessoas, permaneciam de pé, obstruindo a visão daqueles que estavam atrás deles. Um grupo de seguranças – voluntários com camisas pretas – foi chamado e pediu para que aqueles torcedores se sentassem. Num primeiro momento eles obedeceram, levantando novamente depois da saída dos seguranças. Foram registrados comentários de outros espectadores como, por exemplo: “Por isso este país não vai para frente”.



Foto 3: O público do Pan-2007 assistindo as competições sentado.

Interessante é que foram observadas também situações isoladas nas quais um indivíduo chamou a segurança para liberar algum lugar, interpretado como seu. Nestes

casos os comentários apoiaram a pessoa que estava ocupando o lugar errado. Vários espectadores declararam que eram contra a numeração de ingressos e assentos e que deveria existir a possibilidade de se escolher o lugar livremente. O torcedor que chamou a segurança teve que ouvir o coro: “Tem um veado querendo aparecer”. Os torcedores se mostraram, então, favoráveis à existência de assentos, mas desfavoráveis à numeração dos mesmos.

Voltando para o grupo em pé, dele se podia ouvir a entoação de cânticos enaltecendo o Flamengo. A reação do público foi imediata: vaias contra o grupo e gritos a favor do Brasil. É interessante que temos a possibilidade de comparar uma oposição clara na situação descrita. A maioria do público ali presente preocupava-se com o conforto do assento, a boa visibilidade, o oferecimento de um serviço eficiente, assim como um *boom* dos atletas que representavam o Brasil. Já aqueles torcedores do Flamengo preferiam enfatizar o sentimento clubístico, desconsiderando ou até mesmo rejeitando o conforto dos assentos. Na situação concreta a crise foi solucionada com a separação espacial, exclusão parcial, chamada dos seguranças e vaias².



Foto 4: Um pequeno grupo que quis assistir ao jogo em pé.

A situação descrita é bastante densa e provoca várias reflexões. Creio que, então, vale a pena imaginar o que nosso convidado francês teria pensado ao assistir as cenas

² O jogo terminou Brasil – Equador 2:4, o que eliminou a seleção brasileira. A seleção equatoriana ganharia mais tarde a medalha de ouro.

ocorridas entre os diferentes grupos de torcedores brasileiros. Em virtude da análise, seria inclusive frutífero imaginá-lo como alguém vindo do Butão ou algum outro país distante, com pouca conexão com futebol e nenhum conhecimento da língua portuguesa.

É provável que para essa pessoa, todo o andamento do dia tenha sido bastante normal. Talvez estivesse impressionado com a possibilidade de chegar de metrô até as portas do estádio, com a quantidade de atendentes voluntários, as medidas de segurança e, principalmente, com o tamanho não só do estádio, mas da torcida. Ele não saberia das alterações arquitetônicas feitas e que existiam diferenças na forma de organização entre aquele megaevento esportivo e os campeonatos nacionais. Provavelmente estaria muito contente porque o acesso e a entrada ao estádio foram rápidos e sem maiores complicações.



Foto 5: O Maracanã no dia 27.07.2007.

Na arquibancada ele se sentaria, como todos os outros, e esperaria com alegria o começo do jogo. O dia de sol e muitas pessoas bem humoradas ao seu redor lhe prometeriam uma tarde agradável, talvez excitante. Nessa situação, ele escuta alguns gritos dissonantes quebrando essa atmosfera de bem estar. Depois de virar à sua direita perceberia aquele grupo, anteriormente descrito, em pé gritando algo que não entendia. Ele perceberia também que esse grupo se comportava de modo visivelmente distinto do restante dos torcedores. O grupo ficava em pé, gritava algo que desagradava os outros

espectadores e que ao invés das camisas verde-amarelas, trajavam camisas rubro-negras. Essa combinação de cores é muito familiar para brasileiros, mas desconhecida para nosso visitante. Talvez então ele imaginaria se tratar da torcida equatoriana, o que explicaria também as reações contrárias dos outros espectadores.

Com dúvidas, buscaria informação com seus acompanhantes brasileiros e receberia a seguinte resposta: “São brasileiros também”. Nosso visitante ficaria confuso sobre a questão das aparentes rixas dentro da torcida brasileira, que na sua concepção deveria apoiar de uma forma homogênea seu time. Neste momento escutaria o comentário “Por isso este país não vai para frente”, que alguém traduz para ele. A confusão aumentaria. Qual seria a relação entre assistir a um jogo sentado e o progresso de um país? O que significaria aquela frase que dizia que o país devia ir para frente? Por que exatamente aqueles que aparentemente demonstravam mais disposição, já que permaneciam em pé e gritavam, eram compreendidos como um obstáculo àquele progresso? Por outro lado: por que este mesmo grupo recusava-se a fazer uso dos assentos disponíveis? Qual seria a vantagem de se assistir a um jogo em pé ou sentado? Por que esses comportamentos provocavam reações tão fortes que tornaram necessária a presença de seguranças?

Logo após, ocorreria a segunda cena do torcedor que exigia sentar-se no lugar indicado no seu ingresso, atitude recebida com a reação em coro: “Tem um veado querendo aparecer”. Agora a confusão era completa. É possível que o nosso visitante tenha estabelecido uma relação entre os acontecimentos. Se as regras precisavam ser seguidas e era necessário sentar-se no lugar numerado, por que os torcedores vaiaram o grupo em pé e vaiaram também o torcedor que seguia as regras e procurava seu lugar? Os acontecimentos na arquibancada haviam se tornado tão ou até mais interessantes do que o jogo no campo.

Se algo ficou nítido para o visitante, foi o fato de que a torcida presente no estádio não era tão homogênea como parecia à primeira vista. Os torcedores e os estádios tinham a sua história e experiências que produziam reações diferentes, especialmente no que diz respeito às novidades organizacionais e arquitetônicas. A cena descrita e as perguntas do visitante estrangeiro imaginário são um bom começo para a presente pesquisa.

Futebol e mudança cultural

O que interessa nesta descrição é a alteração de comportamento de espectadores de futebol no Brasil, a partir das mudanças arquitetônicas nos estádios em função de um evento específico, neste caso os Jogos Pan-Americanos de 2007. O futebol tem uma importância imensa no Brasil. O esporte foi introduzido no país no final do século XIX. Desde então, gradativamente foi se popularizando e se tornou um elemento de construção da identidade nacional. Foram fundados clubes, erguidos estádios e campeonatos são jogados há mais de cem anos no Brasil. Os brasileiros estão acostumados a ver futebol no estádio e consideram que em tudo isso há a manifestação de um estilo brasileiro de jogar e de torcer.

Nesse contexto, alguns políticos e dirigentes esportivos decidiram trazer um megaevento esportivo para o país. Tal evento é administrado por uma organização internacional que faz certas exigências para o país sede, entre as quais destacam-se as normas de construção de estádios. Partindo desse pressuposto, a construção de novos estádios para um megaevento esportivo, seguindo normas de construção internacionais, pode representar uma intrusão e provocar alteração de comportamento. Nesse sentido é válido mencionar a existência de uma vertente teórica no interior das Ciências Sociais, dedicada à abordagem do esporte, e que defende que o mesmo seja compreendido como um espaço fecundo para a experiência de mudanças culturais e sociais (Elias & Dunning, 1992; Archetti, 2003). Será então que o futebol é capaz de provocar mudanças culturais não só no âmbito esportivo, mas em uma dada sociedade como um todo?

Em primeiro lugar, é importante criar uma moldura teórica para o observado. É necessário que duas questões sejam analisadas: Qual é o lugar do esporte na sociedade e como podemos observar mudanças sociais e culturais?

A análise clássica de Elias & Dunning (1992) sobre as normas e regras específicas do campo esportivo sugere a existência de especificidades do mesmo. Segundo os autores, o esporte é parte do tempo livre, se opondo, portanto, ao tempo do trabalho. O tempo do trabalho é caracterizado por um alto grau de normas formalizadas e a obrigação de segui-las, ao passo que o tempo livre se caracteriza pela informalidade que pode possuir vários níveis. Há o tempo livre formalizado, incluindo, por exemplo, necessidades biológicas ou obrigações familiares, um tempo livre intermediário (engajamentos voluntários, hobbies ou atividades religiosas) e finalmente o lazer, onde se encontra o esporte. Este último nível é definido por seu alto grau de informalidade, pouco controle afetivo e inversão das regras da sociedade até o limite do permitido.

Portanto, o esporte seria um espaço limite onde se brinca com as regras da sociedade, que podem ser confirmadas ou modificadas. É importante destacar que mesmo assim não é um espaço sem normas. A função do lazer é a recreação e a diversão. As brincadeiras limítrofes deste espaço podem levar a conflitos sociais sérios, perigo que, muitas vezes, pode ser uma fonte de prazer (ELIAS & DUNNING, p.101 – 138).

Em outras palavras, Elias & Dunning (1992) propõem que no esporte existe algo de especial e distinto do restante da vida social, que consistiria na informalidade em que as normas da sociedade são desafiadas. Parece que esse pensamento pode ter sido fonte de inspiração para Archetti (2003) na concepção das suas zonas livres:

Las tendencias ordenadoras de la sociedad están relacionadas con instituciones públicas como la escuela, el servicio militar, el trabajo, las ceremonias públicas y los rituales de nacionalidad. Las zonas “libres”, como las propiedades anti-estructurales de la liminaridad y lo sacramental híbrido en el trabajo de Turner (1967), permiten la articulación de lenguajes y prácticas que pueden desafiar un dominio público oficial y puritano. Las zonas “libres” son espacios para la mezcla, la aparición de híbridos, la sexualidad y la exaltación de desempeños físicos. En las sociedades modernas, el deporte, los juegos y el baile son sitios privilegiados para el análisis de la libertad y la creatividad cultural. El tango y el fútbol pueden, de esta manera, ser conceptualizados como una amenaza a las ideologías oficiales (ARCHETTI, 2003, p.42).

Assim como Elias & Dunning (s.d.), Archetti (2003) considera o esporte uma zona limítrofe e de desafio às normas estabelecidas da sociedade. Entretanto, Archetti se baseia na concepção de liminaridade de Turner (2005), desenvolvida em relação aos ritos de passagem. Turner (2005) diferencia, como muitos antropólogos sociais britânicos, estrutura social e cultura. Para ele, estrutura social é o sistema formal de relações entre pessoas dentro de uma dada sociedade. A posição de cada pessoa é denominada *status*. Já cultura, seriam as representações que cada sistema social encontra para expressar aquele *status*. Os ritos de passagem são, portanto, as expressões culturais para demonstrar a mudança de *status* de um indivíduo. Estes ritos têm uma fase de separação do *status* antigo, uma fase de margem e uma fase de agregação ao novo *status*.

“Se o nosso modelo básico de sociedade é o de uma ‘estrutura de posições’, devemos encarar o período de margem ou ‘liminaridade’ como uma situação interestrutural” (TURNER, 2005, p.137). Isso significa que as pessoas que estão na situação da liminaridade se tornaram “[...] seres transicionais [que têm a característica] de não terem nada. Não têm status, propriedade, insígnia, vestimenta secular, graduação, posição de parentesco, nada que possa distingui-los, estruturalmente, de seus

companheiros” (Ibid, p.137). Em outro momento, Turner afirma que tais seres seriam invisíveis porque estão fora do grupo social. Ou seja, quando Archetti (2003) se refere às propriedades antiestruturais do futebol e do tango, ele quer dizer que os participantes desses ritos estariam temporariamente sem status – e, portanto fora da sociedade – sendo que a partir dessa posição poderiam desafiar as regras da sociedade.

Seguindo esse raciocínio, esporte e arte seriam zonas livres que estariam fora da sociedade, sendo que zonas, digamos, sérias como, por exemplo, a economia, a política e a justiça estariam dentro da sociedade. Essas zonas livres seriam o espaço para a criatividade, a produção de híbridos e, portanto, uma ameaça para as ideologias oficiais. Deste ponto de vista o esporte teria o poder de mudar a sociedade.

Entretanto, será que o campo esportivo é de fato um espaço privilegiado, distinto de outros da sociedade, onde temos mais liberdade? Os nossos informantes nas pesquisas podem declarar que se sentem mais livres e que podem esquecer o dia a dia, o trabalho e as preocupações. Porém, isso não significa que o esporte estaria fora da sociedade, mas ao contrário, muito bem integrado (DaMatta, 1982).

Vejam os exemplos do futebol no Brasil. Para começar, o futebol não ocorre numa invisibilidade, sobretudo, o futebol profissional, que é visto por uma multidão que ocupa os estádios e por uma multidão ainda maior que assiste às partidas pela televisão. Esses espectadores, após as partidas, costumam fazer comentários. Aliás, é impressionante como o futebol é um tema onipresente. Pessoas que não se conhecem conversam sobre futebol da mesma maneira como se fala em outros países sobre o clima.

Central para o conceito de liminaridade de Turner (2005) é a ideia que os seres liminares não têm nada, sobretudo status, porque saem de um status para entrar no outro. O status e as posições dos envolvidos em um jogo de futebol profissional são muito bem definidos, inclusive representados através de uniformes e adornos: temos os dois times com seus uniformes, a faixa de capitão, o uniforme do goleiro, a posição destacada dos árbitros, os uniformes da polícia e de outros agentes de segurança, funcionários dos clubes, os crachás de pessoas envolvidos na organização etc.

É muito sedutor considerar o futebol como um espaço extremamente democrático, porque supostamente todos os espectadores seriam iguais num estádio, sem distinção de *status* (por exemplo, DAMATTA, 1982). Entretanto temos de insistir em discordar dessa hipótese. O espaço dos torcedores é hierarquicamente dividido em setores mais caros, mais baratos e setores para os quais apenas convidados têm acesso.

Os torcedores sabem muito bem onde estão os poderosos e que o lugar deles é inalcançável. Ao que parece, os jogos de futebol são ritos que reforçam a hierarquia existente ao invés de desafiá-las.

Finalmente, o esporte não pode ser pensado como um fenômeno separado de outros campos da sociedade como economia, política ou justiça. É nítido que o esporte segue a lógica econômica em vigor, o que reforça a necessidade de clubes, transmissões televisivas e outros produtos esportivos serem financeiramente viáveis para que, desse modo, sejam mantidos vivos. Um evento esportivo como a Copa do Mundo de futebol ou os Jogos Olímpicos somente pode vir para o Brasil com um apoio político considerável. E finalmente as federações esportivas, embora objetivem criar um corpo judiciário próprio, estão sujeitos às leis em vigor de uma dada sociedade.

Além disso, é difícil imaginar que o esporte teria mais força para iniciar mudanças sociais do que os campos citados da política, economia e justiça. É muito mais lógico que mudanças sociais surjam no âmbito da política do que no esporte. Archetti (2003) propõe que a zona livre é um espaço para a criação de híbridos, porém, a política também seria uma zona livre afinal é possível conceber a democracia brasileira como um híbrido. Ela não é igual à democracia americana, alemã ou francesa sendo que essas democracias também diferem entre si consideravelmente. O mesmo vale para a lógica do capitalismo nesses mesmos países.

Poderíamos dizer que o futebol no Brasil é um caso específico. Sua importância é tão grande que sua estrutura e visibilidade difere significativamente de outros esportes como, por exemplo, badminton, vela ou curling. Mas nem mesmo esses esportes estão fora da sociedade, mas estão sujeitos às regras vigentes, não sendo invisíveis e seu poder de criatividade não representa uma ameaça à ideologia dominante. Por isso, temos de repensar a aplicação do conceito de zona livre e liminaridade ao esporte.

A liminaridade de Turner (2005) se refere a questões de status, portanto à hierarquia e desigualdade social. Parece mais válido interpretar o esporte como um sistema funcional da sociedade, assim como outros. Dessa forma, os sistemas economia, política, justiça, esporte e arte poderiam existir um ao lado do outro com mesmo valor. O esporte não seria mais livre do que a política e a economia não mais séria do que a arte. Não se trata de uma questão de hierarquia.

Para explicar meu raciocínio aqui desenvolvido acredito que é importante fazer referência à teoria dos sistemas do sociólogo alemão Niklas Luhmann (1997) mesmo que esta seja tratada com ressalvas e críticas. Luhmann sugere, partindo da idéia de

divisão de trabalho de Durkheim (1977), que a sociedade moderna não estaria mais organizada primordialmente por castas hierárquicas, mas por sistemas funcionais igualitários. Cada um desses sistemas segue lógicas distintas, mas sem diferenças de valor. Na reprodução da sociedade, esses sistemas têm alguma função específica que somente pode ser cumprida por um sistema específico. Luhmann (1997) chama a lógica dos sistemas de códigos binários. No caso da economia, o código binário é fazer ou não fazer lucro, no caso da política é ter ou não ter poder, no caso da arte é ser ou não ser belo e no caso do esporte é ganhar ou perder.

Seguindo esse raciocínio, as sociedades hierarquicamente estratificadas são organizadas pelo livre-arbítrio do grupo social mais poderoso, cujos membros herdaram o seu lugar, não necessitando, portanto, tomar decisões racionais seguindo os códigos binários. O próprio esporte oferece um ótimo exemplo. Quando o futebol foi introduzido no Brasil, era um esporte de elite que seguia o chamado código do Sportsmen, o que significa que era mais importante mostrar certa nobreza e seus códigos de cavalheirismo do que ganhar o jogo. Isso se chama *fair play*, ou seja, os jogadores da época podiam ignorar a lógica da competição e fazer do futebol apenas o mecanismo de distinção social. Mesmo considerando o *fair play* uma idealização, fica inteligível que numa sociedade funcionalmente diferenciada, a negligência do código binário do ganhar/perder pareça ser um comportamento que contradiz a lógica da competição.

Seguindo o raciocínio de Luhmann (1997) os sistemas são autorreferenciáveis, mas interdependentes, o que implica o fato de o esporte sempre seguir o próprio código binário e, por exemplo, a economia o seu. Um sistema não pode interferir na lógica do outro, pois se isso ocorre, significaria uma corrupção. Porém, é claro que existe uma interdependência. Ao contrário da divisão de trabalho de Durkheim (1977), os sistemas não se completam pacificamente, mas coexistem numa convivência tensa. Isso se explica porque os eventos sociais raramente ocorrerão em um único sistema.

Novamente, o futebol é um ótimo exemplo. O jogo em si segue o código binário do ganhar/perder, mas ao mesmo tempo o jogo é um produto que deve gerar lucros e neste momento se insere no sistema da economia. Além disso, o jogo se dá no sistema da mídia onde vale o código informação/desinformação. A manipulação dos resultados por motivos econômicos, religiosos ou políticos seria uma corrupção, no sentido de que um sistema interfere indevidamente num outro. Portanto, neste nível de abstração um jogo de futebol acontece várias vezes ao mesmo tempo.

A teoria de Luhmann (1997) radicaliza a ideia dos sistemas funcionais que Weber (1982) denominou de esferas de valores sugerindo dessa forma que todo comportamento humano seria guiado por esses sistemas. Sendo assim, Luhmann não considera a vontade dos indivíduos, nem a existência de emoções que podem corromper os códigos binários. Especialmente no esporte, podemos observar que muitas vezes identidade e pertencimento a um grupo são necessidades dos participantes, mas não há um sistema funcional da identidade. Enfim os seres humanos nem sempre agem completamente de modo racional no sentido luhmanniano.

O que se pretendeu mostrar é que a existência do esporte não é uma questão de hierarquia e que ele não é um sistema com mais ou menos valor, nem uma esfera com mais ou menos rigidez nas suas regras. O esporte é um sistema que, assim como outros, possui sua lógica específica, por isso não é uma zona livre, mas um campo entre outros. Isso significa para nossas pesquisas que é possível observar qual lógica os indivíduos seguem. Quando estão interessados em lucro, estão inseridos na economia, quando procuram beleza estão na arte e quando querem ganhar estão no esporte. É possível pressupor que as regras dessa lógica esportiva são muito pouco livres, e até mesmo bastante rígidas.

Pode ser que um drible, com várias pedaladas, pareça muito livre, mas na verdade segue um código bem definido tanto que na sociedade onde esse drible se desenvolve, percebe-se a crença de que ele é fator fundamental para se ganhar jogos. O mesmo vale para os comportamentos aparentemente caóticos como zoar, beber cerveja e se trajar de modo diferente e, até mesmo, carnavalesco. A livre formulação de xingamentos é altamente sancionada em muitos sistemas da sociedade, mas pode não só ser permitido em nome da vitória, mas até mesmo obrigatório.

Como já indicado, há críticas referentes à teoria de Luhmann (1997). Para explicar a lógica dos sistemas foram ofuscadas as questões de livre arbítrio dos indivíduos e de hierarquia, que continuam existindo mesmo em sociedades funcionalmente diferenciadas. Essa relação entre sistema e indivíduo, considerando as hierarquias, foi feito por Bourdieu (2008, 2009) por intermédio das concepções de habitus, campo e capitais.

O próprio Bourdieu (1983, 1990) aplicou sua teoria ao esporte. Ao invés de sistemas funcionais, o sociólogo faz referência a campos, rejeitando a ideia da diferenciação funcional. Sendo assim, os produtos dos campos não necessariamente cumprem uma função na reprodução da sociedade, aliás, os campos não precisam ser

limitados a uma determinada sociedade, como mostra o esporte, que é algo internacional. Um campo é para Bourdieu (2009, p.183-202) uma rede de relações em que se estabelece uma disputa pela primazia neste espaço social. Cada participante de um campo mantém relações objetivas com os outros atores. Nesta disputa, os atores têm certos capitais, não só econômico, mas também social, simbólico e cultural, que podem ser transformados entre si. Esses capitais são usados para conseguir a predominância no campo.

A noção de *habitus* é fundamental nessa disputa. O *habitus* é a postura do indivíduo, as suas disposições e tendências de agir, que foram incorporadas no decorrer da vida. Desse modo, é permitido ao indivíduo participar nos campos de disputa, sendo que a noção é mais ampla do que uma participação racional, normatizada ou funcional. O *habitus* inclui fundamentalmente questões como pertencimento a um grupo social e identidade, reconhecendo que o comportamento humano é altamente complexo. O *habitus* é influenciado pelo ambiente social e a educação dos pais do indivíduo. Um ator oriundo de um grupo social humilde terá um *habitus* influenciado por este meio social e um ator oriundo de um meio da elite incorporará um *habitus* desse grupo social.

Segundo Bourdieu (2008, p.106-121) esses atores estão equipados com capitais como dinheiro – capital econômico, uma rede social – capital social, conhecimento e certificados escolares – capital cultural e a capacidade de poder definir situações – capital simbólico. Esses capitais podem se converter um no outro, sendo usados na disputa dos campos. Damo (2007, 58) elabora para o futebol a noção do capital afetivo, reconhecendo que o esporte é um campo onde as emoções têm uma importância destacada. Quem consegue definir o que é emoção e consegue produzir esta emoção pode alcançar vantagens na disputa pelo campo esportivo.

Dessa forma, Bourdieu (1983, 1990) reconhece que o campo do esporte é um espaço social com uma lógica específica, distinta de outros campos, mas que não possui um valor distinto de outros campos. Além disso, Bourdieu compreende os comportamentos individuais e ações provocadas por sentimentos de pertencimento a um grupo social, através da noção de *habitus*. Finalmente, consegue dar conta de questões relacionadas à hierarquia através da noção da disputa nos campos. Uma disputa nunca terminada. Essa perspectiva, aliás, é outra vantagem das concepções de Bourdieu (1983, 1990), pois as configurações da vida humana não são consideradas como estáticas, mas em constante transformação através das disputas nos campos.

O esporte não pode ser considerado um espaço/campo/sistema destacado da vida humana, mas um espaço/campo/sistema igual aos outros e, portanto, vale a pena ser pesquisado como qualquer outra faceta da vida humana. Entretanto, o esporte tem sua lógica própria que deve ser averiguada. Esta lógica pode variar de país para país, grupo social para grupo social e de época para época. Portanto, há transformações que se dão, porém, de um modo lento. É difícil crer em teorias que declaram algum *turning point* e a passagem para uma nova era, como por exemplo, a proclamada passagem da modernidade para a pós-modernidade.

É válido explicar a questão da mudança social com o auxílio de Sahlins (2007) que entende a cultura como um arranjo de categorias socialmente construído e que está numa contínua transformação estrutural. Trata-se de um processo simbólico. Aquele arranjo é a cultura-tal-como-constituída, mas Sahlins chama a atenção para a existência de uma cultura-tal-como-vivida, que é a interpretação e realização que cada indivíduo faz da cultura-tal-como-constituída. Este projeto individual é dominado pelo pragmatismo e racionalidade do indivíduo que influencia e pode até mudar a cultura-tal-como-constituída, dependendo de algumas condições:

[...] das *improvisações* que podem ser logicamente motivadas por analogia, metáfora ou coisas similares; da *liberdade institucional* de fazê-lo; da *posição do autor numa hierarquia* social que confere peso estrutural a sua ação, faz que esta tenha maior ou menor consequência para os outros (SAHLINS, 2007, p.312, *grifos meus*).

A partir daí Sahlins (2007) analisou dois mecanismos de interação entre estrutura e ação individual: (...) o *deslocamento funcional* das relações entre signos na ação pessoal e a *reavaliação prática dos signos* no famoso “contexto da situação” (SAHLINS, 2007, p.313, *grifos meus*).

O ceticismo frente às grandes transformações é apoiado nessas considerações, pois somente torna-se possível que haja alterações baseadas no arranjo das categorias da cultura existente. Essas transformações são muitas vezes incentivadas por eventos como descobertas, invenções ou mudanças naturais. Os Jogos Pan-Americanos podem ser um desses eventos. O seu poder reside na posição destacada na hierarquia dos seus idealizadores. Mesmo assim, uma dada cultura exerce tanta força que mesmo estes megaeventos esportivos tendem a ser incluídos na cultura local e adaptados. Ou seja, é muito mais o novo signo que está sendo transformado do que a cultura local. Dessa forma Sahlins (2007) demonstra a imensa força que a cultura exerce sobre os seres humanos.

Isso significa para o exemplo do jogo citado no começo da introdução, que podemos supor que os desentendimentos entre os grupos de torcedores descritos representam uma tensão antiga e já presente há muito tempo na cultura carioca ou até na cultura brasileira. Com Bourdieu (1983, 1990), podemos supor que assistimos a uma disputa entre grupos de torcedores que querem definir o que é ser torcedor. Ou como observou Toledo (1999) há uma disputa simbólica “pelos significados do torcer”.

As considerações de Sahlins (2007) mostram que não é fácil a aceitação de um novo elemento cultural em um arranjo cultural já existente. Isto levanta a questão: como é possível que o futebol tenha sido introduzido com tanto sucesso em tantas sociedades? Seguindo o raciocínio de Sahlins (2007), esse fenômeno deveria ser bastante improvável. Neste momento, é importante dialogar com dois antropólogos do futebol: o francês Christian Bromberger e a brasileira Simoni Lahud Guedes.

O primeiro reflete sobre a presença do futebol na França, Itália, Brasil e Irã:

Mas, introduzido em escala da menor aldeia rural no norte do Irã, o futebol revela talvez melhor ainda algumas das suas características fundamentais: Aquelas, primeiramente, de uma prática simples, se não fácil, que se desenvolve com um mínimo de instrumentos e de equipamentos (uma bola ou um substituto da bola, uma roupa tênue talvez aquela de todos os dias), um número variável de jogadores (onze por equipe são inúteis), de um campo vago, de uma rua ou de um arrozal drenado (enquanto outros esportes, como o rugby, exigem grandes superfícies verdes com sol regular); aquelas em seguida de uma linguagem universal, tecendo um laço com o resto do mundo, tudo em oferta de um suporte expressivo ao antagonismo local e ao estilo singular de comportamentos coletivos; aquelas enfim de um sujeito de conversas intermináveis, que suscitam debates inesperados e inflamados sobre o destino, o mérito e a justiça (BROMBERGER, 1995, p.4).³

Essas características de ser facilmente copiado, de permitir uma linguagem universal e a sua discutibilidade (Ibid, p.363) deram ao futebol uma plasticidade (Ibid, p.176) que permitiu a sua distribuição mundial e sua ressignificação e adaptação local às mais variadas circunstâncias:

Se o futebol é o foyer virtual de uma gama extraordinariamente variada de possibilidades identificatórias, se ele permeia uma vez uns, outra vez outros de se conectar e de se reconectar, ele oferece um largo leque de propriedades onde a combinação pode se modificar em uma multitude de variações. Dito de uma outra forma, este é o motivo da diversidade de suas características estruturais, e não creio de uma simples função emblemática, onde está equipado, que o futebol é pronto para a fabricação do singular a partir do universal (Ibid, p. 111).

O que Bromberger (1995) descreve é a flexibilidade do futebol. Aplicado à realidade brasileira, isso não significa que o futebol tenha algo inerente que combina

³ Todas as citações de Bromberger foram traduzidas do francês por Martin Curi.

bem com a sociedade brasileira, mas que o futebol é tão flexível que foi possível que ele se adaptasse à cultura brasileira. O futebol caiu como uma luva sobre esta cultura e o mesmo ocorre com esse esporte nas culturas francesa, italiana, iraniana e tantas outras. Essa flexibilidade permite a dramatização de várias, talvez de todas as identidades. Qualquer indivíduo pode se expressar por intermédio do futebol, seja como jogador, seja como espectador ou em outro papel. A partir daí o futebol permite a teatralização da sociedade:

Fundem-se excepcionalmente as identificações, ocasião única de teatralização de uma sociedade, o jogo de futebol oferece, para sua trama dramática, suas características agonísticas, seu dispositivo instrumental, um campo privilegiado para a afirmação de certo número de valores, que os torcedores experimentam através de formas ritualizadas (resultado de um aprendizado e não simples manifestações espontâneas) (Ibid, p. 263).

Ele age como um espetáculo total que abole as fronteiras convencionais da representação. Os espectadores são também os atores do drama (Ibid, 298).

O futebol não é somente um jogo de 22 jogadores em campo, mas inclui inúmeros outros elementos como os clubes, a imprensa, os estádios e principalmente os torcedores. Estes são parte dessa teatralização. E está nas mãos de cada um deles aquilo que o futebol deve representar. Esta seria a cultura-tal-como-vivida de Sahlins (2007), pois o futebol não consegue modificar a sociedade na qual chega, mas sim ser indigenizado, ou seja, passa por uma adaptação local.

Essa indigenização ocorre em muitas outras esferas como, por exemplo, o capitalismo, a democracia, o cristianismo etc. Entretanto parece que a globalização e a indigenização do futebol foi extremamente rápida, eficiente e pacífica. Ninguém se viu obrigado a aceitar esse esporte, mas diferentemente há ou houve lutas políticas e bélicas referentes ao capitalismo, democracia e cristianismo. Como isso é possível? Guedes (1977) explica este fenômeno através da noção instituição zero:

como 'instituição zero' (Guedes, 1977), área, em si, técnica e tática, pretensamente neutra, portanto, não comportando significados necessariamente vinculados a seu poder significante, o futebol, no caso brasileiro, tem sido antes um veículo que comporta as mais diferentes significações e fornece provas às mais diversas argumentações (Guedes, 1998, p.23).

Isso significa que o futebol em si é um significante, sem significados obrigatoriamente a ele vinculados, podendo assim ser preenchido com os mais diversos significados. Os indivíduos fazem exatamente isso: cada um atribui ao futebol outros significados, o que explica sua flexibilidade de adaptação às sociedades. Dessa forma, o

futebol é uma instituição zero, não apenas no Brasil, mas em qualquer país, podendo assumir significados nacionais, profissionais, clubísticos, regionais, de camadas sociais e muitos outros. Seguindo o raciocínio de Guedes (1977, p.2) o futebol teria as mesmas características do mana polinésio descrito por Mauss (2003, p.142).

Por isso, o futebol é universal, discutível e flexível. Outros esportes seriam certamente também uma “instituição zero” e teriam as mesmas características, porém o futebol se mostrou o mais flexível de todos, talvez exatamente por causa da sua fácil exportação e aplicação. Realmente, qualquer um pode jogá-lo, praticamente em qualquer lugar. As regras são muito fáceis e mesmo os desinteressados são capazes de fazer comentários sobre futebol.

Dessa forma, o futebol pode ser considerado um campo de disputa no sentido bourdiano, assim como outros. Embora possua seus atores, com seus capitais e disputas, esse esporte é uma instituição zero, o que permite a sua imensa flexibilidade. Por isso, é um campo fértil para a teatralização e, portanto, observação de significados, representações e mudanças sociais. Essas últimas se caracterizam pela alteração do arranjo cultural tal-como-constituído. A descrição da introdução exemplifica bem essa disputa e a sua flexibilidade.

Portanto, a tese central deste trabalho é que há, no Brasil, uma disputa simbólica pelo significado do torcer e que os novos estádios, construídos para a Copa do Mundo de 2014 são um instrumento e um palco nesta disputa. Os envolvidos neste fenômeno não são apenas os diversos grupos presentes durante os jogos nos estádios, mas também os construtores e administradores dos estádios. Todos têm um comportamento consciente que direciona suas ações e nem sempre o resultado é compatível com as intenções. Sendo assim, podemos não somente observar as construções, o comportamento dos grupos envolvidos, assim como perguntá-los a respeito de suas intenções. E essa é a principal proposta da pesquisa aqui realizada.

Metodologia

Para os Jogos Pan-Americanos 2007 foi construído um novo estádio, o Estádio Olímpico João Havelange, também conhecido como “Engenhão”. Partimos do princípio de que esse estádio servirá de modelo para aqueles que serão construídos para a Copa do Mundo de 2014. O Engenhão, portanto, nos oferece a oportunidade de investigar algumas importantes questões. Trata-se de um estádio construído para servir ao público de um megaevento que durou duas semanas e que desde então, 2007, está sendo

alugado pelo clube Botafogo e usado por sua torcida. O Engenhão é um objeto de pesquisa interessante porque oferece a oportunidade de averiguar os modos pelos quais a torcida de um clube reage a uma arquitetura projetada para atender às demandas de um público de megaeventos, públicos esses que podem apresentar significativas diferenças entre si.

Por esses motivos decidi realizar uma etnografia durante alguns jogos do Botafogo no Engenhão. Esta pesquisa parte do princípio de que a etnografia é capaz de oferecer os melhores instrumentos para se investigar as questões aqui colocadas. Segundo Geertz este tipo de pesquisa parte do princípio de “que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (1989, p.4). O referido antropólogo denomina essas teias de “cultura”, objeto da etnografia. Essas teias de significados são públicas e, portanto, podem ser observadas. Essa “cultura” pode nos parecer bastante incompreensível quando estamos em contato com povos ou grupos diferentes, porém, mesmo assim possui sentido dentro da teia de significados em que existe. Para evitar que a vida compartilhada seja um caos, os homens precisam trocar símbolos que sejam entendidos; por isso os sistemas culturais possuem um grau mínimo de coerência. É tarefa do etnógrafo observar a troca dos símbolos significantes e interpretá-los (GEERTZ, 1989, p.3-21).

Para tanto, é necessário ir para os lugares onde os pesquisados se encontram, vivem e trocam os símbolos para, desse modo, passar por uma socialização acelerada (STIGGER, 2007, p.36). A tarefa de entender os pesquisados não é fácil, porque não existe um manual e cada situação exige do pesquisador uma certa estratégia e uma empatia própria que torna necessária flexibilidade para escutar, ver, perguntar, documentar e, depois, interpretar os dados.

A ciência antropológica surgiu da necessidade de se investigar populações estranhas e transformar, portanto, o estranho em familiar. O futebol, entretanto, é algo bastante familiar para brasileiros, alemães e muitos outros povos, o que leva a muitas pré-concepções sobre o assunto. Para tentar excluir essas pré-concepções da análise, é necessário que o pesquisador torne esse assunto, aparentemente tão familiar, em estranho, para depois transformar o estranho em familiar (VELHO, 1981, p.123-132). É preciso abstrair o que se pensa conhecer e documentar os acontecimentos.

Neste momento, é importante definir o ponto de vista do pesquisador e autor do trabalho. Nasci em Munique e cresci Nuremberg, na Alemanha, um país onde o futebol não apenas existe, mas possui uma importância grande. O futebol é algo bastante

familiar para mim e cheguei ao Brasil trazendo minhas experiências e convicções a respeito desse esporte. Torço para o clube Bayern de Munique, e frequento seus jogos desde a infância. Para dar início à minha pesquisa, portanto, foi necessário me familiarizar com o Brasil e me desfamiliarizar com o futebol que até então conhecia.

O processo da etnografia, num estádio de futebol, precisa vencer ainda outros desafios, porque um estádio lotado é um lugar polifônico, complexo e difuso. Sendo assim torna-se necessário, de alguma forma, estruturar a pesquisa.

Não é extraordinário o fato de que os primeiros esforços no incipiente campo da antropologia e da sociologia dos esportes tenham focado, prioritariamente, as chamadas “torcidas organizadas”. Por um lado, porque são protagonistas de inúmeros episódios de conflito, exigindo sua compreensão e, por outro lado, porque se apresentam quase que como campos empíricos “naturais”, autorrecortados, propiciando ao pesquisador certa segurança, em termos metodológicos, em relação ao recorte executado (cf. entre outros, PIMENTA, 1995, TOLEDO, 1996, MONTEIRO, 2003 e TEIXEIRA, 2004).

Mas os jogos são assistidos por muito mais espectadores do que aqueles ligados a torcidas organizadas. Bromberger observa que esta “grande massa de indivíduos forma uma unidade temporária, que é à primeira vista um território desconcertante para um etnólogo, que é habituado a escrutinar pequenos coletivos [...]” (1995, p.13). Por isso, o autor sugere que as ferramentas da etnografia sejam adaptadas à dimensão do jogo de futebol.

Há ainda outros problemas metodológicos na etnografia de uma torcida, em um jogo de futebol, além da polifonia. Uma questão importante é a colaboração dos pesquisados, principalmente porque se trata supostamente de uma atividade de lazer na qual as pessoas querem se divertir ou não trabalhar, enfim não têm como expectativa responder a perguntas de antropólogos. Portanto, é preciso questionar a representatividade das respostas obtidas (STOLLENWERK, 1996, p.40). Elas seriam confiáveis? Que tipo de pessoa responde numa situação de lazer e quem não responde?

Há ainda outros obstáculos para a representatividade como, por exemplo: as entrevistas antes do jogo não levam em conta os torcedores que chegam “em cima da hora” ou atrasados; as entrevistas no caminho para o Engenhão – de trem saindo da estação Central – focam moradores da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro/RJ e não alcançam moradores de outras regiões; Torcedores ocupantes de setores mais caros podem estacionar dentro do estádio, o que impede de entrevistá-los na rua, além do que,

como Bromberger (1995, p.16) constata, essas pessoas costumam ser menos receptivas a entrevistas. É possível perceber que há, surpreendentemente, torcedores que vão ao estádio e não entram, mas assistem ao jogo numa televisão em lanchonetes nos arredores. Um outro fator a ser considerado é que, sendo estrangeiro, o que facilmente é reconhecível através do meu sotaque, isso pode influenciar algumas respostas. Finalmente, o espaço do estádio não é neutro, afinal foi construído para atender e atrair um tipo específico de espectador. Ou seja, existe não apenas a opinião do usuário, o torcedor, mas também os símbolos que a própria construção do estádio transmite.

Pretendo responder a essas preocupações ao apresentar as técnicas de pesquisa usadas. Como mencionado, o lugar para a realização desta etnografia foi escolhido o Engenheiro, porque se trata do estádio mais novo no Rio de Janeiro, situação que promete os melhores resultados sobre a apropriação do espaço pela torcida e as disputas inerentes a esse processo. O presente trabalho se divide em duas partes: o primeiro um dados sobre estádios de futebol e o segundo sobre seus usuários os torcedores.

A primeira parte referente aos estádios também é dividida em duas partes: uma sobre o Maracanã e a outra sobre o Engenheiro. No primeiro capítulo são apresentados dados sobre a construção e modificação do Maracanã, obtidos principalmente através de documentos escritos. No Brasil, há uma extensa literatura, com abordagens muito diversas, sobre o Maracanã. O motivo da escolha do Maracanã não se relaciona tanto ao significado arquitetônico, mas à Copa do Mundo de 1950, para a qual o estádio foi construído e à derrota brasileira no jogo final contra o Uruguai. Foram levantados sete livros brasileiros que abordam a temática Maracanã diretamente no título. Além disso, há dois livros dedicados especificamente ao jogo final de 1950. Porém, esse jogo ocupou um lugar tão central na memória coletiva brasileira que o tema se faz presente em publicações de diversos cronistas de futebol que tratam do assunto de uma forma romantizada. Por isso, esse jogo se tornou também central para observadores estrangeiros, que escrevem sobre o futebol brasileiro.

Tento através desses documentos, reconstruir a história do Maracanã. Por que foi construído? Como se deu a escolha do lugar em que seria construído? Como foi modificado no decorrer do tempo e por quê? Escrever essa história se mostrou uma tarefa complicada, porque não há uma única história, pois muitas pessoas se pronunciaram sobre o tema, algumas com opiniões opostas. Por isso, o resultado desse capítulo é uma documentação dos discursos que prevalecem sobre o Maracanã. O

capítulo é finalizado com algumas observações fixadas em meu diário de campo, diretamente em visitas ao estádio.

Os dados sobre o Maracanã são importantes para que se possa compará-los com os dados sobre o Engenhão que seguem no capítulo seguinte. Novamente buscar-se-á documentar os discursos existentes sobre os motivos da construção do Engenhão e compará-los com os do Maracanã. No caso do Engenhão, me foi possível acompanhar todo o processo de construção e uso do estádio, por isso há bem menos documentos escritos e mais observações advindas do meu diário de campo. Tive a oportunidade de entrevistar o arquiteto do Engenhão, Carlos Porto, um representante do Clube Botafogo, que é o inquilino, também um representante da Prefeitura do Rio de Janeiro, que é o proprietário. Além disso, foram entrevistados vários torcedores durante os Jogos Pan-Americanos e os jogos do Botafogo.

A partir desses dados pretende-se analisar questões como: De que modo, a arquitetura dos estádios foi transformada? Quais tipos de mudança ocorreram nos discursos relativos aos estádios? Qual é a imagem de torcedor que os construtores dos estádios têm? O que significa tudo isso para os torcedores?

No terceiro capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com os torcedores do Botafogo que frequentam o Engenhão desde a sua inauguração em 2007. Foi feita uma ampla observação, em que 40 jogos do Botafogo, no Engenhão e no Maracanã, foram visitados entre 2008 e 2010, todos documentados no meu diário de campo. Além disso, foram gravadas extensas entrevistas com sete torcedores. Quatro deles encontrados no setor mais caro do estádio e outros três no setor mais barato. Como mencionado anteriormente, há muitas pesquisas sobre torcidas organizadas, por isso preferiu-se os torcedores que frequentam muito os jogos, mas não são integrantes de torcidas organizadas. Esse fato possui algumas implicações metodológicas que serão explicadas na apresentação dos dados.

O terceiro capítulo estrutura-se em duas partes. Na primeira é apresentado um resumo das pesquisas já existentes sobre torcedores que inclui documentos históricos, principais questões teóricas e alguns dados quantitativos. Porém a segunda parte, centro desta pesquisa, são os dados qualitativos. O principal desafio deste estágio da pesquisa é a polifonia do espaço “estádio”, por isso se mostrou interessante escolher, em cada jogo, um setor do estádio. Inicialmente, o estádio foi dividido nos setores que a sua arquitetura e a cobrança de ingressos sugerem: ala norte, ala leste inferior, ala leste

superior, ala sul, ala oeste inferior (setor VISA), ala oeste superior e camarotes. Sendo assim, foram aceitas a categorização e setorização dadas pelos organizadores dos jogos.

O problema da recusa de entrevistas foi resolvido com entrevistas informais realizadas no caminho para o estádio e seus arredores, sem gravador e sem anotações visíveis, tentando não lembrar o entrevistado da sua condição. As informações foram anotadas em um caderno, logo após o acontecido e depois, em casa, transferidos para o meu caderno de campo, armazenado no computador. O contato na rua, no trem, em lanchonetes, acontecia muitas vezes por acaso, através de frases banais como: “Onde sai o trem?; Tá quente hoje!; Como está o time?; Tá aproveitando sua última cerveja antes da lei seca?”; e outras do tipo.

Desta maneira, foram poucas as recusas, sendo possível agendar, posteriormente, as entrevistas gravadas. De um modo geral, os torcedores gostam de falar sobre seu time e o futebol. Além disso, se mostra uma vantagem ser estrangeiro. Foote-White passou por uma situação parecida: “Descobri que as pessoas não esperavam que eu fosse igual a elas; na verdade, sentiam-se atraídas e satisfeitas pelo fato de me acharem diferente, contanto que eu tivesse amizade por elas” (2005, p.82). É bastante comum que se desenvolva uma conversa na qual os entrevistados também fazem perguntas; “[...] a doação de informações é raramente gratuita e implica em contra-doações [...]” como observou Bromberger (1995, p.17) na sua etnografia com torcedores italianos e franceses.

Essa situação é confortável e cria uma atmosfera de lazer, que parece adequada às circunstâncias. Tentei deixar os informantes falarem à vontade, interrompendo pouco, embora possuísse em mente um roteiro baseado nas análises teóricas anteriores. Opiniões sobre o estádio, seus setores e as categorias de torcedores, tanto do próprio time, quanto de outros, estão no centro da minha atenção. Esse fio condutor, também, é usado no momento das anotações para poder sistematizar as informações.

De grande ajuda é o conhecimento básico e o sincero interesse pelo futebol. Parafraseando a observação de Foote-White, precisa-se apenas trocar baseball por futebol: “Ainda assim, meu conhecimento de baseball me garantia a participação nas conversas de esquina” (2005, p.81). Daí a conversa leva, muitas vezes automaticamente e pela escolha do entrevistado, a temas como emoção, violência, identidades, mudanças na organização do futebol e escolhas racionais de atratividade de jogos, setores e comportamentos. Muitas vezes eles queriam saber para qual time eu torço. Sempre me identifiquei como torcedor do Bayern de Munique.

Além das entrevistas objetivou-se documentar os acontecimentos dentro do estádio, observando os torcedores nos setores. Lá foi usada a técnica de se tirar fotos para documentar roupas, requisitos, gestos e outros dados, para assim diminuir a polifonia. Essa técnica, também, não provocou nenhuma reação contrária. Aliás, é bastante comum as pessoas tirarem fotos no estádio.

Ainda assim, o pesquisador enfrentou uma massa de informações muito grande. Por isso, tornava-se necessário seguir novamente um roteiro. A primeira pergunta é: quem está presente? A estratégia é a escolha de algumas filas e a descrição dos presentes: número de homens e mulheres, crianças, idosos, famílias, casais, indicações sobre a etnia, tipo de roupa usado, se, por exemplo, era a camisa do clube, da torcida, traje neutro, uso de acessórios caros etc.

A segunda pergunta é: como eles se comportam? Ficam sentados ou em pé, estão concentrados no jogo, cantam, xingam ou ficam calados? Quando alguém aparece com um comportamento destacadamente contrário aos outros, tento descobrir, numa conversa breve no intervalo, o porquê. Também entrevisto pessoas que, neste momento, aparecem como líderes de grupos ou do setor e que mostram um comportamento típico-ideal.

A terceira questão é a reação dos outros. É impressionante ver que não só minhas anotações e fotos, mas também gritos e xingamentos em geral, mesmo em setores mais silenciosos, não provocam reação alguma. Lembrando a análise de Goffman (2004), é importante observar as crises nas quais as normas foram quebradas, porque esses momentos tendem a revelar as normas. Faz parte deste momento da pesquisa, perguntar quem é incluído e quem é excluído no lugar.

Um resultado importante da observação foi a escolha de torcedores para a terceira técnica usada nesta pesquisa: a entrevista estruturada. Antes de apresentar esta técnica, é preciso discutir o recorte da unidade analítica utilizada. Ficou claro, nas descrições anteriores, essa unidade analítica é o universo dos espectadores presentes durante os jogos do Botafogo no estádio Engenhão. Mas há mais pessoas presentes num estádio, que normalmente são profissionais envolvidos na produção do evento futebol como, por exemplo, a imprensa, a polícia e os dirigentes, entre outros. Esses, entretanto, estão fora da unidade analítica. Além disso, há alguns espectadores que são menos interessantes para a pesquisa: aqueles que estão pouco envolvidos com o jogo e o clube, porque não são torcedores ou porque vão pela primeira vez a um jogo.

Estas pessoas não podem informar muito, porque desconhecem a infraestrutura do estádio, as normas de conduta e outros dados pertinentes à pesquisa. Deve-se levantar dados sobre eles durante a observação, mas a sua importância para a pesquisa é menor, a não ser no caso de se encontrar setores com um número significativamente alto desse tipo de espectador. Mesmo assim, não se pode esperar muito deles em uma entrevista estruturada. Para tal deve-se escolher “especialistas”.

Por “especialista”, compreendo os torcedores que de alguma forma se destacam num setor, porque lideram os grupos presentes e representam o setor de uma forma típico-ideal. No intervalo, ou logo depois do jogo, tentei conseguir algum contato, como telefone ou e-mail dessas pessoas, para combinar uma entrevista em um outro momento.

Esta foi a oportunidade de conhecer alguns torcedores mais destacados. Deve-se procurar entender como o informante se encaixa no campo esportivo (BOURDIEU, 1983), para entender a sua posição na disputa pelos significados de torcer. Para tanto são questões pertinentes: a sua origem social, o seu envolvimento com o futebol, a sua história de vida como torcedor. Além disso, é o momento de tentar questionar, e confirmar, os dados e as dúvidas surgidas nas etapas anteriores da pesquisa. Contradições podem ser esclarecidas. Entrevistei nesta fase os seguintes torcedores dos quais mudei os nomes:

- *Arnaldo*

Arnaldo tem 25 anos e trabalha como advogado, mesmo ainda não formado. Ele mora com a namorada num condomínio de classe média em Botafogo. Ele nasceu numa família de botafoguenses.

- *Fernando*

Fernando tem 52 anos e trabalha como professor de economia da PUC no Rio de Janeiro. Ele mora com a esposa no Leblon. Ele nasceu numa família de flamenguistas e tricolores, mas encontrou ainda criança o Nilton Santos e ficou tão impressionado que se tornou botafoguense.

- *João*

João tem 34 anos e trabalha como analista de sistemas. Ele mora na Tijuca. Ele nasceu numa família santista, mas se tornou botafoguense por causa de uma amiga no jardim de infância.

- *Maria*

Maria tem 44 anos e é formada em Serviço Social, mas não exerce a profissão. Ela mora com o marido e o filho num conjunto habitacional em Bangu. O pai dela era vascaíno, mas ela decidiu ser botafoguense, talvez por implicância.

- *Michael*

Michael tem 21 anos e é estudante de história na UFF. Ele mora com os pais na Ilha do Governador. Ele nasceu numa família com o pai botafoguense.

- *Paulo Roberto*

Paulo Roberto tem 56 anos e é engenheiro. Mora com a esposa e a filha em Ipanema.

- *Tatiane*

Tatiane tem 28 anos e é gerente administrativa. Ela mora com a mãe na Tijuca. Ela nasceu numa família botafoguense.

Esses estágios da pesquisa, que agora foram apresentados separadamente, acontecem, na verdade, paralelamente.

Será buscado oferecer ao leitor, descrições pontuais bem detalhadas e exatas de situações e personagens percebidas como exemplares. Mas essas descrições devem ser alternadas com contextualizações gerais amplas, sobre os assuntos discutidos: a sociedade brasileira, o futebol, os torcedores e os estádios. Dessa forma, pretende-se tramar uma narrativa densa dos acontecimentos, explicando os argumentos usados nesta pesquisa.

Espero que tenha conseguido apresentar os dados de modo que o leitor possa compreender meus interlocutores. Esta é a tarefa principal e, muitas vezes, a mais difícil. É necessário que entendamos nossos interlocutores. Foi ainda na minha graduação de Serviço Social na Universidade de Nuremberg que conheci o antropólogo austríaco Girtler (1992), que me apresentou as opções e as qualidades dos métodos qualitativos. Eu estava ainda longe de descobrir a antropologia, mas imediatamente fiquei bastante impressionado com suas explicações e explanações. O professor Girtler me encorajou a recorrer à Hermenêutica para entender meus interlocutores, alertando para as frustrações e investimentos diversos que esse tipo de trabalho pode envolver.

Sendo assim, espero que tenha compreendido meus interlocutores e conseguido torná-los compreensíveis aos leitores.

1. ESTÁDIOS

1.1 Maracanã

Desenvolvimento urbano

A descrição da construção e dos significados do estádio do Maracanã se ancora sobretudo em pesquisa de fontes históricas. Tal método de trabalho, baseado no levantamento de dados diacrônicos, já provocou uma ampla discussão no âmbito da antropologia. Fatos históricos contados por informantes passam pelo filtro do interlocutor que pode alterar conscientemente e, muitas vezes, inconscientemente os fatos. Dificilmente o pesquisador esteve presente aos eventos para confirmar a história contada. Essas questões explicam o incômodo dos antropólogos e levam muitas etnografias a descreverem apenas o cotidiano observado pelo pesquisador, negligenciando fatos históricos.

Um dos mais conhecidos cétricos em relação aos fatos históricos foi Malinowski:

Tentei, na medida possível, apresentar tudo em termos de fatos concretos, deixando os nativos falarem por si mesmos, realizarem suas transações e executarem suas atividades ante a visão mental do leitor. Tentei fundamentar meu relato com fatos e detalhes, e equipá-lo com documentos, números e exemplos de ocorrências reais (MALINOWSKI, 1978, p.370).

Malinowski não leva em consideração os fatos históricos, mas fatos, por ele denominados de “ocorrências reais”, ou seja, eventos os quais teve oportunidade de observar.

Esta visão é mudada nos textos de Lévi-Strauss. O antropólogo francês afirma que as ciências História e Antropologia estão intimamente conectadas e precisam trabalhar em conjunto. Na sua visão ambas são muito similares porque têm:

[...] o mesmo objeto, que é a vida social; o mesmo objetivo, que é uma compreensão melhor do homem; e um método onde varia apenas a dosagem dos processos de pesquisa, elas se distinguem sobretudo pela escolha de perspectivas complementares: a história organizando seus dados em relação às expressões conscientes, a etnologia em relação às condições inconscientes da vida social. (LÉVI-STRAUSS, 1973, p.33 - 34)

Não é muito claro a que o antropólogo francês se refere quando faz menção a expressão a “condições inconscientes”, porém podemos perceber que Lévi-Strauss continua enxergando limitações no método histórico. Este posicionamento se faz perceber apesar da sua ampla pesquisa com mitos, que suscitam questionamentos no que diz respeito à possibilidade de se considerar os mitos enquanto reflexos de fatos históricos ou como narrativas deles independentes. Veremos que esta será uma questão

fundamental na análise do Maracanã, que tem a sua história, mas é também, sem dúvida, um lugar mitológico.

Marshall Sahlins (1994) analisa os mitos havaianos, seus efeitos para os fatos históricos daquele povo e em seguida pergunta-se até que ponto esses fatos históricos alteram os mitos. O autor resume seu resultado nas primeiras duas frases do seu livro *Ilhas de História*:

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática (SAHLINS, 1994, p.7).

Portanto, a construção de um estádio, como o Maracanã ou o Engenhão, é um fato histórico que ordena ou altera esquemas culturais. Por outro lado, o destaque que esta construção recebe, e portanto a sua mitologização, é um ordenamento cultural da história. 1950 foi um ano movimentado no Brasil, nele ocorreu, por exemplo, uma eleição para presidência do país. Entretanto, a inauguração do Maracanã e a realização da Copa do Mundo são os fatos mais valorizados na memória coletiva brasileira. E tais eventos representam esquemas culturais importantes.

Bruce Kapferer (1988) vai ainda mais longe e afirma em relação as suas pesquisas em Sri Lanka:

The myths and legends of political rhetoric have emotional and legitimating power not simply because they are part of folk knowledge or folk history. They have force because they enshrine and incorporate a fundamental intentionality, an orientation toward the world of experience, which engages many Sinhalese in their everyday life (KAPFERER, 1988, p.48).

De acordo com o que diz o autor, não há diferenças entre fato histórico e mito. Ambos fazem parte de uma ideologia, de como deve ser visto o mundo no qual vivemos e como se define o ser, ou seja uma ontologia. Na visão de Kapferer (1988) mito e história se fundem e desenvolvem uma força imensa, que molda os comportamentos. No caso do Brasil, e especialmente do Rio de Janeiro, o Maracanã é história e mito presente que orienta intenções e experiências na vida cotidiana.

Importante nesta argumentação é que a narrativa culturalmente ordenada da história implica em poder. Há pessoas que têm suficiente poder para conseguir influenciar esta ordem das narrativas. Elas têm o poder simbólico (BOURDIEU, 2006) de definir a história e legitimar seu poder em seguida com esta história. Isso significa também que há uma disputa em torno dessa definição. É bastante provável encontrar

numa pesquisa várias versões dos fatos históricos. Como os mitos representam poder, elas não surgem pacificamente, mas há muitos conflitos.

Estas reflexões teóricas sobre o tratamento de história e mitos em pesquisas antropológicas têm as seguintes conseqüências para o presente trabalho: será exposta e analisada uma narrativa histórica da construção, dos significados e dos discursos de dois estádios: do Maracanã e do Engenhão. Não será feita uma distinção qualitativa entre fatos históricos e mitos. Interessam muito mais as disputas simbólicas pela definição e o ordenamento da história. O trabalho presente é uma tese em antropologia e não em história, portanto, as fontes usadas são trabalhos acadêmicos já existentes e não uma pesquisa profunda com fontes primárias em arquivos. Isso vale para os dois estádios, sendo que o autor pode vivenciar a construção do Engenhão, o que não é, evidentemente, o caso do Maracanã, que será descrito primeiro. Uma referência importante é o ensaio de Leite Lopes (1998) sobre os significados e representações do Maracanã.

O terreno no qual foi construído o Maracanã se localizava ainda fora da cidade, quando em 1808 a família real portuguesa chegou à sua colônia, o Rio de Janeiro. O Brasil só iria existir como país com governo próprio, símbolos nacionais e um governo, a partir da sua independência, ocorrida em 1822. Nessa época, eram entendidas como freguesias urbanas, um retângulo entre o que é hoje conhecido como Praça XV, Avenida Getúlio Vargas, Campo de Santana e Rua Carioca, ou seja, o centro da cidade. As áreas vastas, na direção oeste, eram formadas por amplos terrenos rurais de posse privada, de uso agrícola, que serviam principalmente como engenhos de açúcar e como sede rural de famílias ricas (ABREU, 2008, p.35-37). Por causa desse tipo de uso, essas freguesias eram chamadas de Engenho Velho, Engenho Novo e Engenho São Cristóvão. Mais tarde os colonizadores europeus adotaram a palavra indígena Tijuca, que significa Pantanal e descrevia a situação do terreno do Maracanã (RIBAS et al, 2000, p.15-23).

A expansão da cidade, que já havia começado, seguiu duas direções possíveis: para o sul ou para o oeste, hoje chamada Zona Norte. O norte e o leste do centro eram espaços delimitados pela Baía de Guanabara. Em direção ao sul já haviam sido construídas algumas chácaras de famílias abastadas na estreita faixa entre o mar e os morros de Santa Teresa. Não havia muito espaço nessa região, mas sim na região da Tijuca, na direção oeste. O problema era o acesso através da área pantanosa que delimitava a cidade (ABREU, 2008, p.39-41).

Nesta área, o comerciante português Elias Antônio Lopes foi proprietário de um sítio, doado por ele para a Família Real, em 1808, que a partir daí expandiu o casarão e começou a residir no local, hoje conhecido como Quinta da Boa Vista, onde é abrigado o Museu Nacional. Este terreno se localizava ao lado do Maracanã e certamente era um ponto de referência na época (VIEIRA, 2000, p.17).

A vinda da Família Real incentivou a drenagem das áreas pantanosas para facilitar o acesso às chácaras na Tijuca, o que certamente valorizou o local. Desse modo, foi criado um cinturão de moradias humildes nos bairros Cidade Nova, Catumbi, Estácio e Rio Comprido que além de serem regiões pouco povoadas, ficavam próximas do centro da cidade e, portanto, de onde as pessoas trabalhavam. Depois desse cinturão, seguia-se uma área em que se localizavam sítios que pertenciam à elite carioca, camada social que dispunha de meios de transporte capazes de levá-los a esses lugares. Esta região era bastante grande e compreendia toda área hoje conhecida como São Cristóvão, Tijuca, Vila Isabel, São Francisco Xavier até Benfica (o nome também é autoexplicativo). A mobilidade espacial ainda era privilégio de poucos (ABREU, 2008, p.37-41).

Os proprietários desses sítios usavam a área para o lazer aos fins de semana para, desse modo, fugir do centro da cidade e equiparam-na ao seu gosto. Em 1847, foi fundado, no Rio de Janeiro, o Club de Corridas, um clube de turfe, que foi o primeiro clube específico para uma atividade esportiva no Brasil. O turfe era – e continua sendo – uma atividade da elite e por isso não surpreende que o primeiro hipódromo, o Prado Fluminense, tenha sido construído em um terreno entre São Francisco Xavier e Benfica, ou seja, o subúrbio nobre bastante distante do centro (MELO, 2001, p.31-35).

Em 1868, se fundou o Jockey Club que estabeleceu definitivamente o turfe na cidade e assumiu o Prado Fluminense (Ibid). O Jockey Club obteve tanto sucesso que ganhou na década de 1880 quatro concorrentes. O mais importante deles foi o Derby Club fundado em 1885, que construiu um hipódromo próprio exatamente no lugar onde hoje em dia fica o estádio Maracanã. Melo (Ibid, p.83- 88) percebe na escolha do lugar uma mudança significativa na direção do centro da cidade. O Derby Club não era apenas uma atividade de lazer exclusiva da elite, mas atendia às necessidades de um certo espírito capitalista, a partir da qual o espetáculo precisa gerar lucro, sendo para tal necessária a obtenção de um alto número de pagantes. Com um hipódromo mais perto da cidade era mais fácil para camadas pobres assistirem as corridas.

O Derby Club foi talvez um dos primeiros sinais de uma mudança profunda na sociedade brasileira que significava a passagem de um estado agrícola, escravocrata e monárquico para uma república industrial e capitalista. A revolução industrial foi comumente acompanhada pela construção de trens e bondes que levaram a tecnologia para a produção em massa. No Rio de Janeiro, a primeira linha de trem foi inaugurada em 1858 e seguia do Campo de Santana para Queimados passando por Cascadura, Engenho Novo, Nova Iguaçu e, um ano mais tarde, também, por São Cristóvão e Deodoro. O bonde circulava regularmente desde 1868 para a Zona Sul e a partir de 1870 para São Cristóvão e Tijuca. Dessa forma, os subúrbios nobres e os hipódromos eram acessíveis para os trabalhadores. Além disso, começara uma expansão acelerada da cidade (ABREU, 2008, p.43-44).

A Zona Sul se transformou mais e mais no destino preferido da elite, enquanto as moradias das camadas pobres expandiram seguindo a linha do trem na direção norte e, portanto, atravessando a área nobre da grande Tijuca. As indústrias que chegaram ao Rio de Janeiro precisaram também de espaço, não encontrados nem na Zona Sul, nem no centro, sendo por isso igualmente instaladas na Zona Norte. São Cristóvão se mostrou um lugar excelente porque já existiam os casarões abandonados da elite que se mudou para o Sul, assim como um sistema de água funcionando, sem contar a proximidade para pontos de interesse infraestruturais como o trem, o centro e o porto (Ibid, p.54 - 55).

A grande Tijuca conseguiu manter seu status de área nobre porque não era fácil abandonar um equipamento grande como os hipódromos e porque a Família Real ainda morava lá. Entretanto, isso estava prestes a mudar. As indústrias urbanas não precisavam mais de escravos, mas sim de operários livres que poderiam ser contratados dependendo das necessidades. Em 1888, foi assinada a Lei Áurea pela Princesa Isabel, que determinou a abolição da escravatura, dando início a processos políticos que levaram à queda dos monarcas e à proclamação da república em 1889.

A partir daí foram tomadas várias medidas que facilitaram o acesso à Zona Sul, desvalorizando indiretamente a Zona Norte. Em 1892, foi inaugurado o Túnel Velho ligando Copacabana à cidade e, em 1906, foi acrescido o Túnel Novo. Essa última obra fazia parte de uma transformação mais ampla da cidade chamada Reforma Pereira Passos em homenagem ao prefeito de mesmo nome, que conduziu os trabalhos entre 1902 e 1906. Já há alguns anos o centro da cidade era considerado um lugar insalubre, foco de malária, além de ser precário para o transporte, especialmente carros, fugindo

das exigências de um estado nação e sua economia exportadora. Por isso, Pereira Passos levou a cabo algumas medidas urbanísticas que mudaram profundamente o perfil do Rio de Janeiro. Entre as obras mais importantes estão a abertura de avenidas largas no centro da cidade, destaque para a criação da Avenida Rio Branco, a Avenida Beira Mar em direção à Zona Sul, um novo porto e prédios representativos como o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional e o Supremo Tribunal. As obras exigiram desapropriações em massa e, portanto, geraram uma demanda alta de novas moradias fora do centro (Ibid, 2008, p.59-67).

“Trem, subúrbio e população de baixa renda passavam a ser sinônimos aos quais se contrapunha a associação bonde/zona sul/estilo de vida ‘moderno’” (Abreu, 2008, p.57). Elemento central desta vida moderna era a adesão aos ‘sports’ modernos europeus, que foram considerados salubres, higiênicos e adequados a um estilo europeu de vida. Araújo sustenta que nesta época do Rio de Janeiro Republicano se criaram certos hábitos das famílias cariocas, que seriam representados por uma “vocaçãõ do prazer” (1993). A abertura urbanística da cidade teve um papel principal porque dessa forma se criou na população da zona sul o gosto pelo banho no mar. Mas já há um bom tempo se praticava outros esportes como o remo e turfe (MELO, 2001).

O resultado dessas mudanças podia ser percebido, por exemplo, na fundação do Fluminense Football Club na área arejada de Laranjeiras. Nesse bairro, ainda verde e pouco explorado, era possível seguir os esportes considerados saudáveis e modernos. Não surpreende que os primeiros clubes de futebol no Rio de Janeiro, como Flamengo e Botafogo, tenham sido igualmente fundados na Zona Sul. Somente o América FC localizava-se na Tijuca, mostrando que os tempos nobres ainda não haviam acabado. O futebol foi inserido na sociedade carioca como um esporte de elite, que procurava copiar um estilo europeu distinto e higiênico (PEREIRA, 2000).

A cidade do Rio de Janeiro passa, a partir do começo do século XX, por um crescimento acelerado devido à industrialização e à migração da Europa. A tendência do crescimento dos bairros de camadas abastadas na Zona Sul e das camadas populares na Zona Norte se consolidara. Em consequência disso, o Jockey Club abandonou seu hipódromo na Zona Norte, em 1926, construindo um novo na Gávea, Zona Sul, onde permanece até hoje. Em 1932, o Derby Club abandonou seu hipódromo na Tijuca se unindo com o Jockey. A prefeitura recebeu este terreno em troca do terreno na Gávea e começou a discutir seu uso. Somente em 1947 foi decidida a construção do Maracanã neste lugar.

Disputas políticas e simbólicas no esporte e no urbanismo

O Rio de Janeiro foi a capital do Brasil entre os anos de 1763 a 1960. Segundo Silva (2003), esse fato conferiu à cidade um status especial, pois a torna palco das tendências centrais do país e das suas disputas pelo poder. Essas disputas se deram na chamada República Velha, entre 1889 e 1930, opondo dois grandes grupos sociais: as oligarquias rurais formadas por produtores de gêneros agrícolas e a nova elite urbana composta, entre outros, por industriais, comerciantes e o corpo administrativo do estado. Como estamos analisando a construção de um estádio de futebol convém exemplificar essa disputa por intermédio do futebol e da arquitetura. Intrinsecamente ligado a tais disputas, havia uma busca pela definição da identidade nacional de um país ainda jovem.

As oligarquias rurais estavam de fato no poder durante a monarquia e a República Velha. Seu poder se baseava na economia agrícola e seus principais produtos eram café, algodão e açúcar. O Brasil era um país escravista e autocrata, mas parte de sua elite desejava construir uma civilização nos moldes europeus. Por isso, a presença dos escravos africanos era considerada um problema, uma vez que eles destoavam da autoimagem de um Brasil europeu e branco. Vários intelectuais nas universidades brasileiras se ocuparam com esse problema propondo diversas soluções. A mais conhecida é o “branqueamento” a partir do qual negros deveriam ser cruzados com brancos e como o gene branco era considerado mais forte, acreditava-se que os negros desapareceriam.

Até a abolição, em 1888, o lugar do negro era bem definido na sociedade brasileira, através das leis que regularizavam a questão de uma forma rígida. Depois dessa data, a elite precisou criar novos mecanismos de distinção. Um deles foi o esporte, especialmente o futebol:

O jogo da bola passava a empolgar rapazes e moças da mais rica sociedade carioca que, embora não fossem sócios dos clubes esportivos, transformavam o futebol em um elemento importante de seu cotidiano. Reunidos em torno da devoção aos clubes da Liga Metropolitana, sem demonstrar o menor interesse pelo futebol jogado em outras associações, esses jovens começavam a fazer do jogo uma grande moda. Trazendo aos *foot-ballers* da cidade novos apoios, esse processo evidenciava o mecanismo que lhes garantiu sucesso na tentativa de dar a um esporte praticado por grupos tão diversos uma marca elitista e fidalga (PEREIRA, 2000, p.73).

Nas tardes de jogos, o estádio das Laranjeiras do Fluminense se transformava em lugar de encontros sociais da elite carioca, fazendo suas arquibancadas mais parecerem

um salão de festas ou um “Five O’Clock Tea” à moda inglesa, estando longe da torcida que estamos acostumados hoje em dia.

O estádio das Laranjeiras é um bom exemplo arquitetônico. Desde a fundação do clube Fluminense, em 1902 até o campeonato sul-americano, sediado na cidade do Rio de Janeiro, o estádio passou por várias reformas e ampliações. O resultado final foi uma construção ao estilo neocolonial, como descrito por Cavalcanti (1995, p.47), baseado na cópia do estilo colonial português da época. A Exposição Internacional, no Rio de Janeiro, em 1922, em comemoração ao centenário da independência brasileira é considerada o momento de maior prestígio desse estilo arquitetônico que expressava o gosto da elite oligárquica. Nesse sentido, fica nítido o uso do futebol e da arquitetura na disputa simbólica pelo poder.

Ao mesmo tempo, o estádio das Laranjeiras era um primeiro símbolo das mudanças pelas quais o país passava, o que significava que o poder das oligarquias estava ameaçado. Em 1919, aconteceu pela primeira vez um campeonato sul-americano no Rio de Janeiro. A final entre Brasil e Uruguai foi assistida por 25.000 pessoas (PEREIRA, 2000, p.137) e a vitória brasileira provocou intensas comemorações do povo nas ruas, indicando que o esporte estava se popularizando. Evidenciava-se a formação de uma massa proletária na cidade e que a elite não podia mais manter o monopólio sobre o futebol, excluindo os operários.

O futebol se tornaria um campo principal das disputas pelo poder no país, um processo que já foi amplamente estudado (CALDAS, 1990; LEITE LOPES, 1994; PEREIRA, 2000; FRANZINI, 2000; SOUZA, 2008; SOARES, 2001). Símbolo dessas mudanças no Rio de Janeiro é o clube Vasco da Gama, o primeiro clube popular a conseguir, em 1923, se tornar campeão carioca, interrompendo a supremacia dos clubes da elite, como Fluminense, Flamengo, Botafogo, América e Paysandú. A reação dos estabelecidos foi imediata em rotular o Vasco da Gama como o clube de negros, pobres e mal educados. Foram criadas regras para excluir o clube do campeonato, como a proibição de jogadores profissionais, e passou-se a exigir a assinatura dos jogadores, muitas vezes analfabetos, na súmula, assim como que cada clube possuísse seu próprio estádio⁴.

⁴ As regras criadas pelos clubes estabelecidos visaram excluir clubes populares como o Vasco da Gama, porque se sabia que era praticamente impossível para eles cumprir as regras. A proibição de jogadores profissionais era uma ferramenta crucial. Os jogadores da elite podiam jogar sem receber, mas para os membros das classes populares isso era impossível. Da mesma maneira a exigência de um estádio próprio

A reação do Vasco da Gama foi construir um estádio próprio, que seria o maior do Brasil na época, com capacidade para 35.000 torcedores, demonstrando a força do clube. O estádio São Januário foi inaugurado em 1927 (MALHANO & MALHANO, 2002). A sua arquitetura, com azulejos típicos de Portugal, ainda pode ser considerada de estilo neocolonial. Esses elementos estilísticos também podem ser tomados como parte da disputa pelo significado da nacionalidade brasileira. Os sócios do clube Vasco da Gama se autodefiniam como mais brasileiros por causa da sua aceitação de jogadores humildes e de cor e, ao mesmo tempo, enfatizavam suas raízes portuguesas, frente aos clubes da elite com sua herança inglesa.

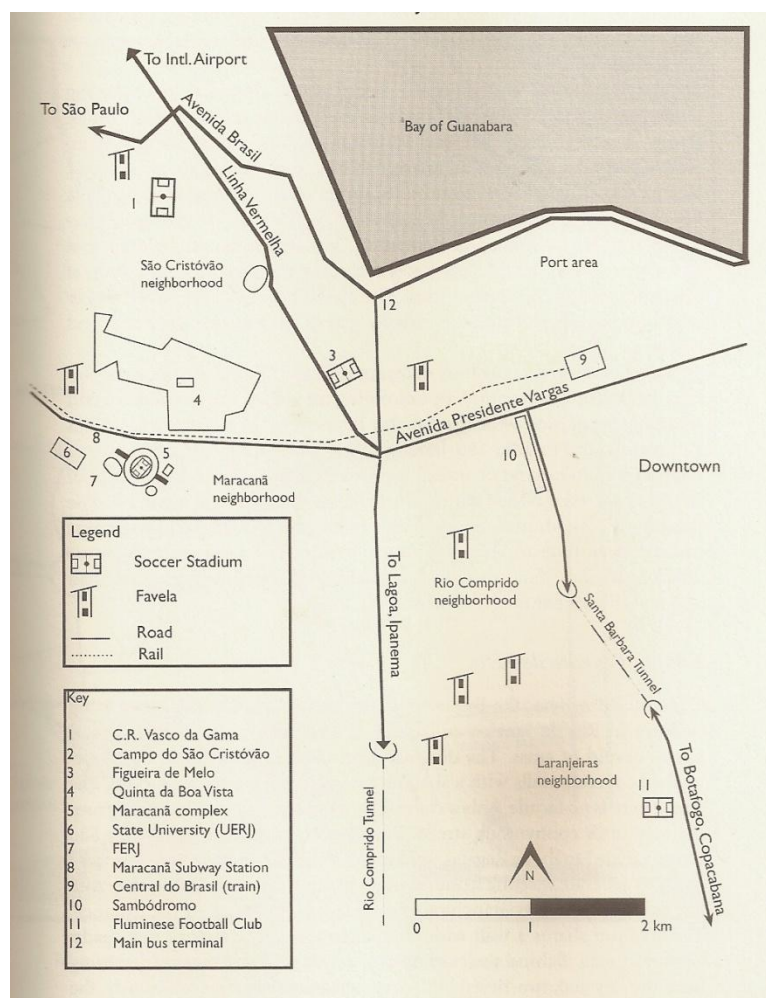


Gráfico 1: Distribuição dos estádios Laranjeiras, Figueira de Melo, São Januário e Maracanã ao redor do centro do Rio de Janeiro. No mapa consta também a linha de trem saindo da Central, passando pelo Maracanã seguindo para o subúrbio. O estádio Engenhão, construído em 2007, fica ao lado dessa linha mais ao noroeste. Fonte: GAFFNEY, 2007.

era uma barreira tão grande, que praticamente significou a exclusão dos clubes populares. Ninguém podia prever que um deles era capaz de construir um estádio.

A sociedade carioca estava, na primeira metade do século XX, em plena fase de industrialização, o que atraiu uma massa de mão de obra, promovendo, então, um crescimento acelerado da população carioca como demonstra a tabela 1. Essa população começou a representar um instrumento de poder. Além disso, se tornou necessário seguir uma lógica capitalista, ou seja, os clubes não podiam mais ser um brinquedo fútil da elite, começando a apresentar a necessidade de financiamento. Os clubes populares se mostraram mais eficazes para atender a essa demanda. O Vasco da Gama de fato era capaz de encher seu novo estádio com capacidade de 35.000 torcedores.

Tabela 1: Crescimento da população carioca

Ano	População
1872	274.972
1890	522.651
1906	805.335
1920	1.147.599
1940	1.759.277
1950	2.375.280
1960	3.300.431

Fonte: ABREU, 2008

Com o estádio e após de ter ensinado a seus jogadores a assinar o próprio nome, o Vasco da Gama foi readmitido no campeonato carioca. Mas a oficialização do profissionalismo demoraria ainda até 1933, ou seja, até o governo Vargas, o que representa uma mudança fundamental não só para a organização do estado, mas também para o futebol, na arquitetura, na configuração dos poderes e na definição da identidade nacional brasileira.

Em 1929, ocorreu o crash da bolsa nova-iorquina fragilizando a elite oligárquica no Brasil. Eram planejadas eleições presidenciais para o ano seguinte e, seguindo a tradição em vigor, era praxe o presidente indicar seu sucessor. Entretanto, Getúlio Vargas não aceitou essa tradição e articulou uma oposição que se mostrou capaz de assumir o poder em outubro de 1930, aproveitando a fragilidade das oligarquias e as mudanças sociais. O governo Vargas de 1930 a 1945 estruturou o Brasil como estado moderno com previdência social, um aparato administrativo e preocupou-se com a criação de uma visão própria da identidade nacional brasileira. Elementos fundamentais

para a conformação dessa identidade ancoravam-se no conceito da democracia racial, futebol-arte e em um estilo artístico chamado modernista.

A publicação do livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (1933), teve grande importância nesse processo. O autor destaca nesta obra, pela primeira vez, o valor da convivência entre diferentes raças no Brasil, distanciando-se, desse modo, claramente das ideologias “raciológicas” (ORTIZ, 1985), criando uma alternativa que serviu como base intelectual para o nacionalismo de Vargas. A raça brasileira passou a ser concebida de modo positivo por ser mestiça e capaz de reunir várias qualidades da Europa, da África e da América. Especialmente elementos considerados africanos, como as danças jongo, samba e capoeira, começaram a ser valorizados. O futebol e os times mestiços significaram uma oportunidade de uma representação positiva dessa democracia racial, principalmente a partir do terceiro lugar da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938 com o artilheiro negro/mulato Leônidas da Silva.

O esporte ganhou a atenção do governo e começou a ser estruturado de uma forma estatal com a criação do Conselho Nacional de Desportos, em 1941 (DRUMOND, 2007). E o futebol foi o escolhido do Presidente Vargas para representar a nação. O Estádio São Januário se tornou palco de muitos eventos do governo e, além disso, construiu-se com verba pública o estádio municipal Pacaembu, em São Paulo, em estilo modernista, uma ruptura com o estilo neocolonial.

As descrições até agora mostraram que a ruptura entre a República Velha e o Governo Vargas era rígida. E não podia ser diferente no campo da arte, arquitetura e urbanismo, onde os modernistas conseguiram vencer a disputa. Esse grupo já havia se formado nos anos vinte, dando início a uma discussão sobre a brasilidade, não necessariamente ligados à política de Vargas, mas este se apropriou desse estilo.

Hollanda (2004) observa a formação deste campo e as suas conseqüências para a literatura e o futebol. Alguns escritores importantes da época, como Graciliano Ramos e Oswald de Andrade, se mostraram inicialmente desfavoráveis ao futebol, que era considerado uma intrusão estrangeira, um modismo efêmero, alienígena e elitista.⁵ Mas a interpretação do estilo dos jogadores brasileiros como lúdico facilitou a ressignificação deste esporte como algo tradicional e popular e, portanto “brasileiro”. Principalmente o escritor José de Lins Rego se mostrou impressionado pela capacidade

⁵ As publicações destes autores sobre futebol são bem documentadas e analisadas em: Soares e Lovisolo (2001), Antunes (2004) e Hollanda (2004).

de o futebol representar o local e o universal e, por isso, defendeu sua inclusão na agenda nacional (HOLLANDA, 2004, p.70 - 87).

Segundo Cavalcanti (2001), o movimento modernista durou de 1928 a 1960 e teve no campo da arquitetura nomes reconhecidos como Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Paulo Mendes da Rocha. Esses arquitetos, mesmo influenciados por nomes estrangeiros, principalmente Le Corbusier e Mies van der Rohe, queriam transformar suas idéias em algo novo e “genuinamente” brasileiro. O principal traço desse estilo era a necessidade que seus representantes tinham de pensar a sociedade e, dessa forma, buscar projetos que levassem em conta “a forma das cidades, as moradias, a distribuição da riqueza, os espaços de diversão e, até mesmo, um novo modelo de sociedade” (CAVALCANTI, 2001, p.25). A partir do estilo modernista, Vargas mandou construir os Ministérios da Educação, da Fazenda e da Guerra, localizados no centro do Rio de Janeiro (Ibid). Mais tarde, o Maracanã se encaixaria nesse mesmo estilo.

Vargas foi deposto em 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial, entretanto suas ideias sobre a identidade nacional brasileira haviam se fortalecido suficiente para sobreviver. Ainda mais após a derrota da Alemanha nazista com suas idéias monoraciais, o Brasil podia oferecer um modelo alternativo a partir do qual a multietnicidade poderia ser visto como algo positivo. Nesse contexto, a FIFA⁶ decidiu conceder ao Brasil o direito de sediar pela primeira vez uma Copa do Mundo de futebol, em 1950. Para esta ocasião foi construído, no Rio de Janeiro, o Maracanã que, na época, viria a ser o maior estádio do mundo.

A construção do Maracanã

Há uma ampla literatura no Brasil sobre o Maracanã e principalmente sobre o jogo final entre Brasil e Uruguai, mas aqui nos guiaremos pelos seguintes livros: Perdigão (1986), Moura (1998), Touguinhó (1998), Leitão (2000), Máximo (2000), Sérgio (2000), Vieira (2000) e Heizer (2010). A maioria destes livros foi publicada devido ao cinquentenário do estádio em 2000.

A FIFA organizou em junho 1938 um congresso em Paris às vésperas da terceira Copa do Mundo. Nesse congresso, o Brasil apresentou junto com a Alemanha sua

⁶ Fédération Internationale de Football Association, Federação Internacional que regula o futebol mundialmente e foi fundada em 1904, em Paris. A FIFA já havia realizado três copas: 1930 no Uruguai, campeão Uruguai, 1934 na Itália, campeão Itália e 1938 na França, campeão Itália. Sobre a FIFA: Eisenberg, Lanfranchi, Wahl (2004) e, de um ponto de vista crítico, Jennings (2006).

candidatura para sediar uma das próximas Copas do Mundo. Inglaterra e Argentina também eram consideradas candidatas. A Alemanha era favorita para organizar a Copa de 1942 e o Brasil a de 1946 (PERDIGÃO,1986, 44; TOUGUINHÓ, 1998, p.9; MÁXIMO, 2000, p.28; SÉRGIO, 2000, p.30-32; VIEIRA, 2000, p.19): “Em setembro de 1938, o presidente Getúlio Vargas chegou a receber, no Palácio do Catete, uma comissão que estudava a construção de um Estádio Nacional, que seria localizado na capital federal” (SANDER, 2004, p.233- 4).

Segundo Máximo (2000, p.28), o presidente da FIFA, Jules Rimet, esteve no Rio de Janeiro, em 1939, para estudar as possibilidades de uma Copa do Mundo no Brasil. Mas esses planos foram adiados por causa da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Em 1941, foi criado o Conselho Nacional de Desportos e houve o concurso presidido pelo Ministro de Educação e Saúde Capanema para escolher o projeto do novo estádio (MOURA, 1998, p.24; VIEIRA, 2000, p.19). Entre os seis finalistas se encontrava também o arquiteto Oscar Niemeyer com a proposta de um estádio olímpico, derrotado por um projeto em que não constava uma pista de atletismo (CAVALCANTI, 2001, 259).

O projeto vencedor pertencia aos arquitetos Pedro Paulo Bastos, Antonio Dias Carneiro, Rafael Galvão e Orlando Azevedo. Segundo Moura (1998, p.24) e Vieira (2000, p.19), inicialmente o projeto era apenas dos primeiros arquitetos, sendo que o Ministro o desaprovava e, por isso, foram contratados pelo Prefeito do Rio de Janeiro os dois últimos para desenvolver uma adaptação. A Segunda Guerra e esses desentendimentos políticos adiaram a construção.

As iniciativas foram retomadas depois da Guerra, já no governo do presidente Dutra. No congresso da FIFA, de 1946, em Luxemburgo, finalmente foi decidido que a Copa do Mundo de 1949 seria realizada no Brasil, data posteriormente adiada para 1950. Desse modo começou-se a pensar seriamente na construção de um estádio nacional, o que provocou disputas políticas e simbólicas em vários níveis: entre o poder municipal e federal, entre o poder municipal e os poderes não governamentais e no interior do poder municipal.

A primeira disputa entre governo municipal e federal teve como objeto quem administraria o futuro estádio. Essa questão foi resolvida no início de junho de 1947 porque o Governo Federal não quis arcar com os custos para a compra do terreno e da construção e o Município se viu em condições de levantar recursos porque se considerava proprietário do terreno do Derby Club na Tijuca. Os dois níveis de governo

concordaram que o planejado estádio nacional seria municipal. Logo em seguida o recém-eleito prefeito do Rio de Janeiro, Ângelo Mendes de Moraes, descobriu que o Derby Club ainda pertencia ao Jockey Club e precisou fazer uma permuta trocando terrenos na Lagoa pelo terreno no Maracanã. Além disso, decidiu pela venda de cadeiras cativas como forma de levantamento de recursos (MOURA, 1998, p.27-29).

As outras duas disputas foram bem mais longínquas e árduas. Durante toda a fase de planejamento e construção houve um embate chamado na época de “A Batalha do Estádio”, ocorrida entre membros da prefeitura. Seus principais protagonistas foram os vereadores Ary Barroso e Carlos Lacerda, ambos do partido União Democrática Nacional, UDN. O primeiro representava a situação, sendo amplamente favorável à construção do estádio no terreno do Derby Club e o outro representou a oposição, defendendo a construção em Jacarepaguá.

O processo de construção do estádio seria, portanto, caracterizado por disputas não só dentro da administração da cidade, mas até mesmo dentro de um mesmo partido político. Trata-se de um fenômeno que se diferenciava de outros países como, por exemplo, a França, como ressalta Silva (2003, p.148-149), onde o campo de conhecimento arquitetônico e urbanístico se formara fora da administração, fazendo com que suas propostas chegassem ao estado já finalizadas. Ciência e política seriam, portanto, separadas nesse modelo. Silva (2003) observa que as propostas e contrapropostas de urbanização do Rio de Janeiro durante a República Velha e o Estado Novo foram feitas por funcionários públicos levando a disputa para dentro da prefeitura.

Esse modelo se repetiu no caso da construção do Maracanã. Em julho 1947 foi criada pelo recém empossado prefeito Mendes de Moraes a chamada Comissão dos Sete, cujos membros não só eram arquitetos, mas também o jornalista Mario Filho e o procurador geral Luís Galotti, com a tarefa de escolher o melhor projeto entre aqueles entregues no concurso de 1941. Para isso, definiram algumas características centrais que o novo estádio deveria ter:

- 1 – Estádio fechado; 2 – Curva em forma de elipse; 3 – Bocas para entrada e saída de público a começar de cima (para alcançar os seus lugares, o público terá que descer, e para se retirar, subirá, pois do contrário, os que chegassem primeiro obstruiriam as portas, aproveitando-se das melhores localidades); 4 – Movimentação do público por meio de rampas e não de escadas; 5 – Perfil das arquibancadas em parábola, para balancear a visão; 6 – Arquibancadas num só plano; 7 – Pista de atletismo desnecessária (a praça de esportes a ser construída disporá de instalações apropriadas para os diversos esportes, como atletismo, natação e outros, em canchas ao ar livre ou cobertas); 8 – Lotação mínima (para 120 mil pessoas sentadas e 30 mil em pé); 9 – Locação das instalações no lado norte do terreno do Derby, a fim de encurtar o acesso do público desembarcado pela Central (SÉRGIO, 2000, p.47-48).

Essa comissão não conseguiu chegar a um acordo e escolheu quatro arquitetos Pedro Paulo Paiva, Antonio Dias Carneiro, Rafael Galvão e Orlando Azevedo para elaborarem o projeto final. Ou seja, a discussão continuou acontecendo dentro de órgãos estabelecidos pela prefeitura. Orlando Azevedo já participara do projeto Fórum Mussolini do arquiteto Nervi, em 1932, em Roma na Itália. Um projeto nacionalista simbolizando a grandeza de um país, o que representava um espírito que certamente agradou aos integrantes da comissão. Este grupo de arquitetos apresentou o projeto final em 14 de novembro de 1947.

No dia 08 de agosto de 1947, o prefeito enviara à Câmara dos Vereadores, o pedido de aprovação para a construção do estádio, transferindo assim a disputa para esse órgão municipal, palco dos vereadores Ary Barroso e Carlos Lacerda.

O primeiro defendeu a ideia de que o Maracanã deveria ser construído no Derby Club, pois assim possibilitaria fácil acesso devido à sua localização central e à existência de ramais ferroviários. Esse projeto incluiria as camadas pobres. Diferentemente disso, segundo Ary Barroso, a área de Jacarepaguá seria um foco de Malária longe de qualquer infraestrutura de transporte, o que prejudicaria o povo, a quem Barroso dizia defender:

Vem de longe as minhas ligações com o povo, cuja alma musical eu interpreto através de minhas composições. Mas não é só com a ajuda de minhas melodias que me sinto perto dos humildes, pois minhas atividades nos esportes, em especial o futebol, sempre me mantiveram em permanente contato com as massas. Por isso sei de seus anseios e conheço-lhes as necessidades. Teoricamente, a tradição desta Casa é de um lugar onde perduraria o espírito de renúncia e sacrifício, portanto digna de apreço por parte de todos os concidadãos. Todavia, o que vejo aqui, neste recinto onde deveria ser traçado o futuro dos habitantes de nossa cidade, são auréolas a voarem por todos os lados, entrecruzando-se, e cada um procurando colocá-las sobre sua própria cabeça, sob a auto-anúnciação de 'amigos do povo.' Por isso, para comprovar de que lado realmente está a população, solicitei ao Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística a realização de uma bem-cuidada pesquisa (SÉRGIO, 2000, p.56).

Com isso, Ary Barroso apresentou uma das suas estratégias principais para vencer a disputa: uma pesquisa realizada por um órgão apresentado como neutro e publicada na imprensa. O resultado era amplamente favorável ao Maracanã: 79,2% apoiaram a construção de um estádio novo, 56,8% tiveram a opinião de o Derby Club ser o lugar apropriado e 53,6% se disseram dispostos a colaborar na concretização da obra. Por isso, não surpreende que Ary Barroso tenha terminado seu relatório baseando-se nessa pesquisa e com as seguintes conclusões:

1. O povo, em apreciável proporção, gosta de esportes em geral e do football em particular; 2. O povo quer um estádio para a cidade; 3. Entende que deveria ser localizado no Derby Club; 4. Estaria disposto a arcar com algum sacrifício para ver realizado esse desejo (MOURA, 1998, p.30).

Mas, além disso, Barroso contava com aliados fortes como, por exemplo, Vargas Netto, o sobrinho do ex-presidente Getúlio Vargas, que afirmou o seguinte:

Houve um inquérito popular e nele ficou provado que o povo quer o estádio! E, quando ele fala por sua própria boca, ninguém mais tem direito de falar em seu nome. A carta deste popular vem robustecer esta tese. O governo não faz mais que atender ao reclamo do povo!

Não vamos voltar ao velho slogan de que o Brasil é um vasto hospital! O Brasil não é só isso, pessimistas perniciosos! O Brasil também é a graça da juventude, a força dos atletas, a musculatura do trabalho, a malícia de um povo que sabe sorrir dos falsos apóstolos! (Ibid, p.31)

A ideia de que o futebol não só seria plenamente democrático, mas também uma fonte de saúde, foi sustentada pelo vereador Iguatemi Ramos:

Não serão as classes menos favorecidas do povo que financiarão a obra, mas justamente aqueles que na atualidade mantém em suas mãos a maior parcela do nosso inflacionário meio circulante. Estes, por certo, é que irão subscrever as apólices e cadeiras cativas de que trata o projeto que será submetido à consideração de meus pares. O esporte, além de ser a única diversão deste povo, é além de tudo escola de democracia e fonte de saúde para as massas (SÉRGIO, 2000, p.52).

O fator da democracia foi apoiado por outro vereador, Luiz Paes Leme, porque a localização do Derby Club já estaria ligada ao ramal ferroviário da Central, que conectaria dois terços da população carioca com o estádio, garantindo o acesso mesmo para pessoas com menos poder aquisitivo (Ibid, p.51).

Finalmente Vargas Netto e o Secretário das Finanças da prefeitura do Rio de Janeiro, João Lyra Filho, apelaram à rivalidade entre Rio e São Paulo, argumentando que São Paulo já teria um estádio grande, com o Pacaembu, e que o Rio não poderia ficar para trás. O risco de São Paulo sediar os jogos da seleção brasileira e não o Rio de Janeiro poderia ser grande (MOURA, 1998, p.32).

Mas talvez o aliado mais influente de Ary Barroso tenha sido Mario Filho, que fez do seu próprio *Jornal dos Sports* o canal de divulgação de ideias favoráveis ao estádio no Derby Club. O jornalista enfatizava o desejo popular e a função social do futebol:

O estádio será uma dádiva das gerações presentes ao bem das gerações futuras, para fazer ainda mais forte, ainda mais ativa a riqueza humana do Brasil. O estádio será a contribuição de cada um de nós. Será a esperança cheia de vida com que reafirmaremos a consciência de que o poder do trabalho também se conjuga na força do ideal (Ibid, p.34).

Na oposição encontrava-se Carlos Lacerda que se mostrou contrário à construção do estádio no Derby Club, sugerindo que a obra fosse realizada em Jacarepaguá: “Senhores, precisamos levar o Rio de Janeiro para longe. E Jacarepaguá parece ser o ponto ideal para o levantamento dessa obra!” (SÉRGIO, 2000, p.37).

Ao que parece, Lacerda tinha um projeto de expansão da cidade e defendia o uso das verbas da Copa do Mundo para a construção de uma infraestrutura longe do centro da cidade, favorecendo assim a população dessa região. Sua estratégia nessa disputa consistia em dificultar a votação da liberação da obra na Câmara dos Vereadores. Para isso mandou um requerimento ao Secretário das Finanças da Prefeitura, João Lyra Filho, exigindo respostas para alguns questionamentos acerca da construção do estádio:

Quais os termos do laudo de avaliação dos terrenos do Derby Clube a serem permutados? Quais os projetos de urbanização das áreas adjacentes? Quantos prédios serão demolidos, qual o número de habitantes desses prédios e qual o orçamento provável da despesa com a efetivação das desapropriações e a realização dos referidos projetos de urbanização? Onde pretende a Prefeitura alojar os favelados da região e os demais atingidos pelas desapropriações? Qual o orçamento provável das despesas relativas à construção do estádio e quais os autores das plantas, especificações e estimativas do referido orçamento? Qual é exatamente o plano de financiamento do estádio e qual o limite da despesa a ser efetuada pela Prefeitura? Por que a Prefeitura concedeu prioridade número um à construção do estádio? A Prefeitura pode dispensar a autorização para emitir apólices ou contrair empréstimos para construir o estádio e, em caso contrário, em quanto montará essa emissão? Em que consiste o compromisso da Prefeitura em construir um estádio municipal para o campeonato mundial de futebol profissional, quem ratificou esse compromisso e baseado em que lei foi ele assumido? O desvio de verbas e serviços para a obra não pode prejudicar algum plano que porventura o governo venha a ter para construção de casas populares, segundo o mesmo Lyra Filho recomendava, quando diretor da Caixa Econômica Federal? (SÉRGIO, 2000, 52 - 53)

Lyra Filho nunca respondeu a esse requerimento, mas Lacerda conseguiu o que pretendia: o adiamento da votação, que aconteceria somente no dia 29 de outubro de 1947, ou seja, três meses após o pedido do prefeito. A oposição também teve seu órgão de comunicação através do jornal Tribuna da Imprensa, de propriedade de Carlos Lacerda, que frequentemente criticava a construção do Maracanã.

Enquanto Barroso e Lacerda concordavam sobre a necessidade da construção de um estádio, divergindo apenas na questão da localidade, havia ainda outra oposição que se mostrava contrária à própria construção, em favor de obras sociais, interpretadas como prioridade para as camadas menos favorecidas. Destaca-se nessa defesa, por exemplo, o vereador Leite de Castro:

A questão do estádio é estanque, sem interferência com outras, de assistência social. Objeta-se contra a construção usando como argumento a penúria das classes menos favorecidas, que necessitam de escolas e hospitais. Mas uma

coisa não interfere na outra. Contudo, não há como confundir tão diferentes problemas em um só. Esporte tem vida própria, é financeiramente emancipado (Ibid, p.54).

A vereadora Sagramor de Scuvero exigia lugares populares para o exercício esportivo:

Considerarei, porém uma desgraça, e a ela jamais associarei meu nome, se a praça esportiva em cogitação destinar-se apenas à prática de espetáculos reservados aos chamados grandes clubes, que têm público pagante bastante vultoso. Isso relegaria a plano secundário a função para mim primordial do esporte: o desenvolvimento físico e mental da criança e o direito dos humildes, a gente das favelas, que não têm onde se divertir, de também desfrutar desses benefícios (Ibid, p.54).

A cidade do Rio de Janeiro já tinha problemas como a falta de abastecimento de água e esgoto e um adiantado processo de favelização.

A Câmara dos Vereadores aprovou finalmente, em 29 de outubro de 1947, a construção do estádio no Derby Club. Em 14 de novembro de 1947, foi apresentado o projeto final dos arquitetos e criada uma segunda comissão que iria acompanhar as obras até a inauguração do estádio, continuando assim com a criação de arenas de disputa no interior da prefeitura. Os preparativos das obras continuaram lentos. Somente em 20 de janeiro de 1948 foi colocada a pedra fundamental e em 11 de junho de 1948 deu-se a escolha dos operários para efetivamente dar início à obra. Faltavam dois anos até o jogo de abertura da Copa do Mundo.

Esse atraso aconteceu devido à disputa entre o poder municipal e poderes não governamentais em torno do uso comercial do estádio de futebol, que também despertava o interesse de diversas empresas e clubes. Já em meados de 1947 existia o plano de ampliar o estádio São Januário do Vasco da Gama ao invés de construir um estádio novo. Esta idéia foi recusada porque seria necessário desapropriar moradores e nem com isso seria possível ampliar o estádio para o tamanho desejado, acima de 100.000 espectadores. Além disso, havia o desejo de um estádio nacional e, portanto público, importante para enaltecer o país. Como Mário Filho escrevera no *Jornal dos Sports*: “Acreditar no estádio é acreditar no Brasil” (MOURA, 1998, p.27). São Januário seria de uso privado do clube Vasco da Gama.

O empresário Fausto Matarazzo criou, em março de 1948, o Estádio Nacional Sociedade Anônima (ENSA) para construir o estádio nacional. Essa iniciativa privada foi duramente criticada pelo *Jornal dos Sports* como uma tentativa de lucrar com um esporte que pertencia ao povo e, por isso, não deveria ser explorado. O escritor José

Lins do Rego comentou, também no *Jornal dos Sports*, que: “o que precisa a cidade é de seu próprio estádio, onde não mande o interesse de um clube, o privatismo particularista, onde só prevaleça o interesse do povo” (MOURA, 1998, p.36).

Em 24 de maio de 1948, foi criada a Administração dos Estádios Municipais (ADEM) para organizar as obras, com o poder de contratar empresas e administrar o funcionamento do estádio pronto. Tanto o presidente da ADEM, Herculaneu Gomes, quanto os cinco integrantes do seu conselho fiscal foram indicados pelo prefeito. Assim sendo tornou-se possível derrotar as tentativas da iniciativa privada de controlar posições com poder de decisão e, portanto, certos recursos, por intermédio de um discurso que tornava a prefeitura a legítima representante do povo (e sem interesses financeiros).

O que se evidencia é como o Maracanã foi um objeto de disputa simbólica, relacionada a uma ampla estratégia que incluía as esferas política, esportiva, econômica e urbanística. Por isso, a arquitetura do estádio e sua localização são expressões de um discurso no interior desta disputa e cuja coerência se fazia necessária. Uma disputa que não teve fim mesmo após o início das obras. Segundo Moura (1998, p.34-48), esse discurso baseava-se nas seguintes categorias: a grandeza do Brasil, Democracia, Modernidade, Capitalidade, Recuperação social e a superação do ócio. Mais adiante, veremos como eles se expressaram na arquitetura do Maracanã.

A economia brasileira estava muito saudável na década de 1940 porque a América do Sul praticamente não estava envolvida na Guerra e os negócios podiam continuar, enquanto estavam parados na Europa. Além disso, o velho continente estava em muitas partes destruído. Neste cenário, o Brasil conseguiu se colocar como opção alternativa de uma democracia pacífica pronta para assumir um papel importante no mundo. A Copa do Mundo seria o palco para que o país se apresentasse como um novo poder. Isso explica a escolha por um estádio nas dimensões do Maracanã, cuja lotação máxima era definida para 150.000 espectadores, o que o fazia, na época, o maior estádio do mundo. O Maracanã deveria ser um monumento do qual brasileiros deveriam se orgulhar.

Uma evidência dessa grandeza seria o tempo recorde de dois anos no qual o estádio foi erguido. Os trabalhadores se tornaram símbolos dessa capacidade de trabalho e superação do ócio, que o carioca deveria mostrar. Foram divulgadas reportagens e fotonovelas cujos heróis eram os bravos trabalhadores que superavam algum perigo ou

obstáculo durante a obra⁷. Dessa forma, o Maracanã se tornou o símbolo de uma missão disciplinadora que enaltecia o trabalhador brasileiro. Corcovado, Pão de Açúcar e Baía da Guanabara eram obras da natureza, mas o Brasil queria ser reconhecido como uma civilização capaz de construir suas próprias obras.

Um argumento central em defesa de uma administração pública e não privada do Maracanã dizia respeito ao fato de que o estádio pertenceria ao povo que, por sua vez, teria o direito de uma recuperação social. O Maracanã deveria ser o espaço de emoções que no dia a dia seriam interdidas, um templo da paixão popular, onde certo extravasamento seria permitido. A esse respeito, há uma declaração interessante do prefeito Mendes de Moraes no *Jornal dos Sports*:

Assim, o carioca também encontrará onde satisfazer sua paixão pelo desportista, nas transbordantes manifestações de alegria e de entusiasmo a que já nos habituamos, desviadas de canalizações ou orientações outras, em que a maldade, a decadência e o veneno estariam presentes para denegrir-lhe a alma, embrutecer-lhe a inteligência e fermentar-lhe o espírito (MOURA, 1998, p.35).

O esporte seria uma válvula de escape de energias negativas, no sentido da excitação de Elias (1992), sendo, portanto, saudável não só para o indivíduo, mas para a sociedade. Essa importância dada à experimentação das emoções levou Vargas Netto a rotular a oposição de “Inimigos da Alegria” (Ibid, p.31).

Por isso, era necessário declarar o Maracanã como um espaço democrático ao qual todos teriam acesso. O estádio deveria ser o espaço onde ricos e pobres podiam ficar juntos em igualdade e unidade ou, nas palavras de Mario Filho: “Com o estádio, o football vai passar a ser o esporte dos grã-finos. Também dos grã-finos, porque nunca o football deixará de ser o esporte do povo” (Ibid, p.39). Dessa forma, a imensidão do Maracanã era um fator democratizador, porque oferecia lugar para todos sem excluir ninguém. O futebol compreendido como escola da democracia fez parte desse discurso dos idealizadores do Maracanã.

Este monumento democrático da emoção popular foi considerado parte fundamental de uma capital e, assim como ocorreu com a construção de monumentos na época de Pereira Passos ou Getúlio Vargas, o Maracanã deveria se tornar o símbolo da capital federal, sede do poder. O *Jornal dos Sports* argumentou o seguinte:

Hoje em dia não mais se admite que uma grande cidade seja realmente grande e realmente monumental, imponente e cosmopolita, sem uma praça de

⁷ Por exemplo houve o caso de um operário que evitou a explosão de um garrafão de oxigênio, arriscando a própria vida ao se aproximar do perigo para fechar uma torneira, contado numa fotonovela. (Moura, 1998, p. 41).

esportes que reflita o esforço e o sentido progressista dos que a tornaram grande e moderna (Ibid, p. 40).

Essa citação é importante porque resume as partes do discurso: o Brasil quis ser moderno. Modernidade é um termo que pode assumir muitos significados. Naquele discurso, moderno significava tudo aquilo mencionado anteriormente: grandeza, democracia, capitalidade, superação e alegria. O Maracanã foi descrito como o monumento fundador de uma grande nação civilizada e moderna.

A arquitetura do Maracanã traduziu essas categorias, o que significou uma novidade, como constata Holzmeister (2005). A novidade consistia na construção de um palco exclusivamente para o futebol, transformando-o na grande expressão cultural capaz de representar a nação. Isso justifica o gigantismo do estádio, que recebeu quase 200.000 espectadores no jogo final da Copa do Mundo de 1950. Na concepção do estádio, seus espaços abrigariam toda a gama da sociedade brasileira. Esta construção do simbolismo nacional foi financiada por recursos públicos, tanto que o Maracanã, a princípio, só deveria abrigar jogos da seleção nacional.

A ideia central seria a sugestão de um espaço democrático, dentro do qual todos seriam iguais. Isso foi simbolizado primeiramente pela forma quase circular (320m x 282m), e não mais elíptica do estádio. Desse modo, todos os lados possibilitariam a mesma visão, situando-se à mesma distância do campo. Além disso, a cobertura foi construída ao redor do estádio e não apenas em cima da tribuna de honra. A tribuna principal possuía – e continua a possuir – um equipamento mais luxuoso, porém ela não é destacada arquitetonicamente, criando assim a sensação ótica de continuidade entre as tribunas e as arquibancadas, especialmente em jogos lotados:

A separação entre *arquibancadas* e *cadeiras especiais* de fato existia, mas de tal forma que as *cadeiras especiais* fossem somente mais um dos setores do estádio em que o conforto é maior, por causa dos assentos. A perspectiva de visão de jogo privilegiada e as arquibancadas cobertas, não eram mais uma exclusividade para alguns poucos, estando disponíveis a todos que frequentam o anel das *arquibancadas*. Em jogos com grandes públicos – como foram os jogos durante a Copa de 50 – a divisão entre os dois setores se perdia no meio da massa de torcedores, a ponto de não se poder distinguir a separação entre ambos (HOLZMEISTER, 2005, p.73).

Mas como essa citação já indica, o Maracanã não foi construído como um espaço de fato democrático e igualitário. Dois textos clássicos da antropologia brasileira do esporte de Guedes (1977, p.20-24) e Baêta Neves (1982, p.52-54) já perceberam que “é possível encontrar um alto grau de diferenciação nos setores destinados à assistência.

[...] esses locais no Maracanã são diferenciados conforme critérios de caráter econômico, profissional e político” (GUEDES, 1977, p. 20).

O Maracanã foi construído com dois andares: o anel inferior e o anel superior, que tinham acessos distintos. O acesso ao anel inferior se dava quase ao nível da superfície através de rampas baixas pelas ruas Mata Machado, ao norte, e Eurico Rabelo, ao sul. O acesso ao anel superior, onde ficaram as arquibancadas, era possível através de rampas altas e grandes, a partir da Avenida Maracanã, ao leste, e da Praça Emílio Garrastazu Médici, a oeste, ou através de uma entrada especial e seus elevadores para os lugares mais caros. No centro da construção ficou o campo de futebol de 110m x 75m. Todos os lugares foram direcionados para este campo e ao redor deste se encontravam os setores destinados à assistência.



Gráfico 2: Mapa do Maracanã e seus arredores, publicado no *Jornal do Brasil* por causa do *Choque de Ordem* que será explicado mais adiante.

O anel inferior foi separado em dois anéis. O primeiro mais perto do campo foi chamado de 'Geral', que de todos era o setor mais barato, composto por 13 degraus e uma área total de 8.311m², onde cabiam 30.000 espectadores em pé. O seu chão começava abaixo do nível do campo, o que fazia com que as pessoas das primeiras filas olhassem de baixo para cima para os jogadores. Entre este setor e o campo havia um fosso de 450m de comprimento, 3m de largura e 3m de altura, para impedir invasões de campo. A marquise ao redor do estádio não alcançava a Geral, deixando o público exposto ao tempo. Um ingresso para a geral permitia a livre escolha do lugar no setor.

O segundo anel ficou atrás da Geral, já em um nível mais elevado e separado do primeiro por outro fosso. Neste setor de 15.180m² foram dispostas 25.000 cadeiras de ferro azuis – chamadas cadeiras comuns – por um preço intermediário entre arquibancada e cadeira especial. Este setor ficava completamente coberto pelo anel superior.

O anel superior foi dividido em dois grandes setores: a arquibancada com 120.000 lugares e um setor lateral reservado para pessoas de alto capital econômico, profissionais ligados ao futebol ou políticos. Ocupando todo o setor lateral do lado oeste, esse espaço reservado foi equipado com 5.000 cadeiras confortáveis distribuídas em 2.250m². Este setor comportava os lugares mais caros do estádio: as cadeiras especiais de cor amarela, os camarotes e os lugares não compráveis na tribuna de honra com cadeiras vermelhas e a tribuna de imprensa. À tribuna de honra, somente convidados tinham acesso e, à tribuna de imprensa, somente os profissionais do meio jornalístico. Além disso, havia as cadeiras perpétuas que foram adquiridas, antes mesmo da construção do estádio, por intermédio da compra de títulos vendidos para se levantar fundos e que se tornaram propriedade das pessoas que as compraram na época. Estes lugares só podiam ser vendidos, emprestados ou herdados dessas pessoas e permitiam acesso a todos os eventos no Maracanã. O mesmo valia para as cadeiras cativas, sendo que elas foram vendidas, somente após a construção do Maracanã. Apenas as fileiras mais próximas ao campo não foram alcançadas pela marquise, o restante ficou coberto.

Todo o resto do anel superior atrás dos gols e na lateral leste foi chamado de arquibancada, capaz de comportar 120.000 mil pessoas sentadas, em 48 degraus de cimento, sem cadeiras, ao longo de uma área de 25.774m². Esses eram os lugares sentados mais baratos, sendo que muitas pessoas passaram a assistir os jogos em pé. Excetuando-se as filas mais próximas ao campo, todos os lugares foram protegidos pela marquise, que apresentava uma área de 25.200m² e um peso de 96,5t, igual ao setor

mais caro anteriormente descrito. O ponto mais alto da arquibancada media 23m. Um ingresso para a arquibancada permitia a livre escolha de lugar no setor, assim como ocorria na geral, diferentemente nos outros setores.

O perímetro externo do estádio era de 944m e a altura máxima de 32m. Foram colocados 3 placares manuais à beira da arquibancada com relógios e uma iluminação de quase 20.000 lâmpadas. A área ocupada pelo estádio é de 86.283m². Para construir este gigante foram usados 500.000 sacos de cimento, 10.000t de ferro, 80.000m³ de concreto e 45.000m³ de areia (Baêta Neves, 1982, 54, Guedes, 1977, 20-21, Sergio, 2000, 72 -73, Vieira, 2000, 36-47).⁸

Tabela 2: Ingressos no Maracanã

	1950	1974	2000	2009	05.09.2010
Geral	Cr\$15	Cr\$5	R\$1 - 3	-	-
Cadeira Comum	Cr\$70?	Cr\$35	R\$5	R\$20	Fechada (Obras)
Arquibancada	Cr\$30	Cr\$15	-	-	-
Verde	-	-	R\$10	R\$30	R\$40
Amarela	-	-	R\$15	R\$30	R\$40
Branca	-	-	R\$25	R\$40	R\$50
Cadeira Especial	Cr\$140	Cr\$75	R\$120?	R\$120	R\$150
Camarotes	Cr\$600 (5 pessoas)	Cr\$175	R\$150.000 (20 lugares) – R\$290.000 (25 lugares)	Sem informação	Sem informação
Salário Mínimo	Cr\$380	Cr\$377	R\$136	R\$465	R\$510
Fontes	MOURA, 1998, p. 67	GUEDES, 1977, p.20	LEITÃO, 2000, p.207	Fim de Jogo	Fim de Jogo

Observações: as informações nem sempre são completas. Leitão descreve para a década de 1990 grandes oscilações nos preços por causa de promoções, o mesmo ocorre em outras épocas. Três dados são importantes: 1. O sumiço da Geral, 2. A fragmentação da arquibancada e 3. A inversão de valor entre cadeira comum e arquibancada.

O projeto arquitetônico do Maracanã criou a ilusão da não separação das classes e de uma sociedade não hierarquizada. As principais características ideais, portanto, desse tipo de estádio são: instalações esportivas somente para a prática do futebol,

⁸As descrições nas fontes consultadas não são muito claras porque não havia preocupação com uma descrição exata, provavelmente porque não contavam com as mudanças arquitetônicas. Tentei reconstruir a distribuição dos lugares. Tenho principalmente dúvidas sobre a localização das cadeiras perpétuas e cativas e dos camarotes. Também não encontrei uma boa descrição dos camarotes que eram certamente bem diferentes de camarotes no ano 2009.

representação da nação e espaço para um grande público de todas as classes sociais num espaço que pretendia apagar as hierarquias.

Enquanto Bale (1993) propõe que a tendência da evolução dos estádios é em direção a uma crescente divisão, hierarquização e, mais tarde, controle, racionalização e eficiência, a construção do Maracanã marca um movimento ao contrário. O estádio gigante brasileiro simboliza uma inclusão das massas, uma negação das hierarquias e cria um espaço pouco controlável. Parece que os seus idealizadores queriam construir um templo para a emoção nacional, negligenciando questões de segurança. A única medida de segurança foi um fosso entre campo e público, para impedir invasões.

O discurso dos realizadores do Maracanã foi muito eficiente, porque não só conseguiram implantar seu projeto e, portanto, ganhar a disputa, mas, além disso, conseguiram ofuscar a importância e validade dos argumentos da oposição. Enquanto os nomes dos aliados da situação Dutra, Mendes de Moraes, Barroso, Mário Filho, Lyra Filho e Vargas Netto são conhecidos até hoje, os nomes da oposição foram esquecidos. O único representante da oposição lembrado é Carlos Lacerda, que seria mais tarde governador do Rio de Janeiro.

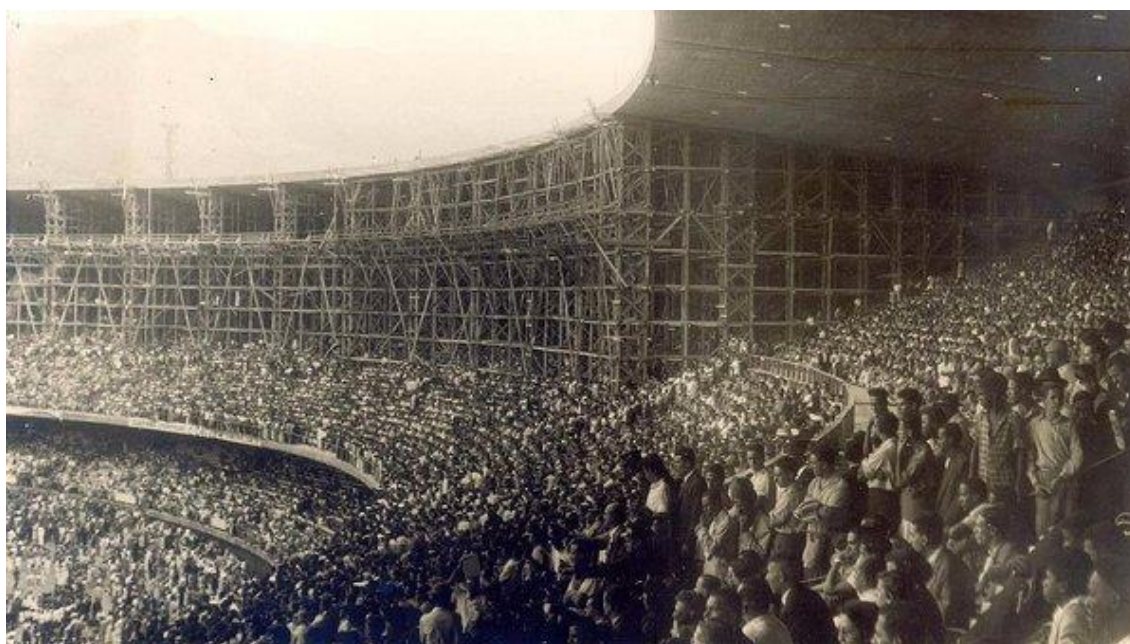


Foto 6: Primeiro jogo da Seleção Brasileira no Maracanã contra a seleção do México, realizada dia 24.06.50, válido pela Copa do Mundo desse mesmo ano.
Fonte: *Veja*, SUDERJ. Maracanã, um colosso improvisado. *Veja*, 30/07/2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/maracana-um-colosso-improvisado>

No dia 17 de junho de 1950, foi organizado um jogo entre as seleções de São Paulo e Rio de Janeiro, que oficialmente inaugurou o estádio, ainda estava em obras.

Uma semana depois, no dia 24 de junho de 1950, deu-se início à Copa do Mundo de 1950, com o jogo Brasil X México. As obras terminariam apenas em 1960.

A Copa do Mundo de 1950

A história da Copa do Mundo de 1950 mostra que a seleção brasileira fez uma campanha brilhante no Maracanã, chegando a ganhar de 7:1 da Suécia e de 6:1 da Espanha. Entretanto perdeu tragicamente o jogo decisivo contra o Uruguai 1:2, ficando apenas com o vice-campeonato. Esses acontecimentos, especialmente a partida final entre Brasil e Uruguai, se transformaram, no Brasil, em um mito nacional, que abandonou a esfera de fatos históricos. Aliás, como já discutido, a separação entre fato histórico e mito nunca será claramente definida, o que não representa nenhum julgamento qualitativo a favor de uma das duas categorias. Neste caso este fenômeno fica bastante nítido, porque é possível encontrar brasileiros contando a final e suas circunstâncias em detalhes, sem ter sequer nascidos na época. O jogo Brasil e Uruguai é contado e rediscutido em bares, entre amigos e estranhos, na televisão, nas famílias e em muitos outros lugares. Dessa forma a final de 1950 se torna um objeto fascinante de pesquisa.⁹

DaMatta (1982, p.21) escreve: “Neste sentido, sigo de perto aquela conhecida e profunda reflexão de Clifford Geertz (1973) segundo a qual o rito (e o drama) seriam um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria.” As narrativas sobre a Final de 1950 no Brasil são essas histórias que o Brasil conta sobre si mesmo. Segundo a conclusão de DaMatta (1982) e Geertz (1973), é ofício do antropólogo analisar essas histórias.

Geertz (1973/1989, p.210) usa como exemplo as brigas de galo observadas em Bali. O antropólogo propõe que essas brigas sejam lidas e compreendidas como se fossem um texto. Ou seja, o próprio rito é compreendido como um mito que pode ser lido. Isso remete à análise estrutural dos mitos de Lévi-Strauss, sendo que Geertz (1989) critica sua metodologia (1973) numa nota, porque, segundo Geertz, Lévi-Strauss analisa apenas as estruturas internas e não seu significado simbólico. Outra crítica vem de Leach (1970, p.59), que rejeita a ideia que os mitos tenham alguma essência universal.

⁹ A ideia deste capítulo surgiu em consequência a palestra da minha colega Leda Maria da Costa no dia 06.04.2009 na UFF. Título da apresentação: A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo.

A ideia aqui apresentada é, portanto, a análise estrutural e de significados do mito “Copa 1950”. Mito entendido aqui como uma narrativa baseada em fatos históricos, que ao ser frequentemente narrado passa por transformações e reelaborações. Dessa forma, os mitos têm a função de passar uma mensagem importante de geração para geração. Esse processo sofre certas interferências e por isso aparecem variações do mito original. Por isso Lévi-Strauss (1973, p.237-265, 1976, p.121-151) diz que um mito tem segmentos que são facilmente reconhecíveis. Esses segmentos são intercambiáveis e novos incidentes seriam apenas variações dos já existentes. Portanto é necessário analisar o status das figuras do mito e suas relações, além dos incidentes pelos quais passam. Dessa forma, o pesquisador pode desenhar a estrutura do mito.

Isso deve ser feito em seguida com contos que tematizam a Copa de 1950. Foram escolhidos o conto de Pina (2006), que é uma historinha ilustrada para crianças com o título “E assim surgiu o Maracanã”, e o conto escrito por Perdigão (1986, p.23-32) intitulado “O dia em que o Brasil perdeu a copa”. Os dois contos configuram mitos porque se baseiam nos fatos ocorridos naquela copa, mas introduzem elementos inventados como, por exemplo, uma máquina de tempo na versão de Perdigão (1986). É importante destacar que a versão de Pina (2006) é um conto infantil, o que instiga a questão: Qual é a mensagem que os adultos querem passar para as crianças?

Nesta análise concordamos com Lévi-Strauss (1973) acerca da necessidade de se analisar a estrutura do mito, e também com Geertz (1989), de se analisar seu significado. Finalmente procuramos o significado brasileiro, ou seja, a sua perdulariedade, rejeitando a idéia de seu universalismo.

Começamos com a narrativa do conto de Pina (2006) que sugere uma ordem cronológica da ação. O resumo da narrativa segue na ordem de seus elementos:

- *Crise*: Um pai, mestre de obra, fica desempregado, o que desestabiliza a sua família: esposa do lar tem de assumir bicos, o filho, herói da história, e a filha, que é uma espécie de coadjuvante e mensageira.

- *Glória*: O pai consegue emprego na obra do Maracanã, que é glorificado. Ele assume uma posição respeitada. Neste momento são citados os nomes dos dirigentes: presidente Dutra, prefeito Mendes de Moraes, vereador Ary Barroso e do jornalista Mário Filho.

- *Rito de transformação*: O filho vê o primeiro jogo no Maracanã, disputado entre os operários, com portas fechadas, no dia antes da inauguração oficial. O Maracanã que antes pertencia aos dirigentes, agora é do povo.

- *Fracasso*: O pai consegue, por causa da sua posição, ingressos para a família toda que vai assistir à final Brasil X Uruguai. O uruguaio Ghiggia supera o goleiro brasileiro Barbosa e marca o gol da vitória. O uruguaio Obdulio recebe o troféu de campeão do mundo. Os brasileiros ficam arrasados.

- *Dívida*: O filho se sente culpado e promete que o Maracanã vai trazer ainda alegrias. Em 1969 leva seu próprio filho para ver Brasil X Paraguai 1:0, gol de Pelé. O Maracanã foi rebatizado de estádio Mario Filho, que é a única pessoa com poder de decisão que reaparece.

A narrativa de *Perdigão* (1986) oferece os mesmos elementos, mas com uma variação, porque quebra a ordem cronológica da ação, simulando a busca pelo motivo da dívida, que se torna o começo e não o fim da narrativa. Vejamos:

- *Dívida*: O filho, herói da história, reflete sobre o sentimento de culpa que carrega consigo desde a final de 1950. Ele quer pagar a dívida e viaja com uma máquina de tempo de volta ao dia 16 de julho de 1950, dia da final.

- *Glória*: O filho pega um táxi para o Maracanã, que é descrito pelo taxista como glorioso e palco da vitória. Pela última vez no conto é citado o nome do dirigente Vereador Ary Barroso e tocada uma música como referência ao presidente.

- *Rito de transformação*: O filho chega do futuro ao estádio e se vê como criança com seu pai, sua mãe e sua irmã, representantes do povo (na introdução descreve o pai como homem de negócios, a mãe do lar e a filha como coadjuvante). O prefeito Mendes de Moraes entrega o estádio à seleção. O Maracanã, que era dos dirigentes, é agora do povo.

- *Crise*: O filho tem a missão de evitar a derrota e por isso invade o campo. Ele consegue entrar no gramado no momento do gol do brasileiro de Friaça, porque o guarda, enquanto comemorava, deixara de prestar atenção ao seu redor. O filho fala com os jornalistas atrás do gol que não entendem que ele é do futuro e que a tragédia seria iminente.

- *Fracasso*: Sem outra opção, o filho avisa o goleiro brasileiro Barbosa no grito. O grito distrai Barbosa e o uruguaio Ghiggia marca o gol da vitória. Os brasileiros ficam arrasados. A culpa é do filho.

Estas são duas variações do mito da final da Copa de 1950 que os brasileiros contam para si mesmo. Os elementos são reconhecíveis e se mostraram intercambiáveis, mas um padrão se repete: o fracasso ocorre depois da glória. Entre um e outro há sempre um rito de transformação. Este padrão é o oposto de um drama como, por exemplo, descrito por Magnani (1984, 88) no qual a Glória vem após o Fracasso. Tanto no livro de Pina quanto no conto de Perdigão, as dificuldades não são resolvidas, mas agravadas. Isso faz com que o filho, que nas duas versões é o personagem principal, não se torne um herói, mas um derrotado. Como explicar este mito do fracasso?

Para responder essa pergunta precisamos seguir Lévi-Strauss (1973) e analisar a estrutura de status e relações das figuras envolvidas. Num primeiro momento isso parece complicado porque são inúmeros os personagens: 11 jogadores brasileiros, 11 jogadores uruguaio, 200.000 espectadores, um exército de operários e os dirigentes, responsáveis pela construção do Maracanã. “[...] o número das funções é admiravelmente pequeno, comparado ao número muito elevado dos personagens [...]” (PROPP, 1958; Apud, LÉVI-STRAUSS, 1976, p.123). Depois de uma análise fica nítido que todos esses grupos estão representados por certas figuras cujas relações são claras.

Há dois eixos principais: 1. Nós (Brasil) e os outros (Uruguai); 2. Dirigentes e o povo (representado pela família). O drama se desenrola entre estes personagens.

Primeiramente, chama a atenção o fato de que enquanto há uma infinidade de personagens brasileiros, os outros são representados pelo Uruguai. Os personagens centrais são Ghiggia e Obdúlio, descritos muito superficialmente. Eles não são descritos nem como vilões, nem como heróis: “A bola chutada por Ghiggia ainda balançava as redes” (PERDIGÃO, 1986), “Ghiggia, numa jogada genial, chuta a bola entre a trave e o goleiro Barbosa.” e “Os campeões receberam a tão cobiçada taça Jules Rimet e, com ela nas mãos, o capitão uruguaio, Obdúlio Varela, seguiu à frente do time, dando a volta olímpica no campo.” (PINA, 2006). Não há uma menção desses personagens antes daquelas frases, passando a impressão de que eles não representam apenas o Uruguai, mas todos os outros países. Tanto que o Uruguai não tinha nenhum significado maior para os brasileiros antes desta copa. Os brasileiros gostam de se referir ao exterior como

sendo o ‘lá fora’ em oposição ao Brasil. Ghiggia e Obdúlio representam este ‘lá fora’, que não é descrito como inimigo. O inimigo se encontra no próprio Brasil.

Por isso existem dois grupos no Brasil. Um é o dos dirigentes representado pelo presidente Dutra, pelo prefeito Mendes de Moraes, pelo vereador Ary Barroso e pelo jornalista Mário Filho¹⁰. Estes são responsáveis por construir as condições de um país glorioso, moderno e vencedor. Eles trouxeram a copa do mundo para o país e construíram o Maracanã para servir de palco da vitória. Cumprido este seu dever, dependem da seleção para ganhar a copa. Os dirigentes não podem entrar em campo. Por isso é necessário educar ou animar os representantes do povo para que também cumpram seu dever.

Do outro lado, está o povo brasileiro, representado nos dois contos através de uma família exemplar: Pai – provedor, mãe – dona de casa, filho – papel principal e filha – coadjuvante. Os papéis de cada um são muito bem descritos, ao contrário dos uruguaiois. A situação descrita por Pina (2006), em que o pai deve gratidão aos idealizadores do Maracanã, porque proporcionaram-lhe a oportunidade de emprego, é significativa. Dessa forma, o pai representa todos os operários que, enquanto representantes do povo, são descritos como devedores.

A seleção brasileira é descrita como mais um representante do povo, mas somente surge após o rito de transformação, o que é um dado importante. A seleção na verdade ocupa uma posição híbrida, em termos de Lévi-Strauss (1973, p.260), um “mediador”, como Cinderela. Jogadores famosos não são facilmente acessíveis a cidadãos normais, algo que pode ser percebido na cena em que o filho precisa passar pelo guarda para poder entrar em campo e gritar para Barbosa. Entretanto, os jogadores também não fazem parte dos dirigentes. Suspeitamos que, no caso de uma vitória, eles teriam sido colocados ao lado dos dirigentes e o jogador exemplar teria sido Mestre Ziza ou Ademir. Mas depois da derrota, a seleção representou o povo devedor que não consegue cumprir seus deveres. O personagem principal é o goleiro negro Barbosa, algo como um “Cinderelo” às avessas.

Por isso, o rito de transformação é tão importante, pois simboliza a passagem do Maracanã e seu vínculo com os dirigentes, para o Maracanã vinculado ao povo. Nas duas versões os nomes dos dirigentes só aparecem até o rito de transformação e depois

¹⁰João Lyra Filho é outro dirigente da obra. Guedes (1998, p.19-38) retrata a sua atuação como dirigente político e esportivo, além de escritor. Na opinião da antropóloga há uma vocação civilizatória da elite brasileira que se sente na obrigação de educar o povo. A observação se encaixa bem na presente argumentação.

são desvinculados da tragédia. Apenas o nome de Mário Filho reaparece no conto de Pina (2006), mas isso ocorre na última cena da vitória do Brasil sobre o Paraguai, ou seja, no momento da glória. Aliás, na mesma página em que essa cena é descrita, surge Pelé, também conhecido como Rei, uma espécie de dirigente, ao contrário de Barbosa. A moral da história é que brasileiro nasce devedor e nem a máquina de tempo pode inverter esta situação.

Voltando para os fatos históricos, vale mencionar que este jogo de operários, que é o rito de transformação na versão de Pina (2006), de fato aconteceu. Vieira (2000, p.37) documenta o jogo até com uma foto na qual aparece, no meio dos operários, o coronel Herculano Gomes, presidente da ADEM – administração do Maracanã – em primeiro plano. É interessante observar que Herculano foi o dirigente mais punido deste episódio, sendo obrigado a se defender pelo resto da vida da acusação de ter desviado dinheiro durante as obras do Maracanã. Ele estaria, no momento do rito de transformação, do lado errado?

Essa estrutura explica porque os uruguaios foram tão negligenciados. O drama não ocorre com eles. É um drama unicamente brasileiro. A partir desta análise pode se continuar a refletir sobre o significado do mito. Por que uma população precisa contar sobre si mesma uma história de devedores? Quem ganha com isso?

O mito é um mito de união que mostra a existência de um outro contra o qual é possível perder, sendo que para se evitar essa derrota é necessário que se siga um líder em união. É preciso seguir esse líder porque lhe devemos. Essa seria uma explicação bastante racional no caso de um país das dimensões do Brasil, que sempre teme dividir-se em partes, como ocorreu com as colônias espanholas. Não é sem motivos que o Brasil tem muito mais conflitos no seu interior, como por exemplo, as guerras de Canudos e Farroupilha além da violência urbana atual, do que outros países. A força ameaçadora é a desunião, que mora no interior.

Além disso, o mito transmite uma clara descrição das hierarquias não só entre dirigentes e povo, mas também dentro das famílias e, portanto, entre os sexos e gerações. Para o funcionamento de uma sociedade hierárquica é fundamental que os oprimidos se sintam devedores, gerando uma culpa que os impede de se rebelarem contra o padrão.

Perdigão (1986) termina a sua versão da seguinte forma: “O Uruguai não derrotou o Brasil na Copa de 50. Eu derrotei o Brasil! Eu, somente eu, fui responsável pelo gol de Ghiggia!”. Ele é devedor, e continua devedor, mesmo depois de ter pegado

uma máquina do tempo para intervir e evitar a derrota. Nem a iniciativa e boa intenção evitaram a dívida.¹¹

Dessa forma o futebol não é tão democrático e igualitário como Da Matta suspeita:

É que as nossas elites, eu presumo, não estão acostumados a jogar. Ao contrário, elas odeiam o jogo. Por que? Porque certamente o jogo significa basicamente ter de se submeter a regras que valem para todos. Realmente, o ponto crítico e traço distintivo do jogo é a noção fundamental das regras para todos e uma aceitação da ideia de justiça (que legitima o perdedor e o ganhador) e individualidade (quem perde é você, não a sua classe, família ou segmento social) (DAMATTA,1982, p.16).

Ao que parece, as elites criaram mecanismos para lidar com a imprevisibilidade do esporte.

Voltando a Lévi-Strauss (1973, p.237-265), que sustenta que os mitos transmitem as contradições do comportamento humano nas suas estruturas binárias, podemos observar no mito da Copa de 1950 o esquema binário entre a glória máxima e o fracasso total. Somente a glória exagerada pode levar à queda brutal que foi descrita, extremos que estão ligados a emoções extremas, que por sua vez precisam ser mostradas. Os personagens do mito são sempre incentivados a mostrar suas emoções seja alegria ou tristeza. Podemos suspeitar de uma obrigação de se mostrar emoções, no sentido de Mauss (2001, p.325-335).

Emoções, a hierarquia e o sujeito devedor são os elementos centrais do mito da Copa 1950 que tem ainda outras versões que permitem aprofundar a análise, tais como as de Nogueira, Soares, Muylaert (1994), 'Barbosa' de Muylaert (2000), Obdulio e o complexo vira-lata em Nelson Rodrigues (1993, p.51 -52), o ponto de vista de Mário Filho (1994, p.222-225) e José Lins do Rego (2002, p.125). Segundo Lévi-Strauss (1973) são todas variações do mito central.

O Maracanã entre 1950 e 2007

Nas minhas entrevistas com torcedores no Maracanã sobre o significado deste estádio escutei várias vezes frases como "O Maracanã é o palco das glórias do Brasil". Esta percepção aparenta ser estranha, em um primeiro momento, tendo em vista a derrota na final da Copa do Mundo 1950. Os títulos dos livros que comemoraram os 50

¹¹Guedes tem um estudo sobre ONGs de ex-jogadores de futebol no Brasil. Ela observa que estes ex-jogadores tendem a argumentar que querem retribuir à sociedade o que receberam, ou seja, querem quitar uma dívida. Comunicação verbal.

anos do Maracanã em 2000 indicam uma percepção parecida: “50 anos de glória” (Sérgio, 2000) e “Templo dos Deuses Brasileiros” (Vieira, 2000). Quem são os deuses e quais as glórias? O livro de Leitão (2000) tem como subtítulo “Da tragédia à glória” indicando que foi necessária a busca por glórias no período após a Copa do Mundo de 1950, evento que durou 3 semanas com os seguintes jogos:

Tabela 3: Os jogos da Copa do Mundo de 1950 no Maracanã.

Jogo	Data	Resultado	Público
Brasil x México	24.06.1950	4:0	81.000
Inglaterra x Chile	25.06.1950	2:0	30.000
Espanha x Chile	29.06.1950	2:0	20.000
Brasil x Yugoslávia	01.07.1950	2:0	142.000
Espanha x Inglaterra	02.07.1950	1:0	74.000
Brasil x Suécia	03.07.1950	7:1	138.000
Brasil x Espanha	13.07.1950	6:1	152.000
Brasil x Uruguai	16.07.1950	1:2	200.000 Oficial: 172.772
Total			837.000

Fonte: GAFFNEY, 2008, p.74

Depois deste evento especial, o estádio começou a ser usado para jogos locais e nacionais. O primeiro jogo aconteceu no dia 12 de agosto de 1950, entre Olaria e Fluminense (2x2), pelo campeonato carioca daquele ano, que foi também o primeiro jogo noturno do Maracanã (Leitão, 2000, p.29). A história do estádio foi em seguida dominada por jogos entre clubes brasileiros. Segue uma relação de alguns jogos importantes:

Tabela 4: Jogos importantes no Maracanã.

Jogo	Data	Resultado	Observações
Rio de Janeiro x São Paulo	17.06.50	1:3	Jogo inaugural, primeiro gol de Didi
Brasil x Uruguai	16.07.50	1:2	Final da Copa do Mundo 1950
Vasco x América	28.01.51	2:1	Primeira final de um campeonato carioca no Maracanã
Brasil x Chile	14.03.54	1:0	Eliminatórias da Copa de 54, primeiro jogo da seleção no Maracanã depois da Copa 50.
Vasco x São Cristóvão	27.10.56	12:2	Maior goleada
Brasil x Peru	21.04.57	1:0	Eliminatorias da Copa de 58, folha seca de Didi
Brasil x Inglaterra	13.05.59	2:0	Primeiro jogo da seleção depois da copa de 58. Destaque para Julinho Botelho que substituiu Garrincha

Fluminense x Santos	05.03.61	0:2	Gol de placa de Pelé.
Botafogo x Flamengo	15.12.62	3:0	Final do Carioca, considerado melhor jogo de Garrincha
Santos x Milan	16.11.63	1:0	Santos se torna bicampeão do mundial interclubes
Flamengo x Fluminense	15.12.63	0:0	177.020 espectadores
Brasil x Paraguai	31.08.69	1:0	183.341 espectadores, maior público oficial
Vasco x Santos	19.11.69	1:2	Milésimo gol de Pelé
Botafogo x Atlético Mineiro	15.12.71	0:1	Atlético primeiro campeão brasileiro
Brasil x Portugal	09.07.72	1:0	Final da Copa Independência (Mini Copa), Brasil campeão.
Fluminense x Corinthians	05.12.76	1:1, pênaltis	Invasão corintiana, estimados 76.000 corintianos assistem o jogo.
Flamengo x Vasco	03.12.78	1:0	Gol do Rondinelli, “deus da raça”, Flamengo campeão carioca.
Flamengo x Cobreloa	13.11.81	2x1	Primeira entre três partidas finais da Copa Libertadores, Flamengo campeão.
Flamengo x Vasco	01.12.81	2:1	Invasão de campo do torcedor Ladrilheiro, Flamengo campeão carioca.
Fluminense x Vasco	28.05.84	0:0	Fluminense campeão brasileiro
Brasil x Uruguai	16.07.89	1:0	Final da Copa América, Brasil campeão. Jogo preliminar entre Argentina e Paraguai pelo 3º Lugar com a presença de Maradona.
Brasil x Chile	03.09.89	1:0	Eliminatórias para a Copa 90, rojão estoura na área chilena e goleiro simula ferimentos.
Botafogo x Flamengo	21.06.89	1:0	Gol irregular por falta de Maurício, Botafogo campeão carioca.
Flamengo x Botafogo	19.07.92	2:2	Parte da arquibancada cai e mata 3 torcedores, Flamengo campeão brasileiro
Flamengo x Fluminense	25.06.95	2:3	Gol de barriga de Renato Gaúcho, Fluminense campeão carioca.
Botafogo x Santos	14.12.95	2:1	Botafogo se tornará campeão brasileiro no jogo seguinte no Pacaembu. A geral foi fechada.
Flamengo x Fluminense	20.01.99	5:3	Taça São Sebastião, reabertura da geral.
Vasco x Corinthians	14.01.00	0:0, pênaltis	Final Mundial Interclubes, Corinthians campeão, reabertura depois de obras que colocaram assentos nas arquibancadas.
Brasil x Bolívia	03.09.00	5:0	Último jogo da seleção antes das obras para os Jogos Pan-Americanos.
Vasco x São Caetano	18.01.01	3:1	Segundo jogo, após a queda do alambrado no primeiro jogo em São Januário. Vasco tetracampeão brasileiro.
Flamengo x Santo André	30.06.04	0:2	Final da Copa do Brasil, Santo André campeão. Confusão e pancadaria dentro e fora do estádio.
Brasil x USA	26.07.07	5:0	Final da competição feminina nos Jogos Pan-Americanos, ingressos esgotados.
Brasil x Equador	17.10.07	5:0	Primeiro jogo da seleção depois das obras para os Jogos Pan-Americanos
Fluminense x LDU	02.07.08	3:1, Pênaltis: 1:3	Final da Copa Libertadores, LDU campeão.
Flamengo x Grêmio	06.12.09	2:1	Flamengo Hexacampeão brasileiro.
	07.13		Copa das Confederações
	07.14		Copa do Mundo
	08.16		Jogos Olímpicos

Fonte: pesquisa própria em diversas fontes, especialmente Assaf & Garcia, 2008.

É difícil contar todos os jogos que aconteceram nos 60 anos de existência do Maracanã, entre 1950 e 2010. Podemos considerar, por ano, 40 jogos dos clubes Flamengo e Fluminense, que têm mando de campo neste estádio no campeonato brasileiro, mais 20 jogos no campeonato carioca. Além disso, existem jogos em campeonatos como Copa do Brasil, Copa Libertadores, Copa Sul-Americana, várias outras competições que não existem mais e jogos da seleção. Dessa forma, podemos calcular um mínimo de 70 jogos por ano, sem considerar jogos preliminares, de juniores etc. e sem considerar eventos extrafutebolísticos, como a visita do Papa ou shows de Frank Sinatra, Madonna ou Rolling Stones. 60 anos com 70 jogos por ano significaria a quantidade inacreditável de 4.200 jogos de futebol.

A lista anterior é uma escolha arbitrária, dando destaque a alguns jogos. A escolha foi feita baseada na literatura existente. Alguns dos jogos foram selecionados por conta de algum feito memorável no campo como, por exemplo, o milésimo gol de Pelé, vitórias de times brasileiros ou a apresentação de um show. Outros acontecimentos se referem aos espectadores, como recordes de público, a queda de parte da arquibancada ou modificações da Geral. A invasão de campo por um torcedor chamado “Ladrilheiro” (MATTOS, 2007, p.84-93) é destacada porque simboliza uma transgressão entre estes dois lugares. Neste momento, portanto, é necessário refletir sobre considerações teóricas acerca dos conceitos de espaço e lugar.

Goffman (2004) oferece uma descrição detalhada do lugar como palco das ações humanas do cotidiano. Ele chama este espaço de região, definida pelos limites da percepção visual e acústica (GOFFMAN, 2004, p.99). No nosso caso, estes limites de percepção são bem visíveis e a região é constituída pelo interior dos estádios.

Tuan (1983) completa esta descrição com os conceitos espaço e lugar. “‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p.6). O conceito abstrato do espaço do “jogo de futebol” é muito mais do que a região do interior do estádio. O espaço começa com o transporte (ruas, trens, estações, estacionamento), inclui as vias de acesso, as bilheterias, os bares e outros lugares de encontro nos arredores, os banheiros, as lanchonetes no estádio e até os preços de ingresso. Ao contrário disso, o lugar é um conceito muito mais pessoal que se refere ao caminho para um ponto no estádio com o qual o torcedor tem uma relação emocional e significativa.

Em outro momento Tuan (1980) trabalha com o conceito da topofilia, que é “o elo afetivo entre pessoa e lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p.5). De uma certa forma a topofilia transforma o espaço em lugar. O conceito é importante porque seguindo Bale (1993) a topofilia e seu oposto, a topofobia, são emoções fracas, mas podem levar a um ativismo concreto. No caso da topofilia estas ações podem ser um cuidado especial ou a defesa do estádio, se este for ameaçado. No caso da topofobia estas ações podem ser a de se evitar o estádio ou tentar atacar e destruí-lo.

Voltemos para Goffman (2004) e a sua descrição do lugar do comportamento humano, comparado ao teatro. Usando essa metáfora, o autor divide o teatro em palco, lugar da ação, platéia, lugar dos espectadores, bastidores, lugar de preparação dos acontecimentos no palco e invisível para o público, e os arredores fora do teatro, lugar dos excluídos (GOFFMAN, 2004, p.99-128).

Aplicando esta divisão para o nosso caso – um estádio de futebol –, seriam as arquibancadas, tribunas e gerais a platéia, o campo o palco, os vestiários os bastidores e os arredores o lugar fora do estádio. Porém, a análise mostra uma peculiaridade do estádio, dentro do qual os torcedores se manifestam de tal maneira que a platéia se torna ela mesma palco ou pelo menos parte dele. Nesse caso, a plateia é difusa: podem ser os jogadores, que podem ser influenciados pelas manifestações dos torcedores ou a torcida do time adversário ou os espectadores da televisão. Podemos formular uma questão interessante para nossa pesquisa: Na percepção do torcedor, para qual plateia ele atua?

Os túneis, escadas e demais áreas, como as lanchonetes e banheiros em baixo das arquibancadas, podem ser entendidos como bastidores para a apresentação dos torcedores. Aí podem preparar as bandeiras, reabastecer e falar de uma forma menos tensa com amigos. Finalmente existem as pessoas que não conseguiram ingressos e ficaram de fora do estádio. Seguindo Goffman (2004) esses arredores estão separados do interior por uma fachada que, muitas vezes, recebe um cuidado especial para representar os acontecimentos interiores, sem mostrá-los. Essa fachada oferece a possibilidade de manipulação ao sugerir algo melhor ou mais bonito, do que o interior de fato oferece (GOFFMAN, 2004, p.124).

A grande maioria dos estádios não tem uma fachada bonita. De fora se vê muitas vezes parte dos bastidores, ou seja, as escadas e lanchonetes, ou simplesmente um muro que simboliza a exclusão, como é o caso do Maracanã. Arquitetos dão mais valor às arquibancadas no interior do estádio, frequentemente considerando que as arquibancadas só ficam realmente bonitas quando estão totalmente tomadas por

torcedores. Estádios com fachadas bonitas, como a Arena da Copa de 2006, em Munique, ou o estádio olímpico, em Pequim, para a Olimpíada de 2008, são uma novidade da era do marketing dos megaeventos. Podemos suspeitar que as arquibancadas dos torcedores perderam importância em favor da fachada. Ficou nítido que um estádio é composto de diferentes lugares, que possuem significados distintos que podem se manifestar inclusive na arquitetura.

Portanto, a maioria dos acontecimentos-chave do Maracanã listados se referem aos eventos no palco do campo. Para continuar na linguagem do teatro sugerida por Goffman (2004) e que combina bem com o conceito da teatralidade proposta por Bromberger (1995), temos como elencos principais a seleção brasileira e os times cariocas Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco da Gama. Os últimos dois têm estádios próprios – no caso do Botafogo, vamos discutir esta questão mais profundamente num capítulo posterior – onde disputam a maioria dos seus jogos com mando de campo. Apenas jogos especiais, com um significado maior, são disputados no Maracanã. Por outro lado, os times do Flamengo e Fluminense podem ser considerados elencos da casa, e o mesmo se pode dizer em relação à seleção brasileira, pelo menos durante a copa de 1950.

É importante chamar a atenção para o fato de que os jogos possuem diferentes valores devido aos seguintes fatores:

- O nível de competição
- O valor do elenco
- O valor do local.

O conceito de “instituição zero” de Guedes (1977) é bastante útil nesta discussão, porque deriva da noção de “mana”, um significante que aparentemente não tem valor nenhum, mas quem consegue acumular mais, tem seu poder aumentado. Dessa forma o conceito é similar ao conceito “capital simbólico” de Bourdieu (2006). É possível propor que não apenas pessoas, mas também construções arquitetônicas, e até jogos de futebol, podem acumular capital simbólico. Estamos falando de um tema clássico da antropologia: a troca. O fascinante é que esta troca não se dá entre pessoas e receptores humanos, mas entre o estádio e o jogo.

Vamos observar o primeiro fator de valorização: o nível de competição. Percebem-se os seguintes níveis: profissional ou espetacularizado com os subníveis mundial, continental, nacional, local e amador com os subníveis comunitário, bricolado e escolar. Nesta descrição é usada uma ampliação do esquema das matrizes

futebolísticas desenvolvida por Damo (2007). Pretende-se propor neste trabalho que nível escolar possui o menor valor e o nível mundial o maior.

O nível escolar é o futebol jogado como parte da educação física em instituições de ensino e foge do código binário ganhar/perder (LUHMANN, 1997) comum ao esporte. Na verdade este nível faz parte do sistema da saúde e segue o código saudável/doente. Esta não participação do campo esportivo é o motivo de seu baixo valor. A matriz bricolada é o futebol informal jogado por amigos na rua, na praia ou em outros campos irregulares e seguindo regras adaptadas ao local e circunstâncias. No Brasil esta matriz se chama muitas vezes “pelada”. Mesmo que neste nível seja mais importante participar do que ganhar, o código ganhar/perder já está sendo acionado. No nível comunitário se enfrentam equipes com certo grau de organização, que pode ser até semiprofissional. As equipes têm nome, escudo, uniforme e os campeonatos um estatuto, entretanto não são reconhecidos pelas federações oficiais de futebol como CBF e FIFA.

Equipes desses três níveis amadores dificilmente conseguem acesso ao Maracanã ou outro estádio. Para eles um campo de gramado sintético, nivelado e com linhas retas já é algo especial. Muitas vezes jogadores amadores costumam ser denominados genericamente de peladeiros. Entretanto, a denominação peladeiro se transforma em categoria de acusação, caso aplicada a um jogador profissional.

Diferentemente desse cenário, todos os jogadores profissionais são reconhecidos pelas federações de futebol e se apresentam em estádios. Nesse caso, o tipo de estádio se torna importante. Em nível local, um jogador do Madureira EC, por exemplo, joga normalmente no pequeno estádio do clube num subúrbio, e somente de vez em quando lhe é concedido o direito de jogar no Maracanã. Essas ocasiões ocorrem quando seu time joga contra um clube grande, como Fluminense ou Flamengo, ou quando chega às finais do campeonato carioca, que é uma ocasião especial com valor elevado. Ou seja, conectado ao Maracanã está a idéia “aqui só jogam os melhores”, seja clubes que chegam a alguma final ou clubes reconhecidos. Dessa forma, o clube, os jogadores e/ou a ocasião dão ao Maracanã valor e o Maracanã dá valor ao clube, aos jogadores e/ou à ocasião.

Esse valor aumenta com o nível do futebol profissional. Enquanto os campeonatos locais entre times de uma mesma região têm o menor valor no nível profissional, os jogos de competições mundiais têm o valor maior. Os campeonatos nacionais e continentais ficam em uma posição intermediária. No campeonato brasileiro

e na Copa do Brasil se enfrentam supostamente os melhores times e jogadores do Brasil, na Copa Libertadores e Sul-Americana os melhores do continente latino-americano e na Copa do Mundo e Mundial Interclubes, os melhores do mundo.

Dentro dessas competições existe também uma hierarquia. A final de uma competição vale mais do que os outros jogos, o que faz com que não apenas o estádio ganhe valor com o jogo, mas alguns jogos necessitem de um lugar adequado para serem valorizados. Por isso, o Santos jogou alguns jogos, na década de sessenta, nos quais tinha mando de campo, não no seu próprio estádio Vila Belmiro, mas no Maracanã, como ocorreu na final do Mundial Interclubes 1963, uma competição mundial. Ou seja, não somente o nível de competição dá valor ao jogo, mas também o lugar. É uma troca de valor simbólico.

O Maracanã tem, dessa forma, no seu currículo jogos de ponta do campeonato carioca desde 1950, jogos do campeonato brasileiro ininterruptamente desde 1971, duas finais de Copa Libertadores, uma final da Copa América, uma final de um Mundial Interclubes e uma final de Copa do Mundo. Esta última configura o valor máximo, porque nela se encontram os melhores jogadores do planeta e somente 17 estádios do mundo já foram palco de uma final de Copa do Mundo. Em 2014, o Maracanã se tornará o segundo estádio ao lado do Azteca, no México, a hospedar duas finais de Copa do Mundo.

Essa troca de valor não acontece apenas entre times e estádio, mas também entre jogadores e estádio. Tanto Máximo (2000) quanto Vieira (2000) fazem questão de citar os principais jogadores que já atuaram no Maracanã e suas fichas curriculares: Pelé, Garrincha, Zizinho, Didi, Nilton Santos, Tostão, Rivelino, Socrates, Zico, Romario, Beckenbauer, Bobby Moore, Platini, Obdulio Varela, Di Stefano, Maradona, Puskas. Parece a listagem de grandes cantores de uma casa de ópera. A Scala de Milão tem reputação porque Maria Callas cantou lá, e Maria Callas tem reputação porque cantou na Scala. O mecanismo é igual no caso do Maracanã. Em entrevista, o ex-jogador do Flamengo e da seleção brasileira Júnior disse-me: “A carreira de um jogador não é completa se ele não jogou no Maracanã”.

Dessa forma, jogadores, times e estádios formam um círculo de troca que no caso do Maracanã aumenta reciprocamente o valor simbólico dos envolvidos: “(...) o meio ambiente construído define as funções sociais e as relações. As pessoas sabem melhor quem elas são e como devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não quando o ambiente é a própria natureza” (TUAN, 1983, p.114). Isso vale

especialmente para os jogadores que percebem seu status na carreira através do estádio onde jogam e podem converter o valor simbólico acumulado em capital econômico.

Porém, o círculo de troca *jogadores – times – estádio* ainda não está completo. No caso do futebol, temos como característica o fato de a plateia, ou seja, os espectadores fazerem parte do espetáculo. Por ter recebido os maiores públicos da história mundial, o Maracanã teve seu valor aumentado. E, nesse caso, ocorre a mesma reciprocidade: a massa de torcedores dá valor simbólico ao Maracanã, mas o Maracanã dá também valor simbólico ao torcedor. Tanto que o estádio é um dos principais pontos turísticos da cidade e oferece visitas guiadas durante a semana para aqueles que não conseguem ver um jogo. Ou seja, o valor do estádio é tão alto que ele é visitado, mesmo vazio. Um atrativo chave para os turistas é o fato de o Maracanã ser considerado o maior estádio de futebol do mundo.

Tabela 5: Os maiores públicos no Maracanã.

Jogo	Data	Público
Brasil x Paraguai	31.08.69	183.341
Flamengo x Fluminense	15.12.63	177.020
Flamengo x Vasco	04.04.76	174.770
Brasil x Paraguai	21.03.54	174.559
Brasil x Uruguai	16.07.50	173.850 ¹²
Fluminense x Flamengo	15.06.69	171.559
Flamengo x Vasco	22.12.74	165.358
Flamengo x Vasco	06.12.81	161.989
Flamengo x Vasco	06.05.73	160.342
Botafogo x Flamengo	22.06.79	158.477
Flamengo x Fluminense	16.05.76	155.116

Fonte: MÁXIMO, 2000, p.145

Neste momento, é necessário tecer algumas considerações sobre os arredores. É bastante difícil avaliar até que ponto o Maracanã alterou o bairro ao seu entorno e se isso significou uma valorização ou desvalorização. Podemos ver em fotos da época da construção que as casas nesta área eram casas de família, que praticamente sumiram. A área continua sendo um bairro de moradia, mas predominantemente de prédios com dez

¹² Notar que Gaffney (2008) informa 172.772 espectadores.

ou mais andares. Houve uma expansão do mercado imobiliário e o bairro que era em 1950 de classe média alta, continua a ter o mesmo status.

Com o Maracanã a área ganhou principalmente fama e um equipamento esportivo. O Maracanã não é só um estádio, mas um complexo esportivo composto pelo ginásio poliesportivo Maracanãzinho, para Basquete, Vôlei e outras modalidades, pelo parque aquático Júlio Delamare e pelo estádio de atletismo Célio de Barros. Ao redor dessa área há uma calçada com pista de corrida e equipamentos de ginástica para uso público. Além disso, existe a escola pública Arthur Friedenreich dentro do complexo Maracanã. O bairro já estava conectado com a linha do trem, mas ganhou também uma estação de metrô Maracanã.

Durante a construção do Maracanã se formou a Favela do Esqueleto, localizada ao norte da obra e que servia de moradia para operários. Essa favela não existe mais e no seu lugar foi construída a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) que é certamente a segunda obra de destaque no bairro, depois do Maracanã.

O bairro ganhou reputação e infraestrutura, mas ao mesmo tempo convive com os males que essas construções trazem consigo. Pelo menos uma vez por semana há um jogo de futebol de grande porte na vizinhança, o que significa um aumento de trânsito, portanto engarrafamento e falta de estacionamento, barulho e distúrbios. As outras praças esportivas e a universidade multiplicam este efeito. Uma massa de pessoas é um incômodo porque provoca brigas e danos materiais. É difícil medir ganhos e perdas. Seria interessante pesquisar quantas pessoas se mudaram do bairro por causa do Maracanã e quantos nele chegaram.

Mudanças no século XXI

Acabamos de ver que o Maracanã tem uma conotação amplamente positiva, sendo frequentemente descrito como “o templo dos deuses brasileiros”, “o palco das glórias do Brasil” ou o lugar onde “todos são iguais”. Vimos como essa construção conseguiu, no decorrer da sua história, aumentar seu valor simbólico. Hoje o significado do Maracanã é imenso para a população carioca e brasileira. Um dos motivos para isso é que ele é considerado “o maior do mundo”, no sentido que teve a maior capacidade de público do mundo. Ou seja, esta descrição se refere à última parte da metáfora do teatro de Goffman (2004): a plateia. Esta sofreria mudanças significativas a partir da última década do século XX. O jornal *Lance!* publicou em 2001 dados que mostram que a capacidade do Maracanã e de outros estádios brasileiros diminuiu drasticamente.

Tabela 6: Capacidade de estádios brasileiros.

Estádio	Cidade	Capacidade na época da construção	Capacidade em 2001
Maracanã	Rio de Janeiro – RJ	200.000	122.000
Morumbi	São Paulo – SP	140.000	60.000
Mineirão	Belo Horizonte – MG	130.000	39.536
Castelão	Fortaleza – CE	120.000	40.000
Fonte Nova	Salvador – BA	110.000	44.000
Beira Rio	Porto Alegre – RS	105.000	26.970
Arruda	Recife – PE	90.000	29.266
Olímpico	Porto Alegre – RS	85.000	30.221

Fonte: *Lance!*: Enciclopédia do Futebol Brasileiro 2, 2001, p.469

Depois da última obra no Maracanã para os Jogos Pan-Americanos 2007, a capacidade foi ainda mais reduzida para 80.000. Chegou-se mesmo a propor a demolição do estádio. Em 1998, o técnico do Santos, Emerson Leão, exigiu a implosão do Maracanã, reforçando uma fala do ex-presidente da FIFA, João Havelange (LEITÃO, 2000, p.219), que iria ser repetida pelo presidente da CBF, Ricardo Teixeira, em 2004 (GAFFNEY, 2008, p.105). Mas parece que o valor simbólico do Maracanã é tão grande que esses planos não se realizaram. O que então levou a essas mudanças e discursos?

Questões de violência e segurança acompanham o futebol praticamente desde a sua chegada ao Brasil, entretanto elas não estão presentes nos discursos da época da construção do Maracanã. Na década de 1990, houve dois incidentes graves no Brasil que mudaram esta percepção.

Pode ter sido dia de festa para a família rubro-negra, mas para outras famílias – dos dois torcedores que morreram e dos quase cem que ficaram feridos quando a grade da arquibancada se rompeu – foi o dia mais trágico dos cinquenta anos de Maracanã. Era domingo, 19 de julho de 1992, e o Flamengo conseguiria, ao empatar em 2:2 com o Botafogo, o título de campeão brasileiro. Meia hora antes de os times entrarem em campo, o desastre: pressionada pelo bolo de torcedores que se aglomerava no primeiro degrau, a grade podre, enferrujada, pedindo socorro aos engenheiros do estádio, cedeu, e a pequena multidão foi cair quatro metros abaixo, sobre as cadeiras de aço (MÁXIMO, 2000, p.143).

O segundo incidente aconteceu no dia 20 de agosto de 1995, em São Paulo:

Estádio do Pacaembu, São Paulo, agosto, 1995. Um confronto envolvendo integrantes das torcidas organizadas Mancha Verde do Palmeiras e Tricolor Independente do São Paulo, por ocasião da final da Supercopa de Juniores, [...] resultou num total de 102 feridos e na morte de um rapaz após os nove dias em coma.[...] Televisionado, o conflito desencadeou uma grande polêmica sobre essas organizações. Torcedores, não-torcedores, autoridades, cronistas esportivos, jornalistas e vários outros segmentos da sociedade brasileira opinaram, nas semanas seguintes, através dos meios de comunicação. Na televisão, a apresentação repetida das imagens do confronto, em noticiários de diferentes emissoras, acusava esses agrupamentos, caracterizando-os pela violência (TEIXEIRA, 2003, p.15).

Este segundo incidente é citado, pois embora não tenha acontecido no Maracanã, é considerado o momento chave das discussões sobre medidas de segurança e reformas nos estádios ou no futebol brasileiro em geral. A partir desse momento, é possível acompanhar notícias de teor parecido com frequência nos jornais, como por exemplo, as que fazem referência à queda de um pedaço de reboco das arquibancadas, durante um jogo ocorrido em 24 de abril de 1997 e que por sorte não feriu ninguém (LEITÃO, 2000, p.210).

Gaffney (2008, p.103) documenta as confusões ao redor da final da Copa do Brasil, no dia 30 de junho de 2004, entre Flamengo e Santo André, que mostra um resumo da situação do estádio: insegurança arquitetônica, irresponsabilidade dos dirigentes e organizadores, falta de preparo dos agentes de segurança e violência entre os torcedores. Além de problemas na entrada e saída, houve agressões dentro e fora do estádio. Os carros estacionados e engarrafados estavam à mercê dos torcedores enfurecidos não só por causa da derrota do Flamengo, mas também por conta do mau tratamento oferecido aos torcedores. Houve relatos de brigas e danos materiais nas propriedades particulares nos arredores do Maracanã. A situação se tornou incontrolável e exigiu que algumas medidas fossem tomadas.

Reconstruindo os acontecimentos e discursos, é importante chamar a atenção para o fato de que existiam falhas de segurança no complexo do Maracanã desde a sua inauguração. Frequentemente havia pessoas que conseguiam entrar sem ingresso, superlotando o estádio. O exemplo mais famoso é a final da Copa de 1950, que teve oficialmente 173.850 espectadores, mas de fato 200.000 pessoas haviam conseguido acesso. Máximo (2000, p.144) relata que existia um ponto onde era possível pular de uma rampa de acesso para a outra encurtando o caminho. Este ponto era chamado de “travessia suicida”, porque várias vezes caíram torcedores no vão de dez metros entre as duas rampas.

Como já vimos, a especificidade do futebol é que os espectadores são também atores, ou seja, que a plateia também pode ser considerada como parte do palco, e por isso já houve algumas interferências de torcedores nos jogos. Por exemplo, no dia 01 de dezembro de 1981, um torcedor chamado Ladrilheiro invadiu o campo ao término da partida final do campeonato carioca daquele ano. O Flamengo estava ganhando por 2:1 e o Vasco conseguiu reagir no final do jogo. Ladrilheiro, torcedor do Flamengo, invadiu o campo para decididamente esfriar esta reação. Ele mesmo diz que foi incitado pelo técnico do Flamengo e depois convidado para a festa de vitória do time num restaurante (MATTOS, 2007, p.85-93, LEITÃO, 2000, p.158).

Em 03 de setembro de 1989 a torcedora Rosenery Mello do Nascimento e Silva ficou famosa por ter lançado no campo um sinalizador aceso, durante um jogo válido pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 1990, entre as seleções do Brasil e do Chile. Em seguida o goleiro do Chile fingiu que o sinalizador o atingira na tentativa de provocar a suspensão e repetição da partida. Rosenery foi liberada da delegacia ainda no mesmo dia e posou mais tarde para a revista Playboy (LEITÃO, 2000, p.182, MÁXIMO, 2000, p.144; SÉRGIO, 2000, p.95).

A impressão que se tem é que os acontecimentos acima citados, que ocorreram antes de 1992, estão sendo tratados como folclóricos. São “coisas do Brasil” ou ‘coisas do futebol’ que dão certo charme e principalmente fazem parte do evento e do discurso da construção da identidade brasileira em oposição à europeia e seu futebol. A linha de argumentação é que a Europa seria fria, rígida, organizada e com um futebol burocrático, chato e sem jogo de cintura. A superlotação, a travessia suicida, a invasão de campo e o sinalizador seriam dessa forma expressões desse jogo de cintura, desse jeitinho brasileiro, que diferencia o Brasil da Europa.

Depois da queda de parte da arquibancada, em 1992, o discurso muda. Os incidentes se tornaram mais sérios e as propostas mais radicais, incluindo a proposta de implodir o Maracanã. Leitão (2000, p.191) documenta os discursos e medidas. No restante do ano de 1992, o Maracanã ficou interdito e os jogos de grande porte foram disputados no campo do Vasco da Gama: São Januário. O Maracanã foi reaberto em 1993, mas durante um jogo pelas eliminatórias entre Brasil e Uruguai a geral, o lugar mais barato, ficou fechada supostamente por determinação da FIFA. Em 10 de novembro de 1995, a administração do Maracanã, a SUDERJ, decidiu fechar a geral definitivamente. O jornal *Extra* publicou um artigo caracterizando a geral como o lugar mais democrático, que daria espaço ao verdadeiro torcedor, que é humilde e fanático e

por isso não deveria ser fechada. Entretanto, o presidente da SUDERJ, Raul Raposo, declarou: “A Geral significa atraso e está fora dos planos do Maracanã, seja qual for o destino do estádio após a privatização. E ponto final” (LEITÃO, 2000, p.197).

Ou seja, um acidente na arquibancada serviu como pretexto para se tirar o lugar mais barato no anel inferior. Dessa forma, os espectadores mais pobres foram indiretamente culpados pelos acontecimentos. Além disso, o presidente da SUDERJ pronunciou a outra medida considerada oportuna: a privatização do estádio. Em 1996, Leitão (2000, p.203) reclama pela primeira vez: “O público pagante foi cada vez menor”. O jogo inaugural do torneio Rio – São Paulo, entre Botafogo e Palmeiras no dia 18 de janeiro de 1997, por exemplo, atraiu apenas 5.352 pessoas. Antes desse jogo, o Maracanã ficara fechado para obras e reabrirá sujo e sem o placar eletrônico funcionando. Os planos da privatização se concretizaram, mas em resposta a uma licitação houve apenas uma proposta de um consórcio formado por cinco empresas. Esse consórcio propôs investir no Maracanã em troca da exploração dos lucros por 30 anos, tendo como exigência a implosão do estádio de atletismo para se poder construir um estacionamento. Como a Associação de Atletismo não concordou, o negócio não aconteceu.

Em reação ao assassinato de um torcedor, a polícia militar proibiu, em 1998, que as torcidas organizadas estendessem suas faixas. Leitão (2000) relata vários jogos com um público entre 3.648, 3.400 ou até 1.320. Como motivo para o pouco público, Leitão menciona além do alto preço dos ingressos, os horários dos jogos, a má conservação do estádio e até um dia em que o metrô estava fechado. Os dirigentes reagiram várias vezes com promoções para os jogos e venderam ingressos de arquibancada pelo preço da geral, que continuou fechada.

Um jogo entre Brasil e Argentina parecia a oportunidade de inverter o quadro. O Maracanã passou por uma limpeza superficial e contava com 99.697 torcedores que lotavam o estádio. O policiamento e a organização foram elogiados e muitas famílias estavam presentes ao jogo. Mas a seleção brasileira jogou mal e perdeu a partida por 0:1, provocando o seguinte comentário do colunista Cláudio Mello e Souza: “Quem teve a triste idéia de ir ao Maracanã, na noite em que o Brasil deu vexame contra a Argentina, voltou de lá triste, não só pela derrota, mas principalmente pela situação de calamidade física e sanitária em que o estádio se encontra.” E mais tarde: “O Maracanã não está uma ruína. Ele sempre foi uma ruína. Desde o dia em que fingiram inaugurá-lo, em 1950. Depois, só fez piorar” (LEITÃO, 2000, p.230). Neste mesmo ano Emerson

Leão e João Havelange pediram a implosão do Maracanã, embora nesse mesmo período o estádio ainda recebesse investimentos. A SUDERJ instalou um sistema de segurança composto por um circuito de câmeras operadas de uma sala central e que podiam focar indivíduos nas arquibancadas.

Depois de uma mudança de governo decidiu-se reabrir a Geral em janeiro de 1999, sob o lema “Maracanã para todos”. Nessa ocasião o ministro de Esporte, Rafael Greca, criticou as propostas de destruir o Maracanã e comparou-as com a implosão da Torre Eiffel ou do Taj Mahal. A opção dos ingressos baratos da geral foi aproveitada para se subir o preço da arquibancada de R\$15 para R\$20 e o ingresso da cadeira comum de R\$10 para R\$15. Mesmo com a Geral, o problema do pouco público continuou, levando os dirigentes, várias vezes, a lançar promoções de ingressos baratos. Novamente houve jogos com problemas de organização, o que levava milhares de pessoas a entrarem com atraso no estádio. No fim daquele ano, o Maracanã ficou fechado para a sua primeira grande obra de restauro.

A principal modificação foi a colocação de assentos em todo o anel da arquibancada. Até essa data, somente a tribuna de honra e as cadeiras especiais tiveram assentos. No restante do anel, as pessoas tinham de sentar no concreto ou ficar em pé. Dessa forma a arquibancada foi dividida, além das cadeiras especiais, em dois setores de assentos verdes sem encosto, dois setores de assentos amarelos e um setor de assentos brancos com encosto. Os setores verdes, atrás dos gols, passaram a custar R\$10 e foram destinados às torcidas organizadas. Os setores amarelos, também atrás dos gols, passaram a custar R\$15 e o setor branco, do outro lado da tribuna de honra, passou a custar R\$25. Além disso, foram instalados camarotes de 20 a 25 lugares com preços entre R\$150.000 – R\$290.000.

O motivo da obra foi a realização da primeira e única Copa do Mundo de Clubes da FIFA, com 8 clubes do mundo todo. Com esse evento, o Brasil pretendeu se candidatar para sede de uma Copa do Mundo de seleções em 2006. Esta política dos megaeventos esportivos iria, a partir desse momento, dominar a pauta. Mas, assim como ocorreu na final da Copa do Brasil de 2004, anteriormente citado, os problemas de falta de organização, segurança e público não foram resolvidos.

É interessante analisar as medidas tomadas no decorrer desses dez anos, de 1992 até 2002, e as suas contradições. A crise foi deflagrada por causa da queda de um alambrado no anel superior. Ao invés de se fazer uma revisão estrutural e reforma do estádio e, principalmente, do anel superior, a medida tomada foi o fechamento da geral,

no anel inferior, ou seja, um lugar distante do acidente. É de se suspeitar que os administradores do estádio pretendessem desviar sua culpa para o elo mais fraco: a população de baixa renda.

A partir daí os cartolas enfrentaram um dilema, afinal o evento futebol precisa ser pago e, além disso, eles próprios desejam lucrar. Por isso, fez-se necessário pensar em fontes de renda e daí a decisão de se aumentar o preço dos ingressos. Porém, o produto oferecido – jogos de futebol – não vale o que se cobra, por vários motivos. O incidente mostrou que o Maracanã é inseguro e que a multidão faz parte do espetáculo, entretanto por causa da ausência da geral, falta também a multidão. Ou seja, naquele momento o Maracanã não oferecia conforto, nem emoção, categorias que vão se mostrar muito importantes na minha pesquisa de campo. Portanto, há duas soluções: ou cobrar menos até que preço e oferta se equilibrem ou investir numa obra maior para poder oferecer conforto. Como a segunda opção é cara, os dirigentes optaram pela primeira e fizeram promoções de ingressos baratos.

Tabela 7: Média de público no campeonato brasileiro de futebol

Ano	Média	Média Geral: 13.900
1971	20.400	Acima
1972	17.500	Acima
1973	15.200	Acima
1974	11.600	Abaixo
1975	16.000	Acima
1976	17.200	Acima
1977	16.800	Acima
1978	10.800	Abaixo
1979	9.100	Abaixo
1980	20.900	Acima
1981	17.700	Acima
1982	18.700	Acima
1983	23.200	Acima
1984	18.500	Acima
1985	12.800	Abaixo
1986	15.200	Acima
1987	20.600	Acima
1988	13.900	=
1989	11.000	Abaixo
1990	12.300	Abaixo
1991	14.100	Acima
1992	16.700	Acima
1993	11.000	Abaixo
1994	10.300	Abaixo
1995	10.400	Abaixo
1996	10.900	Abaixo
1997	10.600	Abaixo
1998	13.100	Abaixo
1999	17.200	Acima
2000	11.600	Abaixo
2001	11.300	Abaixo
2002	13.600	Abaixo
2003	11.000	Abaixo
2004	8.400	Abaixo
2005	13.900	=
2006	12.500	Abaixo
2007	17.500	Acima
2008	17.000	Acima
2009	17.800	Acima
2010	14.800	Acima
2011	15.000	Acima

Fonte: Golden Goal, 2007, p.17

Ficou nítido que o problema central é a questão financeira. Falamos muito sobre o capital simbólico que o Maracanã acumulou nos 60 anos da sua existência, mas este

precisava ser convertido em capital econômico para poder renová-lo. Com isso se levanta a questão: quem financia a obra?

Há três responsáveis possíveis: os governos, os clubes ou as federações de futebol. Os diferentes níveis de governo são possíveis financiadores porque a maioria dos grandes estádios no Brasil é propriedade de algum nível de governo, seja municipal, estadual ou federal. O Maracanã é um estádio estadual e foi construído exclusivamente com verbas governamentais, portanto seria esperado que o dono se responsabilizasse por ele. Entretanto governos são representantes de toda a população que o elegem, por isso gastos de um orçamento escasso do estado precisam ser justificados. Já antes de 1950, exigia-se o investimento em escolas e hospitais ao invés da construção de um estádio. Justificar investimentos estaduais em negócio tão lucrativo quanto o futebol é algo complicado. Os eleitores podem se perguntar: por que os governantes usam o dinheiro dos nossos impostos para investir em negócio a partir do qual algumas empresas privadas (os clubes e federações) lucram? Ou seja, a conjuntura política precisa se mostrar favorável para que investimentos políticos sejam justificados. Foi o que se viu em 1950, mas não em 1992.

Uma alternativa seria, portanto, que o financiamento viesse dos clubes, afinal são essas as entidades que lucram com o evento futebol. Entretanto os clubes não são os proprietários dos estádios. Por que o inquilino deveria investir no imóvel? A situação é muito cômoda para os clubes, afinal conseguem abaixar os preços da produção do espetáculo ao se livrarem da manutenção do palco das apresentações do seu time. Um estádio novo e bonito seria interessante se fosse possível a obtenção de lucro através dos ingressos ou patrocinadores. Porém, essas não são as fontes principais da receita de clubes brasileiros.

Tabela 8: Receita de clubes brasileiros e Manchester United.

Fonte de receita	Clubes brasileiros, %	Manchester United, %
Ingressos	7%	43%
Direitos de transmissão	20%	27%
Patrocínios/licenciamento	14%	30%
Transferência de jogadores	30%	0%
Outros	29%	0%

Fonte: Deloitte Touche Tohmatsu, em: *Folha de São Paulo*, 01.07.2007, B16.

A principal fonte de receita de clubes brasileiros é a transferência de jogadores. Isso explica o fato de os jogos no Brasil terem se transformado em vitrines para agentes de jogadores. A presença do torcedor torna-se um detalhe e poderia até mesmo não existir. Dessa forma, os estádios e até os títulos se tornam secundários para os clubes. É certo que a frequente venda de jogadores impede a formação de bons times e a possibilidade de se ganhar um campeonato, um processo que não seria ruim para o negócio, mas que, porém, tem ocorrido e não de uma forma planejada. Até mesmo a outra grande fonte de receita, os direitos de transmissão, seria viável sem o estádio, que poderia ser criado através de recursos cenográficos da televisão. Hoje em dia, por exemplo, as emissoras de TV já usam gravações de gritos de torcidas. A venda de jogadores oferece uma grande vantagem para os dirigentes, pois essas transferências são pouco transparentes, permitindo lucros não declarados através de comissões. Ao contrário disso, a renda dos ingressos é pública e mais controlável. Dessa forma, a manutenção de estádios não desperta interesse dos clubes.

A questão das federações de futebol é parecida. Elas organizam os campeonatos e, portanto, são os produtores dos eventos. A Federação do Rio de Janeiro, FERJ, é um representante dos clubes e por isso compartilha os mesmos interesses. A federação nacional se chama CBF, Confederação Brasileira de Futebol. Desde a fundação do Clube dos 13, essa entidade perdeu muito da influência que possuía. O Clube dos 13 é a representação dos clubes, que chegou até a organizar campeonatos e, dessa forma, a seleção brasileira se tornou o principal negócio da CBF. Isso significa que a CBF é responsável por um único time, sendo que os outros clubes não contam com sua contribuição no processo de formação e manutenção durante o ano.

A CBF lucra com a promoção da seleção, com a obtenção de contratos de patrocínio, transmissão de televisão e um cachê para as apresentações. A seleção brasileira com seus cinco títulos mundiais é um produto muito procurado. Federações de outros países ou empresas pagam muito dinheiro - até um milhão de dólares - para as apresentações da seleção brasileira. A seleção, portanto, não precisa de um estádio próprio, porque prefere jogar no lugar escolhido por quem a contrata, por exemplo, no Qatar, Rússia ou China. O poder de barganha da CBF é alto. Dessa forma, não lhe é necessário manter estádios, passando essa responsabilidade para o organizador que tenha contratado a seleção.

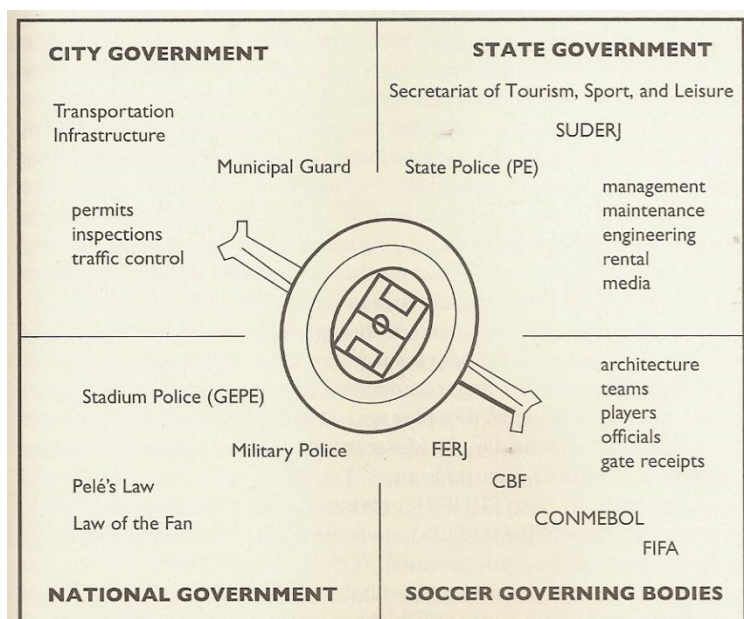


Gráfico 3: Envolvimento administrativo do complexo do Maracanã. (GAFFNEY, 2008, p.109)

Há uma quarta alternativa para se conseguir verba para a reforma dos estádios: contratar uma empresa privada especializada em administração de estádios. Esta idéia foi levantada pelos dirigentes do Maracanã, porém também não obteve sucesso. Uma empresa privada tem interesse na maximização de lucros, ou seja, promoverá o corte de áreas ineficientes, investindo naquelas que prometem lucro, assim ocorre em outras empresas. Isso significa que seu interesse não é o oferecimento de um espetáculo democrático e aberto a todos, mas aberto a um público seletivo que pode pagar ingressos caros. A empresa que concorreu no edital da administração do Maracanã considerou que esse tipo de público alvo não aceitaria ficar em pé na geral, mas em assentos confortáveis na tribuna ou em camarotes. Esse público vai querer ir de carro para o estádio tornando, portanto, necessários estacionamentos para se poder oferecer o conforto desejado. Como área ineficiente a empresa detectou o estádio de atletismo, que propôs substituir pelo estacionamento. O futebol teria de se transformar em um bem raro, com poucos lugares para os quais deveria ser criada uma grande procura, aumentando o valor do ingresso.

Eliminar a geral foi ainda uma tarefa fácil, mas derrubar o estádio de atletismo se tornou complicado. Neste caso, houve um lobby da Federação de Atletismo, que se mostrou suficientemente forte para impedir a decisão em nível político. Com essa exigência a questão voltou ao governo que está amarrado a questões eleitorais, tornando necessário algum motivo forte para justificar a eliminação do estádio de atletismo ou o investimento pesado em sua reforma.

Esse forte motivo foi encontrado no final do século XX: os megaeventos esportivos. Eles tornariam necessárias as obras no Maracanã e justificariam os investimentos governamentais. O primeiro desses eventos é a já citada Copa do Mundo de Clubes, em 2000, e a colocação dos assentos coloridos no anel superior. Em 2002, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida como sede de Jogos Pan-Americanos de 2007. Esta foi a ocasião da segunda grande obra para a qual o estádio ficou fechado durante um ano. A principal alteração foi a eliminação definitiva da geral, além de mudanças nos banheiros, nos camarotes e no acesso. Em 2014, acontecerá a Copa do Mundo de futebol no Brasil, cuja final terá como palco o Maracanã e, em 2016, o Rio de Janeiro sediará os Jogos Olímpicos. Por isso, o Maracanã foi novamente fechado em 2010 para a terceira grande obra que visa prepará-lo para receber esses eventos. A agenda é impressionante:

Tabela 9: Megaeventos esportivos no Brasil.

Ano	Megaevento Esportivo no Brasil
1950	FIFA Copa do Mundo
1963	Jogos Pan-Americanos em São Paulo
2000	FIFA Copa do Mundo de Clubes
2002	Jogos Sul-Americanos
2007	Jogos Pan-Americanos
2011	Jogos Mundiais Militares
2013	FIFA Copa das Confederações
2014	FIFA Copa do Mundo
2016	Jogos Olímpicos

O Maracanã vai acumular desta forma mais valor simbólico ainda, tornando-se praticamente indestrutível. Porém, os verdadeiros motivos para as obras e a forma como foram conduzidas não são de ordem emocional, mas sim econômica. A eliminação da Geral, a diminuição da capacidade dos estádios e as candidaturas aos megaeventos são elementos de uma agenda mercadológica. Esta configuração descrita possibilitou além da obra no Maracanã, outras construções, entre as quais o Estádio Olímpico João Havelange – o Engenhão – que vai ser descrito no próximo capítulo. Mas, antes disso, segue um relato de uma visita a um jogo no Maracanã “as built”, em 2009, ou seja, pós Jogos Pan-Americanos e pré Copa do Mundo de 2014.

Maracanã 2009

As explicações anteriores mostraram que o Maracanã e seus arredores passaram por muitas alterações desde a sua inauguração em 1950. É impossível dizer: o Maracanã é assim, pois ainda haverá mais obras e alterações. É possível apenas a descrição de um momento. Por isso, decidi terminar o capítulo sobre o Maracanã com uma descrição de um dia de jogo, baseado em anotações no meu diário de campo. Algumas reflexões metodológicas são importantes. Optei por retratar o jogo entre Botafogo e Fluminense 1:2, do dia 28 de março de 2009, válido pelo segundo turno do campeonato carioca deste ano. A partida começou às 20h30min e recebeu um público pagante de 24.216.¹³

Escolhi este jogo porque pretendo mostrar o funcionamento do estádio em um jogo médio, no sentido de não ser uma final, que atrai um público maior, nem um jogo contra um time considerado pequeno, em que o estádio fica normalmente bastante vazio. Além disso, considero as anotações feitas sobre essa partida suficientemente completas. Neste momento o interesse principal recai na organização do jogo, seus arredores e o caminho percorrido por um torcedor até chegar ao lugar do estádio em que assistirá ao jogo, do que uma descrição completa do comportamento da torcida. O caminho feito e a minha descrição são baseados em escolhas pessoais, feitas a partir da experiência de muitos jogos visitados. Ou seja, a descrição, na verdade, acumula informações de muitos jogos, principalmente as descrições sobre setores nos quais não estive no dia escolhido. O roteiro feito se baseia em meu conhecimento dos pontos de encontro dos torcedores. O texto será acompanhado por fotos que foram escolhidas pela qualidade e não são necessariamente do dia em que o jogo ocorreu.

Decido sair cedo de casa para poder fazer uma volta ao estádio e entrar cedo nele, porque sabia que seria um jogo com bom público. Pego por volta das 17h um ônibus em frente à minha casa, em Santa Teresa, que me leva para a Central do Brasil, a principal estação da estrada de ferro do Rio de Janeiro. Já no caminho, passando pelo centro da cidade, vejo muitas pessoas com camisas do Botafogo (preto e branco) e do

¹³Leach (1996, p.71) já refletiu sobre o problema da descrição estática de sociedades: “O antropólogo social normalmente estuda a população de um local particular num determinado ponto do tempo e não está muito preocupado com a probabilidade de ser ou não a mesma localidade estudada de novo por outros antropólogos numa data posterior. Desse modo, temos estudos da sociedade trobriand, da sociedade tikopia, da sociedade nuer, mas *não* da “sociedade trobriand de 1914”, da “sociedade tikopia de 1929”, da “sociedade nuer de 1935”. Quando as sociedades antropológicas são assim dissociadas do tempo e do espaço, a interpretação que é dada ao material é necessariamente uma análise de equilíbrio, pois, se assim não fosse, decerto pareceria ao leitor que a análise era incompleta.”

Fluminense (verde, branco e grená) na rua, em bares ou fazendo churrasco. Um táxi ultrapassa o ônibus e um torcedor com bandeira na mão enfia a cabeça pela janela gritando: FOOOOOGOOOOO!!!. Chego às 17h30min à Central, onde pego o metrô para o Maracanã, sendo necessária a baldeação na estação Estácio.

O metrô leva, sobretudo, moradores da Zona Sul para o estádio. Ao meu redor há muita gente com camisa do Botafogo e do Fluminense. Por exemplo, há ao meu lado um grupo de oito jovens botafoguenses, estimo com cerca de 15 anos, todos com cortes de cabelo da moda: cabelo do tamanho dos Beatles nos anos 60, porém mais desarrumado e penteado em direção ao rosto. Eles discutem qual seria a melhor estação para descer, preocupados em evitar saltar do lado da torcida do Fluminense. Na estação São Cristóvão ficam inquietos porque observam muitos botafoguenses saindo e decidem, de repente, fazer a mesma coisa. Esta estação fica mais perto dos acessos pela Rua Mata Machado e Avenida Maracanã, onde se encontra a torcida do Botafogo.

Logo depois desta estação, o metrô sai do túnel e passa à superfície. À direita aparecem os jardins da Quinta da Boa Vista e à esquerda um prédio antigo e caído, conhecido como Museu do Índio. Logo em seguida, surge o gigante Maracanã dominando a cena. Entre o estádio e o metrô passa a Avenida Presidente Castelo Branco, mais conhecida como Radial Oeste. Há um bom fluxo de carros, mas o trânsito ainda está tranquilo. É possível ver a rampa que vai da Rua Mata Machado até o anel inferior. Duas horas antes do jogo já há um bom movimento de torcedores nestas rampas e ao redor do estádio. Alguns entram na fila da bilheteria para comprar seus ingressos.

O metrô chega às 18h na estação Maracanã, as portas abrem e uma pequena multidão sai dos vagões gritando “FOOOOOGOOO” ou “NEEEEEEEEEENSEEEE”, dependendo de qual time apóia. Todos sobem as escadas, passam pelas roletas e saem da estação. A saída leva a uma passarela em cima da Radial Oeste com uma ramificação para a UERJ e outra para o estádio.

Dessa rampa se tem uma boa visão sobre a região. Atrás da estação passam, paralelamente ao metrô os ramais dos trens que têm também uma estação ali perto. Atrás e mais para o lado norte se ergue o jardim da Quinta da Boa Vista, sendo possível avistar o palácio imperial que hospeda, hoje em dia, o Museu Nacional, cujo jardim sobe um morro em direção ao lado oeste, onde se localiza o jardim zoológico da cidade. Do outro lado, este morro é ocupado por uma das favelas mais conhecidas do Rio de Janeiro: a Mangueira, com sua escola de samba. Todo o lado oeste do morro é ocupado

com típicas casas cor de tijolo, pois são sem embolso, destas comunidades de moradia precária. Os últimos ramos da Mangueira chegam à Avenida Radial Oeste, onde seus moradores instalaram oficinas de carros. Olhando em direção oposta ao Maracanã podemos ver essas oficinas, girando um pouco para a esquerda percebemos a Radial Oeste e carros estacionando em frente à UERJ.



Foto 7: O Maracanã visto da rampa do Metrô.

A universidade estadual é um prédio grande de 12 andares, mesmo assim é apenas um pouco mais alto que o Maracanã. A UERJ é uma construção de concreto geométrico, típico dos anos 70, e foi erguida no lugar da Favela do Esqueleto, onde moraram pedreiros da construção do Maracanã. O campus tem um estacionamento amplo que costuma ser usado em dias de jogo.



Foto 8: A entrada do Maracanã com o cartaz do Governo do Estado Rio de Janeiro.

Continuando a girar em direção ao estádio, podemos ver a praça Presidente Emílio Garrastazu Médici, com seu fluxo de carros em direção aos bairros Vila Isabel e Tijuca. Entre essas ruas, ficam ilhas onde se encontram torcedores. Antigamente essas ilhas foram também usadas como estacionamento, porém, em janeiro de 2009, essa prática foi proibida pela Prefeitura, que fiscaliza o cumprimento dessa medida. Essa medida foi chamada de Choque de Ordem e inclui também a proibição de vendedores ambulantes, a proibição da venda de bebidas alcoólicas, assim como o combate à presença de cambistas. A passarela do metrô segue em cima dessas ruas e ilhas, desembocando na praça em frente a uma das duas grandes rampas do Maracanã, que dá acesso às arquibancadas. A vista para o estádio, que impressiona pelo tamanho, é muito boa. A fachada da rampa parece um portão hiperdimensionado em forma de meia lua com 10 colunas que devem ter, pelo menos, 10m de altura. Em cima dessas colunas há uma plataforma que é o meio caminho da rampa superior que leva aos camarotes e está atualmente fechada para pedestres. À meia altura das colunas está escrito “Estádio Mario Filho”, que é o nome oficial da Maracanã. A grande maioria dos torcedores entra por baixo desse letreiro. Nas colunas foi fixado um cartaz imenso: “Maracanã. Futuro

palco da final da Copa 2014. Maraca. Que bonito é. Governo do Estado Rio de Janeiro. Somando forças”.



Gráfico 4: Mapa do jornal *O Globo* destacando os arredores do Maracanã, explicando o *Choque de Ordem*.

À esquerda desse portão segue a Avenida Radial Oeste, na direção de onde cheguei de metrô, passando pelo já descrito Museu do Índio, e um viaduto que leva à Avenida Maracanã. Sigo a passarela, para descer a rampa e chegar na praça que está cheia de torcedores do Fluminense – os “tricolores” – que entram por esse lado. Os responsáveis pela organização do evento futebol, principalmente a Polícia Militar, estão testando várias maneiras para organizar a entrada dos torcedores nas rampas. Na época descrita, optaram por fechar um vão em frente à rampa que ocupa a metade da praça com alambrados. Os torcedores precisam formar filas pela esquerda e direita da praça para poderem entrar no estádio.

Mas ainda não quero entrar, porque pretendo dar uma volta e comprar um ingresso. Por isso, passo pelo estádio de atletismo Célio de Barros, à direita do portão, que serviu aos Jogos Pan-Americanos como entrada e agora está fechado. Em frente dele há uma rampa de skate e atrás dela, o espaço abaixo da rampa do metrô. Aqui se acumulam muitos torcedores para se proteger do sol. Antigamente havia ali muitos ambulantes vendendo bebida e comida, assim como cambistas, mas com o *Choque de*

Ordem isso acabou. Ao lado do estádio de atletismo, encontra-se uma das quatro bilheterias do estádio, com 15 guichês. Antigamente se formavam em frente desses guichês filas mal estruturadas, sem divisão, dando espaço para pessoas furarem a fila. Em 2009, isso foi mudado. Construiu-se um curral com alambrados móveis, formando três filas. Na entrada de cada um deles foram colocadas placas orientando os torcedores: “arquibancada”, “cadeira especial” e “cadeira azul” (que é a cadeira comum, hoje também chamada de cadeira inferior).



Foto 9: Bilheterias do Maracanã.

Em cima das bilheterias há um cartaz imenso escrito: “Torcedor, para sua segurança, somente compre seu ingresso na bilheteria.” Entro na fila “arquibancada” que é a mais comprida, com cerca de 10m. Mas a fila anda rápido e em 10min estou no guichê. Numa minijanela de 20cm x 50cm falo com um atendente que me vende uma meia entrada para a arquibancada verde por R\$15, sendo que neste dia há uma promoção na qual o preço de qualquer arquibancada é igual, não se distinguindo entre os setores verde, amarelo e branco. Guardo o ingresso e sigo pela calçada do Maracanã onde tem uma pista de Cooper e outros equipamentos de ginástica para exercícios físicos dos moradores da região. Atravesso a rua me distanciando do estádio em direção ao outro lado da UERJ, entrando na Rua Radialista Waldir Amaral. Essa rua leva para o Boulevard 28 de Setembro e o Bairro Vila Isabel.

Nesta área, o movimento já está bastante denso. A rua está engarrafada com carros que querem entrar no estacionamento da UERJ. No encontro das duas ruas citadas com a Rua São Francisco Xavier, há uma pequena praça em frente à UERJ. Nessa praça tem uma estátua do sambista Noel Rosa e vários bancos. Mas o mais importante é o acúmulo de bares de vários níveis de preços, que atendem durante a semana os estudantes e, hoje, os torcedores dos dois times. A praça é um popular ponto de encontro e fica fora da zona do já citado choque de ordem sendo, por isso, permitido a venda de bebidas alcoólicas. Não surpreende que os bares estejam lotados com torcedores dos dois times cantando, bebendo e falando. Encontro um grupo de torcedores botafoguenses com uma mulher, três homens de cerca de 40 anos e o filho menor de um deles, que eu já havia entrevistado. Falamos rapidamente sobre o jogo de hoje. Eles estavam procurando um novo bar no bairro deles, Vila Valqueire, para assistir aos jogos do Botafogo em grupo pela TV e fora de casa, porque o antigo ponto de encontro deles acabou de fechar. Desejo um bom jogo e continuo andando.



Foto 10: Bar na Praça em frente à UERJ.

Da praça sai mais uma rua, chamada Felipe Camarão, que corta o bairro em diagonal e se encontra no outro lado com a Avenida Maracanã. Este cruzamento é chamado de Praça Varnhagen e nele ficam também vários bares que funcionam como ponto de encontro e onde é possível a venda de cerveja. Decido seguir a Rua São Francisco Xavier em paralelo ao estádio. Nela o choque de ordem está válido a partir do cruzamento com a Avenida Professor Manoel de Abreu. Logo neste cruzamento vejo

guardas municipais multando e mandando rebocar carros estacionados. Falo com um dos agentes da prefeitura que confirma que a *Lei Seca* está em vigor e que eles estão tentando rebocar todos os carros.



Foto 11: Execução do Choque de Ordem em frente ao Maracanã.

Desse ponto, até a Avenida Maracanã, cruzam quatro ruas e em todas o *Choque de Ordem* está em vigor, entre o Maracanã e a Rua São Francisco Xavier. Toda esta área é residencial, com prédios altos de cerca 10 a 15 andares, com apartamentos de classe média. Entro na terceira, chamada Isidoro de Figueiredo, porque nela há bares tradicionalmente frequentados por torcedores. Encontro um dos meus informantes botafoguenses xingando na rua: “Este prefeito é flamenguista. Nunca mais vai ganhar uma eleição”. Ele estava aborrecido por causa da *Lei Seca* e procurando um lugar barato para comprar cerveja. Acompanho-o descendo a Rua Isidoro de Figueiredo, no outro lado da Rua São Francisco Xavier. Ele encontra alguém vendendo cerveja na mala do carro, nesta rua residencial, com muitas casas de família. Várias pessoas compram cerveja com ele e meu informante começa a falar e brincar com vários deles, mesmo sem conhecê-los. Voltamos à Rua Professor Eurico Rabelo em frente ao Maracanã. O tumulto é grande.

Na nossa frente há a rampa baixa que leva ao anel inferior. Ao lado dela fica um acesso novo de vidro com escadas rolantes, que leva aos camarotes e ao Museu de Futebol, que nunca foi aberto ao público. Embaixo da rampa ficam os acessos de carros,

funcionários e imprensa com acesso à tribuna principal. Este é também o acesso para turistas que querem visitar o Maracanã e sua calçada da fama durante a semana. São 19h e meu informante entra para o anel inferior, enquanto viro para a direita continuando a contornar o estádio em direção a outra grande rampa de acesso às arquibancadas.



Foto 12: Venda de cerveja na mala de um carro.

Desse lado há mais botafoguenses e menos tricolores. Passo pelo ginásio Maracanãzinho e outra bilheteria, viro à esquerda e chego à praça em frente da rampa, chamada Bellini, por causa da estátua do Bellini, em homenagem aos campeões do mundo, por onde entram os botafoguenses. A praça é lotada de gente que demonstra os mais diversos comportamentos. Alguns chegam em grupos, outros sozinhos, alguns falam no celular, outros batem um papo, alguns bebem ainda alguma coisa, outros entram diretamente no estádio. Atrás dessa praça, passa a Avenida Maracanã, que desce o viaduto e segue para a Praça Varnhagen e o bairro da Tijuca. Toda essa região é residencial e de classe média.

Fico na fila para entrar no estádio. O esquema é o mesmo que o da rampa da UERJ, do outro lado. Grande parte da praça é fechada pela polícia. Os torcedores têm de entrar em filas à esquerda e direita num curral. Um pouco antes das roletas, há uma fileira de PMs que revistam as pessoas manualmente e superficialmente. Não há nem raios-X, nem detector de metal. Passado por esse obstáculo, o torcedor chega a roletas onde é necessário inserir o ingresso em uma máquina, que destrava a roleta pela qual o

torcedor tem de passar. Do outro lado, pego o ingresso desvalidado. Ao lado de cada roleta tem um funcionário civil que ajuda em casos de problema. Subo a rampa com uma multidão. Vejo à esquerda o Maracanzinho e à direita o Parque Aquático Júlio Delamare. Em cima dessa rampa, tem um busto do Garrincha, que muitos Botafoguenses tocam ou tiram fotos.



Foto 13: Estátua do jogador Garrincha no Maracanã.

Chegando nesse ponto, a rampa desemboca num corredor em forma de anel que circunda toda arquibancada e dele que saem os vomitórios¹⁴. Diretamente na rampa há os acessos para a arquibancada branca. A maioria dos torcedores botafoguenses segue para a esquerda. À direita está fechada porque leva para onde fica localizada a torcida do Fluminense. Sigo o fluxo passando por lanchonetes e banheiros pela direita. À esquerda tem a vista para fora do estádio, do bairro Maracanã. Além disso, há neste corredor muitas pessoas que trabalham no evento como vendedores de mate, faxineiros, policiais e funcionários da SUDERJ, que ficam em guichês que oferecem atendimento e brincadeiras para as crianças como, por exemplo, balões ou chutes ao gol. Estes

¹⁴ Vomitério é um termo técnico da Arquitetura usado por Carlos Porto, em entrevista a mim concedida - e que à frente será ainda mencionada com mais detalhes. Vomitérios referem-se às entradas para as arquibancadas, assim denominadas, pois metaforicamente “vomitam” os torcedores. O termo pode causar estranhamento, porque parece pejorativo.

atendentes se assemelham aos voluntários dos Jogos Pan-Americanos e existem desde a realização desse evento.

Em cima dos acessos às arquibancadas, há indicações do setor. Subo por um acesso à arquibancada verde. É uma subida de cerca 20m para passar pelo vomitório. A chegada na arquibancada é mágica. De repente se abre o espaço e a vista ao interior do estádio para o campo e para o público. Deste lugar, é possível descer a arquibancada, algumas poucas filas, ou subir. Decido subir até o alto para poder observar os acontecimentos. São cerca de 19h30min, ou seja, falta uma hora até o jogo começar. Vejo bem em baixo o anel inferior, que tem somente cadeiras azuis desde que a geral não existe mais. Ainda há pouco movimento neste setor. Os torcedores se concentram do lado esquerdo, em baixo das cabines de rádio. Mais ou menos dividido em tricolores, do outro lado, e botafoguenses, do meu lado, mas sem barreira física. Muitas pessoas chegam até o alambrado, que divide esse setor do fosso. Nesta área, alguns torcedores chamam a atenção por causa da sua roupa ostensiva, com chapéus grandes, algum enfeite, por exemplo, o uso de um cachorro de pelúcia, ou roupa muito colorida, ou portando cartazes. Atrás dessa área, há o único setor separado localizado no anel inferior, reservado para proprietários de cadeiras cativas e perpétuas, mas onde não há nenhum conforto destacado.

Começo a olhar o anel superior. Em cima do setor descrito fica a área mais destacada do estádio: a tribuna principal, que é bastante fragmentada, porque tem a tribuna de imprensa, tribuna de honra e as cadeiras especiais. A tribuna da imprensa é um camarote gigante fechado na parte baixa. Atrás têm as cadeiras especiais, que são azuis. No centro há um miolo destacado, que é a tribuna de honra. Neste momento ainda não há muitas pessoas neste setor.

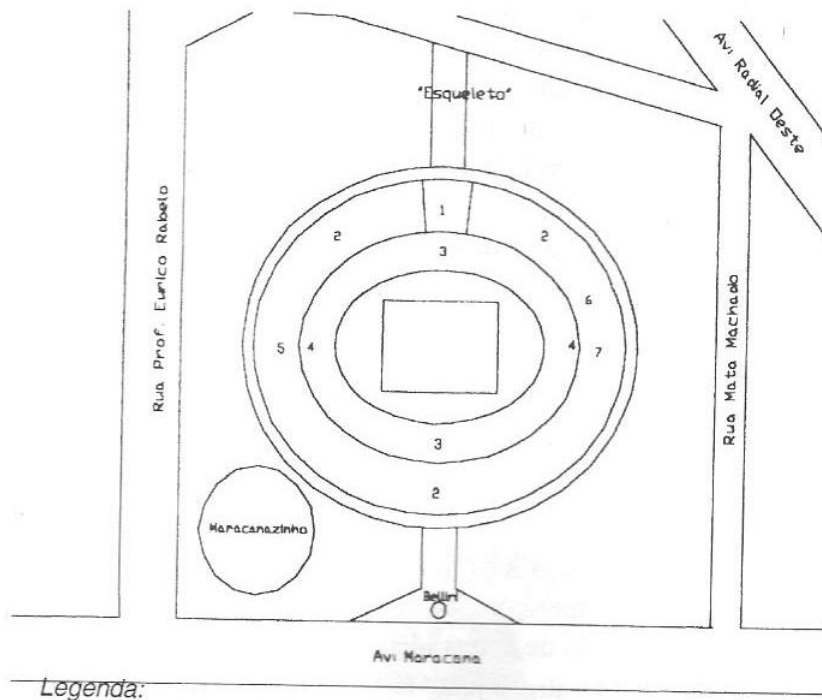
Continuando para a esquerda, segue a arquibancada verde oposta, onde ficam as torcidas organizadas do Fluminense, com suas faixas e bandeiras. Este setor já está bem cheio e animado. Posso ouvir as canções e gritos orquestrados, aos quais os torcedores ao meu redor reagem. Seguindo mais à esquerda chegamos à arquibancada amarela, que está menos cheia. Nela se encontra um grupo chamado Legião Tricolor, que é algo como uma torcida desorganizada, pois não possui faixas ou bandeiras com seu nome, conseguindo, mesmo assim, aglomerar um grupo de torcedores.

Ao lado deste setor e do lado oposto à tribuna principal, fica a arquibancada branca, que neste momento ainda estava bem vazia. Em jogos diurnos este setor fica no sol e por isso as pessoas se deslocam até embaixo da marquise para se proteger na

sombra. Não há nem faixas nem bandeiras. Na arquibancada branca há torcedores dos dois times que se comportam de modo mais tranquilo. À direita deste setor fica a arquibancada amarela com torcedores do Botafogo. Há uma torcida organizada chamada Torcida Jovem do Botafogo TJB, mas que tem poucos integrantes. De um modo geral, este setor ainda está bem vazio.

Finalmente, completo o giro em torno do setor no qual estou: a arquibancada verde do Botafogo que já está bem cheia. Assim como no caso do Fluminense este lado também é estruturado pelas torcidas organizadas que são: a Fúria Jovem, ao lado da amarela, a Loucos pelo Botafogo, no meio, e a Botachopp, ao lado das cadeiras especiais, fechando o anel. Eles sempre ficam ao redor de um vomitório. Na hora da minha chegada, integrantes destas torcidas estavam ainda preparando seu material, o que significa que estavam colocando as faixas com seus nomes no alambrado, colocando bandeiras e montando as baterias. Vi as bandeiras no corredor e gente carregando a bateria. Já havia sido colocado um equipamento para soprar o confete. Neste momento a mais preparada foi a Loucos pelo Botafogo, que tem um estilo parecido com a Legião Tricolor.

Figura 11



Legenda:

- 1 – Tribuna de honra, cadeiras especiais e cabines de rádio e de tv;*
- 2 – Arquibancadas;*
- 3 – Geral;*
- 4 – Placar;*
- 5 – Força Jovem do Vasco e Torcida Jovem do Botafogo;*
- 6 – Raça Rubro Negra;*
- 7 – Torcida Jovem do Flamengo e Young Flu.*

Gráfico 5: Lugares das principais Torcidas Organizadas dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro no Maracanã em 2004. TEIXEIRA, 2004.

Acima das arquibancadas e diretamente em baixo da marquise há, ao redor do estádio, os novos camarotes fechados com ar-condicionado e televisões. A torre de vidro na Rua Professor Eurico Rabelo dá acesso a esses camarotes e por causa deles as rampas superiores foram fechadas. Antigamente, essa parte estava livre e serviu como mais um acesso para as arquibancadas. Nessa mesma altura, desde os Jogos Pan-Americanos, há dois telões coloridos gigantes, um em cada arquibancada verde. Esses telões são um meio de comunicação entre a administração do estádio e o público, pois trazem informações sobre os dois times, mostram cenas do jogo e passam também

palavras de ordem como “Paz no Estádio” ou “Todos contra a Dengue”. Nos alambrados da arquibancada há mais três placares eletrônicos e nenhum relógio.

Sento atrás dos preparativos da Fúria. É curioso observar que, embora haja muitas pessoas na arquibancada, existem setores vazios que serão preenchidos pelos integrantes das torcidas organizadas. Parece que os lugares estão reservados. A Loucos começa tocar a bateria e puxar as primeiras canções, mas logo depois os vãos vazios da Botachopp e da Fúria se preenchem também e começam a puxar canções com suas baterias.

Ao meu redor, há principalmente homens adolescentes com tênis, bermudas sobre os joelhos e camisas do Botafogo, de alguma torcida organizada, em civil ou sem camisa. Percebo um grupo de turistas estrangeiros que é levado para bem perto da Fúria. Logo depois, ouve-se um primeiro grito da Fúria, a partir daí ela está no comando: “Pau no cu da Young Flu”.

É interessante observar os limites de ação destes agrupamentos, que não é definido, mas diminui lentamente. O epicentro da Fúria é perto da boca de um vomitório. Quando cheguei, já havia alguns meninos ao lado da boca, pendurados no alambrado para reservar o lugar e aí permaneceram até o fim do jogo. Logo atrás do alambrado, ficam os puxadores, cinco adolescentes negros que passam se alternando quase todo o jogo de costas para o campo. Logo depois, fica a bateria e mais alguns meninos com camisas da Fúria que puxam primeiro as canções. Esse núcleo é composto exclusivamente por homens, muitos negros, e adolescentes. Lembro que antigamente a PM colocara alguns agentes no meio deste núcleo durante o jogo, mas isso não observo mais. Quanto mais longe deste núcleo, maior é a presença de mulheres, assim como há menos camisas da Fúria, menos negros e mais calados ficam os espectadores. Até a terceira boca tem gente seguindo o ritmo e participando com gestos e palmas da Fúria. A quebra é visível depois da terceira boca, onde começa o setor da Loucos que tem símbolos próprios. Vejo à minha frente dois casais que dançam, brincam, se beijam e conversam. Eles imitam tudo o que a Fúria faz, mas não levam isso a sério e duvido que paguem mensalidades. Ou seja, existem vários graus de pertencimento às torcidas organizadas. Enquanto as torcidas organizadas e pessoas próximas ficam em pé, há também espectadores na arquibancada verde que assistem ao jogo sentados.

Faltando 30 minutos para o início do jogo, observa-se à esquerda uma entrada orquestrada de meninos carregando as bandeiras da Fúria, passando pela arquibancada verde e se juntando ao resto do grupo sob muitos aplausos. Logo depois, eles distribuem

confetes e balões. A torcida se monta como um *patchwork*. Este espetáculo está sendo fotografado, não só pelos turistas. As canções são muito intensas agora.



Foto 14: As Torcidas Organizadas do Botafogo no Maracanã.

O time do Fluminense entra em campo e a sua torcida joga pó de arroz, o que dá um efeito lindo. Os botafoguenses reagem com vaias. Logo em seguida o time do Botafogo entra em campo. Os torcedores ao meu redor produzem um espetáculo com os confetes, as bandeiras, arrebrandando os balões e cantando como que em êxtase. É um momento intenso em que muita coisa acontece.

O jogo começa. Mesmo com as arquibancadas branca, amarela e verde custando o mesmo preço, as últimas são os setores mais cheios do estádio. Isso significa que os torcedores escolheram livremente o setor verde como o preferido, mesmo que o branco, por ser normalmente o mais caro, seja, supostamente, considerado melhor.

Os torcedores seguem o jogo tentando conciliar as canções com a tensão do jogo: AAAAAAH – silêncio – UUUUUUUUH e palmas. Alguns dirigem as mãos na direção do jogo, outros chutam as cadeiras, andam para cima e para baixo e se distorcem. Vejo bonés onde se lê: “É tudo nosso!” e “Aqui tem dono”.

Ao meu lado, há um jovem de cerca 20 anos, sem camisa, musculoso e com tatuagens, que dança se distorcendo, cantando com muita força e suando até pingar no chão. Essas danças são típicas e chamam muito a atenção de um observador estrangeiro, porque há uma linguagem de corpo específica. Olhando para o campo, os torcedores fazem saltinhos no ritmo da música com os dois pés. Ao mesmo tempo os braços formam um ângulo de 90 graus, o que deixa as mãos à frente do corpo. A cabeça fica para frente e acompanha o ritmo.

Quando o time perde uma chance, eles se lamentam e jogam os braços no ar. Mas vejo também pessoas bem mais tranquilas. Alguns, principalmente os mais velhos, têm radinhos colados na orelha para escutar a transmissão do jogo.

O primeiro tempo termina 0 a 0. Desço com muitos torcedores para as saídas que levam ao corredor. Lá fora o movimento é intenso. Vejo muitas filas nas lanchonetes e nos banheiros. Não há bebida alcoólica. Este é o momento de maior movimento nestas áreas. Milhares de pessoas têm de passar pelas portas e serem atendidas em apenas 15 minutos. Isso é um teste para a infraestrutura do estádio.

Volto ao meu lugar para o segundo tempo. Percebo o cheiro de maconha. Durante todo o jogo há ambulantes passando com isopores vendendo mate, água, coca cola e cachorro quente. No minuto 26, o Botafogo marca um gol e a torcida explode num grito. As pessoas se abraçam, se beijam, tem gente caindo no chão, gritam e correm de cima para baixo. A Fúria puxa uma canção "... e este fogo no peito..." que todo mundo canta. Muitos tiram fotos. Os torcedores num camarote atrás de mim batem contra o vidro e se comunicam com sinais com os outros torcedores. O jogo fica tenso porque o Fluminense ataca muito e cria chances de gol. Os torcedores ficam entre comemorar o resultado parcial, apoiar e ficar hipnotizados pelo perigo dos ataques.

Nos minutos 34 e 44, o Fluminense marca gols e consegue virar o jogo. A torcida do Botafogo fica quieta e visivelmente decepcionada. Alguém pergunta: "Quanto tempo de acréscimo?". "3 minutos." As pessoas parecem anestesiadas. O jogo termina e o Botafogo perde 1:2. A torcida do Botafogo fica tão quieta que é possível ouvir a torcida do Fluminense: "1.2.3, essa porra é freguês!" e "Créu".



Foto 15: Um torcedor-símbolo do Botafogo.

Muitos torcedores saem rápido. As torcidas organizadas começam a juntar as suas coisas. O núcleo central demora um pouco mais. Os outros setores se esvaziam muito rapidamente. Saio também. O corredor está muito cheio e a massa anda devagar. Parece que superaram o choque da derrota, voltando a cantar indo para a rampa do Bellini. Na minha frente dois senhores falam sobre os times dos filhos sendo que um é botafoguense e o outro tricolor. Entrando na rampa há uma parte bem congestionada. Sair para a praça, fora do estádio, é um certo alívio.

A praça está cheia de gente. Alguns esperando, outros seguindo um fluxo para a esquerda em direção ao metrô e trem. Há muitos agentes da PM, que estão posicionados em lugares bem visíveis, chamando a atenção. Vejo um grupo parado no meio da praça que é da Fúria, colocando o material da torcida numa van. Algumas pessoas vão para a direita em direção à Rua São Francisco Xavier. Vou nessa direção tentando pegar um táxi, mas não consigo porque os taxistas não gostam de subir Santa Teresa. Já são quase 23 horas. Tento pegar um ônibus para sair um pouco dos arredores do estádio e pegar um táxi mais à frente. Porém, também não passa ônibus. Caminho um pouco em direção à Rua Conde de Bonfim e consigo um táxi. Quinze minutos depois, já quase meia noite,

chego à portaria do meu prédio e na mesma hora que o filho botafoguense de um vizinho.

Quero terminar com algumas reflexões sobre o que foi descrito. Primeiramente ficou claro que um jogo de futebol não está limitado aos noventa minutos no interior do estádio, mas ocupa muito mais tempo e espaço. Uma consequência disso é que principalmente o bairro ao redor do Maracanã é intimamente relacionado a esse estádio. É impossível para os moradores não serem afetados por ele. Há barulho, engarrafamento, a movimentação, mas há também muitos moradores que ganham com os jogos, vendendo bebidas ou souvenirs. Os torcedores que vêm da cidade inteira acabam conhecendo o bairro e criando pontos de referência como a UERJ, a Praça Varnhagen ou a estátua do Bellini.

Nítida ficou também a importância da observação de mudanças. Principalmente o interior do estádio e as medidas de segurança nos arredores e no acesso ao estádio passaram por muitas alterações. Isso é presente nas minhas observações e nas falas dos torcedores. E essa é a parte que interessa nesta pesquisa. Por isso, descrevi o Maracanã do dia 28 de março de 2009: pode ser que várias das informações colocadas não valham para o dia anterior e para o dia depois e muito menos na hora em que este texto estiver sendo lido.

Colocando os dados no papel percebi que o estádio é um meio de comunicação. Há muitos lugares com cartazes ou telões passando alguma ordem aos torcedores, objetivando muitas vezes pedir educação aos espectadores para assim modificar o comportamento ao redor e dentro do estádio. Isso se relaciona à expectativa criada pelos megaeventos esportivos que acontecerão no Brasil.

O Maracanã é uma construção antiga, que está sendo adaptada a novas exigências. O resultado é um híbrido. Vamos nos dedicar, no próximo capítulo, ao estádio Engenhão que foi construído do zero, podendo, pelo menos teoricamente, atender a todas as novas exigências e, desse modo, talvez não se constituir em um híbrido.

1.2 Engenhão

Saindo de trem da estação Central do Brasil, o passageiro chega, após uma viagem de 8 minutos, à terceira estação que é a do estádio Maracanã. Continuando neste ramal, mais sete estações, o que demora mais 13 minutos, o viajante chega ao bairro do Engenho de Dentro. Aí, de 16 de dezembro de 2003 a 30 de junho de 2007, foi construído no terreno das antigas oficinas da estrada de ferro, o Estádio Olímpico João Havelange, popularmente conhecido como Engenhão. O estádio se tornou necessário para abrigar as competições de atletismo e futebol dos Jogos Pan-Americanos entre os dias 13 e 29 de julho de 2007. Depois desses jogos, o estádio foi arrendado ao clube de futebol Botafogo, que desde então tem o mando de campo neste local. Neste capítulo pretende-se responder às seguintes perguntas: Como foi escolhida a localização do estádio? Por que e como foi construído? Como se deu o uso do estádio durante os Jogos Pan-Americanos? Qual foi o destino do estádio depois desses jogos?

Engenho de Dentro

No começo do século XIX, a situação da região que hoje é conhecida como Engenho de Dentro era muito parecida com a da região do Maracanã já descrita. Nesta área existiam engenhos de açúcar que deram nome ao local. Porém como se situava bem mais longe do centro da cidade, o seu desenvolvimento urbano começou mais tarde e desde o início relacionava-se estreitamente à linha das estradas de ferro Pedro II, inaugurada em 1858. O local começou a ser usado para abrigar oficinas de restauração dos trens a partir de 1869. Em 11 de novembro de 1871, foi aberta a estação de trem Engenho de Dentro, o que significou o verdadeiro começo do povoamento e desenvolvimento habitacional (FRAIHA, 1998, p.30). A partir daí a história do Engenho de Dentro se distingue bastante do bairro Maracanã.

Lembramos que o trem abriu a cidade em direção ao norte e oeste, possibilitando a sua colonização por camadas mais humildes que podiam construir nesta região uma casa própria e continuar conectados ao centro através das estradas de ferro. Mas os trens também representaram, no caso do Engenho de Dentro, a principal fonte de empregos. O local fazia parte da chamada Zona Norte, caracterizada pelo tripé ‘trem/subúrbio/população de baixa renda’. Dessa forma, a família real, os jôqueis ou a Copa do Mundo de 1950 passaram longe de Engenho de Dentro.

Segundo Cruz, a urbanização e arquitetura do bairro eram típicas do subúrbio. Foram construídas casas de família pequenas, algumas delas como casas geminadas ou em vilas ao contrário da Zona Sul, onde predominaram prédios, mansões e palacetes. Estas construções foram feitas em:

uma forma tipicamente linear, localizando as casas ao longo da ferrovia e, com maior concentração, em torno da estação e das oficinas. A ocupação proporcionada pela ferrovia era partida em duas áreas de povoação, sem a previsão de passagens amplas e ligações entre os dois setores marginais à linha (CRUZ, 2009, p.7).

O trem e as oficinas têm importância central para o bairro. Em 1869 foi aberta a primeira oficina da Estrada de Ferro na ainda existente Rua das Oficinas, substituída por um prédio ampliado em 1873. Em 1871, foi fundada uma escola para os filhos dos operários, que se especializou mais tarde como escola técnica e que existe até hoje. O volume do trabalho das oficinas era imenso, por exemplo, em 1884 foram reparados 95 locomotivas, 475 carros e 1.726 vagões. Como a demanda era maior do que as oficinas da Estrada de Ferro podiam suprir, foram instaladas mais oficinas de propriedade privada no local, que começaram a produzir também carvão, vidro e material bélico. Este capítulo importante da história do Engenho de Dentro está sendo documentado no Museu do Trem, aberto em 1983, e infelizmente fechado neste momento (FRAIHA, 1998, p.28-35).

Tabela 10: População do Grande Méier.

Ano	População
1920	57.252
1940	68.685
1950	84.601
1960	103.957

Fonte: Abreu (2008)

As oficinas levaram a um crescimento grande do Engenho de Dentro, que é um dos dezessete bairros que formam a região do Grande Méier. Dessa forma, se instalou uma infraestrutura urbana com comércio, restaurantes, hospitais e ofertas de lazer. Destaca-se, ainda, no bairro, o bloco de Carnaval “Chave de Ouro”, que sai sempre na quarta-feira de cinzas, provocando reações do poder estatal, e o hospital psiquiátrico Instituto Municipal Nise da Silveira, com o Museu do Inconsciente. O primeiro SESC (Serviço Social do Comércio) do Rio de Janeiro foi inaugurado, em 1947, no Engenho

de Dentro, oferecendo assistência social e legal aos comerciantes. Hoje o SESC conta também com uma quadra de esporte, uma sala de leitura e um teatro. As oficinas foram fechadas na década de 1970 porque a tecnologia mudou e as novas oficinas foram construídas no bairro de Deodoro, o que levou a uma depressão em Engenho de Dentro (FRAIHA, 1998, p.28-35).

Hoje o bairro do Engenho de Dentro tem uma área de 392 ha e pertence à XIII Área de Planejamento da cidade, que está localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O bairro apresenta uma topografia predominantemente plana, uma população residente de aproximadamente 47 mil habitantes e densidade bruta de 119 habitantes/ha (CRUZ, 2009, p.6).

Com a saída das oficinas, o bairro passou por grandes transformações. A primeira foi em 1986 com a construção do primeiro Shopping Center no subúrbio, o Norte Shopping¹⁵, na área de uma antiga fábrica. Em 1997, foi inaugurada a linha amarela¹⁶, uma autoestrada que conecta transversalmente os subúrbios do Rio de Janeiro, entre Aeroporto internacional e Barra da Tijuca, sem passar pelo centro da cidade. O Engenho de Dentro foi conectado por esta via expressa e se tornou objeto de especulações no mercado imobiliário. Do tripé “comércio fácil, mobilidade fácil e lazer fácil” (Cruz, 2009, 14) que deveria valorizar os imóveis do bairro, faltou o lazer, que chegaria com a construção do Engenhão, erguido no centro de um bairro de moradia, no terreno na Rua das Oficinas, substituindo as oficinas da Estrada de Ferro.

¹⁵ www.norteshopping.com.br

¹⁶ www.lamsa.com.br



Gráfico 6: Mapa dos arredores do Engenhão informando o acesso ao estádio e as categorias de ingressos nos setores do estádio. Tem um setor amarelo VIP que custa R\$35 e o resto custa R\$20. Fonte: www.botafo.com.br.

Megaeventos esportivos

O Engenhão foi concebido como o estádio olímpico dos Jogos Pan-Americanos que aconteceram em 2007, no Rio de Janeiro. Dessa forma, o estádio é parte de um projeto maior que obedece a normas internacionais e interfere gravemente na vida dos cidadãos. Por isso, há uma grande discussão sobre usos e abusos, significado internacional e tendências globais de megaeventos esportivos. Em geral, a discussão gira em torno daquilo que é chamado de “legado”.

Debord (1992) entenderia os megaeventos esportivos certamente como uma expressão máxima da sociedade do espetáculo que se tornou necessária devido à alta saturação dos produtos materiais do mercado mundial. Como o sistema capitalista segue a lógica da contínua produção e geração de lucros, torna-se necessária a criação de

espetáculos para dar continuidade à geração de produtos e lucros. Enquanto a vida anterior à sociedade dos espetáculos era vivida diretamente, na visão de Debord (1992), a sociedade do espetáculo é vivida em representações. Viver diretamente significa, neste caso, seguir o ciclo da natureza. Certas invenções tecnológicas, como, por exemplo, estufas para criar alimentos em qualquer temporada, possibilitaram a negligência do ritmo da natureza. Começou a ser possível, mais do que o necessário, e esses produtos necessitam de arenas para serem comercializados: os espetáculos.

É possível tecer duas críticas centrais à argumentação de Debord (1992). A primeira diz respeito à questão do “viver diretamente”: o consumo de um espetáculo pode ser vivido tão diretamente quanto o consumo de uma maçã na estação natural. A segunda crítica refere-se à suposta alienação dos seres humanos devido às inovações tecnológicas. Estas fazem parte da vida humana e podem ser perfeitamente vividas diretamente. Desde que os povos nômades se tornaram sedentários dificilmente se compreende a nova vida deles como representação e a antiga como vivida diretamente com os ciclos da natureza.

Além do mais, se os consumidores dos espetáculos são alienados, o que dizer de seus produtores? Eles não são alienados? Debord (1992) esboça uma reformulação da teoria marxista da sociedade de classes: produtores e consumidores do espetáculo. Mas se nós vivemos na sociedade do espetáculo, onde tudo é vivido através de representações, então os produtores dos espetáculos também são alienados e a partir daí não há mais classes.

Apesar dessas questões, torna-se bastante válido o raciocínio da utilidade econômica de um espetáculo como um megaevento esportivo. Um megaevento cria produtos como ingressos, suvenires, notícias ou imagens que não são imediatamente necessárias para a sobrevivência, mas podem ser comercializados. Entretanto, esses eventos vão além da utilidade econômica: são um lugar de troca de informações, de afirmação de *status* e identidade etc. Eles são “torneios de valor”:

Torneios de valor são complexos eventos periódicos que, de alguma forma culturalmente definida, se afastam das rotinas da vida econômica. A participação nestes eventos tende a ser simultaneamente um privilégio daqueles que estão no poder e um instrumento de disputa de *status* entre eles. A moeda corrente destes torneios também tende a ser distinguida por meio de diacríticos culturais muito bem compreendidos. Finalmente, o que está em pauta nestes torneios não é apenas o *status*, a posição, a fama ou a reputação dos atores, mas a disposição dos principais emblemas de valor da sociedade em questão. Enfim, embora tais torneios de valor ocorram em épocas e lugares especiais, suas formas e resultados sempre trazem consequências para as mais mundanas realidades de poder e valor na vida comum (APPADURAI, 2008, p.36-37).

Os Jogos Pan-Americanos 2007 (doravante Pan-2007) representaram um evento periódico fora da rotina da vida econômica. Políticos, dirigentes esportivos e outros interessados se mostraram bastante empenhados em enfatizar a sua participação no evento. Além de questões econômicas e urbanísticas estavam em disputa também a definição de categorias como modernidade e desenvolvimento. Os resultados desta disputa são a associação a um legado do evento em nível local.

Mas um megaevento esportivo se torna interessante para a antropologia porque, como torneio de valor, torna-se uma plataforma comprimida onde efeitos da globalização podem ser observados. Tanto o local anfitrião se expõe ao mundo, quanto tendências internacionais nele se refletirão. Ao contrário do foco econômico de Debord (1992), podemos observar múltiplos fluxos. Appadurai (1990, p.312) descreveu esses fluxos da cultura global com etnopanoramas, midiapanoramas, tecnopanoramas, finançopanoramas e ideopanoramas:

Valho-me desses termos, com um sufixo comum “panorama”, para indicar, em primeiro lugar, que não se trata de relações objetivamente dadas que têm a mesma aparência a partir de cada ângulo de visão, mas, antes, são interpretações profundamente perspectivas, modeladas pelo posicionamento histórico, linguístico e político das diferentes espécies de agentes: os estados nacionais, as multinacionais, as comunidades diaspóricas, bem como os grupos e movimentos subnacionais (religiosos, políticos ou econômicos), e até mesmo os grupos intimamente mais relacionados, como vilas, os bairros e os grupos familiares. Na realidade, o agente individual é o último local deste conjunto de panoramas, pois os mesmos são eventualmente percorridos por agentes que ao mesmo tempo conhecem e constituem formações mais amplas, em parte pelo seu próprio sentido daquilo que essas paisagens oferecem (Ibid, p.312-113).

Um megaevento esportivo permite um olhar para esses fluxos fluidos e irregulares como através de uma lente. Os diversos atores envolvidos, mesmo alguns deles marginalizados, participaram desses fluxos experimentando suas consequências. Vejamos alguns exemplos concretos do Pan-2007.

Os últimos megaeventos esportivos que aconteceram no Brasil foram a já citada Copa do Mundo de 1950 e os Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Eventos desse porte ficaram por quatro décadas distantes do Brasil. No final do século XX, o Brasil voltou a demonstrar interesse, passando a se candidatar a sede desses megaeventos esportivos, obtendo êxito nas edições do Pan-2007, Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos 2016. Este desenvolvimento está, no caso do Rio de Janeiro, estreitamente conectado ao prefeito César Maia, eleito pela primeira vez em 1993 e

reeleito em 2001 e 2005, terminando seu mandato em 2008. César Maia foi o prefeito responsável pela construção da Linha Amarela e dos estádios do Pan de 2007.

Cruz (2009) chama esses projetos de Grandes Projetos Urbanos (GPUs), que seriam, seguindo Benedicto (2008), a expressão de uma gestão urbana empresarial e neoliberal e, dessa forma, parte de um finançopanorama. A característica desse tipo de governo é que a administração da cidade favorece alguns poucos projetos grandes que são, do ponto de vista da iniciativa privada, economicamente rentáveis. Por isso, os projetos surgem tipicamente de parcerias público-privado (PPPS). A Linha Amarela é um típico exemplo: foi construída com dinheiro da prefeitura, mas está sendo administrada por uma empresa privada, a LAMSA. Vários estádios dos Jogos Pan-Americanos funcionam da mesma maneira. O estádio do remo na Lagoa – zona sul do Rio de Janeiro – foi renovado e ampliado parcialmente com dinheiro público e dinheiro da empresa privada GLEN. Depois dos jogos, esta empresa transformou o estádio em um Shopping Center e recolhe, sozinha, os lucros do negócio (BEHNKEN, GODOY, 2008, p.16).



Foto 16: O Engenho visto da Linha Amarela.

Ou seja, nestes GPUs a Prefeitura não investe em serviços públicos gratuitos e essenciais para seus cidadãos, como hospitais ou escolas, mas procura investimentos

rentáveis, principalmente na área do lazer. Estes GPUs deveriam incentivar a iniciativa privada e, dessa forma, animar o desenvolvimento urbano. Muitas vezes espera-se dos megaeventos esportivos exatamente esse efeito: um investimento pontual único em um evento que depois alavanca as melhorias urbanas com esforço mínimo das instituições públicas. Não há um planejamento a longo prazo, mas a busca dos efeitos rápidos com projetos chamativos. O arquiteto do Engenhão, Carlos Porto, chamou essa estratégia de “Acupuntura Urbana”, ou seja, a implantação pontual de GPUs, que deveriam influenciar todo seu entorno positivamente.¹⁷

Em 1996 e 2002, foram elaborados dois planos estratégicos pela Prefeitura para a cidade do Rio de Janeiro, visando melhorias na área de turismo, eventos e cultura, ou seja, áreas percebidas como economicamente rentáveis. A coluna central dos planos foi a realização de Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, por isso, em 1996, a cidade apresentou oficialmente seu projeto de candidatura aos Jogos Olímpicos de 2004 ao Comitê Olímpico Internacional. Essa iniciativa não obteve êxito e o Rio foi eliminado da concorrência já na primeira fase, em 1998. Mais tarde Atenas foi confirmada como sede dos Jogos de 2004.

Nessa época, surge a ideia da construção de um estádio olímpico, inicialmente em Jacarepaguá e posteriormente em Engenho de Dentro. O arquiteto Carlos Porto se lembra:

Na prefeitura andei em várias áreas até finalmente aí em 95 eu fui convidado a ser diretor da empresa, uma empresa chamada RioUrbe. A RioUrbe era uma empresa de urbanização da prefeitura e eu fui convidado a ser diretor de projetos da RioUrbe. Nessa altura do campeonato o prefeito, não o secretário de urbanismo, na verdade um secretário poderoso, era o Luiz Paulo Conde, que veio a ser prefeito da cidade e é um bom arquiteto. Eu conheci o Conde de uma premiação do IAB, do instituto de arquitetos e ele era júri do concurso anual de premiação do instituto de arquitetos e premiou dois projetos que eu tinha colocado lá. E aí trocamos uma idéia, mas eu não tinha intimidade maior com o Conde, ele era apenas um bom arquiteto que conheci o trabalho e ele gostou do meu trabalho etc. Quando ele virou secretário e sabia que eu era funcionário público ele me convidou ser diretor de projeto, portanto dessa empresa. [...]

Começa a sugerir a cobertura completa sobre pelo menos a projeção da plateia para ter mais conforto, banheiros melhores, alguns outros adendos ao projeto, quer dizer coisas adicionadas ao projeto como museu, restaurante e assim excessivamente. Eu acho que a gente ainda estava muito atrás disso, quando então com a possibilidade de propor um estádio para as Olimpíadas, o Rio de Janeiro foi candidato para as Olimpíadas de 2004, a sediar as Olimpíadas de 2004. Volto a história de o Conde então ter me pedido um projeto público na época da RioUrbe para um estádio municipal. (Arquiteto Carlos Porto)

¹⁷Entrevista concedida ao autor em 2009. Seguem várias citações desta entrevista.

Chama a atenção o fato de não ter havido licitação pública, mas sim um funcionário da empresa da própria prefeitura ter sido diretamente chamado para fazer a proposta do estádio novo. Isto foi em 1995¹⁸, ou seja, quando se oficializou a candidatura, já em 1996, a discussão sobre arquitetura e localização do estádio havia acontecido no interior da Prefeitura, sem uma discussão pública. Como no caso do Maracanã, as propostas urbanísticas foram feitas dentro da administração pública e não por um campo profissional especializado e independente.

O projeto foi arquivado com a eliminação do Rio de Janeiro e reativado com a candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Pan-Americanos de 2007. Esta candidatura pareceu ser um passo estratégico do Comitê Olímpico Brasileiro e da Prefeitura para conseguir futuramente os Jogos Olímpicos:¹⁹

Quando apareceu, quando Rio venceu a concorrência com São Paulo para sediar os Jogos Pan-Americanos. Isso é no final de 2002. A prefeitura se lembrou que tinha esse projeto já com nível de desenvolvimento bastante razoável. Então nos chamou. Eu já tinha saído da prefeitura, tinha me aposentado em 2001, quer dizer terminou meu período na prefeitura. Então nos chamou para estudar rapidamente esse projeto.

Ver se cabia num terreno que aquele terreno lá de Engenho de Dentro, que era um terreno antigo da estrada de ferro e que de uma estação de manutenção da estrada de ferro, da ferrovia e que tava abandonado.

O comitê olímpico tinha obtido uma concessão para fazer um centro de treinamento lá naquele troço. Então entre comitê olímpico e prefeitura se determinou que aquele fosse o terreno escolhido. Não é fácil você numa cidade dessa você achar um terreno que tenha 250.000 m² com uma certa facilidade de transporte público, enfim (Arquiteto Carlos Porto).²⁰

Ou seja, o terreno das oficinas da Estrada de Ferro em Engenho de Dentro foi escolhido por ter sido considerado suficientemente grande, com uma situação de posse favorável e com bom acesso por trem e de carro (linha amarela). Em 2002, o Rio foi

¹⁸Há muitas especulações sobre a semelhança entre os estádios ‘Luz’, em Lisboa, e o Engenhão. Carlos Porto comenta o assunto: “O Benfica derrubou e construiu um outro próximo etc. Esse novo estádio do Benfica, aquele que também tem uns arcos vermelhos. E que, aliás, é uma coisa curiosa porque o primeiro desenho do nosso estádio em arcos é de 95, publicado em jornal e revista. E o do Benfica já é um estádio do HOK, do escritório HOK, mas é um estádio de projeto talvez publicado em 2000, 2000 e pouco, quer dizer. Então se pergunta: Você baseou seu projeto no Benfica? Digo não, ele é capaz de ter olhado o nosso. Mas meu, pelo menos a publicação nossa é anterior. Publicação em jornal, em matéria, etc tal. Não, isso é besteira, isso é bobagem. Tô brincando porque isso não existe, porque hoje você tem influências de todos os lados, influência te pega, sem você perceber, uma lembrança, um gesto, ainda mais em arquitetura, em arte.”

¹⁹A candidatura ao Pan-2007 foi apenas um desses passos estratégicos. Além disso, o Rio de Janeiro se candidatou para sediar os Jogos Sul-Americanos de 2002 e os Jogos Militares de 2011 (ambos com sucesso), a FIFA Copa do Mundo de Clubes 2000, várias FIFA Copa do Mundo de Beach Soccer e a FIFA Copa do Mundo de Futsal 2008 (todos com sucesso). Além disso, o Brasil era candidato para sediar a FIFA Copa do Mundo de futebol de 2006 (sem sucesso).

²⁰A candidatura oficial se deu em 2001 e a escolha em 2002. Não houve concorrência com São Paulo. Esta aconteceu na disputa pela candidatura aos Jogos Olímpicos de 2012.

confirmado como sede do Pan-2007 pela ODEPA²¹ e o Engenho se tornaria a principal obra deste evento. A partir daí, o bairro de Engenho de Dentro se tornará o palco central de disputas e aspirações que envolvem um megaevento esportivo e a principal categoria perceptível nos discursos em torno desta disputa é o legado. Legado entendido como melhorias para todos os cidadãos do bairro, da cidade e do país.

Para Horne & Manzenreiter (2006) um megaevento esportivo possui sete características principais: (1) são um evento cultural, comercial e esportivo de escala grande, (2) têm um caráter dramático, (3) têm um apelo popular massificado, (4) têm significado internacional, (5) têm consequências significantes para a cidade ou país sede, (6) provocam uma atenção da mídia imensa (7) representam uma descontinuidade no andamento ordinário de campeonatos esportivos (Horne, Manzenreiter, 2006, 2).

Neste momento, interessa principalmente o ponto 5, as consequências significantes. A candidatura para sediar um megaevento esportivo é feita através das federações esportivas responsáveis. No caso dos Jogos Pan-Americanos, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) entregou a candidatura à ODEPA, no caso dos Jogos Olímpicos, o mesmo COB entregou ao Comitê Olímpico Internacional (COI) e, no caso de uma Copa do Mundo, a CBF entregou a candidatura à FIFA. E as federações internacionais COI e FIFA concedem o direito de sediar o evento às federações nacionais. Em outras palavras, o contrato é feito entre entidades privadas orientadas para o lucro, porém as federações nacionais dependem, para estas candidaturas, do apoio dos governos locais e nacionais, ou seja, de fluxos do ideopanorama.

Isso significa que em todas essas candidaturas o COB e a CBF tiveram garantias de apoio ao evento dos governos municipal, estadual e federal. Apoiar significa, em grande medida, financiar. Sendo assim, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro como instituição pública precisa investir seus recursos escassos em um evento privado. Essa amálgama de interesses públicos e privados leva a uma mistura pouco transparente entre instituições públicas e privadas, assim como ocorreu no Pan-2007, gerando desconfianças. Em seguida, os poderes governamentais precisam justificar tais investimentos como essenciais ao bem estar da cidade. É o que ocorre com aquilo descrito como legado do evento. Os políticos representam a população toda e, portanto, são obrigados a (dizer) defender um legado para toda a população e não só para os membros do comitê organizador, que é uma entidade privada.

²¹ODEPA, Comitê Olímpico dos Continentes Americanos.

Este legado normalmente é formulado pelos representantes políticos e esportivos de uma forma bastante genérica e não em exemplos específicos locais. Exemplificamos um *brainstorming* sobre possíveis legados positivos para os moradores da região do Engenho de Dentro. Novos empregos seriam bem vindos a um bairro que perdera com o fim das oficinas seu principal empregador. O secretário de obras da Prefeitura do Rio de Janeiro havia prometido em entrevista (*Revista Obras do Pan*, 2007, p.23) que o Engenhão será “[...] uma arena onde funcionarão 50 lojas. Vai ter vida permanente.” O arquiteto Carlos Porto confirmou a ideia de um Shopping Center com cinema integrado no Engenhão, que pelo menos no Pan-2007 não existia, mas poderia ser construído até os Jogos Olímpicos em 2016.

O próprio estádio poderia ser um espaço de lazer e esporte para a população residente. O Engenhão possui dois campos de futebol e pistas de atletismo, entretanto o estádio foi alugado ao clube de futebol Botafogo e não é aberto aos moradores durante a semana. Outro legado poderia ser a valorização das casas e terrenos ao redor do estádio. Este fator também representaria uma ameaça porque os moradores não sabem se as suas casas se tornariam objetos de especulação e, portanto, objetos de desapropriação. Finalmente constam na *Revista Obras do Pan* (2007, p.20-21) várias obras de infraestrutura que foram feitas como, por exemplo: renovação e ampliação da estação de trens, pavimentação de ruas, implantação de meio-fio, arborização, iluminação e sinalização pública.

Estas obras são necessárias porque um estádio é também um peso para uma comunidade, que terá de conviver com um aumento significativo de trânsito e barulho em cada evento esportivo que acontece no local. Enfim, a construção do Engenhão gera consequências ambíguas para o bairro, mostrando as irregularidades e flexibilidades nos fluxos, nesse caso do finançopanorama. É interessante observar que os moradores já parecem ter recebido a obra com orgulho. Saí durante o Pan-2007 do estádio e fui beber algo num bar próximo, onde falei com uma moradora que me disse: “Este estádio é a melhor coisa que o César [Maia, prefeito] fez. Já melhorou muito a nossa vida.” No desenvolvimento da conversa percebi que a moradora nunca havia entrado no estádio e nem pretendia entrar. Cruz (2009, 11) observa também o aumento do sentimento de orgulho ao citar a fala de uma moradora: “Agora já posso dizer que moro no Engenho de Dentro. O estádio é uma referência.”

Pensando em um nível municipal existem vários pacotes de propostas (ideopanorama) ligadas aos megaeventos esportivos, que constam nos planos

estratégicos citados por Benedicto (2008) e o Programa de Aceleração do Crescimento, que é uma iniciativa do Governo Federal. As propostas são muito parecidas. O Rio de Janeiro, como uma metrópole do terceiro mundo com histórico colonial, apresenta problemas graves de desigualdade social, segurança pública, transporte público precário, poluição do meio ambiente, incluindo uma falta de itens básicos como educação, saúde e moradia. O Comitê Organizador do Pan-2007 reagiu com uma candidatura que prometeu como legado, por exemplo, a construção de novas linhas de metrô, investimentos em projetos sociais e segurança pública, acesso da população aos estádios depois dos jogos, ganhos através da estimulação econômica e transformação social para todos. Essas propostas se inserem principalmente no tecnopanorama e se repetem na candidatura para os Jogos Olímpicos 2016.



Foto 17: O bairro Engenho de Dentro visto do Engenho.

Durante a preparação para o Pan-2007, se tornou rapidamente claro que não era possível cumprir essas promessas. A solução era a criação de algumas ilhas de excelência, ou seja, os estádios e ginásios, que poderiam ser mostrados na televisão para um público nacional e internacional. Os organizadores foram obrigados a se concentrar nestas áreas. O legado imediato dos habitantes foi transformado num legado de marketing, ou seja, um midiapanorama, que deveria se transformar mais tarde num

legado social e econômico. Para conseguir essas transformações, a cidade precisa ganhar dinheiro atraindo investidores, precisando, para isso, agir como competidor em um mercado internacional. A imagem que será transportada através da mídia de massa se torna o foco principal:

Os jogos Pan-Americanos serão o maior evento depois dos jogos de 1966 (Jogos Pan-Americanos de São Paulo) e vêm ao encontro da política de maior participação do Brasil no cenário mundial, como as operações de paz no Haiti, a vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, e a organização do país de uma olimpíada. (Ricardo Laser, representante do Governo Federal, na primeira Audiência Pública da Comissão Especial do Pan, em Maio de 2005).²²

A citação mostra que um megaevento esportivo não tem apenas consequências locais e municipais, mas também nacionais e internacionais. Em nível Federal há esperanças que não só o Rio de Janeiro, mas o Brasil inteiro tenha benefícios com o Pan-2007, a Copa 2014 e a Olimpíada de 2016, que iriam além de melhorias econômicas (finançopanorama). Espera-se ganhos políticos e até uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, uma vaga de prestígio altíssimo e representada como quase impossível de se alcançar (ideopanorama). O uso do esporte como ferramenta política está se tornando comum. Já na citada missão de paz da ONU, no Haiti, foi organizado um Jogo da Paz entre as seleções do Haiti e do Brasil (etnopanorama).²³

Megaeventos esportivos significam para políticos a oportunidade de aumentar sua influência, se projetar internacionalmente e garantir a sua base eleitoral. Além disso, é possível melhorar a imagem da própria cidade, do próprio país, tornando a região mais atrativa para investimentos e colaborações econômicas. Tais efeitos interessam a várias grandes empresas locais, que imaginam lucrar não só com as construções necessárias para o próprio evento, mas a longo prazo. A valorização do lugar é também desejada por imobiliárias. Os megaeventos esportivos se tornaram lócus importantíssimos de uma disputa internacional por recursos.

Ao que parece, países que pretendem se afirmar internacionalmente precisam sediar um megaevento esportivo. Dessa forma, é possível compreender a lista dos países sedes de copas do mundo e jogos olímpicos como uma tradução das forças econômicas e políticas do momento (finançopanorama). Das sete Copas do Mundo de futebol e seis

²²Citado em Cruz (2009, 10), sendo que ele se refere ao Pan de 1963 e o nome correto do representante do governo é Ricardo Leyser.

²³Este jogo é muito bem documentado no filme “O dia que o Brasil esteve aqui”, que foi resenhado em Guedes, Curi (2010).

jogos olímpicos de verão que aconteceram entre 1980 e 2006, seis foram na Europa (Espanha, Itália, França, Grécia e Alemanha), quatro na América do Norte (México e EUA), dois na Ásia (Coreia e Japão) e um na Austrália. Excetuando-se Grécia e México, essa lista representa as forças econômicas da época. Nenhum megaevento esportivo aconteceu na África ou na América do Sul. Esse panorama mudou claramente. Das cinco edições posteriores a esses eventos, dois ocorreram na América do Sul (Brasil), um na África (África do Sul), um na Ásia (China), um na Europa (Reino Unido) e nenhum na América do Norte.

Em 2001, o economista Jim O'Neill, do banco Goldman Sachs, formulou a tese de que os países Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC) se tornarão até 2050 as quatro principais forças econômicas do mundo.²⁴ Dessa forma, não surpreende que esses países assumam uma posição de destaque entre as sedes de megaeventos esportivos no começo do século XXI.

Tabela 11: Megaeventos esportivos em países BRIC.

Ano	Cidade/País	Evento
2008	Pequim/ China	Jogos Olímpicos de Verão
2011	Dehli/ Índia	Commonwealth Games
2014	Sochi/ Rússia	Jogos Olímpicos de Inverno
2014	Brasil	Copa do Mundo de Futebol
2016	Rio de Janeiro/Brasil	Jogos Olímpicos de Verão
2018	Rússia	Copa do Mundo de Futebol

Nauright (2004, p.1326) conclui que “developing economies such as Mexico, Brazil, South Korea, Malaysian India, South Africa and others have increasingly sought major events by which to promote their countries on a global stage”.²⁵ Ou seja, esses eventos são uma chance para os anfitriões melhorarem suas condições econômicas, a infraestrutura e se promoverem em um nível global. Porém, ao mesmo tempo representam um perigo, porque há típicas preocupações em relação a esses países, no que diz respeito à segurança pública, infraestrutura precária e cumprimento de cronogramas. Dimeo e Kay (2004) mostraram como a Copa do Mundo de Cricket de 1996, sediada em conjunto por Índia, Paquistão e Sri Lanca, causou dificuldades

²⁴ Mais informações: <http://www2.goldmansachs.com/ideas/brics/book/99-dreaming.pdf>

²⁵ Já há uma ampla literatura sobre megaeventos esportivos em países semiperiféricos: DIMEO & KAY, 2004; SWART & BOB, 2004; BLACK & VAN DER WESTHUIZEN, 2004; NAURIGHT, 2004.

logísticas e políticas para os organizadores. Esses problemas foram muito destacados pelos países de língua inglesa, reforçando estereótipos sobre a insuficiente capacidade de organização de países em desenvolvimento.

Mas os benefícios também não são garantidos em países desenvolvidos, como argumenta Atkinson et al. (2008) analisando os Jogos Olímpicos de Londres 2012:

Direct benefits are likely to be small, since impacts such as net additional tourism are likely to be limited. In addition, mega-event investments tend to displace better alternatives in the host city or beyond (for example, a substantial fraction of the facilities built for the Sydney 2000 Olympic Games has already been shut down). Indirect benefits, such as the host city's image and urban redevelopment, are more difficult to assess. Yet while a mega-event shines a spotlight on a city for a short period of time, most of the activities involve limited participation by local citizens and legacy effects are often quite small (ATKINSON et al., 2008, p. 420).

Há ainda posições mais críticas que chamam a atenção para o fato de que um megaevento pode representar até mesmo um inconveniente sendo que, além disso, muitas vezes se esquece dos custos que envolvem sua realização:

[...] against any potential benefits of hosting sports events are likely to be a series of 'costs' that are rarely considered in *ex ante* or *ex post* economic assessments. These might include the effects of overcrowding and noise pollution, increased crime rates and 'hidden' costs associated with policing and security, 'removal of undesirables', sanitization and property cost inflation around venues (COLLINS et al., 2007, p.459).

Aliás, um grande estádio certamente é mais um inconveniente do que um ganho para a vizinhança direta, como é o caso dos moradores do Engenho de Dentro, por causa do barulho e do tumulto que o local atrai em cada jogo. Se a construção leva a uma valorização do solo, também produz a já mencionada inflação e expulsão dos moradores. Por causa dessas consequências indesejadas, provocadas pelos megaeventos esportivos, em muitas cidades sedes se formam grupos de defesa dos direitos dos moradores (ideopanorama) que se sentem vítimas das especulações financeiras dos políticos, empresários e dirigentes esportivos (RAEDER, 2008, p.11).

No caso do Pan-2007, se formou o Comitê Social do Pan (CSP) em abril de 2005, por representantes de movimentos sociais e pesquisadores preocupados com a administração pública do megaevento Pan-2007. Em 2009, o Comitê mudou o nome para Fórum Social dos Megaeventos (FSM), por causa das decisões sobre a Copa 2014 e Olimpíada 2016, entre outros. Esta organização formulou algumas exigências e apresentou preocupações sobre os eventos que iriam acontecer na cidade:

- Orçamento transparente dos gastos públicos, amplamente divulgado e fiscalizado pela sociedade;
- Participação da sociedade na decisão do planejamento e legado dos jogos;
- Investimentos em transporte público para todos;
- Compromisso público de não haver remoções;
- Destinação habitacional e popular da Vila Olímpica como em outras Olimpíadas;
- Destinação pública das arenas esportivas, não à privatização e instalações de “elefantes brancos”;
- Investimentos em programas sociais e esportivos;
- Menos erros e mais acertos: que todos os investimentos sociais e de infraestrutura sejam cumpridos, mesmo sem as Olimpíadas. (Panfleto do CSP/FSM, 2009).

O CSP acusa os Comitês Organizadores dos Megaeventos de conceberem a cidade como mercadoria e não como espaço de moradia dos seus cidadãos. Tal pensamento justificaria um investimento maciço em áreas de interesse de lucro, remoção de populações de baixa renda dessas regiões, negligência dos interesses gerais da cidade. Além disso, o cronograma dos megaeventos criaria uma pressão, que provocaria a multiplicação dos gastos, o que abre a possibilidade para superfaturamentos. Raeder (2008, p.10-25) e Benedicto (2008, p.9-15) documentam essas preocupações, e também mencionam que de fato houve conflitos sociais graves na preparação do Pan-2007, incluindo censura, remoções de favelas e incidentes violentos envolvendo a polícia.

A preocupação central para todos os envolvidos é: será que um megaevento justifica o investimento pesado de recursos públicos? Enquanto os políticos e dirigentes defendem, os movimentos sociais são contrários ao gasto. A verdade é que é impossível contabilizar gastos e ganhos e perceber os efeitos em longo prazo do marketing, da infraestrutura e de outros investimentos. Sem dúvida, esses eventos levantam o orgulho e a autoestima dos moradores, o que pode provocar efeitos positivos em outras áreas da vida. Também não é possível contabilizar definitivamente os investimentos que foram feitos em dinheiro, que aparenta ser algo objetivo e contável. O Pan-2007 foi orçado em R\$ 720 milhões e totalizou R\$ 3,4 bilhões em gastos de recursos públicos, o que significa cinco vezes o valor original (CRUZ, 2009, p.11). À primeira vista trata-se de um desperdício muito grande.

O economista alemão Preuss (2008) apresentou em 2008 uma pesquisa sobre os gastos e ganhos da Alemanha durante a Copa do Mundo 2006. Fazendo referência apenas aos recursos que os diferentes níveis de governo investiram e os ganhos obtidos através de impostos adicionais, o economista conclui que aquela contabilidade quase se

equilibra. Além disso, a conta não leva em consideração as consequências invisíveis como a atmosfera, o ganho de conhecimento, o orgulho e as consequências em longo prazo como uma nova infraestrutura, turismo, investimentos e melhora da imagem.

Tabela 12: Custos dos Jogos Olímpicos.

Ano	Sede	Gasto em milhões US\$
1996	Atlanta	2.021
2000	Sidney	4.788
2008	Pequim	36.000
2016*	Rio de Janeiro	14.400 (estimativa)

Fonte: Preuss (2008), *CO Rio 2016 (2009)

Se a intenção do Pan-2007 foi mostrar que o Brasil é capaz de organizar megaeventos esportivos e se qualificar dessa forma para outros (um tecnopanorama), então é possível considerar que o Pan-2007 foi um sucesso total. No final de 2007, a FIFA decidiu conceder ao Brasil o direito de organizar a Copa do Mundo de futebol de 2014 e, em outubro 2009, o COI escolheu o Rio de Janeiro como cidade sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

O principal estádio do primeiro será o Maracanã e do segundo, o Engenhão. As candidaturas obviamente tentam esconder as mazelas e destacar os pontos fortes do candidato. No caso do Rio de Janeiro, o argumento central enfatizava a vocação que a cidade teria para o esporte e, portanto, para as Olimpíadas:

Brazil offers PASO its quintessential city, where events reverberate internationally as in few other places in the world. The City of Rio de Janeiro, known as the “CIDADE MARAVILHOSA”, has a naturally cheerful, friendly and peaceful citizenry, who have an unparalleled love of life. Cariocas are passionate for sports and practice them daily [...]. (RIO PAN-2007, 2002, 183)

Nauright argument que “global sports events can lead to the promotion of imagined, partial and fictional representational of local identities and histories” (2004, p.1328). Esse efeito foi possibilitado com a relação criada entre os espaços públicos da praia, da Lagoa e do Parque da Tijuca e as atividades esportivas espontâneas e lúdicas dos cariocas. A estratégia de marketing evoca o título do trabalho de Araújo (1993) “A Vocação do Prazer”. Trata-se de um exemplo para o etnopanorama.

Esse tipo de marketing insinua também que os custos dos jogos não são altos, porque a própria cidade oferece naturalmente o lugar para as competições sem a

necessidade de construções. Os altos custos são, portanto, uma preocupação dos organizadores e uma forma de diminuir os gastos e garantir o uso posterior dos estádios é a já citada PPP. O Engenhão é um exemplo disso. O estádio foi construído pelo poder público. Depois do Pan-2007 houve uma concessão e o Engenhão foi alugado por R\$36.000 ao clube Botafogo, que a partir daí se tornou responsável por sua manutenção.²⁶

A concepção dos panoramas de Appadurai (1990) permitiu descrever a complexidade de um megaevento esportivo, seus recursos e interesses envolvidos. Não seria possível listar todos aqui. Concordando-se ou não com os argumentos dos defensores e dos opositores dos megaeventos esportivos no Rio de Janeiro, o Engenhão começou a ser construído em 16 de dezembro de 2003, sendo inaugurado em 30 de junho de 2007 com o jogo Fluminense – Botafogo 1:2.

Os espectadores dos Jogos Pan-Americanos 2007

Entre os dias 12 e 29 de julho de 2007²⁷, o Rio de Janeiro sediou os XV Jogos Pan-Americanos, um evento poliesportivo com atletas dos continentes americanos. Foram esperados mais de 5.000 atletas para 41 modalidades e 60.000 turistas dos 42 países participantes (CO Rio 2007, 2007, p.6). No Engenhão, aconteceram as competições de futebol (masculino e feminino) e de atletismo. Por isso, o estádio tem todo um equipamento de atletismo, como a pista de atletismo e a pista de aquecimento fora do estádio, além do campo de futebol.

Um evento desse tipo atrai muitos espectadores. O comitê organizador declarou a venda de 1.3 milhões de ingressos. Essa multidão foi objeto de uma pesquisa minha (Curi, 2008a) cujos resultados serão agora apresentados. Já em 2006, havia feito uma pesquisa com a torcida brasileira na Copa do Mundo na Alemanha (CURI, 2008b), que permite comparações no atendimento aos torcedores em megaeventos esportivos. Esses atendimentos são baseados em um conhecimento compartilhado mundialmente entre os organizadores e, por isso, bastante padronizados. A segurança é a principal preocupação em eventos que atraem multidões.

O conceito básico é o “crowd management” (FRUIN, 2007) baseado em serviço e “low level policing”. Competições anteriores mostraram que o conceito de segurança

²⁶ <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2007/interna/0,,OI1807766-I8817,00.html>, 26.01.2010.

²⁷ A data oficial é 13 a 29 de julho de 2007, mas por motivos organizacionais houve competições no dia 12 de julho de 2007.

mais efetivo é o atendimento aos espectadores com serviço e informação e não a repressão baseada em força policial visível e agressiva (STOTT, 2007). Tal serviço normalmente é feito por milhares de voluntários que tentam auxiliar os espectadores fornecendo informações sobre localização por intermédio de megafones. Em muitos eventos são produzidos guias gratuitos, distribuídos entre os torcedores. A polícia é responsável pela organização do trânsito fora dos estádios, enquanto agentes privados com uniformes menos agressivos trabalham dentro dos estádios.



Foto 18: Voluntários nos Jogos Pan-Americanos 2007.

Isso foi exatamente o que aconteceu no Pan-2007. Voluntários foram responsáveis tanto pela informação quanto pela segurança. O primeiro grupo trajava uniforme branco e o segundo, preto. Eles distribuíram um Guia do Espectador gratuito de 72 páginas, contendo informações importantes relativas a mapas dos estádios e transporte coletivo. Os voluntários com os uniformes brancos recebiam os espectadores nas entradas, para controlar os ingressos. Os voluntários com uniforme preto foram responsáveis pelas medidas de segurança e controle com detectores de metal. Bolsas e mochilas tinham que passar por raios-X, assim como ocorre nos aeroportos, o que causou atrasos e filas grandes.



Foto 19: Controle nas entradas do Pan-2007: detedores de metal e raios-X.

Isso representa um contraste brusco com o conceito de segurança perceptível em eventos esportivos no Brasil, como os campeonatos nacionais de futebol, anteriores ao Pan-2007. Nessas ocasiões, a polícia militar, com uniformes oficiais, é responsável pela revista nas entradas e pela segurança dentro dos estádios. Portam armas, mas não possuem equipamento de alta tecnologia à sua disposição. Frequentemente se relata o uso de gás lacrimogêneo e de cassetetes (TEIXEIRA, 2003, p.166-168). Quase não há funcionários civis oferecendo serviço. A diferença entre os conceitos de segurança é significativa.



Foto 20: Um soldado da Força Nacional no Pan-2007.

A única força armada de segurança visível no Pan-2007 foi a Força Nacional, uma unidade policial especial que tinha o papel de proteger os estádios contra ataques terroristas. De um modo geral, não entravam em contato com os espectadores, mas eram visíveis ao redor dos muros dos estádios. Os seus uniformes eram similares aos de soldados e carregavam metralhadoras. A Força Nacional, os muros e o raio-x transformaram as arenas de competição em fortalezas que formavam a fronteira entre o Rio de Janeiro “normal” e a área do evento. Esse tipo de fronteira já foi descrito por Caldeira (2000) como “fortified enclaves” – um enclave fortalecido. É interessante mencionar algumas de suas observações, feitas em uma pesquisa sobre crime e segregação no Brasil:

They are physically demarcated and isolated by walls, fences, empty spaces and design devices. They are turned inward, away from the street, whose public life they explicitly reject. They are controlled by armed guards and security systems, which enforce rules of inclusion and exclusion (CALDEIRA, 2000, p.258).

Espectadores com ingressos que passavam pelas medidas de segurança entravam em um mundo diferente, sem polícia e Força Nacional. Ao contrário, a partir daí eles eram recebidos e atendidos pelos voluntários de serviço que mostravam o caminho para dentro de modernos estádios. Para o Pan-2007 foram construídos o estádio olímpico Engenhão, a Arena Multiuso e a piscina Maria Lenk. Além disso, o estádio Maracanã e o ginásio Maracanãzinho foram completamente renovados. Essas arenas foram

montadas com os equipamentos esportivos mais modernos. Os setores dos espectadores foram modificados seguindo normas internacionais, o que incluiu sinalização, banheiros novos e assentos. Não houve mais a possibilidade de se assistir as competições em pé. Este tipo de estádio é chamado “all-seater”.

Esses valores estandardizados foram concebidos pelas federações esportivas internacionais como COI, FIFA e IAAF. Uma característica importante dessas exigências é a ampliação dos setores VIP e da imprensa, enquanto os setores dos espectadores “normais” encolhem. Enquanto o Maracanã foi construído para 200.000 pessoas, no Engenhão cabem apenas 45.000 (Revista Obras do Pan, 2007, p.11-18). Parece que a imagem limpa da televisão se tornou mais importante do que a atmosfera que pode ser produzida artificialmente nos estúdios.

Esses locais e eventos atraíram um público específico, que se distingue do público comum de jogos de futebol no Brasil. O perfil e as percepções deste público foram pesquisados a partir de um trabalho de campo no qual foi aplicado também um questionário a espectadores *in loco* (CURI, 2008a).²⁸

A maioria, 55% dos espectadores, era formada por jovens entre 10 e 29 anos. 20% dos informantes eram moradores da cidade do Rio de Janeiro, sendo apenas 3,9% turistas estrangeiros. Muitos deles eram estudantes de segundo grau ou superior que ainda não estavam inseridos na vida profissional. Mesmo assim, os informantes declararam que gastaram em média R\$217²⁹ por dia no Pan-2007 com ingressos, alimentação, transporte, suvenires e acomodação. O preço dos ingressos variava entre R\$10 e R\$120 dependendo da modalidade, do lugar e da importância. Quase 50% dos entrevistados declararam que compraram seus ingressos na internet e normalmente para mais de uma competição.

Os espectadores compraram, em média, ingressos para 2,7 modalidades diferentes. Esse dado é significativo porque, no senso comum, o Brasil é considerado uma monocultura do futebol. Daí foi perguntado sobre os esportes favoritos dos espectadores. Surpreendentemente foram citados 20 esportes diferentes para se assistir e

²⁸O questionário foi preenchido por 229 espectadores dentro dos estádios em 15 dos 18 dias de competição. Foram 20 perguntas de múltipla escolha e 15 abertas. O survey foi dividido em quatro seções: dados demográficos, dados sobre o lugar da entrevista (o Pan-2007 foi um evento poliesportivo que aconteceu em lugares distintos), dados sobre a avaliação do serviço ao espectador e dados sobre turismo. Para compreender as respostas era necessário observar e descrever a produção do evento e as reações dos espectadores. Esses dados foram levantados numa observação participante e fixados num diário de campo.

²⁹O salário mínimo brasileiro de 2007 era de R\$ 380,00, cerca de US\$ 150,00.

praticar. O futebol ficou em primeiro lugar, seguido pelo vôlei, sendo que outras modalidades muito citadas foram a ginástica como esporte para assistir e a natação como esporte para praticar.

Esse público específico foi entrevistado a respeito de sua satisfação com o evento. A avaliação foi muito positiva. Houve críticas sobre o sistema de venda de ingressos, a qualidade das lanchonetes e os estacionamentos. O sistema de transporte conseguiu uma avaliação média porque houve um acréscimo de ônibus especiais ao redor dos estádios para compensar a precariedade do sistema de transporte normal. Porém, os espectadores se mostraram muito satisfeitos com o sistema anteriormente descrito de segurança e informação, além dos novos estádios. 83,9% dos informantes declararam que a atmosfera nos estádios foi boa ou excelente, mesmo que tenha sido muito mais calma do que as multidões frenéticas do campeonato brasileiro de futebol.

Essa descrição indica que para o Pan-2007 foi construído um “primeiro mundo” paralelamente ao Rio de Janeiro “normal”. Pessoas com recursos suficientes podiam passar pelos muros, com a Força Nacional e o raio-x, para entrar em um mundo completamente diferente. Essas pessoas tiveram acesso a um distrito limpo e colorido de entretenimento, recebendo serviço e informação altamente organizados. Aqueles que não tinham dinheiro foram obrigados a seguir os jogos pela televisão. Fora do Pan-2007, porém, quando as pessoas quiserem assistir aos jogos de futebol, terão que aguentar a repressão da polícia militar ao invés de usufruir dos serviços dos voluntários.

Os novos estádios foram construídos seguindo as normas internacionais que se baseiam na realidade da Europa e EUA, por isso não surpreendente que as pessoas que tiveram acesso tenham gostado deles. Mas é também significativo que os estacionamentos e o transporte coletivo tenham sido criticados, porque essas áreas ficaram fora do “distrito de primeiro mundo”, sofrendo as consequências dos desafios característicos da vida diária brasileira. Foram usados, por exemplo, novos ônibus com ar-condicionado, mas que tinham que passar pelas ruas comuns que, por sua vez, continuavam com qualidade baixa e buracos.

O Engenhão como estádio “most modern”

Finalmente é importante analisar os elementos arquitetônicos do Engenhão. O sociólogo inglês Bale (1993) elaborou um esquema de quatro estágios da construção de estádios, ampliado por Gaffney (2008) para cinco. A principal tendência é na direção de

um aumento da fragmentação, controle e hierarquização da torcida. Existem, assim, divisões não permeáveis e regras rígidas de exclusão. Enquanto o Maracanã significou um movimento contrário a essa ideia, o Engenhão pode ser considerado um representante da fase quatro “post-moderno” ou cinco “most-modern” no esquema de Gaffney (2008).

Bale (1993) continua a sua análise com uma comparação entre esses estádios modernos e a paisagem arquitetônica moderna em geral. Esse autor percebe que os arquitetos pretendem humanizar os espaços ao oferecer construções racionais e eficientes. Entretanto, o resultado é paradoxalmente uma desumanização, pois as paisagens perdem suas características, se tornando substituíveis, parecendo, assim, “mortas”. Bale chama essa destruição de espaços de “topocídio” (Bale, 1993, p.41) e as características típicas desse tipo de estádios seriam:

They are (a) the *standardized values* inherent in internationalized, globally televised, synthetic entertainment; (b) the *gigantism* reflected in the formlessness and lack of human scale' [...] of proposed megastadiums; (c) *uniformity of design* in international styles of stadium architecture; (d) the stadium as part of an *entertainment district*, resulting from its purpose of attracting outsiders ('other-directedness'); and (e) the tendency towards both *futurism* in some cases and *museumization* in others (IBID).

No dia 27 de julho de 2009, o arquiteto do Engenhão, Carlos Porto, me concedeu uma entrevista longa, que se tornou uma aula de arquitetura e, por isso, sinto-me imensamente agradecido. No presente capítulo, o Engenhão será descrito através das questões expostas por Carlos Porto e os motivos que justificaram a construção desse estádio do modo como se deu.



Foto 21: Os arcos do Engenhão.

Anteriormente já foi mencionado que Carlos Porto exercia o cargo de diretor da empresa de urbanismo RioUrbe, da Prefeitura do Rio de Janeiro, em 1995. Nessa época, o Rio de Janeiro pretendia se candidatar à sede dos Jogos Olímpicos de 2004, por isso o Secretário de Urbanismo, Luiz Paulo Conde, pediu a Carlos Porto para que desenhasse um projeto para um estádio olímpico que seria situado em Jacarepaguá. O projeto foi publicado em uma revista de arquitetura, em 1995, mas o Rio perdeu a concorrência sendo, por isso, arquivado. Em 2002, surge a candidatura para os Jogos Pan-Americanos 2007 e o projeto foi, então, reativado. Entretanto, dessa vez, foi escolhido o terreno no Engenho de Dentro, pois pertencia à Prefeitura e havia sido cedido para ser um campo de treinamento do Comitê Olímpico Brasileiro, estando bem conectado ao transporte através do trem e da linha amarela.

Segundo Carlos Porto, já no primeiro projeto de 1995, havia a proposta de não apoiar as coberturas na estrutura do estádio, mas pendurá-las em quatro arcos. Esses arcos são um elemento fundamental do estádio porque, afinal, o estádio precisa se tornar uma marca, um ponto a ser reconhecido:

Hoje os estádios são fundamentais, porque os eventos são fundamentais para identificar países, cidades, regiões etc. Uma disputa por uma olimpíada é fundamental que você tenha equipamentos esportivos, que então possam dizer porque que Belo Horizonte vai ser escolhida ao invés de Vitória. Você ter a capacidade de ter equipamentos esportivos, que possam trazer para sua área, para seu país, para sua região eventos compatíveis.

Essa ideia de um estádio como ponto de referência de uma cidade possui uma verdadeira genealogia. Carlos Porto cita os projetos de Kenzo Tange para os ginásios dos Jogos Olímpicos de 1964, em Tóquio, o parque olímpico de Munique, de 1972, do arquiteto Günther Behnisch e a construção de cobertura de Frei Otto como marcos da construção de estádios olímpicos. Exemplos famosos mais atuais seriam o estádio olímpico de Pequim 2008 – o chamado Ninho do Pássaro – e a arena da Copa do Mundo de 2006 em Munique:

O estádio de Berlim recebe uma parte de cobertura em cima do estádio anterior. Sidnei faz um estádio notável. Assim, visualmente notável, já. Atenas faz um estádio com aquela trava, também metálico de chamar atenção, enfim. Então essas marcas eu acho que são importantes. Eu acho que o Engenhão é uma marca bonita, um carimbo bonito para a cidade.

Ou seja, o arquiteto entende o estádio como parte de uma estratégia de disputa entre cidades e regiões pelo acesso a recursos num mercado globalizado. Nessa disputa, a marca arquitetônica de um estádio não é mais opcional, mas se tornou obrigatória. Bale (1993) chama esse processo de “signature architecture” com os elementos “futurismo” e “ museificação”. Por um lado, o Engenhão parece supermoderno, quase como uma nave espacial que aterrissou no Engenho de Dentro, seguindo uma linguagem global da arquitetura do futurismo. Porém, por outro lado, apresenta uma forte ligação com a tradição da arquitetura brasileira. Carlos Porto explica:

Houve um concurso nacional de projetos por volta de 40, 41 no qual vence uma equipe de arquitetos, enfim, e é derrotado o famoso projeto de Oscar Niemeyer com o arco grande. Não sei se você conhece fisicamente, mas é aquele projeto do Oscar que tem um grande arco, que sustenta a cobertura por cabos. E tem uma cobertura por um lado menor, um lado maior, uma arquibancada maior.

[...] Uma arquibancada maior que de uma certa maneira é uma proposta ou também remete a uma proposta do Le Corbusier no Centrosoyus, no concurso do Centrosoyus do parlamento soviético. O Corbusier faz o auditório do Centrosoyus em Moscou com grande arco de concreto sustentando a cobertura.

Então este estádio posso te dizer esteve sempre na minha cabeça. Quer dizer, é claro quando você vai buscar uma origem do projeto ela nunca é em linha direta, ela nunca é. Mas se você for pensar [...] nos somos de uma geração de arquitetos formados pós-Brasília. Quer dizer com forte influência do Oscar. Com forte influência modernista. Com forte influência Corbusiana. Então talvez as origens do arco ou dos arcos estejam nesse projeto do Oscar. Embora nosso esteja completamente diferente. O Oscar tinha um arco de concreto etc. Mas o Oscar enfim é eliminado do projeto do Maracanã. Porque

ele faz uma modificação em relação ao nível do projeto e a comissão não aceita.

[...]

Então se você me pergunta como nasceu o estádio. Eu acho que nasceu de uma lembrança plástica ou estética de um gesto do Oscar Niemeyer. E eu acho aquilo bonito também [...]. Aí você pode fazer a poesia que você quer. Quer dizer a trajetória da bola, uma parábola, quer dizer, no esporte não tem linha reta. Então aquilo pode ser o salto de um atleta. Pode ser a bola, pode ser não sei das quantas, enfim. Tem a poesia que a gente quer fazer. Mas verdadeiramente, quer dizer, a coisa não ocorre assim. Vou fazer um gesto poético, não. Você começa, quer dizer, em resumo eu acho, que na verdade a ideia foi você isolar a cobertura, você fazer um disco, que eu acho confere uma leveza grande ao estádio.

Agora, o fato de aquela cobertura ser metálica, evidentemente é mais fácil de executar hoje uma modulação metálica do que aquilo em concreto, que deve ser uma loucura. Então daí a opção. Agora essa opção, é uma opção mundial. Então se você me perguntar. Porque na verdade o aço ele tem um dimensionamento, uma dimensão muito mais leve do que a arquitetura de concreto.

O arquiteto explica como ele misturou uma idéia antiga do arquiteto mais famoso do Brasil, Oscar Niemeyer, com novas tecnologias, materiais e possibilidades. O resultado é uma indigenização (SAHLINS, 2007) de tendências globais. Nos termos de Appadurai (1990) podemos perceber os fluxos no tecnopanorama, adaptados à realidade brasileira. As tendências globais não são simplesmente aplicadas, mas as idéias de Niemeyer passaram por certa museificação. Tais fluxos se repetem nos outros pontos de referência que Carlos Porto usou na criação do projeto do Engenhão:

O segundo ponto, depois da questão da marca, é o conforto.

Porque com o advento da televisão e o espetáculo transmitido ao vivo, começou a ser necessário você ter mais conforto para tirar o espectador de casa para levar ao estádio. Quer dizer, a partir da transmissão paga do pay-per-view mais ainda. Ou seja, você compra o espetáculo futebol que é um espetáculo barato para ser televisionado. A transmissão não é custosa. Você tem câmeras fixas. Você não tem um custo elevado para fazer uma bela transmissão de futebol.

Então com pay-per-view, que é uma coisa da década e 80, você tava sentado em casa tomando cerveja e vendo o jogo ali. Daí você sair de casa, eles começam, os estádios começam ter que descobrir formas de atrair os espectadores. Esses estádios começam a ficar vazios nas décadas 70, 80, eles começam a esvaziar. Então começa a ser necessário você descobrir outras formas de trazer o espectador. Então o programa arquitetônico dos estádios começa a ser mais complexo.

[...]

Começa a sugerir a cobertura completa sobre pelo menos a projeção da plateia para ter mais conforto, banheiros melhores, alguns outros adendos ao projeto, quer dizer coisas adicionadas ao projeto como museu restaurante e assim excessivamente. Eu acho que a gente ainda estava muito atrás disso, quando então com a possibilidade de propor um estádio para as olimpíadas, o Rio de Janeiro foi candidato para as olimpíadas de 2004, a sediar as olimpíadas de 2004.

O conforto se tornaria um tema polêmico. Seus elementos-chave seriam a facilidade para se comprar ingressos, assentos confortáveis numerados e, portanto, reservados, acessibilidade ao estádio através do transporte público ou um estacionamento amplo dentro do estádio, equipamento high-tech, como telões e o serviço gastronômico acessível, rápido e de qualidade. De fato, é possível comprar ingressos pela internet, os assentos são numerados, há a linha férrea, um estacionamento no estádio e telões. Mas esses (tirando os telões) são também os fatores mais criticados. Muitos torcedores por mim entrevistados reclamaram exatamente do acesso ao estádio. Do ponto de vista deles, faltava estacionamento e uma conexão com o metrô, sobretudo para os moradores da Zona Sul que consideram a Zona Norte perigosa e não se sentem confortáveis de ir até o Engenho de Dentro.

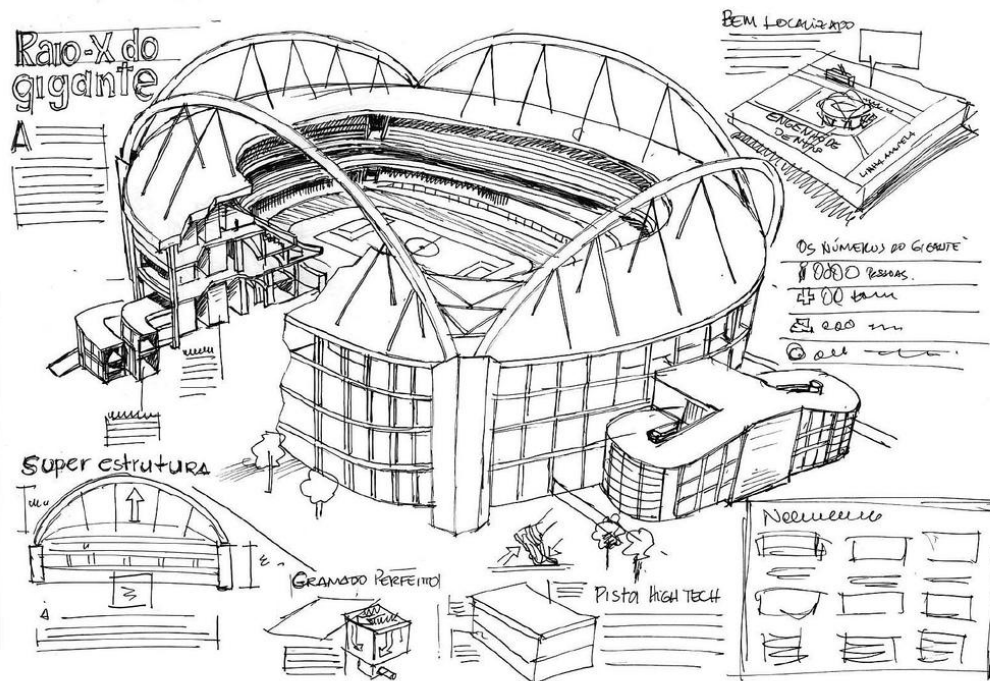


Gráfico 7: Desenho do Engenheiro, recebido por e-mail. Fonte desconhecida

Em 2009, era possível comprar ingressos pela internet somente para um único setor: o chamado setor VISA, na ala oeste. Em todos os outros setores, os assentos nem eram numerados. No estádio há espaço para bares, lanchonetes e lojas, porém estão muito pouco ocupados e oferecem um cardápio com poucas opções de sanduíches. Talvez não seja possível afirmarmos que isso representa conforto. E o próprio arquiteto critica esses pontos:

Ali era o melhor lugar? Acho que não. Eu pessoalmente acho que não. Eu pessoalmente acho que e já tinha falado isso da outra vez no outro estádio. Ali em Deodoro ao lado da Avenida Brasil, ao lado do trem, que vai para Bangu, eu tenho trem, Avenida Brasil, e eu tenho uma série de equipamentos. Um campo de paraquedistas, militares do exército num lugar que tem ferrovia, a ligação com a baixada pela Brasil, a ligação Barra pela estrada aqui do Catoni. Enfim eu tenho uma área muito mais central do que seria o Engenhão [...].

Agora eu acho que ajustes necessários na Linha Amarela vão ter que acontecer. Não acho que a falta de vaga seja algum problema, embora tem 1.600 vagas. Mas a FIFA fala em seis espectadores por vaga. A IAAF fala em quatro [...].

Porque tem uma cidade, ele tá dentro de uma cidade, quer dizer, vai depender um pouco de gestão, vai depender um pouco do Botafogo ter dinheiro ou alguma concessionária descobrir. A gente fez um projeto de usos paralelos do estádio, usos comerciais e tudo mais. Quer dizer a gente tem esse projeto. Botafogo até agora não se interessou.

Estádios do tamanho do Maracanã se tornaram impensáveis devido à preocupação com o conforto. Os construtores de estádios preferem dar mais espaço para cada assento e oferecer mais serviços, o que aumenta o custo para cada lugar. Em consequência disso o preço dos ingressos aumenta. Enquanto o Maracanã deveria oferecer espaço para todos, o Engenhão foi desenhado como um lugar apenas para aqueles que podem pagar pelo conforto. Isso significa que é possível supor que o estádio será frequentado por um público com um perfil social distinto.



Foto 22: Os camarotes do Engenhão abaixo da arquibancada e acima das cadeiras.

Indubitavelmente confortável são os 78 camarotes, colocados na ala leste e oeste entre o anel inferior e superior com 16, 20, 24 ou 42 lugares³⁰ Nesses espaços separados há poltronas, televisões e um buffet. Esses camarotes, com exceção daqueles para 24 pessoas, foram leiloados por um ano, no final de 2009. Os lances mínimos foram:

Tabela 13: Lances Mínimos e Regras para Envio de Novos Lances.
Os lances mínimos para aquisição de camarotes no EOJH foram os seguintes

Capacidade do Camarote	Lances Mínimos	Incremento Mínimo*
16 (dezesesseis) lugares	R\$ 67.300 (sessenta e sete mil e trezentos reais) por ano	R\$ 500,00
20 (vinte) lugares	R\$ 83.500 (oitenta e três mil e quinhentos reais) por ano	R\$ 500,00
42 (quarenta e dois) lugares	R\$ 172.600 (cento e setenta e dois mil e seiscentos reais) por ano	R\$ 1.000,00

*Incremento mínimo – intervalo de valores que deveria ser acrescido a cada lance.

Fonte: <http://www.goldengol.com.br/ceojh/camarotes2010/Edital%20EOJH.pdf>, acesso em 13 de março de 2010.

Ao mesmo tempo em que a televisão exigiu mais conforto, ampliou também o público através das transmissões, tornando-se uma fonte de recursos bem considerável. Sendo assim, o estádio precisa ser adaptado também às necessidades técnicas da televisão:

Agora televisão a gente trabalhou em cima, quer dizer a gente trabalhou com o pessoal da TV Globo. Quer dizer a gente montou várias reuniões com o pessoal da TV Globo, que trazia toda plataforma, posição de câmera. Discutimos com eles, voltávamos, enfim. Não diretamente da Globo, mas o pessoal que tava ligado ao COB e que fazia o televisionamento. O que eu tinha que deixar mesmo eram as passagens de cabo de fio etc. Porque no atletismo não pode atravessar, no futebol fica aquele monte de fio. O jogador vai bater o escanteio, o córner, tem de empurrar, quer dizer, na pista não posso fazer isso. Então eu deixei uma série de caminhos para levar aqueles autofalantes que eles botam lá na pista. Aqueles carrinhos de televisão, quer dizer eu tinha que dar o espaço, né, aquele carrinho, por exemplo, que acompanha e vem lá dos 200 metros, como que é, monitorar, vem começa virar, pega a final dos 100m, etc.

Além do descrito pelo arquiteto há uma tribuna de imprensa na parte superior da ala oeste e as cabines de rádio e televisão entre os camarotes da ala oeste.

Estreitamente ligado a este tema está a questão de segurança, afinal os assentos e o acesso não são apenas medidas de conforto, mas também de segurança:

³⁰ <http://www.goldengol.com.br/ceojh/camarotes2010/index.html>, acesso 13.03.2010

Por outro lado alguns acidentes graves com perda de vidas humanas, [...]. Em especial o famoso acidente em Sheffield na Inglaterra em que morrem 92 espectadores esmagados. Depois tem um na Bélgica, enfim. O governo inglês, ele estabelece uma comissão do parlamento chefiada pelo Lord Taylor, que faz um Taylor report. Um relatório Taylor sobre segurança nos estádios. Relatório esse que passa a ser a base, vamos dizer assim, de itens de segurança nos novos estádios. Então há uma certa mudança também de programa de novos estádios.

O relatório citado sugere a construção de estádios “all-seater” com setores bem divididos. A diminuição da capacidade e o fato de as pessoas assistirem o jogo sentadas promovem aumento de segurança. Enquanto antigamente era possível escolher, quase que livremente, um lugar durante a compra do ingresso para um jogo, hoje em dia é necessário saber o setor ou até mesmo o assento no qual se irá querer ficar. Gaffney (2008) chama esse processo de “total crowd segregation, atomization, impermeable boundaries” e “Strong rules of exclusion”. Não é mais possível a mudança de setor e o acesso tanto ao estádio quanto aos setores é altamente vigiado para se evitar invasões.

Além disso, há um sistema de monitoramento através de câmeras que são coordenadas em uma sala central. Dessa forma os torcedores devem ser vigiados de modo a evitar comportamentos não desejados. O sistema é do “panóptico” (FOUCAULT, 1977) no qual as pessoas se sentem todo o tempo observadas, o que deve inibir comportamentos desviantes.³¹

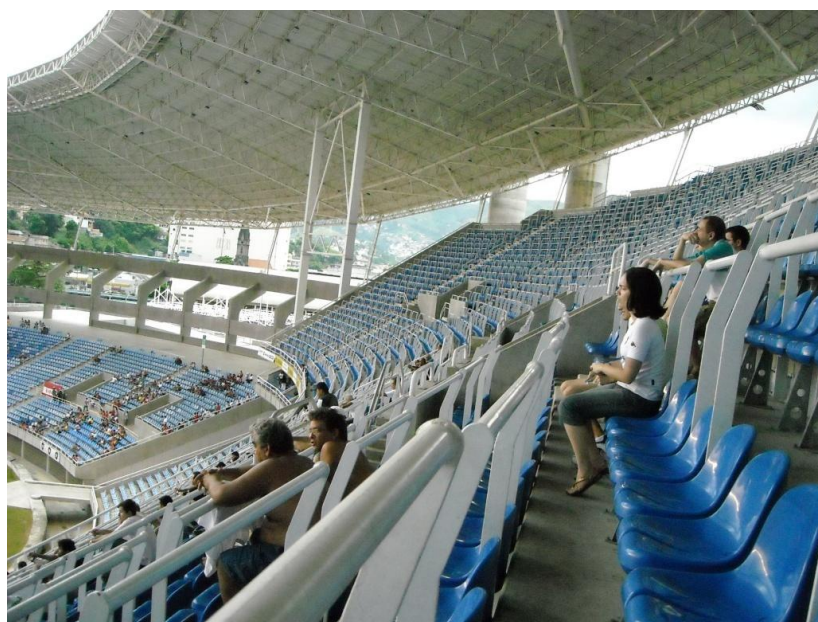


Foto 23: Os assentos e as proteções no Engenhão.

³¹Gaffney, Mascarenhas (2005): The soccer stadium as a disciplinary space <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es104.pdf> , acesso: 16.04.2010.

Grande parte das medidas citadas, em relação ao conforto e segurança, é fixada em catálogos de exigências das federações internacionais de esporte. No caso do Engenhão, assim como estádio de futebol e atletismo, valem as diretrizes da FIFA e da IAAF:

Agora o Engenhão tem, é um estádio olímpico, portanto ele tem características diferentes de um estádio de futebol. Embora ele atenda as exigências da FIFA com relação ao dimensionamento das suas instalações, tempo de esvaziamento, tempo de fuga, ângulos de visibilidade, tamanho de vestiário. Eu acho que um estádio olímpico é muito mais complexo do que um estádio de futebol.

[...]

É, a ODEPA, a ODEPA vem, a ODEPA vem no vácuo do IAAF. Quem mandou foi a IAAF. A FIFA não fez. A gente que foi buscar. Quer dizer a FIFA não fez porque até não foi chamada a fazer, mas em todos os momentos, quer dizer eu trabalhei em cima disso [mostra manual da IAAF]. Tá tudo aqui.

Tudo, dimensionamento, equipamento, staffs e tudo. Toda área técnica da IAAF. Track and Field facilities. Isso é um documento da IAAF. E nós fomos buscar, porque conhecíamos por conta do outro estádio os regulamentos da FIFA.

Quer dizer as exigências da FIFA. Você atendendo essas aqui do ponto de vista de vestiário, público, transmissão, não sei das quantas tá resolvido da FIFA. Mas a gente buscou as da FIFA. Então adotamos no nosso projeto esses parâmetros. Tempo de esvaziamento, largura de boca. Para esvaziar em onze minutos, percurso, número de vomitórios capazes de fazer com que o escape do público fosse, nível de segurança tudo isso a gente estudou e depois a prefeitura acreditava que tava bom. Mas não teve um técnico da prefeitura. Porque eu pegava meu projeto e entregava a prefeitura todas as etapas. Para as observações que julgassem necessários.

Ou seja, além das exigências de conforto e segurança há ainda as exigências técnicas em relação ao equipamento esportivo como o campo, a pista e os vestiários que são mundialmente válidas e representam os valores estandardizados internacionalmente, fazendo com que o interior dos grandes estádios seja muito uniforme. Sendo assim, os quatro pontos de referência a partir das quais o arquiteto Carlos Porto se orientou para fazer o projeto do Engenhão foram: marca, conforto, segurança e exigências das federações de esporte.



Foto 24: O Engenhão é um estádio olímpico e pode receber competições de atletismo como aconteceu no Pan-2007.

O relatório da FIFA (2007) descreve todas as partes da candidatura brasileira e, portanto, também muitos quesitos que não estão ligados à arquitetura dos estádios. São poucos os trechos em que o relatório faz referência aos espaços destinados aos torcedores, mostrando-se muito mais preocupado com outras áreas dos estádios:

However, the inspection team wishes to point out that if Brazil were to be awarded the 2014 FIFA World Cup™, FIFA would have to pay special attention to the projects [isto é, os projetos dos estádios] in general, and specifically to plans for the media, sky boxes and other hospitality areas, parking and players' areas (FIFA, 2007, p.25).

Ou seja, mídia, camarotes VIP, estacionamentos e jogadores merecem um destaque maior da FIFA. Em relação aos outros lugares do estádio, só se afirma que precisam ser cobertos por assentos não podendo, portanto, existir lugares para a torcida ficar em pé.

Resumindo, é possível observar uma diminuição dos lugares para os torcedores ditos tradicionais, as classes de menor poder aquisitivo, e um aumento de espaço para a imprensa, patrocinadores, organizadores e VIPs. Além disso, o espaço do torcedor comum é remodelado, ou seja, de áreas para assistir o jogo em pé foi convertido em uma modalidade 'all-seater', com assentos. Essa mudança se deve à ideologia típica dos megaeventos esportivos, que entende o esporte como um produto, que necessita de um marketing para que os clientes-espectadores consumam em segurança.

A construção do Engenhão seguiu essas diretrizes e foi aprovada para os Jogos Pan-Americanos. Com a escolha do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2016 essa aprovação foi confirmada. O estádio carioca, na Copa do Mundo 2014, não

será o Engenhão, mas sim o Maracanã, que passou por reformas e passará por outras mais que seguirão as mesmas diretrizes de conforto e segurança. Enfim, são criados espaços para competições internacionais pontuais. O Engenhão foi usado por duas semanas durante o Pan-2007 e depois havia o risco daquele chamado “elefante branco”, ou seja, uma construção imensa e cara ficar vazia, apesar de custosa. Por isso, o Engenhão foi alugado ao Clube Botafogo para garantir o uso, financiamento e a manutenção.

Com isso, entra em cena uma quinta característica a ser considerada na construção de estádios: a viabilidade financeira. Enquanto o Maracanã está sendo administrado por um órgão público do Estado do Rio de Janeiro, a SUDERJ e antiga ADEM, a Prefeitura não possui um órgão similar a esse e tampouco pretendia administrar o Engenhão. A solução foi o arrendamento. A preocupação com o problema do uso e sua solução fica evidente em uma entrevista com o Secretário de Obras da Prefeitura do Rio de Janeiro de 2001 a 2008, Eider Dantas:

É possível quantificar a porcentagem de obras feitas para a cidade e para o Pan?

Eider Dantas – Os equipamentos construídos para o Pan vão servir à cidade, portanto, eu não posso separar as coisas. Não tem um equipamento que vá ficar parado, todos vão ter serventia à população e alguns vão dar retorno financeiro para a Prefeitura. O prefeito vai terceirizar a Arena Multiuso. Depois do Pan, vamos fazer licitação. Com o Estádio João Havelange faremos o mesmo.

Construímos equipamentos jamais vistos no Brasil e até fora. O Engenhão é um estádio que pode ser usado para a Copa de 2014. Tem uma arena onde funcionarão 50 lojas. Vai ter vida permanente. Ele vai dar muita vida ao Engenho de Dentro, Méier, Água Santa e redondezas. É o único que vai ter estação ferroviária dentro, basta pegar a rampa. A passarela colocará 25 mil pessoas por hora dentro do Estádio.

Não há perigo de o estádio virar um elefante branco?

Eider Dantas – Não, o prefeito vai licitar. Alguns dos grandes clubes cariocas já visitaram o Engenhão e ficaram entusiasmados. Os clubes e empresas de eventos esportivos vão entender que é um excelente negócio assumir a concessão do Estádio. A Prefeitura irá fazer o mesmo acordo que fez com a Liesa (Liga das Escolas de Samba na Cidade do Samba): cede por um percentual do que for arrecadado. Além do que, a pista de atletismo é de Primeiro Mundo (Entrevista com Eider Dantas na revista *Obras do Pan*, 2007).

O próprio arquiteto Carlos Porto também se preocupou com a questão, afirmando que desenhou um projeto para um uso múltiplo do estádio. Mas, para isso, seria necessária a reforma dos arredores:

Olha, quer dizer, é muito difícil a gente falar nisso, entendeu. Nós fizemos uma proposta de tratamento urbano do entorno do Engenhão, mas que não foi adotada. Eu acho, que por conta de custos e prazos, entende. Acho que as coisas não são como a gente quer, como elas sejam. A gente tinha feito uma proposição de remodelação de uma área maior em torno do estádio. De

transposição de linhas de ônibus. Mas eu acho que isso vai acontecer porque, naturalmente vai acontecer, porque, a cultura, não posso dizer brasileira, mas existe uma cultura nossa em que você não [...], as coisas não acontecem a partir de um fato real e não de uma previsão. Ou seja, vamos preparar um lugar para o Engenhão ou para um estádio olímpico [...].

Inclusive aqui nessa revista tem uma entrevista com Eider Dantas que fala de 50 lojas no Engenhão. Mas essas não existem, né?

Não, não, é muitos números iam trocando [e eles ficam falando monte de bobagem], mas a gente chegou a desenhar anexos, que você podia ter, por exemplo, botar uma universidade aí dentro, uma unidade com 4 ou 5.000 alunos ali dentro. Uma universidade de educação física ou curso de medicina esportiva, não sei o que, é uma bobagem. Quer dizer, era, isso é fácil fazer. Agora eu ainda não entendi porque não rolou isso.

A questão “porque não rolou isso” é muito interessante. Existe um investimento pesado numa construção gigante, que oferece possibilidades de lucro. O não-uso parece representar um imenso contrassenso econômico. Acredito que é esclarecedor refletir sobre as posições dos agentes envolvidos. A Prefeitura parte do ponto de vista de que é necessário criar as condições para o desenvolvimento da cidade. Este dever foi cumprido com a construção do Engenhão e com a vinda dos eventos Pan-2007, Copa 2014 e Olimpíadas 2016 para o Rio de Janeiro. Depois disso, a única preocupação é que o equipamento construído não gere prejuízos para a Prefeitura, por isso o Engenhão foi alugado. Dessa forma, a Prefeitura se livra da manutenção e ganha um aluguel, passando a tarefa do gerenciamento para a iniciativa privada.

Além disso, “a Prefeitura” não existe como um ser homogêneo, mas é composta de vários políticos, como o prefeito Cesar Maia e o Secretário de obras Eider Dantas, que precisam mostrar serviço para assim construírem um portfólio a ser usado em suas campanhas eleitorais. Nesse raciocínio, importante é construir e não a promoção de um uso eficiente. O arquiteto Carlos Porto é outro ator de destaque da prefeitura. Para ele é igualmente importante construir e realizar a própria obra, podendo vincular seu nome à mesma, aumentando as chances de conseguir novos pedidos, mesmo não sendo mais funcionário da Prefeitura. O uso econômico, portanto, não é uma preocupação dele.

Finalmente, o Botafogo como inquilino precisa se preocupar com um uso racional e economicamente eficiente do estádio. Mas, a principal fonte de renda são os jogos do próprio time. Há outras propostas como a construção de uma universidade, de um clube esportivo, de um shopping Center etc, entretanto o Botafogo, como inquilino, se recusa a investir no objeto arrendado. Tal tarefa caberia ao proprietário, que é a prefeitura. Dessa forma, o clube devolve a responsabilidade. A escolha do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos 2016 é favorável ao Botafogo, porque exigirá

melhoras no projeto do Engenhão e é bem provável que a Prefeitura seja obrigada a remodelar o entorno do estádio, ampliar as vias de acesso e construir estacionamentos, além de outros prédios administrativos.

A desvantagem do Botafogo é que o lucro econômico é mais urgente. O clube tem de arcar com a manutenção do estádio, o que lhe gera pressão. Vejamos as explicações do vice-presidente administrativo de 2009, Anderson Simões:

O que levou o Botafogo a fazer uma proposta para alugar o Engenhão em 07?

O presidente era megalomaniaco: o Bebeto. Antes de ele alugar o Engenhão, entrar numa licitação e participar e arrendar o Engenhão, como foi feito, ele tinha de ter feito os cálculos. O Engenhão é um estádio que custa hoje sem a manutenção, que a Odebrecht faz essa manutenção, R\$4,8 milhões por ano.

O Flamengo gasta R\$1 milhão pra jogar no Maracanã. Sendo que este R\$1 milhão é pago, o do Engenhão não. Quem paga é o Botafogo. Por exemplo, o Flamengo vai jogar lá 10 jogos de R\$50.000 no Maracanã. Para jogar no Maracanã a SUDERJ cobre R\$50.000. Você vai lá com sua torcida, paga R\$50.000 e entrega, o que sobrou você bota no seu bolso, é do clube. Lá no Engenhão não, toda a manutenção predial é nossa. O Engenhão, ele é um estádio, que só dá prejuízo. Não dá lucro, só prejuízo, prejuízo, prejuízo e prejuízo.

Por que? Porque é um estádio que a torcida ainda não simpatizou com ele. É um estádio onde o Flamengo vai jogar lá e não enche. Vasco vai jogar lá e não enche. Fluminense vai jogar lá e não enche.

O acesso ao estádio é ruim. O entorno do estádio é ruim. A prefeitura precisa reformar isso aí, ela precisa acabar o projeto. Ela não acabou o projeto. Então o que acontece. Saindo a Odebrecht, porque são 5 anos da garantia do empreendimento mobiliário. O estádio vai custar R\$600.000 por mês. R\$600.000 vezes 12, nós estamos falando de R\$7,2 milhões por ano. R\$7,2 por ano para você jogar 2 ou 3 jogos por mês para ficar com uma manutenção absurda.

É um estádio que dá prejuízo. Eu sou contra o Engenhão. Quando eu assumi o Botafogo em 2009, quando a gente ganhou a eleição, eu falei: chama o prefeito bota ele na mesa porque o estádio é do município, o prefeito tem de pagar a metade disso. A gente cuida do estádio para a Olimpíada.

Ah, não vamos viabilizar. Vamos criar o Stadium Rio. Vamos criar, vamos vender o naming rights. A Globo nunca vai botar o naming rights nunca. Nunca, imagina se a gente vendeu Stadium Red Bull. A Globo vai falar, o Galvão Bueno: Estamos aqui falando direto do estádio Red Bull? Não vai, vai fazer propaganda de Red Bull de graça? Não vai nunca. Ele vai falar estamos aqui no Engenhão, no estádio olímpico João Havelange. A não ser, por exemplo, a Globo resolve [...] Arena Globo, aí a Globo vai dizer 'Estamos aqui na Arena Globo'. Caso contrário não vai. A não ser que a empresa queira pagar também para sair na Globo o nome do estádio dela. Ai tudo bem, você consegue. Só o cara investe, já paga R\$20 milhões por ano, pra fazer a propaganda dele. E ainda vai pagar não sei quantos milhões para sair na Globo, vai pagar duas vezes? A mesma coisa. Não vai enquanto não tiver essa cultura de naming rights, que não existe no Brasil.

A arena no Atlético Paranaense, como é que é o nome do estádio?

Kyocera Arena.

Não, é Arena da Baixada. Não é. O nome do estádio é Kyocera Arena só a Globo fala Arena da Baixada. Cê tem de vender todas as placas, isso tudo. Que não tem apelo. Apelo comercial. Você não vai botar uma torre comercial, você pode até construir sem gabarito, vai botar uma torre comercial como cê tem no Rio Sul. Qual é a empresa que vai querer ficar ali? Entre a Vila do João e a Cidade de Deus. O Complexo do Alemão. Qual a

empresa, a Coca Cola vai pra lá, não vai. Qualquer uma, a Odebrecht vai botar um escritório lá, não vai. A Ford, não vai.

A única coisa que o Engenhão tem de ser: a prefeitura construiu, não construiu? Então ela tem de assumir uma parte. Cê tem de pegar o Engenhão e transformar ele num complexo esportivo para a população. Cê tem de pegar o Engenhão criar um clube ali. Aquela região é muito carente. Eles não têm clube. Eles não têm área de piscina, eles têm nada. Então o que cê tem fazer. Constrói duas piscinas olímpicas ali. Constrói 4, 5 campos de futebol. Constrói 2 ginásios poliesportivos e tem espaço para isso. Aí você transforma aquilo num complexo esportivo. Cê pega todas as crianças daquela região de escolas públicas e coloca para ficar ai dentro. Isso é um projeto que tinha de ser feito para a olimpíada.

Só que é assim. Fica uma guerra de vaidades. Eu não posso devolver o Engenhão para a prefeitura porque meu nome vai ficar manchado. O Botafogo não pode devolver o Engenhão porque vão tá dando um passo pra trás. Agora quem é que paga as contas?

7,8 por mês (sic). Lá no final das contas. Porque o Botafogo não tem dinheiro. É o Botafogo. Então eu sou determinantemente contra esse modelo de gestão do Engenhão. Eu acho o Engenhão ele tem de ser dividido com a prefeitura.

Ou então faz o que, o Maracanã, por exemplo: o Maracanã é do estado. O estado criou a SUDERJ que administra o Maracanã. Então a prefeitura tinha que criar um órgão municipal igual a SUDERJ para administrar o Engenhão. O Botafogo podia jogar todos os jogos sim, pagando aluguel, que o Flamengo paga para jogar no Maracanã.

Como no caso dos atores anteriormente descritos, neste caso também há claros interesses políticos. Anderson Simões tem um projeto de ascensão dentro do clube, chegando a participar de uma chapa opositora contra o presidente Bebeto de Freitas. Oito meses após ter ganhado a eleição, foi substituído no cargo pelo novo presidente Maurício Assumpção. Mesmo assim, a citação mostra claramente a preocupação do Clube do Botafogo em relação a arrendamento, manutenção e propostas para solucionar o problema.

A manutenção de um estádio é muito cara e exige soluções criativas de financiamento. As propostas apresentadas por Anderson Simões são: A) devolver para a prefeitura e alugar em dias de jogo, B) participação da prefeitura na manutenção e melhoramentos arquitetônico e urbanístico, e C) exploração de fontes novas de financiamento como *naming rights*, torre comercial ou clube esportivo. Carlos Porto acrescenta:

Você pode ter lá um museu, você pode ter lojas, museu do clube do Botafogo ou do Flamengo ou sei lá quem que seja, quer dizer funções, que você pode ter cinema, você pode ir ao cinema, vai ao jogo e a sua mulher vai ao filme. A esposa não tem o menor saco para o Botafogo e encontra aqui, então. Quer dizer você pode ter isso. Você pode ter um teatro. Você pode ter funções. Hoje os estádios eles são muito mais complexos e que o esporte, a parte esportiva é parte de um complexo. Você vê alguns estádios, outro dia eu vi um estádio na China, parte de um complexo. O estádio era um pedaço, tinha residências, entendeu.

Bale (1993) chama isso de “other-directedness”, ou seja, o estádio de futebol não é apenas um lugar do futebol, mas pode assumir muitas outras funções para ser economicamente explorado. O mais comum é a construção de um distrito de entretenimento com clube, cinema e shopping Center. Mas mesmo essas medidas implicam em financiamento.

O Botafogo opta pelas medidas mais baratas, estando, por exemplo, à procura de um parceiro para o chamado naming rights. Isso significa que o nome do estádio deve ser vendido, da mesma maneira como ocorreu com o estádio em Munique, que se chama Allianz-Arena (seguradora) e o estádio do Arsenal London, Emirates Stadium (companhia aérea). Isso pode ter como consequência a mudança freqüente de nomes, por exemplo, o estádio do Hamburger SV já se chamou AOL-Arena (provedor de internet) e se chama hoje em dia HSH Nordbank Arena (banco) (Holzmeister, 2010). Além disso, também seria possível vender espaço de publicidade e alugar o estádio para eventos como shows. Outra medida seria a tentativa de arrendar as lojas nas arquibancadas para cadeias de fast food.

O Botafogo só chegou a acerto definitivo com uma empresa de exploração comercial em meados de 2009, quando foi assinado contrato com a Pepira Empreendimentos, do grupo InMont, para gerir a parte interna de serviços do estádio, bem como investir no seu exterior. Sem prejuízo dos contratos em curso, as primeiras ações do grupo foram a criação de uma nova marca para a arena, denominada Stadium Rio, e a instalação de uma praça de alimentação com as seguintes franquias: Bob's, Patroni Pizza, Ville Café/Forno de Minas, Casa da Empada, Doggis, Frescatto, Ponto de Bala, Nestlé e Funny Po
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_OI%C3%ADmpico_Jo%C3%A3o_Havelange, acesso: 22.03.10)

O problema é que esse projeto funcionaria somente durante os jogos que, por sua vez, têm uma baixo público.

Tabela 14: Público em jogos do Botafogo no Engenhão 2009 e 2010.

Campeonato Carioca 2010				
Adversário	Público Pagante	Renda	Preço médio por torcedor	Saldo para o Botafogo
Bangu	1.368	14.750,0	10,78	16.168,35
Flamengo	9.074	168.040,0	18,52	9.866,25
Olaria	3.393	39.365,0	11,60	-42.044,69
Duque de Caxias	2.998	39.700,0	13,24	-25.042,97
Resende	6.803	76.920,0	11,31	-18.936,15
América	5.816	73.915,0	12,71	-17.322,84
Vasco	25.052	486.980,0	19,44	116.977,27
Friburguense	7.474	112.279,5	15,02	4.260,34
Média Camp. Carioca	7.747	126.493,68	16,33	5.490,70
Campeonato Brasileiro 2009				
Palmeiras	38.717	300.279,0	7,76	111.729,78
São Paulo	26.513	270.536,0	10,20	104.221,32
Coritiba	12.426	167.818,0	13,51	47.584,74
Náutico	6.127	90.760,5	14,81	-2.932,19
Flamengo	25.192	656.242,0	26,05	147.556,56
Avaí	33.641	320.470,0	9,53	132.510,89
Atlético/MG	6.034	75.147,5	12,45	-15.449,32
Vitória	11.852	177.820,5	15,00	54.960,64
Fluminense	18.368	276.859,5	15,07	126.611,60
Grêmio	10.031	116.857,5	11,65	11.524,79
Média Camp. Brasileiro	18.890	237.110,65	12,55	71.831,88
Copa Sul-americana 2009				
Cerro	15.428	153.271,5	9,93	20.756,77
Emelec	4.500	50.731,0	11,27	-43.584,40
Média Sulamericana	9.964	102.001,25	10,23	-11.413,82
<u>Média Total</u>	<u>15.873</u>	<u>207.825,21</u>	<u>13,09</u>	<u>48.773,10</u>

Fonte: www.botafogo.com.br/borderos.asp, Acesso: 22.03.10,
www.fferj.com.br/Sitenovo/2008/Campeonatos2010/Carioca/Sumulascarioca.asp, Acesso: 16.04.10,
www.cbf.com.br/php/tabela.php?ct=1&cc=39&aa=2009, Acesso: 22.03.10)

A tabela requer algumas observações. A) O maior saldo para o Botafogo resulta de clássicos, mesmo tendo preços acima da média, B) igualmente bom é o saldo nos dois jogos com a menor média de preços, C) a média de público do Botafogo no campeonato brasileiro (18.890) é acima da média nacional de 17.800. Isso significa que a reclamação de que a torcida não gosta do Engenhão é exagerada. Baixar o valor do ingresso pode ser economicamente mais rentável do que insistir em preços altos. Mesmo assim, o valor arrecadado está longe dos custos da manutenção.

Segundo Anderson Simões, a manutenção do Engenhão custa R\$600.000 por mês, além disso, o Botafogo paga um aluguel de R\$36.000 e o quadro móvel custa R\$40.000 por jogo. Supondo que o clube tenha dois jogos por mês, então a soma dos gastos seria de R\$358.000 por jogo. Mas seguindo a tabela acima, o Botafogo arrecada menos que R\$50.000, em média por jogo. Em comparação, o Botafogo jogou, no dia 17 de fevereiro de 2010, uma partida no Maracanã contra o Flamengo, diante de 37.154 pagantes com um saldo de R\$176.537,05, aluguel já pago e sem a preocupação com manutenção ou quadro móvel. Mesmo considerando que algumas outras fontes de renda como, por exemplo, contrato de patrocínio, televisão e venda de jogadores, assim como também outros gastos como folha salarial e dívidas que não apareçam nesta conta, o arrendamento do Engenhão parece ser um contrassenso econômico.

Nesse sentido, o Engenhão é o objeto e a arena de um torneio de valor (APPADURAI, 2008) no qual aqueles que estão no poder disputam reputação, status e recursos. Os envolvidos são representantes do poder público: Prefeitura, Estado e Governo Federal, de um lado, e representantes de corporações privadas como o Botafogo, Confederações de esporte e empresas. Segundo Jameson (2006, p.197-262), que analisou o estilo arquitetônico da segunda metade do século XX, esta disputa se expressa na arquitetura e as corporações multinacionais se tornam mais poderosas em detrimento do poder público. Elites privadas, com pouco vínculo local, assumem serviços públicos e mercantilizam-no. O poder público não pode abrir totalmente mão ou é usado como financiador do empreendimento, o que aconteceu no caso do Engenhão: a obra foi financiada pela prefeitura e a exploração comercial deve acontecer através do Comitê Olímpico Brasileiro e Internacional e o Botafogo. O estádio do Remo e a Marina da Glória são casos parecidos.

A lógica capitalista de máxima exploração leva a espaços fragmentados nos quais se tenta oferecer, de forma mais efetiva, o número máximo de serviços. O exemplo típico é o Shopping Center. As citações anteriores revelam que exatamente este é o plano: transformar o Engenhão em um Shopping Center, que pode ser acrescido ainda de uma universidade, um clube ou uma torre comercial. Essa invasão de poderes globais é percebida pela comunidade local, neste caso a torcida do Botafogo, como uma ameaça. Daí surge uma necessidade de se afirmar identidades locais. Esse desenvolvimento leva a uma ênfase no aspecto local, preservando tradições, fazendo com que não se construa simplesmente o novo, mas que se tente preservar o antigo ou construir referências ao tradicional, como ocorre no caso dos arcos do Engenhão, que

remetem ao arco do arquiteto brasileiro Niemeyer. A mescla do novo e do tradicional é mais um elemento da fragmentação.

Jameson (2006) conclui que a consequência lógica é que as corporações comprem e assumam o local e o copiem com mais perfeição. O Botafogo toma claras medidas para enfatizar seus laços locais ao construir estátuas dos principais jogadores de sua história, como Nilton Santos, Garrincha e Jairzinho, na porta do estádio. O resultado não é uma simples invasão externa, mas uma mistura que Jameson (2006) chama de “glocal”.

O Botafogo como inquilino precisa cuidar de um espaço cheio de contradições. O Engenhão foi construído pelo poder público local para sediar megaeventos internacionais sem laços locais. Entretanto, o Botafogo necessita dos laços locais para atrair a sua torcida, ou seja, seus clientes, tendo que alterar o projeto arquitetônico. Como o clube é apenas inquilino e não proprietário, não lhe é possível investir na construção.

Surge uma confusão entre público e privado. As corporações multinacionais querem explorar comercialmente serviços do Estado, entretanto aquilo que não gera lucro deve continuar com o Estado. Por isso, Anderson Simões exige que a prefeitura assuma as partes deficitárias do Engenhão. Isso porque shoppings e estádios são construções nas quais tipicamente não fica claro onde é interior ou exterior, o que é público ou privado, não se definindo, assim, o que é incluído ou excluído. Os problemas surgem da falta de transparência em separar o público do privado.

No caso do Maracanã, as responsabilidades são claramente distribuídas: o poder público paga e administra. Como foi mostrado no capítulo sobre o Maracanã, este estádio tem história, atmosfera, “mana”. Ele é conectado como um lugar mágico à comunidade local. Tuan (1980) diria que os torcedores sentem “topofilia” que é “o elo afetivo entre pessoa e lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p.5) em relação ao Maracanã.

Enquanto o Maracanã se tornou um lugar, o Engenhão continua um espaço. Por isso, não diria que aconteceu um topocídio, ou seja, a destruição de um lugar, pois no caso do Engenhão este espaço nunca se transformou em um lugar topofílico, não podendo, portanto, ser destruído. Ao contrário disso, o Maracanã pode se tornar vítima de um topocídio, se as reformas para a Copa 2014 não forem feitas com o devido respeito aos laços locais.

Segundo Bale (1993) a topofilia e seu oposto, a topofobia, são emoções fracas, mas que podem levar a um ativismo concreto. No caso da topofilia, essas ações podem resultar em um cuidado especial ou a defesa do estádio, se este for ameaçado. A topofobia pode provocar as mais diversas reações como abstinência, tentativas de reapropriação, vandalismo ou simplesmente apatia (BALE, 1993, p.40-133). Isso explicaria o baixo público e a apatia da torcida botafoguense. Como diz Anderson Simões: “Então para que temos o estádio mais moderno? Nunca ficou cheio. Ficou cheio três partidas: Botafogo e Portuguesa, Botafogo e River Plate, Botafogo e Avaí. Nenhum clássico encheu.”

Anderson acha que há quatro motivos para o baixo público: acesso ruim, concorrência da televisão, a violência e a baixa qualidade do time:

Primeiro motivo é a falta de acesso e o segundo?

Segundo pelo horário da programação da televisão. Porque o que acontece. Como a Globo ela vende o pay-per-view, ela encaixa os jogos nuns horários que são impossíveis. Por exemplo, quinta feira à noite, lá no Engenhão às 22h da noite depois da novela. Não vai. Ce vai sair da sua casa para ir para o Engenhão no meio de um bando de favela para assistir um jogo, não vai. Se fosse no Maracanã. Iria. No Maracanã iria, porque o Maracanã é centro. Qualquer caminho que você pegue de carro, você passa ali pelo Maracanã. Entendeu? Ce tem esse acesso.

Terceiro ponto: a violência. Do Rio de Janeiro em alguns pontos. Por exemplo, não no sábado ou domingo, mas jogos à noite também. Então se junta esses três e os nossos times também estão uma porcaria. Time do ano passado tava uma porcaria, o time desse ano é uma porcaria. Então não fique estimulado para ir. Ce pega Ronaldinho, Kaká e o Messi enfia no time do Botafogo e bota o jogo para meia noite no Engenhão. Então assim são esses três pontos mais o quarto que é o time que tá ruim.

Com isso são criticados alguns dos principais pontos que o Arquiteto Carlos Porto disse ter levado em consideração no seu projeto. Lembremos que ele reagiu à concorrência da televisão com um aumento de conforto, incluindo um bom acesso ao estádio, e o problema da violência está sendo enfrentado com novas medidas de segurança. A qualidade baixa dos times não muda no Maracanã sendo, portanto, um problema geral. Ou seja, é provável que esses não sejam os motivos do baixo público.

É nesse momento interessante citar as entrevistas feitas para este trabalho com alguns torcedores do Botafogo. O torcedor João disse algo interessante e esclarecedor:

Eu acho se você pudesse ter um espaço – eu sou de torcida organizada – sempre fui desde os 15 anos de idade, eu sou de torcida organizada. Então assim, é muito melhor assistir o jogo em pé. A gente curte assistir o jogo em pé. O Engenhão realmente tem isso, porque as cadeiras do Engenhão não deixam você nem ficar em pé, cadeiras altas assim. Realmente, pra torcida organizada nesse ponto é ruim. [...] No Maracanã já dá porque a cadeira é deste tamanho. [...] Mas no Engenhão realmente é ruim.

E o Engenhão é um estádio sem alma, sem vida. Pode colocar cheio ali que ele não tem acústica que fica legal. Ele é aberto. Então o som ali vaza. Já no Maracanã não, é uma caixa. (Torcedor botafoguense João, Tijuca)

Em entrevistas, vários torcedores fazem a mesma observação. A grande vantagem do Maracanã é que ele tem atmosfera, “alma”, “vida” e o Engenhão não. Essas posições serão discutidas no capítulo sobre torcedores. Analisando os dados apresentados, pode-se deduzir que seria economicamente mais lucrativo se fosse criado um setor no Engenhão sem cadeiras, onde os torcedores pudessem transformar o espaço em seu lugar, estabelecer laços locais e criar um sentimento de topofilia. Isso, também, se fosse abaixados os preços especialmente neste setor. Ao que parece, nem o conforto nem a segurança são as mercadorias do futebol, mas sim a emoção. Carlos Porto faz uma menção parecida:

Por isso eu digo, que o Engenhão não é do Botafogo, no sentido ainda, porque o clube não está bem. Mas daqui há 20 anos o Engenhão pode se transformar num território alvinegro. Quer dizer aquele prazer que você sente de chegar no teu território. O John Bale fala disso. Você chegar e aquela proximidade, o negócio do ruído aaaaaaaaahhhhh, você já tá chegando. Esse é um negócio maravilhoso. Essa sonoridade do estádio quando você mora perto do estádio quer dizer, a força que o estádio tem para o entorno, quando você mora. Eu morava perto do campo do Fluminense e quando tinha jogo e você ouvia aaaaahhhhhh. Quer dizer que foi gol. O negócio é infernal, eu fico arrepiado.

Queremos ser modernos

Por que, então, as medidas sugeridas não são tomadas? Neste momento, é importante retomar uma discussão sobre a organização do futebol e dos clubes de futebol no Brasil. Para se poder administrar um estádio como o Engenhão de uma forma eficiente, seria necessário tratá-lo como uma empresa onde as decisões são tomadas a longo prazo. Entretanto, a entrevista com Anderson Simões mostrou que clubes não funcionam como empresas, pois são administrados por algumas pessoas eleitas por seus sócios-proprietários, sendo elegível somente quem é sócio-proprietário. Esses sócios têm as mais diversas qualificações, mas não são necessariamente administradores ou economistas. Além disso, os cargos nos clubes são entendidos como voluntariado, ou seja, os eleitos precisam seguir alguma carreira e no seu tempo livre se dedicar ao clube.

Podemos imaginar que essas pessoas possam ter a maior lealdade emocional ao seu clube, mas não, necessariamente, a qualificação exigida para o cargo.

O outro problema refere-se ao fato de que a diretoria é eleita por um tempo limitado, no caso do Botafogo, por três anos. Os cargos de diretores são ainda mais instáveis, porque são nomeados e demitidos pelo presidente. Anderson Simões, por exemplo, ficou apenas oito meses no cargo. Suas intenções podiam ser as melhores, mas faltou-lhe a oportunidade de construir algo. Dessa forma, torna-se difícil fazer planejamentos a longo prazo, necessário para se administrar um estádio inserido em um complexo de entretenimento.

É bem provável que apenas as pessoas que gostam do Botafogo, os chamados torcedores, se tornem sócios-proprietários, o que significa que o clube deva ter uma boa relação com os torcedores. Porém, parece que isso não acontece. Não há espaço para as torcidas organizadas e o estádio é considerado frio e sem alma e, em relação ao Maracanã e outros estádios da época entre 1950 e 1980, o Engenhão é muito pequeno. Ou seja, o espaço para os torcedores diminuiu.

Como já explicado no capítulo sobre o Maracanã, isso acontece porque o dinheiro arrecadado através dos ingressos vendidos tem muito pouca importância no orçamento dos clubes brasileiros. A maior fonte de lucro é a venda de jogadores, seguido pelos direitos de transmissão e patrocínios. Considerando um saldo médio do Botafogo de R\$48.773,1 e uma média de público de 15.873 torcedores nos seus jogos no Engenhão, cada torcedor vale apenas R\$3,07. Neste cenário, um clube nem precisaria mais de estádio. Seria possível, por exemplo, jogar num campo sem arquibancada, onde se montariam publicidades e os jogos seriam transmitidos. O barulho da torcida seria feito no estúdio da emissora e essas transmissões serviriam como vitrines para a venda de jogadores. Dessa forma, poderiam ser evitados gastos com manutenção e aluguel. Ou seja, os clubes poderiam muito bem viver sem estádio.

Aliás, existem, hoje em dia, alguns clubes brasileiros, sem torcida e sem títulos, que são economicamente bastante lucrativos. Estive no dia 14 de março de 2009 no I Seminário FIFA Master Alumni, um encontro de ex-alunos do mestrado em administração esportiva patrocinado pela FIFA, no Rio de Janeiro. Um dos alumnis contou sua experiência de gerente na empresa Traffic, que vive da venda de jogadores. Para montar seu negócio, foi fundado um clube próprio chamado Desportivo Brasil, na cidade de Porto Feliz, no estado de São Paulo. Esse clube é equipado com uma infraestrutura de altíssimo nível e disputa divisões inferiores do campeonato paulista. O

Desportivo Brasil manteve um contrato de parceria com o Ituano FC e o Palmeiras, clubes da primeira e segunda divisão do campeonato paulista, para o empréstimo de jogadores. Os clubes funcionam abertamente como vitrines. O Desportivo Brasil não tem estádio próprio, não pretende conquistar títulos, nem uma torcida. E este parece ser o modelo economicamente lucrativo no futebol brasileiro. Este processo é descrito em Alvito (2006).



Foto 25: Campanha da Prefeitura do Rio de Janeiro comemorando a escolha da sede dos Jogos Olímpicos 2016.

Mesmo assim, o Botafogo alugou o Engenheiro. Por quê? Em primeiro lugar, teoricamente pode parecer que o futebol não precisa de torcida, mas na prática não é bem assim. Os consumidores precisam estar visíveis, demonstrando um envolvimento emocional com clube e equipe, valorizando assim os jogadores. Os torcedores são donos da emoção, que representa um valor considerável e que pode ser mercantilizado.

O segundo motivo é que clubes como o Botafogo são administrados de uma forma democrática, pois de três em três anos são realizadas eleições. A diretoria necessita, portanto, dos votos dos torcedores que são aptos a votar e, portanto, algo precisa ser feito para eles. Este algo é o acesso aos jogos. O próprio Anderson Simões alicerçou sua carreira dentro de uma torcida organizada do clube, onde teve a oportunidade de construir um grupo de seguidores e seus votos, até chegar à diretoria. Sem um estádio, esta carreira não teria sido possível.

Finalmente, o Engenhão representa *status*. Ele representa algo que é muitas vezes descrito através da noção de “moderno”. O desejo de ser moderno deixou o presidente do Botafogo tornar-se “megalomaniaco”, esquecendo qualquer cálculo econômico, arrendando o Engenhão. Esse pensamento merece um aprofundamento maior:

É considerado o estádio **mais moderno** da América Latina. (Cesar Maia, ex-prefeito do Rio de Janeiro no seu site: <http://www.cesarmaia.com.br/site/realizacoes/estadio-joao-havelange-engenhao.asp>, Acesso: 25/03/2010, Grifo meu)

É um **estádio de primeiro mundo**. Não é só um estádio, é uma arena. (Eider Dantas, ex-secretário de obras da prefeitura, *Revista Obras do Pan*, Grifo meu)

As provas de atletismo serão disputadas no estádio olímpico João Havelange, conhecido como Engenhão por ficar no bairro do Engenho de Dentro (zona norte). Será com folga o **mais moderno estádio** nacional e talvez da América Latina, a despeito de problemas. (*Folha de São Paulo*, 01/12/2006, Grifo meu)

Então por exemplo se vê **um estádio moderno** no país que tem a total capacidade de atender qualquer **padrão FIFA** é o Engenhão. (Anderson Simões, ex-vice-presidente administrativo do Botafogo, grifo meu)

O Brasil ganhou sua cidadania internacional. Não somos mais de segunda classe; **somos de primeira classe**. Somos um país que foi colonizado e, por isso, tínhamos mania de ser pequenos, sempre achando que todos podiam e nós não podíamos. (Presidente Lula, em *O Globo*, 03/10/2009, um dia depois da escolha do Rio como sede dos Jogos Olímpicos, Grifo meu)

O Engenhão se tornou **mundialmente famoso** por sua arquitetura (Torcedor do Botafogo, cerca de 50 anos, entrevistado em 12/03/09 na arquibancada branca do Maracanã, Grifo meu).

O Engenhão é o segundo **estádio mais inteligente** do mundo.

Segundo?

É, o Wembley é o primeiro.

O que significa inteligente?

Ele tem telão e atende rápido na bilheteria. (Torcedor do Botafogo, com cerca de 15 anos, entrevistado 22/03/2009 nos arredores do Engenhão, Grifo meu)

Os discursos citados mostram como é importante rotular o Engenhão como um estádio moderno. Muitas vezes o ser “moderno” está sendo descrito com um “como na Europa” ou que o estádio seria confortável. Entre os confortos oferecidos são citados os telões, a limpeza e o atendimento. O desejo de simbolizar seu pertencimento à primeira classe tanto através do direito de sediar uma Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, quanto ao fato de ser um estádio moderno, é visível. Os conceitos marca, conforto, segurança e adequação a normas internacionais, descritos pelo arquiteto Carlos Porto, atendem exatamente a essa noção de moderno ou melhor, estão sendo adaptados e incluídos na noção moderno.

Na construção do Maracanã a noção de modernidade também era central, sendo que na época baseava-se nas seguintes categorias: a grandeza do Brasil, democracia, capitalidade, recuperação social e a superação do ócio. As categorias capitalidade e superação do ócio não aparecem mais hoje em dia. A recuperação social continua uma peça chave para justificar o financiamento de megaeventos esportivos e a construção dos estádios. Embora não se use mais expressões como “grandeza do Brasil”, uma preocupação com a autoafirmação nacional, entre as principais forças econômicas e políticas do planeta, continua predominante nos discursos sobre o Engenhão.

O Engenhão representa dessa forma um objeto de *status* que deve posicionar o Brasil como um país “de primeira classe”. Pelo mesmo valor simbólico, o Botafogo decidiu arrendar o estádio. Dessa forma, esse clube acumula um capital simbólico que supostamente o colocaria em uma posição favorável em relação aos outros clubes cariocas e brasileiros. E como já nos ensinou Bourdieu (2006), o capital simbólico é reversível em outros capitais, entre eles o econômico. E essa é a esperança do Botafogo.



Foto 26: Bandeira colocada na fachada de um prédio de propriedade do Estado do Rio de Janeiro em comemoração à escolha da sede dos Jogos Olímpicos 2016.

Ou seja, os clubes cariocas e suas torcidas estão em uma disputa simbólica de quem seria o melhor, maior e mais moderno clube. Esse é o motivo porque o Engenhão sofre frequentemente ataques, que tentam denegrir sua imagem. Em entrevistas minhas com torcedores de outros clubes que frequentaram o Engenhão, surgiram várias vezes as categorias de acusação “O Enche-não” e “O Vazião” em referência as poucas vezes que o Engenhão teve lotação máxima. Considerando que o Botafogo possui uma média de público bem parecida com os outros clubes, temos de suspeitar que o baixo público é um problema para o Engenhão, mas não para São Januário ou Maracanã.

As outras acusações referem-se a constantes questionamentos da qualidade e a um superfaturamento da obra. Cada suspeita de deficiência na construção é amplamente discutida na imprensa. No dia 25 de março de 2010, a *Folha de São Paulo* fez uma matéria com a manchete “Recall: Engenhão tem ‘problemas graves’”:

Menos de três anos após ser inaugurado, o Estádio Olímpico João Havelange, o Engenhão, apresenta “problemas estruturais graves”. A avaliação consta num relatório enviado ao prefeito do Rio, Eduardo Paes, pelo Botafogo, que arrendou o estádio logo após o final da Pan de 2007. [...] Segundo o prefeito, o Botafogo citou “o encontro de lajes” de sustentação da estrutura. E o Consórcio Engenhão (OAS/Odebrecht) recomendou ao prefeito, em relatório ainda extraoficial”, a colocação de macacos hidráulicos nas fundações da arena (*Folha de São Paulo*, D1, 25/03/2009).

A construção do estádio custou R\$380 milhões, porém seu orçamento inicial era de R\$60 milhões, ou seja, o custo final foi seis vezes maior do que calculado:

A obra teve o prazo de entrega várias vezes adiado. Em 2003, quando anunciou a construção, a prefeitura publicou no “Diário Oficial” que o estádio custaria R\$60 milhões.

Assessor da presidência do Crea-RJ (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Rio de Janeiro), Abílio Borges disse que constatou “problemas pontuais de corrosão na estrutura” na visita que realizou em novembro. “O estádio é belíssimo, mas o seu custo de manutenção é muito alto” (*Folha de São Paulo*, D1, 25/03/2009)

Embora seja necessário considerarmos o superfaturamento e os problemas estruturais, também é importante considerarmos que o artigo saiu em um jornal de São Paulo, que como cidade é uma concorrente regional do Rio de Janeiro. Além disso, o artigo não relata se estes custos de manutenção são uma peculiaridade do Engenhão ou algo normal para qualquer estádio. É de se suspeitar que os custos da manutenção do Maracanã, Morumbi, Allianz Arena ou Emirates Stadium não sejam menores. Mas o Engenhão, como objeto de prestígio, está na mira das forças concorrentes.

Finalmente, a principal diferença entre Engenhão e Maracanã refere-se à categoria da “democracia”. Enquanto o Maracanã foi construído para 200 mil pessoas e,

dessa forma, poderia incluir todo mundo, a capacidade do Engenhão é de 45 mil torcedores. Não há mais um setor popular como a Geral. O acesso ao Engenhão é um bem caro. Como diz Gaffney (2007, p.14), esses novos estádios têm “strong rules of exclusion”. O Engenhão como símbolo da modernidade brasileira e do seu status deve representar um público elitizado considerado apto a ser mostrado ao mundo. Um público que quer consumir o jogo sentado, com conforto e segurança, como no teatro ou cinema. O público ideal, portanto, seria aquele dos Jogos Pan-Americanos, como anteriormente descrito.

Por isso, o Engenhão foi construído como um “all-seater”, não oferecendo espaço para manifestações mais populares como as torcidas organizadas que precisam ficar em pé. O Engenhão é um estádio construído para um público com alto poder aquisitivo, o que explica a maior crítica que os torcedores da Zona Sul formulam sobre o Engenhão: a dificuldade de acesso. Lembremos da fala de Anderson Simões:

O acesso ao estádio é ruim. O entorno do estádio é ruim. A prefeitura precisa reformar isso aí, ela precisa acabar o projeto. Ela não acabou o projeto.

[...]

Ce vai sair da sua casa para ir para o Engenhão no meio de um bando de favela para assistir um jogo, não vai. Se fosse no Maracanã. Iria. No Maracanã iria, porque o Maracanã é centro. Qualquer caminho que você pegue de carro, você passa ali pelo Maracanã. Entendeu? Ce tem esse acesso (Anderson Simões morador de Copacabana – Zona Sul)

As ruas em volta do Engenhão, e isso o pessoal, por exemplo, torcedores da zona sul do Rio de Janeiro sempre no início sempre tiveram um receio como chegar lá. Um pouco de violência no subúrbio, nem todo mundo conhecia aquela região. Uma região mais ou menos casas simples, pobre, não tem muito comércio (Torcedor botafoguense Paulo Roberto, Ipanema – Zona Sul).

Na verdade o problema não é do estádio, mas do Rio. O lugar é longe e perigoso. Confesso que tem muitos preconceitos, mas como é nas quartas-feiras à noite, depois do jogo deve ter muitos assaltos (Torcedor tricolor Heitor, Ipanema – Zona Sul, 08/03/2009).

Eu acho que o Engenhão é muito longe do público botafoguense. O Caio Martins não. [...] Niterói, a gente brinca, é a uma poça de distância. É só a Baía de Guanabara que separa o Botafogo do Caio Martins. Então se você pega as barcas então você tá lá em 10 minutos. [...] O Engenhão é muito longe. E o público do Caio Martins é um público que quase sempre lotava o estádio. O estádio era pequeno, se não me engano de 30.000 ou 20 e pouco mil pessoas. Mas é um público que sempre lotava. Vamos dizer que tinha uma média de 20.000 torcedores. No campeonato brasileiro temos uma média de 10.000 torcedores no Engenhão. Então é uma média muito menor. O botafoguense ainda não empolgou com o Engenhão. É muito longe da torcida do Botafogo. [...] Porque era bem legal ir para o Caio Martins do que ir para o Engenhão. E acho que o Botafoguense se acostumou como Caio Martins. Apesar de não ser mais distante do que o Engenhão. Apesar de não ter muito transporte público. Isso é uma coisa engraçada. Porque para o Engenhão você pega o metrô, em tese de metrô e de trem é tranqüilo. Mas na verdade o trem é uma porcaria no Rio de Janeiro. Eu e minha namorada, a gente iria para o

jogo Botafogo e Atlético Mineiro que teve agora no Engenhão e ligaram para mim não ir porque falaram que tá rolando um tiroteio na central. Então acho que botafoguense ainda não se acostumou com isso. Botafoguense tá ainda muito arredio. Até a área vip, tá muito longe. Engenhão é uma hora de viagem até o Engenhão. Se você for sair de carro para lá, é um trânsito infernal. No Caio Martins, se o jogo for às 21h da noite você não pegava trânsito na ponte, então era rapidinho. Pegava a ponte, aquela via expressa, que é a ponte, caía direto no Caio Martins, já tava lá, já assistia o jogo. (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo – Zona Sul)

Essa última fala revela algumas contradições. O Engenhão não é mais longe do que o Estádio Caio Martins em Niterói, nem o transporte público é pior. A diferença é que o Engenhão fica na Zona Norte que é uma área estigmatizada como pobre, suja, desconfortável e violenta. Essa separação remete ao final do século XIX quando “Trem, subúrbio e população de baixa renda passavam a ser sinônimos aos quais se contrapunha a associação bonde/zona sul/estilo de vida ‘moderno’” (ABREU, 2008, p.57). Nos termos de Douglas (1976) o Engenhão é uma construção pura, numa área perigosa ou, nas categorias nativas, uma construção moderna numa área atrasada, não civilizada.

Mas como objeto de *status*, o Engenhão não pode ser alterado. Seu status se alimenta da sua condição “moderna”. A geral, torcidas organizadas e ingressos baratos seriam símbolos de uma época pré-moderna, não civilizada e por isso não podem ter espaço no Engenhão, mesmo que isso não tenha lógica econômica. Aliás, os torcedores da Zona Norte não reclamam da falta de acesso, entretanto eles não são considerados modernos. As percepções e opiniões dos torcedores serão amplamente descritos e discutidos no próximo capítulo. Mas antes disso, segue o relato de uma visita a um jogo no Engenhão “as built”, em 2009.

Engenhão 2009

O Engenhão acumula dessa forma seu valor simbólico através da categoria “moderno”. A diretoria do Botafogo se sente pressionada por causa da baixa audiência. Observei várias mudanças na forma de se organizar um dia de jogo e os fluxos de torcedores nos três anos de existência do Engenhão. Para os Jogos Olímpicos de 2016 devem acontecer ainda outras alterações nos arredores e uma ampliação da capacidade para 60.000 espectadores. Por isso é impossível dizer: o Engenhão é assim. O que é possível é a descrição de um momento. Sendo assim, decidi terminar o capítulo sobre o Engenhão com uma descrição de um dia de jogo baseado em anotações no meu diário

de campo do mesmo modo como fiz no caso do Maracanã e com as mesmas implicações metodológicas. Portanto, se trata de uma situação pós Jogos Pan-Americanos e pré Jogos Olímpicos 2016.

Decidi retratar o jogo entre Botafogo e Sport de Recife 2:2, do dia 30 de maio de 2009, válido pelo Campeonato Brasileiro deste ano. A partida começou às 18h30min e contou com um público pagante de 8.655. Saio às 16h30min de casa para chegar mais ou menos às 17h na Central. É sábado, o jogo tem um público abaixo da média, então as ruas estão bastante vazias e na estação central também há poucas pessoas. Consigo um trem expresso, que de fato demora apenas 12 minutos até a estação Engenho de Dentro e tem apenas uma parada em São Cristóvão. O trem passa pela Zona Norte do Rio de Janeiro, fortemente caracterizada pelas suas casas de família e comércios. De vez em quando há um condomínio maior, com centenas de apartamentos. Passamos pelo Maracanã, Mangueira e Méier sem parar. O trem é um dos novos modelos que foram comprados para os Jogos Pan-Americanos e, ao contrário dos antigos, seus vagões são fechados por causa do ar-condicionado. Vejo sete torcedores do Botafogo no meu vagão, identificáveis através de suas camisas. Bem antes de entrar na estação Engenho de Dentro é possível ver, ao lado direito, o Engenhão que se destaca entre as casas de família e chama a atenção com sua arquitetura peculiar dos quatro arcos que seguram a cobertura.

Desço em Engenho de Dentro, que é uma estação maior, toda coberta com várias plataformas. Comigo saem vários botafoguenses que começam a gritar: “FOOOOOOOOGOOOOO” e outros cânticos de apoio ao time. Para sair da estação é necessário subir escadas rolantes até uma passarela, onde ficam as bilheterias, e que atravessa toda a estação e as ruas ao lado. Saindo das roletas em cima é possível virar à esquerda para o centro de Engenho de Dentro ou para a direita em direção ao estádio, que é quase colado à estação. Da passarela, em cima da Rua Arquias Cordeiro, saindo da estação, tem-se uma boa visão para a entrada sul do Engenhão. Em cada entrada foi construída uma ampla praça com paralelepípedos vermelhos e cinzas. À direita há uma linha de bilheterias. Depois segue o edifício do museu do trem, que está fechado. Ao final tem a rua Dr. Padilha, entrando para a esquerda, passando pela escola CEFET e levando à entrada Leste.



Gráfico 8: Mapa do Engenhão, a linha férrea passa ao lado da Rua Arquias Cordeiro. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Ol%C3%ADmpico_Jo%C3%A3o_Havelange.

A entrada Sul foi reservada à torcida do Sport e lá vejo até um grupo de preto e vermelho, as cores do time. O movimento é bem tranquilo. Acima desta entrada tem uma meia cobertura ligando arquitetonicamente o estádio à estação. Em baixo desse espaço foram colocadas grades móveis formando um corredor, tipo curral. Na entrada do curral existem dois agentes de segurança que só querem ver o ingresso e permitem apenas a entrada dos torcedores do Sport. Os botafoguenses podem usar qualquer outra entrada. No fim do corredor, há policiais militares que fazem a revista e depois os torcedores passam pelas roletas, onde o ingresso é desvalidado. Na praça e embaixo da passarela há muitos policiais, guardas municipais, alguns com cachorros e seus carros.

Desço a rampa que leva ao outro lado da Rua Arquias Cordeiro bem em frente às antigas oficinas de trem, que ficam à esquerda da entrada sul. Viro para a direita, me afastando da entrada sul. Entro à direita na Rua José dos Reis, que leva para a entrada oeste. Todas as ruas ao redor do Engenhão são muito estreitas. Mesmo em dias de jogo

a passagem de carros é permitida. A oferta de estacionamentos na rua é bastante limitada, o que levou vários moradores dos arredores a abrir seus quintais para alugar vagas.

Na Rua José dos Reis há, à esquerda, um pequeno hospital, depois seguem as típicas casas baixas de famílias do subúrbio. Casas antigas com entradas bonitas. O Engenho de Dentro é, nesta região, um bairro de classe média baixa. Nenhuma favela é visível nas proximidades (HOLZMEISTER, 2010b). Vários vizinhos ficam na porta, tentam vender alguma bebida ou comida ou simplesmente batem um papo com amigos. Seguindo a rua aparecem, à direita, as bilheterias deste lado. Em frente a cada guichê há um pequeno curral para ordenar as filas. O guichê possui um vidro que permite ver o vendedor e, através de um buraco pequeno, se troca dinheiro e ingressos.

Logo em seguida, abre novamente uma praça com paralelepípedos vermelhos e cinzas que leva à entrada oeste. A praça tem uma leve subida com várias escadas. Nessa área ficam, hoje em dia, as três estátuas de Garrincha, Nilton Santos e Jairzinho. Desse lado, localiza-se o prédio administrativo do estádio e o acesso à área *vip*, à esquerda, tem o estacionamento *vip* e da imprensa.

Seguindo a rua, à direita, encontra-se uma agência dos correios e, à esquerda, a rua Luiz de Abreu, onde se localiza, exatamente na esquina, um boteco chamado Pizza VIP. Ao lado dele há um pé-sujo, que muitos torcedores chamam de Botachopp, porque é o ponto de encontro dessa torcida organizada. O encontro da Botachopp é memorável. Há cerca de 50 pessoas com camisas da própria torcida. Elas têm entre 25 e 50 anos, sendo que a maioria deve ter por volta de 30. Há uma churrasqueira montada e o bar oferece sinuca e jogos de azar. As pessoas se cumprimentam e falam, em um clima bastante comunitário. Aparece um torcedor fantasiado de gorila que é reconhecido e cumprimentado por todos. Um torcedor chamado Paulo Cezar monta um som com microfone e cumprimenta os presentes. Depois coloca uma música. Mais tarde ensaia “parabéns” para um aniversariante, de cerca de 40 anos, que pega o microfone e grita o que depois descobri ser o hino da Botachopp: “Cachaça, cerveja, whisky, glicose é nossa meta, fogo, fogo...”.

Nos postes há bandeiras grandes do Botafogo e do Salgueiro. Falo com Paulo Cezar, que se diz “dono” da Botachopp:

Nós somos uma torcida do bem. Aqui não tem briga. São amigos reunidos. Pode participar. Só precisa comprar uma camisa. Já tem 2.000 pessoas. Não precisa nem beber. A garotada tá na Fúria, nós somos mais velhos. Temos nosso lugar na ala leste porque o presidente do Botafogo nos deu. Ao lado da Fúria, que é nossa torcida amiga.

No bar tem uma televisão que mostra o jogo do Vasco, que está ganhando por 3:1. Decido continuar minha caminhada ao redor do estádio. Na saída um outro torcedor me oferece Mocotó. Tomo sem saber o que é. Ele diz que levanta defunto. No caminho tem mais bares pequenos, mais vazios, que vendem salgadinhos. Adiante viro de novo à direita para a Rua das Oficinas e entrada norte. Novamente há bilheteiras e uma praça que leva para a entrada, mas antes há ainda o acesso ao estacionamento VIP e a tribuna da imprensa. Diretamente em frente a esta praça abre a Rua Henrique Scheid, um dos principais acessos ao Engenhão para pessoas que chegam de ônibus na Avenida Dom Helder Câmara ou estacionam no Norte Shopping. Essa é a única rua fechada em dias de jogo para carros. As suas calçadas passaram visivelmente por uma reforma antes do Pan-2007. Na sua entrada se encontram os integrantes da Torcida Jovem do Botafogo (TJB). Por isso há muitos ambulantes na rua e muitos policiais.



Foto 27: O Bar Botachopp.

Sigo passando pelo estacionamento oficial do estádio, que custa R\$10, para virar logo depois, à direita, na Rua Dr. Padilha. Continuo a volta, passando por outro boteco onde vejo integrantes da torcida Loucos pelo Botafogo. Várias casas abrem o jardim ou janelas para vender comida nesta rua. Elas oferecem caldo de lentilhas, cachorro quente, salsichão, bolinho de aipim etc. Outras casas oferecem estacionamentos. Do lado direito, tem uma vila com muitas casas iguais.

Finalmente, chego à praça que leva ao acesso à ala leste. Aqui há também bilheteiras. Quando me aproximo, vários cambistas começam a falar comigo. Muita gente ainda compra ingresso, o que provoca filas. Essa é a entrada mais usada, porque é o lugar da torcida organizada Fúria. Seus integrantes ficam no canto esquerdo do acesso, com as bandeiras e ensaiando a bateria. Do outro lado da rua, há uma pensão que vende salgadinhos e oferece, no seu quintal, um jantar barato. O lugar é muito frequentado pelos policiais e guardas municipais e muita gente anda pela rua, complicando, assim, o trânsito. Um pouco distante dali se encontra a torcida organizada Estrela Solitária. O acesso é organizado, como nos outros lados, através de currais. Só que, desse lado, há uma entrada específica com placas indicando inteira e meia entrada.



Foto 28: Venda de produtos dentro do jardim de um conjunto de prédios encostado ao Engenhão.

Entro no estádio às 18h10min e passo pelo controle do ingresso, a revista da polícia e a roleta. Tudo isso acontece rápido, porque é um jogo com pouco público. No interior, há apenas um caminho que leva a uma rampa subindo para a arquibancada. Nas alas leste e oeste o Engenhão tem quatro andares: a arquibancada superior, os camarotes e dois níveis da arquibancada inferior. A rampa atende a todos estes andares, sendo que o andar dos camarotes fica fechado e tem um acesso paralelo. Decido entrar no primeiro andar, na arquibancada inferior, que conta com um anel de acesso que rodeia todo o estádio. Em 2009, era possível passar por todo ele, com exceção da ala oeste, que é o setor VIP, chamado setor VISA. O anel é bastante largo, muito mais do que no

Maracanã. Caminho em direção à ala norte. À direita, aparece o acesso separado para os camarotes com suas hostesses. Logo depois, abre uma vista para o campo de aquecimento, que fica em cima do estacionamento. Do lado esquerdo, há os acessos a arquibancadas, banheiros e lanchonetes. Como o Engenhão é uma construção ampla, existe muito espaço para bares que, entretanto, parece bastante subexplorado. No meio do caminho encontra-se um carro oficial do Botafogo que vende suvenires. Penso: por que eles não ocupam uma dessas lojas não aproveitadas dos bares?



Foto 29: O amplo corredor do Engenhão.

Mais à frente localiza-se o acesso ao estacionamento do lado direito, onde há também uma bilheteria meio improvisada. Chego à ala norte e entro na arquibancada subindo entre as cadeiras, bastante vazias, até o segundo andar. Esse é o último na ala norte, onde não há nem camarotes, nem arquibancada superior. Mas existe um suporte para construir esta arquibancada. A mesma construção é notável na ala sul.

Fico na última fila atrás dos assentos para ter uma ampla visão do estádio. Toda a ala sul, que nos jogos anteriores era o lugar da Loucos pelo Botafogo, ficou reservado para a torcida do Sport. Por isso, a Loucos pelo Botafogo mudou para o lado direito do anel inferior da ala leste. Esse é o setor mais lotado do estádio. A Loucos pelo Botafogo coloca suas faixas, que eles chamam de trapos, no anel superior com imagens de jogadores do passado e outros personagens como: Saldanha, Didi, Túlio e Heleno.



Foto 30: A Loucos pelo Botafogo em ação.

No centro do setor inferior é o lugar da Fúria e, à esquerda, da Botachopp. As duas torcidas estão presentes com bandeiras, faixas e baterias. Vejo ainda outras faixas das seguintes torcidas organizadas: Guerreiras, Estrela Solitária, Sepefogo, Albigirls e Botasuco. A TJB fica um pouco isolada na ala norte. Finalmente falta a ala oeste, que tem pouco público. No setor inferior, ficam os chamados business-seats do setor VISA. Apesar do nome, os assentos são iguais aos do resto do estádio. A diferença é que os ingressos são mais caros, só podem ser adquiridos pela internet com indicação da fila e número da cadeira, dando direito a uma vaga no estacionamento VIP. Acima disso, têm alguns camarotes de espectadores e, no centro, as cabines de rádio e televisão. O setor superior ficou, como muitas vezes, fechado. Apenas a tribuna da imprensa abre para os jornalistas, que ficam num setor central abaixo de uma pequena tribuna de honra.

Decido voltar até a ala leste, no segundo andar, passando novamente por um corredor espaçoso com banheiros e lanchonetes. Em 2010, foram colocadas grades entre as alas e não é mais possível fazer essa caminhada como estou descrevendo. Além disso, os setores passaram a ter preços distintos. Nesse meio tempo, as equipes entram no campo, o que provoca um barulho grande que ecoa no corredor. O jogo começa e o

Sport logo marca um gol. Somente depois chego ao acesso à arquibancada inferior, no setor da Loucos pelo Botafogo. Quando entro, os vejo cantando e saltando muito: “Vamos virar, fogo!”.

Atrás de mim tem um menino loiro, de cerca 10 anos, que parece um verdadeiro atleta de tanto que salta. Ao lado da entrada do primeiro andar, fica um grupo concentrado que é a Loucos. Na sua frente, há três homens virados de costas para o campo. O primeiro deles é o que mais chama atenção. Ele é um verdadeiro regente. Inicia canções e dá o ritmo. Tem uma mímica, dança e linguagem corporal complexa que acompanham as canções. Ele deve ter uns 25 anos, é loiro, com cabelos um pouco compridos e está sem camisa. Ao seu lado, tem mais outros dois meninos que o apóiam no comando. Além disso, há uma bateria com cinco pessoas: dois tambores (surdo), uma alfaia, um pandeiro e um chocalho. Ao redor, conto 58 pessoas em pé, entre os quais apenas cinco meninas. A maioria tem entre 15 e 25 anos.

O Sport marca o segundo gol. É feita uma pequena interrupção, de segundos, dos cânticos, mas logo voltam a cantar. Todos têm alguma roupa que remete ao Botafogo, mas nem sempre são produtos licenciados. Muitos estão sem camisa e de peito nu. Ao lado, à frente do grupo, vejo um menino loiro, com cerca de 25 anos, tipo estudante, com casaco retrô da Adidas em preto e branco. Ele está muito envolvido e acompanha as canções com muita mímica, uma verdadeira coreografia.

Diretamente ao lado deste grupo, as pessoas estão sentadas e começam a xingar. A Loucos não xinga e tem poucos palavrões nas canções. Nem vaias. Eles cantam mais algumas canções até o juiz apitar para o intervalo. Muita gente sai da arquibancada e vai para o corredor comprar uma bebida ou lanches. Há também ambulantes oficiais. Tem cerveja sem álcool (R\$4), refrigerantes (R\$3,50), hambúrguer e cachorro quente (R\$4), além de pipoca e biscoito Globo.

Volto para o segundo tempo e me dirijo mais na direção do centro, perto da Fúria. Muita gente que ficou do outro lado muda para este lugar, porque o Botafogo está atacando agora nesta direção. Esses torcedores ficam sentados diretamente ao lado da Fúria, cujos integrantes ficam em pé, mostrando um comportamento similar aos integrantes da Loucos pelo Botafogo. Há uma linha brusca entre a Fúria e os torcedores sentados. O Botafogo marca um gol e todo mundo levanta para comemorar.



Foto 31: Há uma linha entre os torcedores organizados em pé e os torcedores sentados.

Os torcedores que estavam sentados voltam a se sentar. Na minha frente, no espaço do portão do primeiro andar, há um menino da Fúria ainda comemorando com uma bandeira grande, quando o jogo já volta a começar. Os torcedores atrás dele ficam furiosos e lhe chamam a atenção. Um grita: “Eu paguei, eu paguei!” e outros: “Senta, senta.” Em outros jogos vi muito desse tipo de conflito entre pessoas que querem ficar sentadas e outros que querem ficar em pé, lembrando bastante o conflito no Pan-2007, descrito na introdução.

Neste setor há uma última fila atrás dos assentos, com vários torcedores em pé, todos homens. Entre as pessoas sentadas na minha frente, um terço é de mulheres e dois terços de homens. Eles cantam pouco, mas gritam e xingam muito. O movimento típico é levantar, xingar e voltar a sentar. A Fúria continua com suas canções igualmente cheias de palavrões.

O Botafogo ataca muito e consegue empatar o jogo, a poucos minutos do fim. A comemoração é imensa. Todo mundo canta: “Ninguém cala este nosso amor...”. Diretamente abaixo da cobertura da arquibancada superior, a acústica é boa. Mas, saindo dessa área, o som evapora. As torcidas organizadas se empenham muito, mas durante todo o jogo tenho a sensação de uma atmosfera fraca e principalmente fria. Além disso, a distância até o campo é considerável por causa da pista de atletismo. O

estádio não é ideal para jogos de futebol. Confesso que se um pesquisador me perguntasse qual estádio eu prefiro, responderia: Maracanã.



Foto 32: Torcedores em pé nos assentos.

O jogo acaba e a maioria dos torcedores sai rapidamente do setor, indo na direção sul, ou seja, setor da torcida do Sport. Quando cheguei lá, ainda estava fechado, mas a polícia já sinalizou que iria abri-la após a saída da torcida adversária. Isso acontece em poucos minutos e podemos seguir em direção à estação.

Chegando em cima da passarela, já há filas grandes nas roletas para o trem, mas, com certa paciência, chega minha vez, cerca de cinco minutos após entrar na estação. Depois de todos os jogos do Botafogo, há um trem especial, com vagões novos com ar-condicionado, já esperando na plataforma. Cerca de vinte minutos depois do jogo, ele parte em direção à Central do Brasil, parando em todas as estações, o que demora cerca de 25 minutos.

Encontro, no trem, dois amigos botafoguenses que começam a reclamar da postura da torcida como um todo. “A torcida não faz pressão”. Respondo que a acústica é ruim, mas a tese é rejeitada: “Tem um jogo importante e a torcida não comparece”.

Outra crítica especificamente na Loucos pelo Botafogo é que começaram a cantar “Pagou com traição”, na hora do gol do empate: “Coisa de adolescentes”. Na central, eles pegam o metrô e eu, o ônibus que sobe Santa Teresa. Depois das 21h30min chego em casa.

Há algumas observações bem parecidas com o Maracanã. Pudemos observar, novamente, que o estádio é muito envolvido com seus arredores. Os moradores não escapam das consequências da sua presença. Alguns aproveitam para ganhar dinheiro, mas é compreensível que alguém se sinta incomodado com a massa de gente. Como o Maracanã, o Engenhão também não é uma construção fixa, mas está sendo transformado continuamente. As mudanças na organização do evento, jogo de futebol, são frequentes. Quero me dedicar agora aos usuários deste espaço, os torcedores, e como eles reagem a essas mudanças.

2. TORCEDORES

2.2 Quem são os torcedores?

Um jogo de futebol pode acontecer na rua, na praia ou num campo baldio. Mas com a crescente institucionalização do esporte apareceram espectadores, que precisaram de um lugar para assistir aos jogos. Nos primeiros capítulos foram descritas as construções arquitetônicas dos estádios de futebol Maracanã e Engenhão. Esses estádios existem para abrigar uma multidão de pessoas, que querem assistir aos jogos, os chamados torcedores. Vimos que as maiores multidões de torcedores foram observadas exatamente no Brasil, no estádio Maracanã. Entretanto, o fenômeno da atratividade do futebol não é exclusivo do Brasil, já que esse esporte é extremamente popular no mundo inteiro.

Dessa forma, não surpreende que este fenômeno já tenha despertado muito a atenção de pesquisadores sociais em diversos países. Em muitos casos temos a impressão de que os torcedores são o principal motivo da existência da sociologia e antropologia de esporte. Muitos cientistas se perguntaram: O que atrai tantas pessoas para assistir um evento esportivo, em geral, e de futebol, em particular? Esta pergunta surgiu porque as multidões de torcedores começaram a mostrar um comportamento considerado como um problema social, uma anomalia. Acredito que podemos afirmar também que a maior parte das pesquisas sobre torcedores é iniciada por causa de fenômenos descritos como sendo manifestações de violência no futebol. A questão principal neste caso é: por que os torcedores brigam?

Na presente pesquisa, a primeira questão interessa mais do que a segunda, sendo que é quase impossível não tratar de uma sem pensar na outra. Entretanto, a pergunta *por que as pessoas vão ao estádio?* ainda não foi respondida definitivamente e talvez não o seja. Mas o que se pode fazer é ir a um estádio e perguntar aos torcedores, o que eles estão fazendo. Podemos assistir aos jogos com eles e fixar esses dados. Ou seja, podemos explorar o universo dos torcedores com os instrumentos da etnografia.

Este empreendimento não será realizado sem problemas. Os antropólogos estão acostumados a pesquisar grupos pequenos, bem definidos, entretanto, um estádio de futebol parece caótico e está longe de poder ser considerado como algo bem definido. Além disso, percebemos que há diferentes setores nos estádios e diferentes modelos de estádios que estão sendo alterados no decorrer da história. O que à primeira vista parece-nos um fator complicador pode ser usado a favor da nossa pesquisa.

Primeiramente, serão apresentados alguns trabalhos já existentes sobre torcedores, para assim melhor esclarecer as questões aqui abordadas e a metodologia elaborada.

Por que as pessoas vão ao estádio?

Esta pergunta foi respondida pelo célebre técnico da seleção alemã Sepp Herberger, que disse: Porque eles não sabem qual será o resultado. A resposta é simples e charmosa, mas levanta outra questão: por que o resultado importa? Há ainda outras dúvidas como, por exemplo: por que as pessoas vão ao estádio, quando poderiam ver o jogo pela televisão? As motivações dos torcedores podem ser muito mais diversificadas do que a resposta de Herberger insinua. Será apresentado aqui um resumo dos levantamentos de Stollenwerk (1996, p.17-21) e Guttman (1986, p.176-185), que fazem análises de espectadores de esportes e chegam, em linhas gerais, a resultados parecidos.

Primeiramente, ambos chamam a atenção para o fato de que nem todos os espectadores estão realmente interessados no evento esportivo. Um exemplo é uma esposa que acompanha o marido para um passeio de família apenas para agradar o parceiro e não para ver um jogo. Outro exemplo são os *hooligans*, que procuram sua excitação em lutas com outros hooligans nos arredores dos estádios. Finalmente, deve ser bastante comum que existam pessoas, principalmente nos camarotes, que procuram contatos profissionais e sociais, para fazer negócios. Eu estive num jogo de Polo na Argentina onde ficou bem claro que a maioria dos espectadores presentes tinha algum interesse econômico no mercado de cavalos, seja como criador, comerciante ou veterinário. Não podemos esquecer que há também uma indústria de apostas, que pode ser mais um motivo para se assistir a eventos esportivos.

Do outro lado, há a grande maioria das pessoas que está realmente interessada no evento esportivo. É possível formar três linhas gerais de motivos que estão presentes nos dois autores citados: motivos estéticos, de estimulação e de pertencimento.

Principalmente em esportes como ginástica, hipismo e a dança, o fator da estética é evidente. Tanto os corpos quanto os movimentos perfeitos de muitos atletas são apreciados. Um exemplo é o filme *Olímpia*, de Leni Riefenstahl, que explora a dimensão estética. O próprio futebol tem vários elementos que podem ser percebidos como bonitos, por exemplo, dribles individuais, passes exatos, mas também a construção de uma jogada e esquemas táticos. Espectadores que querem apreciar esses

elementos do esporte precisam de uma boa visão para observar os acontecimentos. Eles consomem o esporte como um espetáculo do teatro e da ópera.

Espectadores que procuram a estimulação de emoções, excitações ou tensões são o tema das reflexões de Elias e Dunning (1992). Segundo esses autores os seres humanos percebem como prazerosa a criação artificial de tensões. Esta necessidade existiria porque a vida moderna seria muito sedentária e, por isso, pobre em estímulos. Os eventos esportivos seriam uma ocasião para deixar escapar, como uma válvula, as tensões e agressões acumuladas na vida profissional. Nesse sentido, o esporte é entendido como o tempo de lazer, diversão ou recreação em oposição ao tempo do trabalho.

O próprio esporte ofereceria essas situações de tensão quando os atletas lutam pela vitória. Entretanto essas situações não se restringiriam apenas à prática esportiva, mas também se fazem presentes na esfera torcedora. Os próprios torcedores podem criar as situações de tensão quando cantam, zoam e principalmente xingam. Esses comportamentos, normalmente, são socialmente aceitáveis, se tornando problemáticos quando extrapolam os limites. A definição não apenas desses limites, mas também de fenômenos como emoções, excitações ou tensões já provocou extensas discussões sem resultado definitivo. Mas podemos afirmar que, ao contrário do espectador interessado na estética, o espectador interessado em estímulos não precisa necessariamente de uma boa visão do campo e está muito longe de ser próximo a um espectador de teatro.

Finalmente, há os motivos de pertencimento, que é um tema clássico da antropologia. Neste caso, a tese central é de que seres humanos precisam de alguma identidade através da qual pertençam a algum grupo. Os atletas dos times e clubes representariam esses grupos e a ida do espectador aos eventos esportivos é parte de um ritual de pertencimento. Essa é a principal teoria que explica por que as pessoas vão ao estádio em tempos de televisão. Os acontecimentos no campo se tornam secundários e a comunidade representada é a prioridade.

Essa explicação é muito usada para analisar fã-clubes e torcidas organizadas, que fazem muitos eventos que vão além do limite esportivo, como organização de excursões, festas e churrascos. Uma certa modalidade esportiva pode se tornar uma expressão cultural chave de uma identidade, como é o caso do futebol no Brasil e do baseball em Cuba. Essa tese é também usada em pesquisas que querem explicar a violência dos torcedores. Quando um indivíduo percebe a sua identidade ou comunidade ameaçada haveria risco de uma reação violenta.

Essa categorização das motivações dos espectadores em estética, de estimulação e de pertencimento é puramente arbitrária. Por exemplo, o pertencimento a um grupo pode ser parte fundamental da diversão emocional, ou seja, de um estímulo. É bastante provável que muitos espectadores percebam o espetáculo esportivo com uma mistura das sensações e motivos citados. Deve ser chamada a atenção para o fato de que existe uma grande variação de motivações que levam as pessoas a gostar de um esporte e assisti-lo no estádio. Não há um único motivo certo. Mas é certo que o futebol, no Brasil, consegue atingir o gosto de muita gente, ou seja, com todas as possibilidades que existem, o futebol parece ser o produto adequado para a demanda brasileira. Bourdieu refletiu sobre o campo esportivo como uma relação entre oferta e demanda:

Acho, que sem violentar demais a realidade, podemos considerar o conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais – rugby, futebol, natação, atletismo, tênis ou golf – como uma oferta destinada a encontrar uma certa demanda social. Se adotarmos um modelo deste tipo, dois conjuntos de questões se colocam. Em primeiro lugar, existe um espaço de produção dotado de uma lógica própria, de uma história própria, no interior do qual se engendram os “produtos esportivos”, isto é, o universo das práticas e dos consumos esportivos disponíveis e socialmente aceitáveis em um determinado momento? Segundo, quais são as condições sociais de possibilidade de apropriação dos diferentes “produtos esportivos” assim produzidos, prática do golfe ou do esqui, leitura de jornais esportivos, reportagem televisionada da copa do mundo de futebol? Dito de outra maneira, como se produz a demanda dos “produtos esportivos”, como as pessoas passam a ter “gosto” pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que por outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos como possibilidade em um dado momento? (1983, p.136).

Dessa forma, Bourdieu (1983) considera a flexibilidade do futebol, que não configuraria uma única relação oferta-demanda, mas várias. Essa oferta-demanda pode até mesmo passar por mudanças radicais. Nesse sentido, não só os diferentes estádios, mas também os diferentes setores nos estádios são ofertas distintas do produto futebol. Até os anos 1990 o Maracanã foi a oferta certa para a demanda brasileira, porém houve transformações e os produtores do futebol brasileiro reagiram com mudanças arquitetônicas nos estádios. Esse movimento não é feito sem risco, porque se investe muito dinheiro, sem saber se a nova oferta encontrará a sua demanda.

Não existe uma força oculta e inconsciente que faz os torcedores irem ao estádio, mas escolhas que são feitas de modo consciente quando se compra um ingresso e se é obrigado a optar por um setor. É possível perguntar como foram feitas essas escolhas. Podemos pedir aos torcedores para compararem ofertas antigas, estádios antigos, com ofertas novas e estádios novos. Por isso, as mudanças e a setorização

podem ser favoráveis na presente pesquisa para descobrir como se dá a disputa simbólica pelo significado do torcer e de que modo o espaço arquitetônico dos estádios está sendo usado nesta disputa.

História do “torcer” no Rio de Janeiro

“Acho que deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o ‘esporte moderno’” (BOURDIEU, 1983, p.136). Vamos seguir a sugestão do mestre e levantar alguns dados sobre o desenvolvimento histórico do comportamento de torcedores no Rio de Janeiro, que vai mostrar como as condições sociais do futebol mudaram radicalmente desde a introdução deste esporte no Brasil até os dias de hoje, reforçando a tese do parágrafo anterior de que existem muitos motivos que levam as pessoas aos estádios.

Oficialmente o futebol foi trazido ao Brasil por Charles Miller, que chegou em 1894 em São Paulo, e por Oscar Cox, em 1901, no Rio de Janeiro. Mas é bem provável que marinheiros ingleses ou funcionários de empresas inglesas já tenham jogado futebol no Brasil antes dessas datas, sem deixar documentos. Alunos de internatos da elite carioca e paulista, no interior dos estados, jogavam algo parecido com futebol no recreio da escola, no final do século XIX (SANTOS NETO, p.2002). Essas brincadeiras foram pouco codificadas e provavelmente tiveram limites de campo bastante permeáveis.

Oscar Cox é o nome vinculado ao começo da história oficial do futebol no Rio de Janeiro, porque trouxe as regras e o equipamento básico do esporte da época em que estudava na Suíça. No Rio, criou as primeiras equipes de futebol para jogar partidas seguindo as regras oficiais. Esses primeiros jogos aconteceram em campos de clubes de cricket, como o Paysandu Cricket Club. Ou seja, pela primeira vez a separação entre atletas e público foi claramente definida. Em seguida, Cox fundou o clube Fluminense, que comprou, em 1902, uma sede para praticar seu esporte no bairro de Laranjeiras, onde o clube fica até os dias de hoje (NAPOLEÃO, 2003, p.5-9).

Segundo Elias (1992), só é possível falar de “esportes” a partir do momento do estabelecimento de regras, que definem principalmente a contenção da violência e o tempo para garantir uma competição justa. Para isso, são necessárias instituições como associações imparciais, que regulam essas regras, e clubes que organizam os espetáculos dos jogos. Guttman (1986) percebe esse desenvolvimento no esporte pela

primeira vez no *calcio*, uma forma antiga do futebol, na Itália do século XVI. Ele acrescenta que a partir da separação de jogadores e espectadores tornou-se possível criar regras e normas de conduta, tanto para os jogadores quanto para os espectadores. Um comportamento específico de torcedores começou a se desenvolver e essa institucionalização aconteceu com o futebol carioca nos anos de 1902 até 1906.

Nessa época existia a vontade política e social de higienizar o país, a cidade e, portanto, também os seus habitantes e seus corpos. Modernização, saúde e beleza corporal eram motes centrais desta época. O esporte praticado na época era o remo, que representou muito bem esses valores e substituiu, dessa forma, o turfe como esporte mais popular da cidade. O banho de mar era outra expressão da época, que se tornou uma prática frequente. A meta era a construção de uma civilização que seguisse o modelo europeu e o projeto de saneamento encontrou também sua expressão na urbanização da cidade. Buscou-se o ideal de um lugar arejado, limpo e com acesso à natureza. A principal obra desse projeto foi a abertura da Avenida Central no centro do Rio, que resultou na demolição de centenas de casas. A cidade deveria ficar menos insalubre e mais ventilada, além de ganhar um trânsito mais fluido, principalmente para a zona sul, que era ainda uma área bastante rural (MELLO, 2001, p.67-79).

Neste contexto não surpreende que o campo e a sede do novo clube de futebol do Fluminense fossem construídos em Laranjeiras, um bairro fora do centro e ainda bastante verde. Este lugar próximo à natureza respondeu bem às exigências do parecer que o Deputado Rui Barbosa apresentou, atendendo uma solicitação do imperador Pedro II, no ano de 1882. Rui Barbosa defendeu a introdução de exercícios físicos para jovens em lugares arejados e ventilados (SANTOS NETO, 2002, p.13). Portanto, os companheiros de Oscar Cox buscaram no futebol esta higienização do corpo, visando copiar a civilização européia. Nesse sentido, este esporte ainda não era concebido como um espetáculo para torcedores.

O Fluminense construiu, em 1904, a primeira arquibancada de madeira, criando divisões de setores nas tribunas para diferentes classes sociais. A partir daí era possível cobrar ingressos para o acesso ao jogo. Esta arquibancada passou por melhoramentos e ampliações em 1905 e 1915 (NAPOLEÃO, 2003, p.5-20). Dessa forma, era possível separar as pessoas de acordo com seu poder aquisitivo. O futebol caiu no gosto da elite carioca e pode se tornar a “moda do High-Life” (PEREIRA, 2000, p.73).

A arquibancada das Laranjeiras se tornou um ponto de encontro da elite carioca, sendo frequentada também pelo prefeito da cidade e pelo presidente da República. O

ambiente lembrava muito um salão de chá inglês. A elegância era visível no vestuário: terno, gravata e cartola para os senhores e vestido longo para as damas. O encontro social era inclusive uma oportunidade na busca por um casamento. Portanto, os acontecimentos na arquibancada eram, para esses espectadores, mais importantes do que o jogo em si. Nesse sentido, havia se formado o campo do esporte (BOURDIEU, 1983) com sua lógica própria e atendendo, com seus valores e regras, ao gosto de uma certa demanda. Esses valores eram o cavalheirismo, a boa educação e, principalmente, o Fair Play. A proposta era que a rivalidade não fosse o principal motivador no jogo. Filho (2003, 35) relata que as equipes se encontravam depois dos jogos no Café Cantante Guarda Velha para jantar juntos. DaMatta (2006, p.142) avalia este gesto como a tentativa de igualar as equipes, que eram desiguais no jogo.

Ainda não havia gritos de apoio e muito menos gritos de “guerra”. Uma exceção é o grito “Aleguá” dos espectadores do C.A. Paulistano, em São Paulo; segundo Hollanda, “O Ale-guá-guá-guá hurrah era um abraqueiramento do grito francês allez-gohack, que significava para frente, avante” (2004, p.56).

Mas, como afirma Mello, se referindo ao turfe e ao remo: “Se o esporte sempre esteve bastante ligado às elites, as camadas populares de alguma forma também tiveram acesso a tal prática” (2001, p.14). A mesma coisa vale para o futebol. As primeiras fotos de curiosos assistindo as partidas nas Laranjeiras em cima de telhados ou morros, ou seja, de fora da arquibancada e, portanto, sem pagar ingresso, datam de 1905 (PEREIRA, 2000, p.57-58).

Nesta época os jogos chegaram a atrair 1.500 espectadores (Ibid, p.35), números que se multiplicaram nos anos subsequentes, para 6.000, no jogo Brasil X Argentina, no dia 09 de julho de 1908, e para 25.000, no jogo Brasil X Uruguai, no dia 29 de maio de 1919 (Ibid, p.105 e 137).

Essa multidão mostrou um comportamento diferente do público elitizado das arquibancadas, que em 1907 já havia manifestado contrariedade em relação à “maneira de aplaudir” do “pessoal do além-muros” (Ibid, p72). Aqueles espectadores não respeitavam os códigos de conduta da fidalguia e comentavam os acontecimentos no campo em voz alta, fazendo piadas e xingando (Ibid, p.58). A partir de 1916, se começou a usar as palavras *torcer*, *torcedor* e *torcida*,³² para fazer referência ao fenômeno em que as pessoas tomavam partido de uma das equipes, para apoiá-la com

³² Para uma genealogia da palavra *torcer* compare Hollanda (2008, p.94-99). Este autor atribui a criação da palavra ‘torcedor’ ao beletista e diretor do Fluminense, Coelho Neto na década de 1920.

gritos. Segundo Pereira (Ibid, p.124), a “classe de torcedores” era definida como espectadores, que “sem fazer parte dos quadros sociais dos clubes esportivos, era constituída em sua maior parte por indivíduos de baixa condição social, sem instrução e sem educação”, citando um jornal da época. Ou seja, usando a terminologia de Bourdieu (1983), podemos dizer que dentro do campo de disputa do esporte, foi feita uma distinção entre os gostos dos sócios e dos torcedores, que formavam o público e mostravam um comportamento ou hábitos distintos.

Mas houve também sócios que gostaram deste estilo de torcer:

Muito torcedor de fitinha no chapéu gostava de assistir ao jogo atrás do gol. Para ver a bola entrando, suspendendo a rede. Para gritar gol antes de a bola entrar. Para torcer mais à vontade. Como um moleque. Sem essa coisa de olhar para ver se tinha moça perto. Torcedor, com um palavrão na boca, tendo de engolir o palavrão (FILHO, 2003, p.78).³³

O esporte futebol não podia mais ser mantido preso em um espaço destinado para ricos. Era praticamente inevitável que toda a população assistisse aos jogos que, devido à facilidade de se praticar, espalhou-se pela cidade. O futebol se tornou popular e começou a atrair grandes multidões, o que significou também uma oportunidade de comercialização. O Fluminense reagiu a essa situação com a construção de um novo estádio. As obras começaram, em 1918, para poder sediar o Campeonato Sul-Americano, em 1919. Esta nova construção o transformou no maior estádio do Brasil da época, com tribunas ao redor do campo todo. Estas tribunas iriam ser segmentadas em setores baratos (geral), setores médios (arquibancada) e setores caros (tribuna coberta). A hierarquização era claramente perceptível (PEREIRA, 2000, p.134-138).

Os estádios se tornaram espaços polissêmicos. A questão da higienização não estava mais na pauta para os torcedores, em 1919, mas sim a distinção social, identidades locais e nacionais, diversão e emoções já se encontravam entre os significados do futebol.

Outro fenômeno associado aos espectadores era a violência.³⁴ Ao contrário do que se pensa no senso comum de hoje, este tema data dos primórdios do futebol no Brasil. Uma das primeiras fontes registradas de vaias, ameaças, invasões de campo,

³³ Esta citação foi retirada do livro *O negro no futebol brasileiro*, de Filho (2003), que já provocou bastante discussão nas ciências sociais brasileiras, alertando para a confiabilidade da fonte (ver: Helal et. al. 2001). Isso precisa ser considerado neste caso também, porque o livro foi publicado em 1947, numa época na qual não apenas a palavra “torcedor”, mas também o ato de torcer mais “à vontade” já era plenamente implantado ou até desejado. Essas questões vão ser discutidas mais adiante.

³⁴ É importante destacar que há, nas ciências sociais, uma discussão relativizadora sobre o conceito de violência em relação ao futebol, que será retomada no final deste trabalho. Ver, por exemplo, Flores (1995) e Murad (2007).

enfim, de atos que podem ser percebidos como violentos, datam de 1907, em um jogo do Botafogo (Pereira, 2000, p.78). Portanto, os sócios finos foram os autores desses acontecimentos. A acusação de violência se tornou um instrumento na disputa pelo poder de definição do que é o “verdadeiro” futebol. O fair-play dos cavalheiros entrou em oposição à rivalidade e à vontade de vencer. A desordem pública começou a se tornar um problema. Já em 1914, consta em uma ata do Botafogo, a solicitação de um policiamento especial para seus jogos (Id, 128). As brigas haviam se tornado cada vez mais habituais entre os torcedores e, mesmo aumentando o número de policiais, não foi possível conter as invasões de campo e começaram a ser exigidas grades nos estádios.

Em 11 de maio de 1919 foi inaugurado o estádio Laranjeiras, que se inseria numa construção mais ampla, a sede do Fluminense, com um prédio administrativo, restaurante, quadra de tênis e piscina. Esse prédio também foi renovado e concluído em 1920. Em 1922, aconteceu uma nova e última ampliação do estádio, financiada pelos sócios, para o campeonato Sul-Americano do mesmo ano. Nesta ocasião, foi construído um segundo andar nas arquibancadas (NAPOLEÃO, 2003, p.21-22).

Dessa forma, o campo do Fluminense é um típico estádio comunitário, pertencente a clubes sociais. Segundo Giulianotti (1999), esses primeiros estádios seriam construções tipicamente “latinas”:

[...] many Latin grounds are located well away from industrial areas; internally, they house training centres and gymnasia as well as swimming pools, tennis courts or athletics tracks around the pitch. In Iberia and Latin America, these facilities are designed for easy use by the club ‘members’ (*socios*) as part of their subscription fees (GIULIANOTTI, 1999, p.67).

Um outro exemplo, no Rio de Janeiro, é o estádio São Januário, do C.R. Vasco da Gama, que foi inaugurado em 1927, sendo depois ampliado. Malhano e Malhano (2002) oferecem um relato muito detalhado da construção deste estádio, que se encaixa na descrição de Giulianotti (1999). O terreno foi comprado em 1926, no bairro de São Cristóvão, na época um bairro residencial na periferia da cidade.

Na medida em que a camada mais pobre da população se apropriava de alguns esportes, a exemplo do futebol, prática esportiva até então da elite, deu-se início à construção dos estádios que, cada vez mais, foram ocupando os bairros mais residenciais, elitistas e populares da cidade (MALHANO E MALHANO, 2002, p.239).

Desde o começo, o estádio foi pensado como uma “arena multiuso”:

O projeto de instalação do conjunto em São Januário seguiu, bem próximo, as orientações da Federação Alemã de Esportes – Deutscher Sportbund, Köln-Müngersdorf (sic). Previa um gramado elíptico regular, ou falsa elipse, para

abrigar um campo regulamentar de futebol em torno de 105.00m de comprimento por 70.00m de largura. O gramado deveria ser contornado por um conjunto de cinco, seis a sete pistas normais de atletismo, com 400.00 de comprimento; cinco, seis a sete pistas livres de 100.00m, 110.00 com barreiras, com largura total entre 7.60 e 8.82m; pista para saltos com vara, saltos em comprimento triplo. A falsa elipse comportaria, ainda, alternando com o futebol, lançamento de dardo, de martelo, de disco, de peso, salto em altura e fosso com areia ou água. (Ibid, 2002, p.140)

Foram construídos também bares, restaurantes e outras facilidades para a convivência dos sócios. Por falta de dinheiro do clube, as instalações de natação, vôlei e basquete só foram concluídas posteriormente.

A distribuição do público era explicitamente hierárquica: tribuna principal com assentos, arquibancada semicoberta e arquibancada descoberta sem assentos. A forma elíptica do estádio contribuiu para essa distribuição, pois criou visibilidades diversas ao campo a partir dos lugares na reta ou na curva da arquibancada, garantindo assim muitos lugares para um setor (a curva) cujo ingresso era mais barato, acessível à população de baixa renda.

O estádio de São Januário era o maior estádio brasileiro da época, com espaço para até 35.000 espectadores e foi utilizado muitas vezes para realização de comícios e celebrações cívicas pelo governo federal do presidente Getúlio Vargas, possuindo, portanto, um significado destacado na história esportiva e política do Brasil, justamente o ponto de análise de Malhano e Malhano (2002). Mesmo esse uso “nacional” se encaixa perfeitamente na categoria de estádio comunitário porque foi “[...] construído exclusivamente pelos sócios, sem utilizar quaisquer verbas, federal ou estadual [...]” (MALHANO E MALHANO, 2002, p.240). Além disso, São Januário foi construído com uma arquitetura rica, com muitos detalhes tipicamente portugueses, com destaque para a fachada principal com azulejos.

As características típicas deste modelo de estádio comunitário, portanto, são: localização em um bairro residencial, instalações para diversas modalidades esportivas, forte ligação com a população local do bairro e espaços para a população de baixa renda num espaço abertamente hierarquizado dentro das arquibancadas.

Esses estádios tiveram influência na modificação das manifestações dos espectadores, cuja presença tornou-se mais e mais desejada. O código de conduta nas arquibancadas não mais condizia com a de espectadores passivos, até então denominados de assistência. Os estádios haviam se transformado em espaços mais apropriados a um tipo de público participativo, com pretensão de influenciar o

resultado. Da antiga denominação assistência, passa-se a fazer referência à torcida. Os torcedores se transformaram em especialistas porque conheciam as regras do jogo. Os conceitos de oposição e rivalidade foram incluídos na ideologia dos torcedores e expressos no seu comportamento, deixando para o segundo plano as ideias de fair-play e imparcialidade (HOLLANDA, 2008, p.98-99).

Como já mencionado anteriormente no capítulo sobre a construção do Maracanã, o Brasil passara nesta época por intensas transformações no plano político, econômico e social, cuja contextualização é importante para compreendermos algumas mudanças no campo esportivo. Na década de 1920, houve uma disputa de poder entre clubes considerados da elite e clubes de origem operária. Tratava-se de uma disputa que envolvia os defensores do amadorismo e aqueles que lutavam pelo profissionalismo. A profissionalização possibilitaria uma abertura do futebol a jogadores de origem humilde, o que teria como consequência uma série de mudanças em âmbito futebolístico. Os eventos relacionados ao time do Vasco da Gama, em 1923 e a construção de seu estádio, em 1927, são exemplos que se inserem nessa disputa, já que se trata de um clube que tornou-se campeão com um time formado por negros e operários (CALDAS, 1990, p.67-94).

Além disso, aconteceu o crash da bolsa americana, a ascensão política de Getúlio Vargas, a profissionalização do futebol e a publicação do livro *Casa-Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (1933), como já foi analisado anteriormente. Neste contexto precisamos lembrar também da criação do Conselho Nacional de Desporto, fundado em 1941 (DRUMOND, 2007, p.69). Tais fatores demonstram que o futebol havia se transformado em uma questão nacional.

Mas, a profissionalização e os estádios maiores levaram ainda a outro processo: a mercadorização do futebol. A imprensa teve um papel importante nesse processo. Jornais e rádio já noticiavam há muito tempo sobre o futebol, mas ainda era pouca a influência da imprensa no aumento do sucesso comercial dos jogos. Isso mudaria em 1936, quando o jornalista Mario Filho comprou o *Jornal dos Sports*. Como lhe foi necessário financiar esse novo negócio, o jornalista procurou medidas para aumentar a público nos estádios e, conseqüentemente, a vendagem do jornal. Não sem motivos, criou no mesmo ano, a “Competição das Torcidas”, na qual eram avaliadas, por um corpo de jurados, as torcidas mais animadas, criativas e organizadas no apoio ao seu time. Essa competição seguiu o modelo do desfile das escolas de samba no carnaval, igualmente criado por Mario Filho (HOLLANDA, 2008, p.100).

Mais tarde se criou um ranking das torcidas no *Jornal dos Sports*. A medida visou o aumento do público nos estádios e de vendagem do jornal, porque se contava com a curiosidade de poder ler sobre as competições. A competição das torcidas trouxe as rivalidades ao nível clubístico e incentivou a criatividade dos torcedores. As manifestações nas arquibancadas se tornaram mais diversas e a multidão começou a se organizar. A partir de 1942, se formaram as primeiras torcidas organizadas sob o comando de um “chefe de torcida”, como a *Charanga* do Flamengo, com seu líder Jaime de Carvalho.

Mas as primeiras informações sobre um chefe de torcida já datam de 1922. Paradantas, torcedor do Vasco da Gama, chamou a atenção com a sua bandeira gigante, sempre reunindo um grupo em torno de si. Outros chefes de torcida surgiram e despertaram a atenção com gritos altos, uma voz específica, um instrumento de música ou algum outro traço excêntrico. Eles ainda não comandavam grupos organizados de torcedores, mas já usufruíam de certa fama e autoridade nas arquibancadas. Este é um motivo pelo qual os próprios clubes apoiaram os chefes de torcida, pois se esperava deles certo poder para conter os torcedores. A violência continua sendo percebida como problema (Ibid, p.120).

Esse repertório dos torcedores ficou ainda mais rico quando se formaram os agrupamentos organizados, na década de 1940, que levavam instrumentos de música, bandeiras, faixas, flâmulas, fogos de artifício e papel picado para os estádios. Em conjunto, puxavam canções e gritos de incentivo. Estes grupos começaram a usar camisas uniformizadas (Ibid, p.115-119). Os chefes de torcida foram caracterizados como excêntricos, humildes, românticos, emocionais, folclóricos, amadores. Essas propriedades foram geralmente elogiadas como um exemplo a ser seguido pelo torcedor, que sacrificava tudo a favor do time (Ibid, p.122).

Neste contexto, acontece a construção do Maracanã, cujas principais características ideais são: instalações esportivas somente para a prática do futebol, representação da nação e espaço para um grande público de todas as classes sociais num espaço que pretendia apagar as hierarquias, como descrito no segundo capítulo. Deve ser lembrado também do “jeito brasileiro” da arquitetura de futebol. Enquanto Bale (1993) propõe que a tendência da evolução de estádios é em direção para uma crescente divisão, hierarquização e mais tarde controle, racionalização e eficiência, a construção do Maracanã marca o movimento contrário. O estádio gigante brasileiro simboliza uma inclusão das massas, uma negação das hierarquias e cria um espaço pouco controlável.

Parece que os seus idealizadores queriam construir um templo para a emoção nacional, negligenciando, por consequência, questões de segurança. A única medida de segurança foi a construção de um fosso entre campo e público, para impedir invasões.

Nesse sentido, o Maracanã representa bem as idéias do movimento modernista da arquitetura brasileira, que segundo Cavalcanti (2001), durou de 1928 a 1960 e teve como nomes mais reconhecidos Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Paulo Mendes da Rocha. Esses arquitetos aceitaram a influência de colegas estrangeiros, principalmente de Le Corbusier e Mies van der Rohe, mas queriam transformá-la em algo novo e genuinamente brasileiro. O principal traço desse estilo era que seus representantes queriam pensar a sociedade e, dessa forma, resolver questões como “a forma das cidades, as moradias, a distribuição da riqueza, os espaços de diversão e, até mesmo, um novo modelo de sociedade” (CAVALCANTI, 2001, p.25).

A imensidão do Maracanã abriu o estádio para toda a população, garantindo o acesso ao lazer sem distinção financeira. Isso possibilitou o “sonho utópico” (Ibid, p.25) de uma nova sociedade dos modernistas, não se permitindo pensar em aspectos relativos à violência. As novas arquibancadas deram espaço às manifestações dos torcedores. Isso possibilitou uma diferenciação e diversidade de significados e comportamentos. Os torcedores continuavam sendo liderados pelas torcidas organizadas e seus chefes que, entretanto, ganharam como concorrentes, na década de 1960, as torcidas jovens. De repente, houve mais de uma torcida dividindo o espaço das arquibancadas. A Jovem Flu, a Poder Jovem do Flamengo e a Poder Jovem do Botafogo foram fundadas, em 1968, e a Força Jovem do Vasco, em 1970 (HOLLANDA, 2008, p.183-184).

Essas transformações ocorreram em um país que, desde 1964, era governado por uma ditadura militar, o que provocou resistência, através de manifestações estudantis. Desde 1950, havia, no Brasil, a televisão, que podia não apenas transmitir os jogos do futebol, mas também informar sobre acontecimentos em outros países, como, por exemplo, as manifestações de 1968 na Europa e nos Estados Unidos. Agremiações de resistência costumavam usar as palavras “jovem” e “poder”, como destaca Hollanda: “o *Flower Power*, o *Young Power*, o *Panther Power* e o *Black Power*” (Ibid, p.175). Além disso, a televisão incentivou um crescimento da comercialização do futebol, resultando na criação do campeonato nacional, em 1971, que possibilitou uma ampliação da visibilidade das torcidas.

Nesse contexto se formaram as torcidas jovens, questionando a autoridade das torcidas tradicionais e os seus líderes:

Além da postulação de um perfil etário mais homogêneo, as Torcidas Jovens se singularizavam das antigas torcidas pela incorporação de um controverso valor ao ato de torcer: o protesto. Se até então o incentivo parecia constituir a essência do modo de ser do torcedor e a finalidade última destas agremiações – a prova maior eram os exemplos de fidelidade e de lealdade do chefe de torcida –, as Torcidas Jovens canalizavam a insatisfação dispersa entre os torcedores nos períodos de crise de suas equipes, outorgando-se o livre direito à pressão, ao apuro e à vaia dirigida à diretoria dos clubes, o que era facilitado pela ausência de vínculos diretos pessoais com os dirigentes (Ibid, p.188).

Os torcedores jovens se propunham independentes do clube e se deram ao direito de xingar e vaiar. O seu protesto era expresso de uma forma criativa e carnavalesca, não apenas dentro dos estádios, mas também fora. Enterros simbólicos de dirigentes de clubes ficaram conhecidos. Esses protestos ganharam espaços na mídia, principalmente no *Jornal dos Sports*.

Dessa forma, nasceram as torcidas organizadas que nós conhecemos até hoje, que produzem os grandes espetáculos nas arquibancadas, envolvendo milhares de pessoas e usando bandeiras, faixas, confete e baterias, ao invés de instrumentos de sopro para incentivar seus times. Eles começaram a organizar viagens para outras cidades, para ver jogos do próprio time no recém inaugurado Campeonato Nacional. Seus membros se vestiam com roupas produzidas e comercializadas pela própria torcida, com sua logomarca, ao invés do escudo do time. Esses agrupamentos precisaram de um certo grau de organização para tais atividades e de estratégias de financiamento.

Esses agrupamentos estão até hoje associados, no senso comum, com atos violentos. De fato, surgiram fenômenos como brigas na rua e no estádio, manifestações e greves. Por isso, as torcidas começaram a provocar discussões, não só na imprensa, mas também entre cientistas sociais. Ao mesmo tempo, a seleção brasileira não conseguia ganhar nenhuma Copa do Mundo por 24 anos, entre 1970 e 1994, o que foi chamado de crise do futebol brasileiro.

Helal (1994) apresentou uma reflexão analítica dessa situação e traçou o seguinte quadro: “a) a queda de público nas partidas de futebol; b) o êxodo de nossos melhores jogadores para o exterior; c) a pobre situação financeira dos grandes clubes; e d) a desorganização dos campeonatos” (HELAL, 1994). A incapacidade dos dirigentes brasileiros de futebol de resolver esses problemas mostraria um “dilema clássico da cultura brasileira: uma oscilação entre um código tradicional (primado das relações

interpessoais, de família e de amizade) e um ideal modernizante (primado das relações interpessoais, igualitárias e do indivíduo)” segundo Helal (1994), baseando-se em DaMatta (1979).

A violência das torcidas era somente mais um sintoma desta crise. A data crucial desse processo aconteceu em agosto de 1995. O Brasil já havia se redemocratizado, quando ocorreu uma briga entre torcedores de São Paulo e Palmeiras, no estádio Pacaembu, em São Paulo, que deixou 101 feridos e um morto, transmitida ao vivo pela televisão. Uma das primeiras reações foram estudos etnográficos entre torcidas organizadas (ver entre outros: Pimenta, 1995; Toledo, 1996; Monteiro, 2003 e Teixeira, 2004). Mas instituições governamentais também começaram a procurar soluções. Um dos resultados é um relatório da Comissão de Paz no Esporte, que culpa a violência, a impunidade, o desconforto, o despreparo dos funcionários e a insegurança, entre outros itens, pelo baixo índice de ocupação dos estádios. As propostas do relatório se referem ao cumprimento do Estatuto do Torcedor e à modernização dos estádios.

O Estatuto do Torcedor é uma lei brasileira de 2003 destinada a proteger o torcedor.³⁵ Entre as exigências do estatuto do Torcedor se encontram medidas de segurança e a existência de cadeiras para todos os espectadores. Isso implica na já descrita reformulação dos estádios. No Rio de Janeiro, isso aconteceu nas obras para os Jogos Panamericanos de 2007, com a reforma do Maracanã e a construção do Engenhão.

Citando novamente Bale (1993), podemos observar que o Brasil voltou para o trilho do desenvolvimento da construção de estádios em direção a uma fragmentação, controle e hierarquização da torcida, conforme analisado pelo autor inglês. Existem, assim, divisões não permeáveis e regras rígidas de exclusão.

Os valores estandardizados foram recebidos através das exigências das federações internacionais de esporte, como a FIFA. Esta entidade está se mostrando mais preocupada com as áreas da mídia, camarotes VIP, estacionamentos e jogadores do que com os setores dos torcedores, como já foi mostrado no capítulo sobre o Engenhão. Podemos observar uma diminuição dos lugares para torcedores ditos tradicionais, nas classes de menor poder aquisitivo, e um aumento de espaço para a imprensa, patrocinadores, organizadores e VIPs. Além disso, o espaço do torcedor comum é remodelado, de áreas para assistir o jogo em pé para estádios “all-seater”, com assentos.

³⁵ O Estatuto do Torcedor será analisado com mais profundidade no final do trabalho.

Esta mudança se deve à ideologia típica dos megaeventos esportivos, que entende o esporte como um produto, que precisa de um *marketing* para que os clientes-espectadores consumam em segurança.

A segurança é uma preocupação na construção destes novos estádios. Ela conduz à criação de verdadeiros “panópticos” no sentido de Foucault (1977). A vigilância através de câmeras de vídeo; o controle na entrada, que usava durante os Jogos Pan-Americanos até raios-X e detectores de metal; e a instalação de Tribunais Especiais nos estádios, que se tornaram comuns no Rio de Janeiro.

Estas mudanças arquitetônicas não são favoráveis para o estilo de torcer das torcidas organizadas. Elas precisam de espaço para estender seus materiais como bateria, faixas e bandeiras. Além disso, seus componentes costumam assistir ao jogo em pé para poder dançar e pular, o que é dificultado pela existência das cadeiras. Na primeira década do século XXI, surge um novo fenômeno de grupos de torcedores, que não se declaram organizados. No Rio de Janeiro, os nomes desses grupos são: Loucos pelo Botafogo, Legião Tricolor, Urubuzada e Guerreiros do Almirante. São as chamadas torcidas de alento, cuja existência será analisada em seguida

Mesmo considerando que a descrição anterior é superficial, tentou-se esboçar uma história do torcedor de futebol no Rio de Janeiro. Foi possível vermos que há várias maneiras de se descrever a figura do “torcedor” e que existem diversos significados e, portanto, várias maneiras de torcer. Esses modos se modificaram várias vezes no decorrer do tempo. É muito provável que uma análise sincrônica mais profunda, possibilitaria a descoberta de mais significados diferentes coexistindo. A análise sugere também que esses significados se diversificaram no decorrer da história.

Assumindo essa inexatidão para fins de análise, detectamos três grandes fases dos significados do torcer, que estão ligadas a distintas arquiteturas de estádios: 1) a fase dos estádios comunitários, representada por São Januário; 2) a fase dos estádios gigantes, representada pelo Maracanã; e, 3) a fase dos estádios para megaeventos esportivos, simbolizada pelo Engenhão.

Em todas essas fases parece que o conflito entre dois tipos-ideais de torcedores é predominante: na primeira fase o conflito se dá entre os espectadores cavalheiros e imparciais e os torcedores pertencentes a uma comunidade, com sua parcialidade; na segunda, entre os torcedores que apóiam incondicionalmente e os outros, que se entendem como parte do clube e, por isso, se sentem no direito de cobrar, vaiar e

protestar; e, finalmente, na terceira fase, entre torcedores apaixonados e comunitários, ditos tradicionais, e o torcedor-consumidor, dito moderno.

Torcedores-símbolo, Torcidas organizadas e Torcidas de Alento

A descrição anterior do desenvolvimento das sociabilidades dos torcedores, no Rio de Janeiro, e as mudanças nos significados e comportamentos destacou três grupos de torcedores: os torcedores-símbolo, as torcidas organizadas e as torcidas de alento. Como configuram grupos bem visíveis que parecem autorrecortados, eles seriam objetos preferenciais para antropólogos. No presente trabalho, objetiva-se realizar uma etnografia com todos os outros torcedores não considerando apenas esses grupos destacados. Mas, no decorrer da pesquisa, ficou claro que não é possível uma coisa sem a outra. Os torcedores que se destacam por algum motivo se tornam pontos de referência, por isso convém, baseado em pesquisas já existentes, descrever esses grupos de torcedores.

Estes são grupos sociais que mostram variações da maneira de torcer que podem ter lógicas ligeiramente distintas da cultura dominante. Alguns dos comportamentos baseados em lógicas desviantes da cultura dominante são percebidos como anomalias, entretanto essas variações fazem parte da cultura dominante e para seus membros, seus comportamentos são perfeitamente lógicos.

Torcedores-símbolo

Enquanto grupos de torcedores organizados como fã-clubes, torcidas organizadas ou os ultras são um fenômeno comum em outros países, talvez no mundo inteiro. Os torcedores-símbolo, porém, são um fenômeno que, conforme a expressão, talvez só exista no Brasil. Tal afirmativa, entretanto deve ser cercada de muitos “talvez” e insegurança, porque enquanto os torcedores-símbolo configuram um grupo colorido, que chama muito a atenção, ainda não foram realizadas pesquisas que façam deles seu tema de investigação. Trata-se do extremo oposto do que ocorre no caso das torcidas organizadas e de alento. A principal fonte acerca da temática dos torcedores-símbolo é o livro do jornalista Hilton Mattos (2007), que entrevistou 24 torcedores-símbolos, fornecendo, dessa forma, uma informação básica sobre o assunto.

Torcedores-símbolo são torcedores que conseguiram ficar conhecidos, e alguns famosos, por simbolizar uma torcida devido a algum comportamento que desperta a atenção. Sua fama, em alguns casos, se inicia acidentalmente e, em outros casos, é bem planejada. Alguns conseguem ganhar dinheiro e fazem do lazer do torcedor uma profissão. Esses torcedores não formam um grupo homogêneo, mas são individualmente destacados.

Sua origem, provavelmente, se encontra nas figuras dos chefes de torcida que surgiram nos anos de 1920, como por exemplo o vascaíno Paradantas. Os chefes de torcida são descritos de uma forma muito parecida com os torcedores-símbolo de hoje: demonstraram algum comportamento excêntrico como gritar alto, uma voz específica ou fazendo uso de algum instrumento de música. Eles ainda não comandavam grupos organizados de torcedores, mas já usufruíam de certa fama e autoridade nas arquibancadas. Este é um dos motivos pelos quais os próprios clubes apoiaram os chefes de torcida, pois se esperava deles certo poder para conter os torcedores (HOLLANDA, 2008, p.120).

Nos anos de 1940, Jaime de Carvalho se tornou um dos chefes de torcida mais famosos do Rio de Janeiro. Ele formou um grupo de músicos, chamado Charanga, com camisas uniformizadas, que ia aos estádios para apoiar o Flamengo. Uma charanga é uma banda com instrumentos de sopro e bateria. Em conjunto, puxava canções e gritos de incentivo (Ibid, p.115-119). Os chefes de torcida foram caracterizados como excêntricos, humildes, românticos, emocionais, folclóricos, amadores. Essas propriedades foram geralmente elogiadas como um exemplo a ser seguido pelo torcedor, que sacrifica tudo a favor do time (Ibid, p.122). Jaime conseguiu, dessa forma, simbolizar não apenas a torcida do Flamengo, mas também do Brasil em jogos da seleção. Várias vezes foi declarado Embaixador da Torcida Brasileira e acompanhou a seleção em copas do mundo. Da mesma época é Tia Aida, fundadora da ainda existente Torcida Organizada do Vasco – TOV (MATTOS, 2007, p.22-27).

Alguns dos torcedores-símbolo têm seu nome e sua fama ligados ou à fundação de uma torcida organizada nos anos 1970, como é o caso de Moraes e Cláudio Cruz, fundadores da Torcida Raça Rubro-Negra do Flamengo, ou ao fato de terem sido presidentes, como é o caso de Armando Giesta, presidente de honra da torcida Young Flu do Fluminense, e de Móthel Santoro, presidente da Torcida Jovem do Botafogo. Mas o nome dos torcedores-símbolo é individualmente tão forte que é desvinculado das torcidas organizadas, representando as torcidas inteiras.



Foto 33: O torcedor-símbolo “Anjo do Flamengo” no Maracanã.

Em seguida, aparecem vários torcedores, por motivos diversos, como o já citado Ladrilheiro do Flamengo, que se tornou famoso pela invasão de campo. Um exemplo do Fluminense é o já falecido Careca, que se vestiu todo nas cores do clube e jogou pó de arroz em cima dos torcedores na arquibancada. Sonja se tornou famosa porque as câmeras das televisões a descobriram chorando nas cadeiras azuis por causa de uma derrota do seu time, o Botafogo, em 1989. Finalmente na torcida do Vasco tem um torcedor que chama atenção por se vestir, como o mágico Mister M, com uma máscara. Nos anos 1990, apareceram também os primeiros torcedores-símbolos da seleção brasileira. Um deles é Dartagnan, com sua famosa corneta.

No Brasil, é possível se tornar famoso não somente como jogador, mas também como torcedor. Alguns descobriram que é possível até mesmo ganhar dinheiro com esta fama, por isso, alguns torcedores constroem a sua imagem pública de uma forma bem cuidadosa. Já relatei que encontrei um torcedor do Botafogo com chapéu de cachorrinho no Maracanã. Perguntando o nome dele, ele me entregou um cartão de visita indicando

o nome Aristides Teles e contatos. Alguns têm até sites na internet, como o Gaúcho da Copa ou o Bola Sete³⁶. Eles se tornaram uma espécie de animadores de torcida profissionais. O discurso de simbolizar, de uma forma típica, uma torcida se tornou comercialmente rentável:

O grupo “Gaúchos na Copa” tem como objetivo principal a confraternização e troca de experiências com os demais povos, sem distinção de cultura ou país de origem. Sempre com o foco nos costumes gaúchos e brasileiros, levamos ao mundo a alegria, simpatia e cordialidade do povo do Brasil.³⁷

A difusão através da grande mídia, destes momentos de emoção e alegria proporcionados pelo Bola Sete e Equipe, apresenta retornos institucionais intangíveis e imensuráveis para o patrocinador. Mostra a sua marca presente não só junto aos jogadores e aos mitos, como também junto à comunidade e suas manifestações sócio-culturais. A ação promocional de maior retorno durante os eventos é, sem dúvida aquela que é capaz de envolver as pessoas e motivá-las a participar do espetáculo de forma espontânea e descontraída. E esta tem sido a especialidade destes conhecidos animadores da Torcida do Brasil, ao longo dos últimos anos.³⁸

Esses torcedores têm uma equipe e procuram patrocinadores, oferecendo a emoção e a alegria “espontânea” e “descontraída” que seria típica do Brasil. Começa uma disputa pelo poder simbólico (BOURDIEU, 2006) de definir a emoção nacional e representá-la.

A questão a respeito da licitude de se ganhar dinheiro com a profissão de torcedor ganha relevância. O torcedor-símbolo do Flamengo e da seleção brasileira, Moraes, documenta as suas viagens acompanhando as duas equipes, também, em um site: www.historiadetorcedor.com.br/. Encontrei-o em várias ocasiões, durante a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Várias vezes, ele se distanciou dos torcedores profissionais, destacando que todas as suas viagens foram financiadas com recursos próprios. Moraes faz questão de dizer que é torcedor amador, que assume os gastos e as dificuldades por causa do amor pelos times que apóia.

Além dos já citados, há ainda muitos outros torcedores símbolos, por exemplo: Tia Ruth (América), Juarez (Bangu), Zica, Evandro Bocão, Gerdau, Índio da Geral e Anjo do Flamengo (todos do Flamengo), Desirée Rogério, Betinho, Heitor D’Alincourt, Tia Gloria, Vovó Tricolor e Papa Tricolor (todos do Fluminense), Tarzan, Russão, Deneval, Júlio César e Gorila (todos do Botafogo), Dulce Rosalina, Zeca, Sandra, Amâncio César e Penha (todos do Vasco da Gama), Cotonete (Corinthians e Seleção

³⁶ www.gauchosnacopa.com.br/ e www.santanabolasete.com/

³⁷ www.gauchosnacopa.com.br/, 2010

³⁸ www.santanabolasete.com/, 2010

Brasileira), Dona Miriquinha e Zé do Rádio (Sport Recife). A quantidade dos torcedores-símbolo no Rio de Janeiro e no Brasil é impressionante.

Alex Bellos escreve sobre os torcedores símbolos:

In England, characters like Joe Radio [Zé do Rádio] or Dona Miriquinha would be regarded as at best eccentric and worst certifiable. In Brazil they are considered role models. Fans who exaggerate their passion are known as torcedores-símbolo – symbol fans – as if they are ambassadors for the passion and irreverence that everyone else feels (2002, p.122).

Um desenvolvimento interessante é que, desde o começo do ano de 2008, a Charanga passa por uma espécie de *revival*, colocando Seu Guigui como seu novo torcedor-símbolo e legítimo sucessor do fundador Jaime de Carvalho. Desde então, a Charanga passa a ter um conceito de marketing que inclui um site com um design estilo vintage e uma loja virtual³⁹. Não apenas o site, como também os souvenirs são cheios de referências à época da fundação da Charanga, mas ao mesmo tempo faz-se uso de recursos tecnológicos atuais como Orkut e Twitter.



Foto 34: A Charanga no Maracanã.

Em muitos trabalhos sobre torcidas organizadas a Charanga é citada como sua antecessora. Aqui ela será inserida na categoria de torcedor-símbolo, porque a Charanga é bem diferente das Torcidas Organizadas. Ela não pretende se organizar de uma forma

³⁹ www.charangadoflamengo.com.br/indexSite.html

burocrática, atraindo muitos sócios para crescer em tamanho e, portanto, em poder. Sua proposta principal é ser um símbolo da torcida e liderar a entoação de canções. É possível concebermos o revival da Charanga como um fenômeno que é fundamentalmente relacionado à construção de uma oposição frente às torcidas organizadas. A Charanga remete a um passado romântico e pacífico do futebol carioca, enquanto as torcidas organizadas simbolizam a violência e as crises atuais. Este pode ser o motivo do estilo vintage dos suvenires da Charanga.

Sem dúvida, os torcedores-símbolo deveriam ser melhor estudados. Qual é o motivo da existência de tantos torcedores-símbolo? Quais as carreiras que eles seguem? Quais os discursos na tentativa de definir seu papel? Como podemos avaliar a tendência de profissionalização desses torcedores? Como podemos avaliar o revival da Charanga? Quais as conseqüências desses desenvolvimentos? Essas são algumas questões a serem respondidas.

Torcidas Organizadas

As Torcidas Organizadas já foram bastante pesquisadas no Brasil e o motivo para tal é o seu suposto envolvimento com atos de violência ao redor de jogos de futebol. Este trabalho não se propõe a pesquisá-las, exatamente porque já há muitas pesquisas nesse sentido. Entretanto sua importância no meio de futebol do Brasil é tão central, que se torna necessário descrevê-las. Vários trabalhos sobre esse tema foram aqui mencionados e ainda o serão mais adiante.

Neste momento é importante mencionar que as torcidas organizadas serão descritas e definidas aqui a partir das seguintes etnografias já existentes: Dias (1991), para o caso de Porto Alegre; César (1981), Pimenta (1995) e Toledo (1996), para o caso de São Paulo; Teixeira (2003), Monteiro (2003) e Curi (2003, 2006), para o caso do Rio de Janeiro. Além disso, deve ser destacado o trabalho historiográfico de Hollanda (2008), também para o caso do Rio de Janeiro.⁴⁰ Os primeiros dois trabalhos citados chamam a atenção porque foram feitos antes dos acontecimentos da queda do alambrado no Maracanã, no Rio de Janeiro, em 1992, e da chamada batalha campal no Pacaembu, em São Paulo, 1995. Talvez por esse motivo, o assunto violência, embora

⁴⁰ Deve ser destacado, entre os muitos trabalhos existentes com uma metodologia das ciências da comunicação, Toro (2004), que analisa manchetes de jornais em São Paulo sobre torcidas organizadas, e Batista (2005), que analisa apresentações das torcidas organizadas cariocas na internet.

seja mencionado, não é central nas questões destas pesquisas. Esse tipo de abordagem é completamente diferente de todos os outros trabalhos.

Como já foi dito, as torcidas organizadas surgiram no final dos anos de 1960, em São Paulo e Rio de Janeiro. Elas diferem dos grupos que circundam os torcedores-símbolo, porque têm a proposta de criar uma estrutura burocrática para administrar seus sócios, visando um contínuo aumento do número de associados. Colunas desta estrutura administrativa são, muitas vezes, formadas por, além do registro de associados que pagam mensalidades e recebem uma carteirinha, uma diretoria que se elege regularmente com presidente, tesoureiro, secretário e diretores para vários assuntos. Alguns desses agrupamentos conseguiram acumular recursos suficientes para comprar uma sede física. Esta estrutura se financia não somente por intermédio das mensalidades, mas também através de patrocínio, apoio dos clubes e a venda de souvenirs usando os símbolos da própria torcida e não do clube. A grande maioria dos seus sócios é do gênero masculino, jovens entre 15 e 25 anos, oriundos de camadas das classes média e baixa. Mas é importante acrescentar que normalmente os clubes têm mais do que uma torcida organizada, cujo perfil de sócios difere entre si. Por exemplo, existem torcidas organizadas com sócios mais velhos, que querem passear com amigos e precisam de uma estrutura para viajar para os jogos.

Toledo define as torcidas organizadas como

Fenômeno que se manifesta pela paixão coletiva por times e clubes, mas que se desdobra e se transforma em paixão pelas próprias Torcidas Organizadas, seus símbolos, suas práticas, a sociabilidade que promovem e que organizam em torno do futebol profissional (1996, p.12).

Esta paixão faz com que as torcidas organizadas consigam vender seus próprios produtos de modo independente dos clubes. Mas a definição deixa também claro que não é a violência que é constituinte das torcidas, mas a paixão. Teixeira chega à mesma conclusão: “A torcida organizada é, pois, definida como um conjunto de emoções e sentimentos sendo que seus limites se baseiam em noções como amor, união, fidelidade, ‘irmandade’ (2003, p.125).” Se os integrantes percebem que alguém do clube preferido não demonstra o mesmo amor, então se sentem no direito de criticar e vaiar o clube. Essa é uma postura oposta dos torcedores-símbolos, que apóiam o clube em qualquer circunstância. Por isso, César (1981, p.69) constata que as torcidas organizadas do Corinthians acusam a torcedora-símbolo Eliza de ter se vendido ao clube. Aqui se percebe a principal mudança de postura entre as duas formas de torcer.

A principal arena para expressar esta paixão é o estádio e os jogos do time preferido. Esse é o momento no qual as torcidas organizadas estão sendo percebidas por um público maior, porque seus membros se agrupam num lugar específico, onde mostram seus símbolos. Estes são: uma faixa grande, bandeiras e bandeirões, as camisas da torcida, a bateria, balões, confete entre outros. As torcidas organizadas se agrupam tipicamente atrás da sua faixa ao redor da sua bateria, que dá o ritmo para as canções que a torcida puxa para apoiar o time. Eles assistem aos jogos tipicamente em pé para poder dançar durante as canções. O teor dessas canções transmite normalmente ou um conteúdo de enaltecimento do próprio clube e torcida ou xingamentos e ofensas contra o time adversário. Os símbolos das torcidas organizadas já foram amplamente analisados por Toledo (1996, p.39-100) e Teixeira (2003, p.77-104).



Foto 35: As Torcidas Organizadas do Botafogo em ação no Maracanã.

Atualmente as três principais torcidas organizadas do Botafogo se localizam da seguinte forma. A maior delas se chama “Fúria Jovem” e fica no centro do anel inferior da ala leste do Engenhão; à sua direita, na mesma tribuna, fica a torcida “Botachopp”. Ainda mais à direita, na ala norte, encontra-se a “Torcida Jovem do Botafogo”. No

Maracanã, as primeiras duas se alocam na arquibancada verde e a última na arquibancada amarela. Pode parecer que uma torcida organizada é uma entidade fixa e estabelecida, mas não é. Há muitas mudanças, como por exemplo, o surgimento e o desaparecimento destas agremiações. No caso do Botafogo a “Torcida Jovem do Botafogo” era a torcida dominante de 1968 a 2001, dominando desde então a “Fúria Jovem”, que surgiu a partir de uma disputa interna da primeira (TEIXEIRA, 2003, p.31).

Um jogo de futebol é uma ocasião muito caótica para ser pesquisada por um etnógrafo. A partir da descrição apresentada, podemos imaginar que as torcidas organizadas são o único grupo que parece bem recortado e, portanto, se oferece como objeto de estudo. Mas, nas descrições de jogos no Maracanã e no Engenhão, já foi mencionado que este recorte não é tão fácil. A principal questão é: será que todos os sócios de uma torcida organizada se encontram no mesmo lugar no estádio; será que todos os torcedores ao redor da bateria são de fato sócios pagantes da torcida organizada? A resposta é não.

Estes agrupamentos de torcedores se dizem organizados, mas quem faz uma etnografia com eles percebe o contrário, ou seja, como são desorganizados. Para exemplificar essa estrutura podemos fazer um paralelo com as escolas de samba:

Mas, nas escolas de samba, a divisão interna em múltiplas “alas” permite uma enorme flexibilidade. As alas podem aumentar, diminuir, criar suas regras e estilos, ter nomes próprios, apresentar suas inovações. Por isso, as escolas de samba podem congregam ricos e pobres, pretos e brancos, patrões e empregados, sambistas e sambeiros (os “de dentro” e os de os “de fora”). De fato, toda a organização da escola de samba está fundada nessas unidades semi-autônomas e poderosamente articuladas. Desse modo, temos nas escolas de samba uma estrutura formal, composta de um presidente, vice-presidente e vários setores administrativos. Essa estrutura fixa gerencia a rotina cotidiana do grupo, constituindo seu núcleo central, totalmente ligado às raízes locais e de vizinhança que fundaram a organização. Sobre tal estrutura, como a cauda de um cometa, forma-se – na época de preparação para o carnaval (a partir de agosto) – uma outra, muito mais aberta e que congrega uma cúpula carnavalesca, presidente de alas e componentes em geral.

[...] as duas estruturas estão superimpostas e articuladas. O núcleo central aglutina a cauda, muito mais difusa e que opera utilizando recursos humanos vindos de fora (DAMATTA, 1997, p.132).

Assim como as escolas de samba, as torcidas organizadas também têm uma “cauda”, como diz DaMatta (1997). Essa cauda enorme, muito maior do que o núcleo organizado da diretoria se forma em jogos de futebol e se desfaz logo depois. Nem todo torcedor perto da bateria ou com camisa da torcida organizada é de fato membro pagante da mesma. A torcida organizada parece imensa no estádio e é muito pequena no

dia-a-dia, na sua sede administrativa. Os líderes de uma torcida organizada não conseguem de fato controlar os sócios da agremiação, mesmo que os movimentos no estádio pareçam impressionantemente sincrônicos. Na verdade, as pessoas que se encontram ao redor dos símbolos das torcidas organizadas são bastante heterogêneas não apenas socialmente, mas também em relação ao seu status de pertencimento.⁴¹



Foto 36: A bateria da Torcida Organizada “Raça Rubro-Negra” do Flamengo.

Por isso, também não podemos concordar com a constatação de Murad (1996, p.169) de que as torcidas organizadas teriam se transformado de instituições carnavalizadas em instituições militarizadas. Ao contrário, elas funcionam de uma forma muito parecida com as escolas de samba do carnaval. As duas instituições têm uma alta ambiguidade entre a organização e o caos. Essa dificuldade de se definir quem pertence a uma torcida organizada será ainda tema das observações etnográficas mostradas mais adiante.

As próprias torcidas organizadas querem se apresentar como um modelo de sucesso que atrai muitas pessoas, por isso algumas delas declaram que têm milhares de sócios. Dessa forma, se tornaram um fator de poder no universo do futebol. Alguém que representa 60.000 ou 70.000 pessoas pode influenciar eleições e, portanto, a vida política dos clubes de futebol, mas também possuem um peso mercadológico. As

⁴¹ Existem relatos de “batismos”, um rito de passagem para pessoas que querem ter um alto status de pertencimento. Esses batismos normalmente consistem em alguma forma de tortura do novato, como ficar recluso num banheiro do ônibus na viagem para um jogo. A vasta maioria dos torcedores nos estádios, mesmo com camisa de uma torcida organizada, não passou por este ritual.

torcidas organizadas se tornaram entidades altamente polêmicas, polarizando as opiniões.

Por um lado, são responsáveis pela atmosfera festiva nas arquibancadas, mas por outro são percebidas como protagonistas de atos violentos ao redor do futebol. Toro (2004) documenta muito bem esses dois pólos estereotipados das torcidas organizadas ao analisar manchetes de jornais sobre uma torcida organizada em São Paulo. Esses agrupamentos costumam ser rotulados ora como festivos, emocionais e apaixonados e ora como criminosos, violentos e marginais.

As próprias torcidas organizadas se representam como os verdadeiros apaixonados por seus times, como descreve Teixeira (2003). Mas os clubes e outras forças estabelecidas no futebol as percebem como uma ameaça na disputa pelos capitais no campo do futebol e, por isso, as estigmatizam como violentas. A acusação de militarização faz parte dessa marginalização que, por sua vez, obteve sucesso. As torcidas organizadas foram fundadas por estudantes e intelectuais, com cunho opositor durante a ditadura militar e foram apoiadas no começo por parte da imprensa esportiva (HOLLANDA, 2009).

Elas chegaram até a ter associações estaduais das torcidas organizadas com os nomes ATOESP, em São Paulo (CÉSAR, 1981, p.61), e ATORJ, no Rio de Janeiro (HOLLANDA, 2009, p.289). Essas associações não apenas indicam uma relação bastante pacífica entre as torcidas organizadas, mas significam também um fator de poder considerável, uma instituição que seria capaz de representar a totalidade dos torcedores frente aos dirigentes do futebol. A rotulação das torcidas organizadas como entidades criminosas ajuda a desarticular as associações e, conseqüentemente, a preservar o poder dos estabelecidos.

Esta situação desfavorável levanta a questão, por que alguém se associa a uma organização tão mal vista? O processo tem duas vias: por um lado muitas pessoas que acusam as torcidas organizadas o fazem recorrendo a estereótipos e, por outro, há também uma autoafirmação dos sócios que livre, e conscientemente, vestem símbolos como as camisas das torcidas organizadas, mesmo sabendo que podem se tornar alvos da polícia, da imprensa e de outras torcidas organizadas. Parece que a necessidade de uma identidade, de algum pertencimento é tão grande que há pessoas que aceitam esta autorrotulação. Além disso, as torcidas organizadas continuam tendo poder no futebol brasileiro e são percebidas por alguns torcedores como caminho pelo qual alguns conseguem ter acesso às diretorias dos clubes de futebol.

Torcidas de Alento

Parece também que o termo “organizada” é percebido como perigoso, como se fosse associado a “crime organizado”. Na opinião de alguns espectadores, o torcedor deve expressar livre - e individualmente - sua paixão pelo time, não necessitando de organização, já que isso pareceria algo não espontâneo e, por isso, não natural do futebol. A solução seria a dissolução das torcidas organizadas. Dentro dessa discussão surgiram grupos que se autodeclararam não organizados e serão descritos em seguida. O primeiro grupo com este perfil, que se tornou conhecido, é a Geral do Grêmio de Porto Alegre, pesquisado por Rodrigues (2008). No Rio de Janeiro, esses grupos surgiram a partir de 2006: Loucos pelo Botafogo, Legião Tricolor, Guerreiros do Almirante e Urubuzada.

Rodrigues (2008) relata que as origens da Geral do Grêmio datam de 2001. Como em muitas outras cidades, também em Porto Alegre, as torcidas organizadas dos clubes Internacional e Grêmio foram percebidas como problemáticas. Ao redor dos jogos aconteceram incidentes violentos dos quais as torcidas organizadas foram eleitas como culpadas. Esses agrupamentos eram as organizações de torcedores do Grêmio mais bem organizados e influentes até aquele momento. A afiliação de milhares de gremistas resultou num acúmulo de poder, daí a tentativa de ampliar sua influência no próprio clube, o que teve como consequência disputas de poder entre si. Dar ou não dar o apoio ao clube durante as partidas era um dos instrumentos nessa disputa. O clube, a polícia, a mídia e partes da sociedade culpavam esses agrupamentos, em seguida, pela violência e implantaram repressões. A mais expressiva era a exigência de estampar o número de inscrição na Organizadora nas camisas dos integrantes. A polícia quis identificar dessa forma os supostos vândalos.

Em reação, alguns torcedores do Grêmio começaram a se encontrar no setor mais barato do estádio olímpico denominado Geral. Eles se juntavam para apoiar o Grêmio de uma forma explicitamente distinta das torcidas organizadas. Suas características centrais são a recusa de qualquer organização formal, ou seja, ausência de diretoria, mensalidade ou carteirinha, e de camisas do próprio grupo. O objetivo principal deveria ser apoiar a equipe do Grêmio e não a construção de um espaço de poder no clube. Por isso, qualquer ligação com o clube foi recusada. Cada participante compra seu ingresso e se junta livremente ao grupo que se manifesta com canções de apoio permanente durante os jogos. Palavrões, vaias e protestos foram rejeitados.

As hinchadas argentinas se tornaram o exemplo idealizado a se seguir, não só pela proximidade geográfica, mas também por causa da filosofia do contínuo apoio. A Geral do Grêmio usa muitos elementos das hinchadas como canções argentinas traduzidas, barras (faixas verticais), trapos (faixas pequenas) e outros instrumentos musicais além da bateria brasileira tradicional. A chamada avalanche, que é a descida conjunta dos torcedores para o alambrado depois de gols, se tornou famosa. O grupo da Geral do Grêmio cresceu rápido e se mostrou uma idéia de sucesso, tendo suas manifestações gravadas e colocadas online⁴². A Geral do Grêmio permitiu um comportamento criativo, aceitando muitas músicas novas. Além disso, surpreendeu o clube, porque incentivou seus integrantes a se tornarem sócios do clube ao invés de uma organização torcedora. O Grêmio registrou em seguida um aumento significativo de novas adesões de sócios.

Esta forma de torcer caiu no gosto de espectadores no Brasil inteiro. Os primeiros grupos deste tipo no Rio de Janeiro foram fundados em 2006: Loucos pelo Botafogo, Legião Tricolor, Guerreiros do Almirante e Urubuzada. Menezes (2010) apresenta uma etnografia do movimento Loucos pelo Botafogo, comparando-o à torcida organizada Fúria Jovem do Botafogo. A autora descreve que o movimento Loucos pelo Botafogo mostra traços muito parecidos com a Geral do Grêmio: não organização, independência do clube, apoio incondicional, contínuo e criativo da equipe, além disso, usam elementos argentinos como as músicas, os trapos e as barras. A Loucos pelo Botafogo assume essa identidade argentina e se autodenomina Barra Brava. Num primeiro momento, um registro de sócios era rejeitado, entretanto ao longo da realização desta pesquisa constam nos sites dos Loucos pelo Botafogo, Guerreiros do Almirante e Urubuzada possibilidades de afiliação. Sendo que as mensalidades têm como finalidade o financiamento das ações torcedoras e não a manutenção de um aparato burocrático.

A estratégia de se distanciar das torcidas organizadas é clara. Todos se chamam “movimentos” para caracterizar a natureza não organizada. Pessoas que torcem por um time específico se juntam a um movimento e não entram num esquema rígido de uma organização. Os sites desses grupos são muito bem elaborados, incluindo a publicação de estatutos e lojas virtuais. Os produtos desenvolvidos relembram heróis do passado do clube. A estética dos integrantes pode ser descrita com retrô em homenagem à época destes heróis e que busca uma essência original do ser torcedor. Estas atividades

⁴² <http://www.ducker.com.br/>

precisam de um nível mínimo de organização, o que é uma certa contradição em relação à proposta de não ser organizado.

A Legião Tricolor defende os princípios de não organização, embora tenha adotado uma certa adaptação às circunstâncias locais de se criar registro de afiliados e lojas virtuais, como no caso da Loucos pelo Botafogo, Guerreiros do Almirante e a Urubuzada. O estatuto da Legião Tricolor traduz bem os princípios destes movimentos:

Estatuto Movimento Popular Legião Tricolor

- 1** - O fundamento básico deste grupo de torcedores é o de cantar, incentivar e apoiar, incansavelmente, o Fluminense Football Club - FFC;
- 2** - O único símbolo a ser exaltado é o escudo do FFC;
- 3** - Não existe uniforme. Se existisse, seria a camisa do FFC;
- 4** - A Legião Tricolor não exalta o próprio nome. Quem entra em campo é o FFC;
- 5** - A Legião Tricolor não apoiará, de nenhuma forma, vaias aos jogadores durante a partida. Uma vez em campo, a melhor coisa que pode acontecer para o time é o sucesso deste jogador;
- 6** - A Legião Tricolor é a expressão mais pura do que é o torcedor do FFC. Não nos preocupamos em “competir” com nenhuma torcida organizada;
- 7** - O torcedor que não faça parte da Legião Tricolor é tão FFC quanto qualquer um de nós;
- 8** - Não teremos nenhum interesse político dentro do FFC;
- 9** - Não teremos, nunca, qualquer ligação com partidos políticos;
- 10** - Todos aqueles que desejam empurrar o FFC são bem-vindos⁴³

Em geral esses princípios já foram descritos, mas vale destacar o ponto 4, que proíbe a exaltação do próprio nome. Esta é uma regra que cria uma diferença em relação às torcidas organizadas, que possuem várias canções exaltando o próprio nome. A Legião Tricolor quer destacar que a sua dedicação se dirige à equipe em campo e não à própria torcida. Aliás, como observa Mezeses (2010, p.74), a Loucos pelo Botafogo apoia decididamente o clube e não seus jogadores, reagindo ao fenômeno da venda contínua de atletas ao exterior. Por isso, criaram faixas com as imagens de jogadores antigos que ainda representariam a fidelidade ao clube.

⁴³ <http://www.legiaotricolor.com.br/> acesso em: 20.10.2010



Foto 37: Um trapo da Loucos pelo Batafogo.

Menezes (2010, p.74) chama ainda a atenção para a característica individualizada dos movimentos. Os seus integrantes compram ingressos e se juntam por decisão própria no ponto de encontro dentro do estádio, não havendo o vínculo comunitário fora dos dias de jogo, como ocorre na torcida organizada. Essa individualização se expressa através do uso de bandeirinhas pequenas, que cada um dos participantes pode levar individualmente, ao invés de um bandeirão, usado pelas torcidas organizadas, e que requer uma organização coletiva para ser mostrada no estádio. Segundo a autora, o comportamento do contínuo apoio, mesmo na situação de placares desfavoráveis, expressa uma controle de emoções.

É interessante que Menezes (Ibid, p.106) observa no decorrer da sua pesquisa uma bricolagem de elementos das torcidas organizadas e dos novos movimentos. Por exemplo, se formaram líderes do movimento Loucos pelo Botafogo, mesmo que o grupo rejeite uma organização hierarquizada. Outro fenômeno é que, hoje em dia, o movimento tem símbolos próprios e suvenires, assim como se observa nas torcidas organizadas, mesmo que os símbolos do clube sejam considerados os únicos símbolos válidos, como expressa o ponto 3 do estatuto da Legião Tricolor.

As manifestações dos torcedores se mostram bastante flexíveis. No momento de redação desta tese, os movimentos estão muito em moda, mas esse fenômeno pode mudar rapidamente. Seria interessante observar esses desenvolvimentos. Acabamos de observar alguns grupos específicos que frequentam os estádios. Mas têm muito mais torcedores. Vamos nos dedicar em seguida a dados quantitativos sobre os torcedores.

Dados quantitativos sobre torcedores

A resposta à pergunta “quem são os torcedores?” tem um valor mercadológico alto. No negócio futebol, um clube é uma marca e o tamanho da sua torcida, seu valor. Torcedores de um time não tendem somente a assistir jogos da sua equipe, mas a comprar produtos vinculados a este clube, configurando desse modo uma massa de consumidores que pode ser atingida através de publicidades vinculadas ao clube. Por isso, devem existir muitas pesquisas de mercado feitas por empresas e pelos próprios clubes, que muitas vezes são sigilosas. Os interessados nos resultados têm de comprar as informações por um valor que ultrapassa os recursos de uma tese de doutorado.

Mesmo assim há algumas pesquisas que foram publicadas, normalmente com o objetivo de caracterizar o tamanho da marca de um clube. Ou seja, a metodologia comum é entrevistar uma parcela da população inteira na rua, seguindo os critérios de qualidade de pesquisas quantitativas. Esses informantes não necessariamente vão ao estádio. Portanto, muitas vezes, nem conhecem o interior de um estádio de futebol. Esta afirmação pode ser surpreendente considerando as multidões nos estádios, mas lembrando que a atual média de público no campeonato brasileiro é de cerca 17.000 espectadores, podemos perceber que isso é menos do que 1% da população do município do Rio de Janeiro. Em 2006, a FGV fez uma pesquisa para o jogador Leonardo e um dos resultados foi que apenas 11% da população carioca frequentam regularmente os estádios, 17% vão de vez em quando e 72% vão raramente ou nunca.⁴⁴

Apesar das dificuldades, esta seção da tese se dedica às diversas pesquisas quantitativas sobre torcedores que já foram feitas no Brasil e estão publicamente acessíveis. Começamos com um perfil geral dos torcedores, independentemente se vão ao estádio ou não.

⁴⁴ <http://leonardoweb.globo.com/>

Tabela 15: As 12 maiores torcidas do Brasil entre 1983 – 2009 em %.

	1983 Gallup/Placar	1993 DataFolha	2004 Lance!/IBOPE	2009 DataFolha
Flamengo – RJ	31,9	17	18,1	19
Corinthians – SP	17,5	10	13,2	13
São Paulo – SP	6,2	7	7,3	8
Palmeiras- SP	9,3	5	6,5	7
Vasco – RJ	9,3	4	5,5	5
Cruzeiro – MG	5,1	3	3,7	4
Grêmio – RS	5,1	3	3,5	3
Santos – SP	7,2	3	2,7	2
Internacional – RS	4,1	3	2,6	3
Atlético – MG	7,2	2	2,0	2
Botafogo – RJ	5,1	2	1,5	2
Fluminense – RJ	4,1	2	1,2	1
Nenhum	3,0	27	Não informado	Não informado

Fonte: RSSSF: <http://www.rsssfbrasil.com/miscellaneous/torcidas.htm>

Algumas considerações sobre os dados. A pesquisa de 2009 foi escolhida, porque é a mais atual. A pesquisa de 2004 foi integralmente publicada numa revista; dela serão usados ainda outros dados. Finalmente, a pesquisa de 1993 foi escolhida de uma maneira mais ou menos aleatória, para mostrar que os números são bastante estáveis. A única exceção é a pesquisa de 1983, que é a mais antiga encontrada, mas pode ser que tenha seguido alguma outra metodologia. O RSSSF informa que, entre 1993 – 2009, ao todo, onze de 17 pesquisas indicam que, entre 23% - 28% dos entrevistados, não torcem por nenhum time. As outras pesquisas indicam nenhum valor nesta categoria ou um valor bem diferente. A pesquisa de Lance!/IBOPE (2004) oferece ainda alguns dados de caracterização geral dos entrevistados.

Tabela 16: Divisão por faixa populacional em %.

	Por Sexo		Por Escolaridade			Classe Econômica		
	Masc.	Fem.	1. grau	Médio	Superior	A/B	C	D/E
Flamengo – RJ	18,4	17,5	18,0	18,7	16,5	13,8	16,2	20,3
Corinthians – SP	13,5	13	13,0	15,0	10,9	13,6	15,1	10,9
São Paulo – SP	9,2	5,6	6,0	10,3	8,8	9,7	8,9	5,1
Palmeiras- SP	8,2	4,9	6,3	6,7	7,3	7,8	6,1	6,3
Vasco – RJ	6,4	4,6	5,6	5,6	3,6	5,5	5,4	5,1
Cruzeiro – MG	3,8	3,7	3,6	4,0	3,6	3,6	3,9	3,4
Grêmio – RS	3,6	3,4	3,3	3,3	5,7	5,7	4,0	2,3
Santos – SP	4,0	1,6	2,5	2,9	4,7	4,5	3,5	1,9
Inter – RS	3,0	2,1	2,9	1,8	2,1	3,6	3,0	2,1
Atlético – MG	2,3	1,6	1,8	2,2	2,4	3,4	2,2	1,3
Botafogo – RJ	2,1	-	1,4	-	2,9	3,2	-	-
Fluminense – RJ	-	-	-	1,6	-	-	1,7	-
Nenhum	13,4	30,0	24	16,7	16,6	12,5	19,8	29,0

Fonte: *Lance!*/IBOPE (2004)

Infelizmente faltam nesta tabela alguns dados sobre Botafogo e Fluminense, por isso não podemos ter indicações sobre de qual camada social são seus torcedores. As torcidas do Flamengo e do Vasco tendem a ser mais populares, enquanto os números do São Paulo indicam uma tendência para camadas mais altas. Acredito que deve ser um preconceito comum acreditar que futebol é esporte de classes baixas, pois os números presentes indicam que pessoas das classes A/B e com escolaridade superior gostam mais de futebol do que outras camadas sociais.

Tabela 17: O perfil etário das 12 maiores torcidas em %.

	<u>10 – 15</u>	<u>16 - 24</u>	<u>25 – 34</u>	<u>35 - 49</u>	<u>Mais de 50</u>
Flamengo – RJ	16,7	26,3	23,4	22,5	11,1
Corinthians – SP	21,5	28,0	19,2	19,8	11,5
São Paulo – SP	17,2	36,5	21,6	14,8	9,9
Palmeiras- SP	16,1	25,8	20,5	21,6	16,0
Vasco – RJ	18,4	22,3	23,8	19,5	16,0
Cruzeiro – MG	18,1	21,9	23,4	20,0	16,6
Grêmio – RS	15,2	23,1	20,5	27,4	13,8
Santos – SP	8,4	14,8	21,0	30,6	25,2
Internacional – RS	11,7	15,0	14,5	33,9	24,9
Atlético – MG	19,5	20,8	15,9	30,4	13,4
Botafogo – RJ	10,7	13,3	17,5	24,3	34,2
Fluminense – RJ	6,7	14,9	23,9	32,8	21,7

Fonte: *Lance!*/IBOPE (2004)

Vamos observar agora dados referentes às pessoas que de fato frequentam estádios. O ex-jogador da seleção brasileira Leonardo é, hoje em dia, dirigente e técnico em clubes italianos. Desde a sua aposentadoria como jogador de futebol, investe em uma carreira no marketing esportivo. Ele tem parcerias com uma ONG para populações carentes no Brasil e com uma empresa de marketing esportivo. Com esse interesse profissional, contratou a Fundação Getúlio Vargas (FGV) para levantar dados qualitativos sobre os torcedores cariocas, em 2006, incluindo perguntas sobre a frequência aos estádios. O relatório da pesquisa é sigiloso, mas Leonardo publicou alguns dados em editais no seu site <http://leonardoweb.globo.com/>. Segue um resumo dos resultados.

Como já mencionado apenas 28% dos habitantes do Rio de Janeiro frequentam sempre ou de vez em quando os estádios. Esta é a população que interessa nesta pesquisa.

Tabela 18: Perfil dos frequentadores de estádios de futebol cariocas em %.

Homens	Mulheres	Sem instrução	1º grau	2º grau	Superior	>R\$2.200	<R\$2.200	>34 anos	<34 anos
78%	22%	23%	27%	43%	7%	34%	66%	41%	59%

Fonte: <http://leonardoweb.globo.com/>

Leonardo, que tem a totalidade dos dados à sua disposição, conclui a partir deles que tipicamente “[...] o torcedor que frequenta estádios regularmente é homem, tem segundo grau completo e renda familiar mensal entre R\$700 e R\$2200 e entre 16 e 24 anos de idade.” Portanto, o frequentador de estádio é jovem, tem instrução e algum dinheiro. Confirmando resultados da pesquisa *Lance!/IBOPE* (2004), há uma tendência de mais interesse e ou acesso ao futebol nas classes médias e altas do que nas classes baixas.

Tabela 19: Frequência em estádio.

	Interesse grande no futebol	Nunca foram ao estádio	Sempre vão ao estádio	Assiste os jogos na TV
Homens	65%	15%	17%	75%
Mulheres	29%	49%	5%	58%

Fonte: <http://leonardoweb.globo.com/>

Leonardo destaca ainda que os homens tendam a ir, pela primeira vez ao estádio, mais cedo do que mulheres, sendo que a maioria dos entrevistados foi levada na primeira vez pelo pai, seguido por amigos e a mãe.

Tabela 20: Comportamento no estádio.

Fica nervoso	Xinga	Tem uma camisa do time	Veste a camisa
51%	34%	59%	29%

Fonte: <http://leonardoweb.globo.com/>

A partir desses dados⁴⁵ a equipe contratada por Leonardo tentou criar um perfil do torcedor enquanto consumidor, que vale a pena reproduzir. Foram criadas quatro “dimensões comportamentais”: 1. Afetividade, que remete a um envolvimento emocional forte com o clube de preferência; 2. Agressividade, que remete a comportamentos agressivos como xingar; 3. Curiosidade, que remete a um público bem informado e especialista; 4. Presencialidade, que remete ao valor de estar no estádio e participar do evento. Infelizmente, Leonardo não revela como exatamente estas dimensões foram operacionalizadas e essa lacuna acompanhará as informações seguintes.

A partir dessas dimensões foram criados cinco tipos de torcedores, que se distribuem da seguinte forma:

Tabela 21: Tipos de torcedores.

Dimensão	Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5
Afetividade	3,9	<u>6,4</u>	2,8	2,7	2,6
Agressividade	5,1	4,6	4,6	<u>7,5</u>	2,8*
Curiosidade	6,0	1,7	<u>8,2</u>	4,8	4,9
Presencialidade	<u>5,5</u>	1,4	1,7	1,5	1,5
Torcedores	7%	26%	16%	21%	30%

Fonte: <http://leonardoweb.globo.com/>

Vejam as instruções de Leonardo para interpretar a tabela:

Os valores acima são médias dos respectivos fatores, na escala 0-10. Os itens sublinhados são significativamente maiores que os demais e os itens com asterisco são significativamente menores que os demais. Veja que todos os tipos têm em algum grau as quatro dimensões comportamentais. Então vamos às definições:

O Tipo 1 é o que vamos chamar de torcedor “presente”. Veja que a característica de presencialidade é muito maior neste tipo do que nos demais. Este é o menor grupo, com apenas 7% do total de entrevistados [...]. O Tipo 2 é o chamado torcedor “devoto”. Nele, a dimensão de afetividade é bem acima da média dos demais. Dos torcedores brasileiros, 26% se encaixariam neste grupo.

⁴⁵ Apenas completando: Em 2004 foi feita uma pesquisa parecida com torcedores nos estádios cariocas pelo Laboratório UniCarioca de Pesquisas Aplicadas sob a coordenação de Oliveira e Graça (2004). Os principais resultados foram: Frequência no estádio: semanal 21,4%, mensal 21,2%, duas vezes ao mês 21,2%, anual 10,6%, eventualmente 25,6%; Escolaridade: analfabetos 1,8%, primário completo 8,2%, ginásio completo, 17,8%, segundo grau completo 49,9%, nível universitário 22,5%; Emprego: carteira assinada 46,2%, bico 6,2%, autônomo 14%, aposentados e estudantes 24,4%, desempregados 9,2%; 61% gritam durante o jogo e 33,5% xingam. As perguntas são tão diferentes, se comparadas com a pesquisa de Leonardo, que foi optado por não se concentrar nesta pesquisa.

O tipo 3 é o torcedor “curioso”. Ele se informa sobre futebol com frequência muito acima da média. São 16% dos torcedores.

O tipo 4 é o torcedor “agressivo”, pois tem comportamento antiesportivo maior que os demais. Enquadram-se neste segmento 21% das pessoas. O último tipo é o torcedor “nominal”. Ele não tem nenhuma característica positiva de destaque e o comportamento antiesportista é muito menor que a média. Esse é o típico torcedor que diz que torce porque todo mundo no Brasil tem nome, RG e time de futebol, mas na verdade não tem muito envolvimento com o futebol. Este é o maior grupo, são 30% das pessoas. Poderíamos dizer que a propensão de consumo deste grupo é muito reduzida (<http://leonardoweb.globo.com/>, 2006).

O intuito mercadológico dessa metodologia é claro. A pesquisa deve gerar dados sobre o potencial de certos perfis de consumidores. Existem muitas pesquisas deste tipo, inclusive relacionando os mais diversos tipos de consumo com o futebol, por exemplo uma pesquisa da empresa Blinder FC+M (2009) sobre o consumo de bebidas alcoólicas, produtos de beleza e produtos da telecomunicação.⁴⁶

Mas a caracterização dos torcedores é também uma tentativa de averiguar porque as pessoas vão ao estádio. Na visão da pesquisa acima mostrada, os torcedores procuram afetividade, agressividade, informação e participação em graus e combinações bastante variadas. Dessa forma, a pesquisa completa de forma interessante as teses anteriormente apresentadas sobre o porquê de as pessoas irem ao estádio.

A empresa de marketing esportivo Golden Goal (2007) apresentou uma pesquisa com uma metodologia interessante sobre a mesma questão. Foram analisados todos os jogos do campeonato brasileiro, de 1971 a 2006, para levantar quais as características dos jogos com a maior média de público. Ou seja, os pesquisadores queriam saber o que de fato produz um público grande. De acordo com essa pesquisa os seguintes fatores levam a estádios cheios:

⁴⁶

<http://oglobo.globo.com/esportes/mat/2009/06/05/perfil-dos-torcedores-do-rio-756224528.asp>

Tabela 22: Fatores que levam a estádios cheios.

Fatores primordiais	A relevância da partida no contexto da competição
	A qualidade dos times envolvidos na partida
	A expectativa de um resultado positivo por parte do torcedor
	O desempenho das equipes mais populares na competição
Fatores secundários	Equilíbrio competitivo
	Dia da semana em que a partida é realizada
	Rivalidade envolvida na partida

Fonte: Golden Goal, 2007, p. 116

Além disso, é interessante observar que as variações na renda média da população brasileira não têm influência no número de público em jogos do campeonato brasileiro de futebol. O valor do ingresso apenas possui influência nas fases iniciais dos campeonatos, mas muito pouco em jogos decisivos (GOLDEN GOAL, 2007, p.115).

Se é interessante saber por que as pessoas vão ao estádio é também importante saber por que não vão, lembrando da tabela sobre a frequência aos estádios, do capítulo sobre o Engenhão. Mais uma vez com uma preocupação mercadológica, Leonardo chama a atenção que 29% das mulheres dizem gostar muito de futebol, mas só 5% vão com frequência aos estádios. Ou seja, o público feminino possui potencial consumidor. Seria possível aumentar o número das mulheres seis vezes e dos homens quatro vezes. Então, se as pessoas gostam tanto de futebol, por que não frequentam os jogos nos estádios?

Tabela 23: Motivos de afastamento.

Motivo	1998	2004
Falta de segurança	61%	79%
Preço do ingresso	16%	36%
Poder assistir pela TV	Alternativa não incluída	23%
Mau desempenho/times fracos	9%	15%
Falta de conforto nos estádios	Alternativa não incluída	14%
Horário dos jogos	Alternativa não incluída	7%
Falta de ídolos	4%	4%
Nenhuma razão/Não sabe/Não opinou	20%	6%

Fonte: *Lance!*/IBOPE (2004)

Lembrando que na pesquisa Lance!/IBOPE (2004) foram entrevistadas pessoas no Brasil inteiro, das quais a minoria frequenta estádios. Portanto, as perguntas que foram feitas de múltipla escolha e em que era possível responder mais de uma opção refletem muito mais uma percepção do que um conhecimento de fato da situação “estádio de futebol”. Em outras palavras: como uma pessoa que não vai ao estádio pode avaliar o nível de segurança e conforto no estádio? Parece que no questionário faltaram alternativas como “não estou sendo afastado” ou “tem poucos ou nenhum problema nos estádios”. Mas é nítido que as pessoas percebem uma imensa insegurança quando pensam em estádios de futebol.

A pesquisa da FGV encomendada por Leonardo pergunta aos informantes moradores do Rio de Janeiro qual é o maior problema no futebol brasileiro?

Tabela 24: Qual é o maior problema no futebol brasileiro?

A falta de organização no futebol	21%
Os dirigentes são corruptos	17%
O grande número de vendas de jogadores para clubes estrangeiros	15%
A má administração dos grandes clubes	12%
O troca-troca de jogadores durante os campeonatos	10%
A falta de patrocínio	7%
A falta de uma fiscalização mais severa nos clubes	6%
A falta de amor ao clube dos dirigentes	4%
Os dirigentes não respeitam a torcida do time	3%
O amadorismo dos dirigentes	2%

Fonte: <http://leonardoweb.globo.com/>

É interessante que não houve uma alternativa sobre segurança e violência nos estádios nesta pesquisa. As respostas devem sugerir que há algum problema no futebol brasileiro que pode afastar os torcedores dos estádios. Mas nesta pesquisa falta também abrir para outras possibilidades de respostas que sirvam de contraprova como, por exemplo, “não há problemas”. Da forma como está construído o questionário, parece que os entrevistadores estão convictos que existem problemas no futebol brasileiro. Seria interessante saber como a questão foi operacionalizada.

Sendo assim, os resultados apresentam problemas típicos de pesquisas quantitativas. Elas se pretendem ser objetivas ao fornecer dados objetivos, mas tanto

para a operacionalização das questões quanto para a interpretação dos dados é necessário que seja aplicada alguma teoria. Na pesquisa acima mostrada, não é o que se observa. Outro problema refere-se à impossibilidade de se comparar uma pesquisa com a outra, porque as metodologias diferem muito.

Embora possamos perceber que a figura do torcedor foi bastante pesquisada, ainda parece que quanto mais pesquisamos, mais questões aparecem e menos respostas surgem. Nos últimos subcapítulos aplicamos várias metodologias para analisar o objeto “torcedor”. Foram analisadas diferentes teorias já discutidas nas ciências sociais, lançamos um olhar sobre a história do “torcer” no Rio de Janeiro, observamos algumas variações na maneira de torcer e, finalmente, listamos dados quantitativos. Em vários momentos, percebemos tentativas de caracterização dos torcedores e a resposta central que obtivemos com esse trabalho é que não existe uma essência fundamental e universal do “torcedor”, mas uma ampla variação de motivos, características, maneiras, sentidos e significados do ato de torcer. Nas seguintes páginas, vamos observar mais de perto alguns torcedores do Botafogo para exemplificar essas nossas observações.

2.2 Os torcedores no Engenhão

Este é o momento de resumir um pouco as linhas de análise até aqui traçadas. Foram descritas construções de dois grandes estádios no Rio de Janeiro: o Maracanã e o Engenhão. Analisamos também o comportamento dos torcedores nestes estádios no decorrer do tempo. Percebemos que os diferentes estádios oferecem distintos espaços que possibilitam comportamentos distintos dos torcedores. Parece que o comportamento dos torcedores é interdependente do espaço arquitetônico dos estádios.

Observamos neste momento uma reformulação dos estádios brasileiros de futebol por causa das exigências de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo 2014 e os Jogos Olímpicos 2016. Por causa dos Jogos Pan-Americanos 2007, no Rio de Janeiro, reformulações já aconteceram. Foi construído o Engenhão, um estádio inteiramente novo, seguindo as exigências das federações esportivas internacionais e que serve, portanto, de protótipo desses estádios que serão agora construídos no país inteiro.

Por isso, o Engenhão se tornou interessante para esta pesquisa. Conforme mencionado, desde 2007, o clube Botafogo arrenda o estádio e manda seus jogos nele.

Por isso, foram observados dezoito jogos do Botafogo no Engenhão, no Rio de Janeiro, entre 29 de janeiro de 2009 e 06 de dezembro de 2009, nos quais documentei minhas observações num diário de campo. No mesmo período, o Botafogo fez outros nove jogos no Maracanã. Ou seja, o Botafogo é um clube dividido entre dois estádios. Os seus torcedores têm a experiência de assistir jogos em ambos e, desse modo, podem fazer comparações. Sendo assim, a torcida do Botafogo se tornou um objeto de pesquisa ideal para informar sobre as mudanças na arquitetura brasileira de estádios de futebol. Minha preocupação era de averiguar qual estádio eles preferem e qual lugar escolhem por ser considerado o mais interessante.

“Maraca é Maraca” é uma resposta bastante comum entre as pessoas que querem destacar as qualidades do Maracanã. Essa frase quase filosófica sugere que o Maracanã é algo próximo a um valor absoluto, um ponto de referência. Ele é percebido como um marco na história e um símbolo que transcende o clubismo, representando o Brasil. Nas palavras de um torcedor: “O Maracanã é o palco das glórias do Brasil”.⁴⁷

O Torcedor botafoguense João se refere ao Maracanã como templo do futebol porque teria uma aura que o destaca de outros estádios. Elementos chave dessa aura seriam uma acústica boa, uma visão boa do campo e uma identidade definida:

E outra coisa: o Maracanã tem uma acústica muito boa, que não tem no Engenhão. Como ele tem aquela concha, né, o Maracanã ele é coberto. Qualquer três pessoas gritando, aquilo faz um eco, parece o estádio inteiro, imagina 20.000, 30.000 ou 50.000 berrando. [...] Meio tem uma aura. Só o Maracanã tem. Conheço estádios no Brasil inteiro, nenhum tem aquela acústica, tem aquela aura do Maracanã. [...] A visão no Maracanã é perfeita de qualquer lugar. [...] Olha o Engenhão tá ainda meio em busca dessa identidade. No Maracanã você já tem isso bem definido. Porra, já são 50 anos de Maracanã (Torcedor botafoguense João, Tijuca).

O destaque é a experiência do Maracanã, percebida como emocional. Ao contrário disso, o Engenhão é percebido como frio.

O Engenhão é um convite para a torcida não participar do jogo. Primeiro você pode gritar a todo pulmão que ninguém vai te escutar de dentro do campo. A não ser que tenha 45.000 pessoas dentro do estádio e tudo mundo cante a mesma música ao mesmo tempo. [...] A acústica é muito ruim. Segundo porque as torcidas ficam muito separadas uma da outra. Então uma torcida tá lá no alto do estádio no canto direito a outra tá lá em baixo na norte. Então não consegue nem escutar o que tá cantando. Consequentemente canta coisas diferentes o tempo todo. Terceiro aquelas cadeiras com encosto as pessoas acham confortáveis, tem um negócio para apoiar o braço e tal. Então você já senta ali e não quer mais levantar porque é mais confortável de

⁴⁷ É importante lembrar, que a seleção brasileira de futebol ganhou seus títulos mundiais na Suécia, no Chile, no México, nos Estados Unidos e no Japão. Na única final de uma Copa do Mundo que aconteceu no Maracanã, a seleção brasileira perdeu para a seleção uruguaia. Portanto, é interessante perguntar, quais seriam as glórias do Brasil?

ficar sentado. Estádio não tem de ter cadeira confortável. Mesmo a organizada fica sentada. Canta sentada. A não ser a galera da bateria que segue em pé gritando. [...] Acho que a torcida do Botafogo não comprou bem essa idéia do Engenhão, não. Eu não gosto do Engenhão. [...] Mas, sei lá, parece que vai meio sem vontade, torce sem vontade. Vai porque é o Botafogo que tá jogando (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

É um estádio olímpico mesmo, né. Não é um estádio pro futebol. Não tem característica do estádio de futebol brasileiro, aquela coisa da torcida em pé, gritando. Aí fica aquela coisa a torcida sentada. Dá um desânimo aquilo ali. Fica triste, fica bucólico, fica... Você senta, parece até que tá velho, que tá no Maracanã velho. Sentar pra ver o jogo, assistir (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo).

Nessa última fala, o torcedor Arnaldo faz uma caracterização de tipos de público: os espectadores e os torcedores, como sendo muito diferentes entre si. O primeiro se interessa apenas pelo jogo e quer assisti-lo com conforto. Na relação espectador-jogo não há emoções como alegria ou festa, sendo que, na opinião de Arnaldo, o Engenhão foi feito para esse tipo de público. Ao contrário disso, os torcedores se envolvem emocionalmente com o jogo e precisam, portanto, ficar em pé para expressar a paixão dançando, cantando e gritando. O Maracanã seria o estádio desse segundo grupo.

Outro argumento a favor do Maracanã, na visão de vários informantes, principalmente aqueles que moram na Zona Sul, é que consideram o Engenhão distante e de difícil acesso e, por isso, preferem o Maracanã.

Eu acho o Maracanã mais próximo, de melhor acesso, porque no Maracanã você pode chegar de metrô, de trem, de ônibus e de carro. É tranquilo porque tem muito local pra estacionar. No Engenhão não. No Engenhão você não chega lá de metrô. O ônibus aqui da zona sul pra lá você vai pegar um trânsito imenso. De carro é difícil arranjar um lugar lá pra estacionar (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo).

O Engenhão é muito bonito para você tirar fotos e guardar em casa. Ele tem problema. Os problemas dele começam com o acesso. O acesso dele é muito complicado, porque todo mundo chega pelo mesmo lugar. E todo mundo sai pelo mesmo lugar. Então um jogo que encha muito, para você sair dali é um inferno. Leva umas duas horas para sair dali se for de ônibus. Então é muito complicado para você chegar ao estádio. As ruas são muito estreitas. As ruas principais são muito estreitas, então eles deslocam os pontos de ônibus, então fica bem complicado para você chegar e sair de lá (Torcedora botafoguense Tatiane, Tijuca).

O interessante é que o mesmo argumento da acessibilidade, também, é usado como argumento favorável ao Engenhão. Principalmente por moradores da zona norte e oeste, que moram próximos à linha do trem que leva ao Engenhão. Mas também por moradores da Zona Sul, que usam o serviço de compra de ingresso na internet, que só

existe no Engenhão e que inclui o estacionamento. Para esse público existem 1.600 vagas dentro do estádio. Segue um depoimento de uma moradora da zona oeste e dois depoimentos de moradores da zona sul:

Aí quer dizer, aqui no Engenhão facilitou bastante para mim. Porque, você sabe eu pego meu filho e me mando. Não perco um jogo. [...] Aí, tipo assim para mim, melhor mesmo é no Engenhão. Porque, como vou para um clássico no Maracanã com ele no trem? Botafogo - Flamengo, não tem como. Só de carro. Todas as vezes que já fui, Botafogo - Flamengo, Botafogo - Fluminense [...], eu vou de carro. Agora pra o Engenhão não, vou de carroça, de ônibus, de carro. Aí não perco (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Agora por mim, é fácil, realmente nunca tive problema, você pode ir pela linha amarela ou pode ir por dentro pela, aí seguindo a linha do trem pela 24 de maio. Também um acesso fácil (Torcedor botafoguense Paulo Roberto, Ipanema).

E a gente vai, eu vou no meu carro. Eu pego eles, eles moram em Ipanema, a gente vai até o Engenhão, coloca lá dentro, tem um estacionamento próprio, e volto, deixo eles em casa (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

Os dois principais argumentos a favor do Engenhão, na visão dos torcedores botafoguenses, são a sua modernidade e o fato de ser a sua “casa”. Muitas vezes o ser “moderno” está sendo descrito com um “como na Europa” ou que o estádio seria confortável. Entre os confortos estão citados os telões, a limpeza e o atendimento. O estádio é bastante novo, foi inaugurado em 2007 e tem uma arquitetura com os quatro arcos que sustentam a cobertura e que se destaca bastante entre as formas de arquitetura dos estádios no Brasil:

Eu gosto. Eu acho ele lindo, é como se fosse meu também, eu sinto que um pedacinho do Engenhão é meu também. Eu acho ele lindo, eu gosto demais (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Em relação ao Engenhão. Ele foi construído para ser um estádio olímpico. Ele foi construído pela prefeitura para atender os Jogos Panamericanos que aconteceriam no Rio de Janeiro. Ele é um estádio supermoderno. Tem um design muito bonito. Eu acho o Engenhão em termos de estética fantástico. [...] Então existe todo um projeto de pegar áreas no entorno do Engenhão que estão subutilizadas ou praticamente não utilizadas para transformar num estádio ainda mais confortável. Com outros atrativos e tudo mais. E aí o Botafogo tendo posse desse estádio provavelmente será uma boa oportunidade de ter mais serviço, de ter ainda mais conforto (Torcedor botafoguense Paulo Roberto, Ipanema).

Ter uma casa, um lar é uma questão importante para torcedores como, por exemplo, Damo (2007, p.38) já documentou. Este autor compara o estádio com a capital de um país. O clube Botafogo foi forçado a vender seu estádio General Severiano, em 1977, por causa de problemas financeiros. Depois se viu obrigado a jogar em vários

estádios, como Marechal Hermes, Caio Martins, Arena Petrobrás e o Maracanã. A questão de ter um próprio estádio é, portanto, um desejo antigo do clube e sua torcida.

Esse lar deve abrigar a torcida como um todo. Os botafoguenses são percebidos como uma família: “Aí todo mundo é amigo”. Num primeiro momento, os meus informantes não enxergaram grupos dentro da torcida do Botafogo, percebida como homogênea. Era necessário perguntar qual lugar você escolhe para assistir a um jogo e qual o motivo dessa escolha. Concentrei-me, no Engenhão, em dois grupos. O primeiro de frequentadores do chamado setor VISA, na ala oeste, que é um setor para o qual só se compra ingressos na internet. O segundo, composto por pessoas que ficam no setor do lado diametralmente oposto, o ala leste, onde se encontram as torcidas organizadas.

Esses agrupamentos foram os principais pontos de referência para os torcedores por mim entrevistados na ala leste do Engenhão. Quase todos informaram que gostam de ficar perto de uma torcida organizada específica, porque gostam do “barulho”, da “bagunça” ou da “emoção”. Vale destacar que entrevistei pessoas de idades bastante variadas, de adolescentes até idosos. Para eles a torcida organizada é parte fundamental do espetáculo futebol, por isso procuram ficar perto ou dentro das áreas ocupadas por esses agrupamentos:

E eu só entro em cima da hora, como te falei. Fico na Botachopp. Então em cima da hora. Quando pego um lugar lá em baixo eu assisto em baixo em pé (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Gosto ficar entre as organizadas porque a galera faz mais festa, canta mais, participa mais do jogo grita, xinga (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

Ou, então, eu por exemplo, teria condições de pagar um setor Visa, mas eu prefiro ficar do lado do povão. Só aquele barulho do tambor perto de mim já é uma coisa assim, já é mais um alívio, né. Me ajuda um pouco a acalmar. Eu não gosto de ficar distante da torcida. Eu não gosto. Aí já me incomoda. Eu prefiro tá ali. Pelo menos saber que a torcida tá ali perto. Aquela coisa de tá ouvindo o tambor batendo já me deixa satisfeito (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo).

A maioria desses torcedores se manifestou contrariamente às novas medidas de segurança como a “lei seca”, que é a proibição de venda e consumo de bebidas alcoólicas nos estádios e seus arredores em dias de jogo, assim como em relação à obrigação de assistir o jogo sentado. Como diz um informante: “Se quero assistir um jogo sentado posso ficar em casa e assistir na TV.” Um comportamento considerado mais “emocional” faz parte do futebol, para estes torcedores:

Vai ao estádio e não tem educação. Sempre é esse discurso. Mal educado. Cara que vai ao estádio e xinga é mal educado. O cara vai ao estádio e faz o que, rezar? Mas no estádio se destrava os sentimentos. Não tem nada melhor do que xingar para destravar os sentimentos. Você provoca a torcida do adversário. Porra, isso faz parte do futebol. [...] Mas se você acha que com medidas como a lei seca, medidas de cima, que não param para pensar a dinâmica dessas coisas, que vai resolver os problemas. No mínimo ingenuidade para não dizer que é uma idiotice. Acabar com cerveja no futebol. Você vê até nos países tão aclamados da Europa, muitos países você pode beber dentro estádio. Nos entornos então. E continua a mesma coisa. [...] Teve uma vez que queriam fazer no Engenhão. [...] Tinha lei de tudo. Não podia estacionar o carro. Tinha de chegar no estádio de helicóptero. [...] Botaram tanto obstáculo [...] que ninguém foi (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

Entrevistei também algumas pessoas nos setores da ala leste superior, ala sul e ala oeste superior. Um ingresso válido para a ala leste inferior permitia também acesso a esses outros setores que, portanto, custaram o mesmo preço, R\$20,00. A escolha do lugar pode acontecer somente depois de se ingressar no estádio e não precisa ser feita na hora da compra. Todos esses informantes declararam que escolheram o lugar para ficar longe das torcidas organizadas, que estão sendo percebidas como um perigo. Ou seja, para eles as torcidas organizadas também são o ponto de referência na escolha do lugar, só que os levam à decisão de ficar distante delas.

No sentido diametralmente oposto, no anel inferior da ala oeste, localiza-se o chamado Setor VISA, cujos ingressos podem ser adquiridos somente através da internet pelo preço de R\$35. O pagamento deve ser feito obrigatoriamente com cartão de crédito da bandeira que patrocina o setor. Diferentemente dos ingressos para os outros setores até agora descritos, esses bilhetes têm o número do lugar marcado. Além disso, o ingresso dá direito a uma vaga no estacionamento dentro do estádio.



Foto 38: O público no Setor VISA assiste ao jogo sentado.

Meus informantes deste setor não mencionaram as torcidas organizadas, mas consideraram o conforto como decisivo na sua escolha do lugar. Conforto significa que podem comprar o ingresso pela internet sem fila e sem sair de casa e, além disso, podem chegar de carro ao estádio, onde já têm uma vaga reservada no estacionamento perto do lugar onde se assiste ao jogo. Um dos entrevistados destacou que sempre escolhe o mesmo lugar por superstição. É significativo que todos meus informantes deste setor moram na Zona Sul do Rio de Janeiro e consideram o Engenhão moderno, confortável, bonito e de fácil acesso:

Por comodidade. É um setor que... era, né, porque não existe mais esse setor a partir de 2 semanas atrás. Era um setor que eles chamavam de setor vip, né, que você fazia a compra pela internet, era um preço diferenciado e você tinha um conforto, tinha dois bares, tinha lugar marcado, diferentemente dos outros lugares, ficava perto, muito perto do vestiário, da entrada dos jogadores, dos juízes, do próprio banco, então você poderia xingar o técnico, o jogador ou falar alguma coisa, ou elogiar, ou aplaudir ou gritar, enfim... E ali eu gostava bastante porque você tem uma visão muito boa, né. Claro que do outro lado também, mas já não ficam os bancos de reserva do time, ficam desse lado daqui do setor, né. Então, esse foi exatamente o motivo da escolha, né (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).⁴⁸

48

A entrevista foi feita depois da existência do Setor VISA.

Além dos motivos acima citados de escolha do lugar, todos os entrevistados afirmaram que escolhem o lugar pela boa visão. Ou seja, há pessoas que consideram a visão no anel inferior melhor do que no superior e vice-versa. Outros preferem a visão de trás do gol e assim por diante. Não existe um único ponto de vista objetivo, sob esta perspectiva.

É necessário que fique claro para o leitor o modo de análise dos dados. Sigo a premissa de que o campo deve me guiar. Ou seja, faço uso das informações e as categorias usadas pelos próprios torcedores ao longo das conversas que mantivemos. Nessas interlocuções surgiram duas categorias principais: emoção e conforto. Ou seja, tais termos não foram por mim elaborados, mas sim pelos próprios torcedores, ao responderem a pergunta “como escolhem seu lugar no estádio?”

Para entender o discurso dos meus interlocutores emergiu a necessidade de criar tipos ideais no sentido de Weber (1994), construções teóricas que criam abstrações exageradas de certas características da vida social. As motivações dos envolvidos nem sempre são diretamente observáveis, por isso é necessário lançar mão da interpretação. As falas dos meus interlocutores sugerem que há dois tipos ideais de torcedores: aqueles que procuram a emoção e aqueles que procuram o conforto.

Para uma análise mais profunda apresento em seguida exemplos dos dois tipos ideais. É claro que um torcedor apenas emocional e outro torcedor apenas confortável dificilmente existem na realidade. Esses tipos ideais são construções exageradas que nos auxiliam a compreender as motivações.

Por isso, termino este capítulo com a apresentação de um torcedor “flexível”, que explica a necessidade temporária de emoção e de conforto e como ele se movimenta entre os dois tipos ideais. Os exemplos relatam as condições de vida destes três torcedores escolhidos, além do estádio. Não apenas o futebol, mas também família, moradia e trabalho foram temas mencionados nas entrevistas com eles realizadas.

Emoção: a torcedora Maria de Bangu

Chego em Bangu de trem, depois de uma viagem de mais de uma hora desde a Central do Brasil. Maria me indicou que seria necessário sair da estação de Bangu, passar pelo buraco do Saím e pegar uma Kombi. O buraco do Saím é uma passagem subterrânea de pedestres embaixo dos trilhos. Do outro lado, pego a Kombi indicada que me leva para o conjunto habitacional de Maria. Neste caminho passamos por ruas

típicas do subúrbio carioca, nas quais as casas praticamente não passam de um gabarito de dois andares e com telhados ondulados de amianto. Vejo muitas lojas com placas coloridas imensas cujos produtos, muitas vezes, são colocados também nas calçadas. Essas são muito usadas para fazer churrasco, lavar ou consertar carros, andar de bicicleta ou como extensão de restaurantes. Passamos pela Avenida Brasil e seus motéis.

O conjunto habitacional dela foi erguido no final dos anos 1990 e está localizado numa área bastante verde e tranqüila, com muito espaço para as crianças brincarem. O conjunto tem seis ruas transversais e três cruzamentos. Todas as casas foram construídas seguindo a mesma planta: casas geminadas com uma vaga de estacionamento na frente que serve como entrada. No primeiro andar tem a sala, a cozinha, um banheiro e a área, no segundo andar há mais dois quartos. Praticamente todas as casas já têm alguma extensão, o chamado puxadinho. No caso da casa de Maria foi colocado um telhado em cima da vaga, transformando-a em garagem.



Foto 39: Um conjunto habitacional em Bangu.

Maria tem 44 anos e mora aqui com o marido e o filho de 12 anos. Ela é formada em Serviço Social, mas não exerce a profissão para poder cuidar do filho e da casa. O marido é agente penitenciário, por isso precisa trabalhar em turnos variados e nem sempre tem tempo para ir aos jogos do Botafogo. Os três torcem pelo mesmo time. Mas

Maria nasceu numa família onde o pai e a irmã eram vascaínos e a mãe timidamente botafoguense. Ela lembra pouco das primeiras vezes que foi ver jogos. Ela acha que foi com o pai ver um Botafogo X Vasco, no Maracanã, quando tinha mais ou menos sete anos. Como torcia contra o time do pai, foi uma dificuldade persuadi-lo a ir novamente.

“Minha história com o Botafogo é que acho que desde a barriga da minha mãe era botafoguense”, explica Maria. Com orgulho, acrescenta que “não virou casaca” frente à pressão do pai. “Porque eu sou Botafogo desde pequenininha, nunca mudei de time. Não tem essa que o Botafogo tá em alta eu sou Botafogo, tá em baixa não sou.” Para ela a experiência de ser torcedor do Botafogo é uma experiência comunitária, misticamente predefinida e profundamente emocional: “Eu amo Deus, meu filho e o Botafogo”.

Por isso, Maria nunca vai sozinha ao estádio, leva sempre o filho e o marido, se este estiver de folga. Eles têm uma turma que encontram já no trem a caminho do estádio. O trem é o melhor meio de transporte porque nele se pode encontrar os amigos, dançar, cantar ou bater um papo:

Em Bangu pego o trem para descer lá no Engenhão. Na ida é a maior farra dentro do trem, quando ganha na volta é a maior farra também. Quando perde vem tudo mundo jururu. Tem alguns que ainda vibram dentro do trem, canta, eu também canto, mesmo perdendo. Mas é legal você faz muita amizade dentro do trem. Eu pessoalmente prefiro ir e voltar de trem.

Eles chegam cedo ao Engenhão para poder ir aos bares ao redor do estádio, de preferência o ponto de encontro da torcida “Botachopp”. Esses encontros, “ver o pessoal”, é central para sua concepção de uma visita ao estádio. Encontrei-a e os seus amigos várias vezes nesses bares, sempre num clima bem festivo e agitado. Ela fala com todo mundo. O consumo de cerveja é alto: “Para você ter uma noção, o Bar da Botachopp às três horas da tarde já não tinha mais cerveja.”

Maria quer aproveitar cada minuto desta confraternização e, por isso, entra poucos minutos antes do jogo no estádio, onde ela procura seu lugar perto das torcidas organizadas, que é o lugar mais animado, como explica em relação ao Maracanã: “Porque o que eu gosto da arquibancada é que você fica na sua torcida e é mais animada. Animação do jogo é você ver seu time ganhar e você ficar nas torcidas porque são mais animadas”.

Ou seja, a festa que começou no trem e nos bares, continua no estádio. Esta “farra” é apenas possível ficando em pé, pois dessa forma pode se expressar melhor as emoções:

Eu prefiro ficar em pé, porque fico nervosa. Não consigo ficar sentada. Então vou para ali em cima ou vou na Fúria, porque o pessoal fica tudo em pé. Porque as pessoas já sabem, quem vai para a Fúria fica em pé não fica sentado. Ai vejo em pé.

Dessa forma, Maria investe muito tempo e energia nos dias de jogo. Para ela uma partida do Botafogo não tem 90 minutos, mas no mínimo um dia inteiro. O assunto Botafogo rende ainda mais porque serve como assunto de conversas ou para “encarnar” nas pessoas durante toda a semana. O Botafogo também serve de motivo para se realizar encontros, em outras ocasiões. Na semana da entrevista, por exemplo, a Maria foi a uma festa da Torcida Organizada Fúria, no galpão da escola de samba Caprichosos, no bairro de Pilares. Essas festas têm churrasco e cerveja ao som de um DJ que toca funk. É uma ocasião de reencontrar os amigos botafoguenses e fazer novas amizades. Na verdade, não é uma ocasião, é quase uma obrigação para mostrar seu pertencimento à comunidade botafoguense:

Porque eu não faço parte de uma torcida organizada só. Porque eu sou Botafogo. Então para mim Botachopp, Fúria, TJB, Guerreiras Alvinegras, Alvigirls, Botasuco, Loucos, eu visto todas as camisas porque todas são Botafogo.

Percebi na entrevista uma relação profundamente ambígua de Maria com as torcidas organizadas. De um lado, ela procura ficar perto delas nos bares, no estádio e nas festas, porque são animadas e expressam o pertencimento ao Botafogo, mas por outro ela não é sócia oficial, que paga mensalidades, de nenhuma torcida organizada porque as percebe como as principais culpadas da violência no futebol. O relato dela é cheio de episódios de violência protagonizados pelas torcidas organizadas. A violência é entendida como a antítese da paixão, ou seja, do comportamento emocional, que seria apropriado. Além disso, as várias torcidas significam uma divisão indevida da comunidade botafoguense. A violência ameaça, mas também reforça, o pertencimento emocional de Maria ao Botafogo. Os maiores problemas do futebol atualmente, na sua visão, são a violência e o roubo dos árbitros: “Quer dizer, são essas coisas que desestimulam você às vezes de ir ao estádio. É a guerra das torcidas e a roubalheira da arbitragem”.

Dessa forma, ela ameaça não ir mais aos jogos do Botafogo, mas ao mesmo tempo define a sua posição frente aos grupos aos quais ela não pertence. Ela define quem é o “nós” e quem são “os outros”. “Nós” são os botafoguenses apaixonados e “os outros” são os violentos, os árbitros corruptos e os outros times, sendo que o Flamengo é percebido como o maior opositor, que vai acumular essas acusações:

Porque a mídia puxa a sardinha para o Flamengo. Os árbitros puxam a sardinha para o Flamengo. A torcida é nojenta, favelada, barraqueira, entendeu, implicante, nojenta. E os jogadores também estão se igualando a torcida. Esqueci o nome desse jogador que fez o chororô, nossa.

Por isso, a violência é uma categoria fundamental para definir o próprio grupo, a própria comunidade. Parece que o comportamento violento ameaça a paixão da Maria, mas na verdade está reforçando. A ameaça reforça o pertencimento. Todo este pertencimento da Maria ao Botafogo é definido através de uma relação emocional. Ela ama o Botafogo e odeia o Flamengo. Não há uma argumentação racional. Por causa dessa paixão ela não deixa de ir aos jogos do Botafogo:

Tem como deixar ir ao jogo? Não tem. Eu amo essa desgraça do Botafogo, embora ele não mereça. [...] Quando vejo monte de gente com a roupa do Botafogo, eu fico doída, caraca, olha você vê domingo a torcida em peso, cara aquilo me emociona. Emociona muito, o pessoal cantando na rua brincando.

Na autopercepção, a torcida do Botafogo é a mais apaixonada e mais calma, ou seja, menos violenta. Ao contrário disso, a torcida do grande rival Flamengo não apenas é a mais violenta, mas também a torcida sem amor:

Entendeu porque pelas pessoas que eu vejo ser Botafoguense, o jeito de que eles falam a emoção que dá entendeu. Que nem aquele coroa [...] ele mora aqui. Tatuou 'e ninguém cala' nas costas. Tatuou tem aqui, tem aqui. Ele falou que encheu o corpo dele todinho de Botafogo. De tatuagem, né, de Botafogo. Então eu destaco assim, típico mesmo é o amor ao Botafogo. Porque você ver a maioria das pessoas lá tudo tatuado de Botafogo.

Maria não precisa de um carro para chegar ao estádio, nem assentos confortáveis. Ao contrário, prefere o trem, assistir o jogo em pé, ir a festas barulhentas e passar pelo incômodo de se tatuar para mostrar a paixão que ela tem pelo Botafogo. Esta é a forma como ela entende futebol.



Foto 40: As geladeiras de Maria com os adesivos do Botafogo.

Conforto: o torcedor Fernando de Leblon

Encontro Fernando no lugar de trabalho dele que é a Pontifícia Universidade Católica - PUC, no bairro da Gávea, na zona sul do Rio de Janeiro. Ele é professor de uma faculdade de administração financeira e sua secretária me ligou para marcar o local e a hora da entrevista. A PUC fica num vale da Serra da Tijuca, bem perto do Parque da Tijuca e, portanto, numa região bem verde. Ao lado dela podemos ver a Pedra da Gávea e o Dois Irmãos, entre os quais fica a Rocinha, considerada a maior Favela da América do Sul. Bairros vizinhos são o Jardim Botânico, a Lagoa e o Leblon, com suas praias. Todos fazem parte da região mais desenvolvida da cidade, impressionam com sua beleza natural e, por isso, são o destino de muitos turistas.

Fernando me encontra na entrada da PUC e nós andamos até o prédio onde trabalha, passando pelos outros prédios da universidade, com seus jardins bem cuidados e povoados por alunos. Ele me oferece um café e procuramos uma sala vazia para a

entrevista. Fernando tem 52 anos e mora com a mulher num prédio no Leblon, que ficou conhecido porque ele colocou ai uma bandeira do Botafogo que cobria dois andares.

Sua escolha pelo Botafogo tem motivos familiares, mas não baseado na família da mãe, que era de Flamenguistas, nem do pai, que era de Tricolores. Um tio o levou, ainda criança, para conhecer o Nilton Santos. Ele tirou uma foto com o ídolo trajando uma camisa do Botafogo. Ele ficou tão impressionado que se tornou Botafoguense, assim como sua irmã. “E tem uma foto minha, a bola maior do que eu, aí botaram a camisa do Botafogo, aquela coisa, eu me identifiquei.” Considero significativo a palavra identificar, porque para Fernando a escolha do time não era predefinida desde antes do nascimento, mas um processo cognitivo de identificação.

É interessante fazer as comparações com o depoimento anterior de Maria. Enquanto ela explica sua escolha clubística com as categorias paixão e amor, Fernando nunca usa termos que remetem a emoções. Ele fala em história, conteúdo, religião e loucura:

As pessoas que torcem pelo Botafogo elas têm história, né? Têm motivo, têm conteúdo. Não que eu seja contra flamenguista, essa coisa toda, mas o Botafogo me traz, assim, muita lembrança, história, né. Você nota que há uma construção da marca, uma construção do nome. Todo simbólico, né. Existe toda uma coisa até cognitiva mesmo, né, no Botafoguense. Ele é diferente.

Essa concepção cognitiva do ato de torcer gera para ele a necessidade de se concentrar no jogo. Isso significa que Fernando precisa de um lugar confortável, com espaço e uma boa visão. A interferência de pessoas alteradas não pode ser aceita. Fernando ficou até perto das torcidas organizadas na sua juventude, porque “gostava das músicas e brincava”. Mas isso mudou. Fernando começou a estudar e trabalhar e, por isso, ficou sem ver um jogo do Botafogo ao vivo num estádio por mais de 25 anos:

Trabalhava em organizações e trabalhava também em universidades. E aí não tinha tempo pra quase nada. E aí não ia, mas via e tudo. Torcia remotamente. Era o famoso torcedor de radinho de pilha. E aí voltei agora, mas a minha irmã também e eu acho que voltei, principalmente, por causa do Engenhão. Esse fenômeno eu acho que foi [...] um divisor de águas, né. Esse dia que eu tava dando aula na Fundação Getúlio Vargas e quando acabou, eu conversava sempre com os alunos e tudo porque eles sabem que eu sou Botafoguense doente, essa coisa toda. E um dos garotos falou: “Você nunca foi no Engenhão?” e tudo. Aí ele me seduziu no sentido de... estimulou, “olha, vai lá!”, não sei o que. Aí eu falei: “mas é difícil pra chegar lá. Não...” Aí eu pontuava um problema, ele dava a solução. Pontuava um... Aí eu falei: “Quer saber? Eu vou!” Aí fui a primeira vez, vi que a coisa era muito tranquila, nunca mais deixei de ir. Eu acho que essa volta, essa..., vamos dizer assim, essa captura, esse resgate, de voltar a ir aos estádios, ao estádio, particularmente, foi por causa do Engenhão.

Hoje em dia, ele vai a todos os jogos no Engenhão e organiza bem essas idas, de modo a diminuir os problemas, que ele teme, escolhendo as opções que oferecem o maior conforto para ele. A primeira medida para evitar problemas é comprar o ingresso com antecedência, de preferência na internet ou num ponto na Zona Sul. No dia do jogo ele pega o carro, busca a irmã e o padrasto e vai pela linha amarela ao Engenhão: “Como é difícil de acesso a gente vai com pelo menos umas duas horas, uma hora e meia de antecedência, dependendo do dia e do jogo”.

Fernando fica sempre na ala oeste inferior, chamada até duas semanas antes da entrevista de setor VISA. Ele podia comprar o ingresso pela internet, escolher um lugar numerado, estacionar o carro no estacionamento do estádio e chegar tranquilamente ao lugar que oferece o conforto desejado:

Qualquer jogo do Botafogo aqui no Rio de Janeiro, no Engenhão, então eu frequento, assiduamente né, até naquele setor mesmo, o setor Visa, que é um setor que dá comodidade, que você compra pela internet, e tem todo um conforto, né. Tinha até bem pouco tempo uns televisores lá, enfim... Agora parece que mudou, vai ser uma coisa única, mas de qualquer maneira continua ainda com um conforto e tudo, então eu vou aos jogos do Botafogo “faça sol ou faça chuva” eu estou em todos os jogos lá no Engenhão.

Poder comprar o ingresso pela internet com antecedência tem ainda a vantagem de poder sempre reservar os mesmos lugares:

Quando era marcado, a gente até ia, ficava preocupado com o trânsito, mas não com o lugar, porque o lugar tinha um número marcado. Hoje já não tem mais esse número. Então, essa chegada mais cedo ela se justifica até pra você pegar o mesmo lugar. Pela superstição até.



Foto 41: Fernando e a sua cadeira T177.

Fernando tem vários comportamentos que remetem a forças sobrenaturais como a escolha supersticiosa do assento. Outro componente são as orações para São Bento, Pai Nosso e Ave Marias em determinadas situações antes do jogo. Ao contrário de Maria, não importa quem está ao seu redor no estádio, pois seu interesse não é o de encontrar amigos para fazer festas. Fernando quer se concentrar no jogo e os rituais religiosos podem reforçar esta concentração. Ficar em pé, beber cerveja ou fazer festa seriam comportamentos que prejudicam esta concentração:

Agora, eu particularmente, não gosto. [...] Essa coisa de ficar fazendo muito espetáculo circense. Por exemplo, ola. Ficar toda hora ola, ola, ola. Pô, você quer ver o jogo, né. Ficar fazendo ola, quer dizer... Pô, eu tô prestando atenção no jogo, aí o outro vai... Quando faz um gol e etc, aí canta música. OK, beleza. Ou então grita quando faz uma jogada boa.

Por isso, mostra-se favorável às mudanças organizacionais pelas quais passa o futebol carioca como o Estatuto do Torcedor, o Choque de Ordem e a reforma dos estádios:

De novo, no Real Madri você vê tudo organizadinho, você vai de metrô, você chega, procura saber onde é que você entra, embora o fluxo seja enorme de pessoas, mas tem as pessoas lá indicando. O Botafogo tá colocando isso agora no Engenhão. Existem pessoas lá fora dizendo assim: “Posso ajudar?”, etc. Isso é muito bom. É... Todas as duas coisas elas existem pra melhorar,

mas precisa de uma efetividade. Quer dizer, existir, existe, mas vamos praticar isso mais, né.

Nesse sentido o Engenhão é um estádio que agrada muito a Fernando:

É o mais moderno assim do Brasil. Ele tem todo um apelo, né, um significado da olimpíada. Lá foram feitas as competições todas de atletismo, até o próprio futebol feminino ele foi feito lá e tudo. É um estádio moderno, que tem toda uma facilidade interna, né, que não existe na parte externa, ainda não foi preparado ainda.

O Engenhão é como se fosse feito para ele. As queixas que Fernando tem se referem a itens que diminuem o conforto como por exemplo as ruas estreitas e a consequente dificuldade de acesso. Uma outra queixa é a baixa qualidade das lanchonetes. Por ser favorável à existência de uma área VIP, compreende sua eliminação como um risco de se afastar os torcedores:

O que tá sendo feito hoje também não é uma coisa inteligente. É pouco inteligente. Eles estão afastando... Quer dizer, acabaram com a área vip, acabaram com a facilidade do estacionamento, aquele estacionamento agora você não entra por aquele portão, você tem que sair do estádio pra entrar pelo outro lado. Então, esse meu padrao tem quase 80 anos, ele tem que sair. A gente chegou num jogo contra o Náutico, já tinha começado o jogo.

Fernando defende a existência do setor VISA e vai ainda mais longe. Ele sonha com melhoras no Engenhão para que se possa ter uma arena moderna que ofereça toda comodidade:

Então ele tem toda uma estrutura de modernidade, de conceito de um estádio de futebol não somente pra jogo, mas ele tem uma estrutura que ele pode, por exemplo, criar restaurantes, como na Europa você vê as pessoas chegando antes pra almoçar em restaurantes. Após o jogo você pode criar espaços pra uma discoteca, uma boate, um happy hour, um evento, né. [...] E aí assistem ao espetáculo e, ao terminar, vai pra um outro espaço onde tem uma comemoração, tem uma festa, alguma coisa assim. Ou seja, deixa de ser apenas uma atividade para assistir ao jogo e chegar e voltar, e com isso você agrega outros produtos, né, outras formas de atendimento e lazer, né.

Podemos lembrar de Maria, que não apenas assiste ao jogo em pé, mas faz dessa ocasião uma oportunidade de festa e lazer. Para Fernando, entretanto, seria impensável visitar os lugares que Maria frequenta, pois sua prioridade é o conforto interno e fechado do estádio.

Durante a entrevista, Fernando faz duas importantes oposições que definem bem seu entendimento de ser torcedor. A primeira é em relação ao futebol europeu. Ele assistiu a uma partida no estádio Santiago Bernabeu, do Real Madri e compara essa experiência com a América Latina, em geral, e o Engenhão especificamente:

No Real Madri é como se você tivesse num velório. É uma coisa muito calada. É sem graça. Não vejo nada de... Até passa pela televisão, você fica vendo... Eles não gritam e tudo. [...] Quer dizer, na América Latina essa coisa de vibrar durante o jogo todo, xingar, e gritar, e cantar, essa coisa toda, né. A torcida do Botafogo ela não é tão animada como, por exemplo, a torcida do Flamengo, né, que é uma torcida muito grande, a torcida do Fluminense que eu acho que pra mim que é a torcida mais criativa que tem aqui no Rio de Janeiro. [...] Mas a do Botafogo ela é diferente nesse sentido, quer dizer, as pessoas que vão lá, elas vão exatamente com... Elas não estão... Não está ali o corpo, está o espírito também, tá a alma, tá tudo, entendeu? A pessoa não tá somente vendo o jogo, ela tá participando efetivamente do jogo.

Ou seja, mesmo preferindo o conforto e a não interferência de outros torcedores, Fernando não consegue imaginar um jogo de futebol sem xingar e cantar, ou seja, sem a atuação das torcidas organizadas. A torcida organizada deve estar presente ao jogo, pois faz parte do espetáculo. Entretanto, deve permanecer num outro setor. Os cantos são um pano de fundo, que não deve interferir na sua concentração no jogo. A sua relação é com o jogo do qual está efetivamente participando. Ele se sente Botafoguense e, portanto, ligado à comunidade Botafoguense, mas essa ligação acontece através do jogo em campo. Ao contrário disso, Maria se conecta com o jogo em campo através da comunidade Botafoguense ao seu redor. Ela precisa dos amigos com os quais mantém uma relação emocional. Fernando estabelece uma relação cognitiva, traduzida em termos como espírito e alma. Essa visão fica bastante clara quando, na entrevista, menciona a segunda oposição, desta vez, em relação ao Flamengo:

É o cara falar: “Por quê que você é Flamengo?” “Não, porque fulaninho é, o outro é, então eu vou ser”. Eu, por exemplo, eu fui Botafoguense por um tio, mas eu agarrei aquilo e continuei, e vejo uma história, né, vejo conteúdo. É exatamente como se tivesse uma caixa... Eu vejo conteúdo na parte da torcida do Botafogo, essa coisa do sempre lutando, a perseverança do torcedor Botafoguense, aquela coisa interna, né. Às vezes, vejo uma certa frustração. É uma torcida muito humana. Eu vejo isso.

Por isso os Botafoguenses, na sua visão, têm conteúdo e história. Na fala acima, recusa-se as emoções em favor de um comportamento cognitivo. Fernando se emancipou do tio que fez dele um Botafoguense e ressignificou esta relação com um time de futebol. Não se vai para o estádio por causa da família, amigos e outras pessoas. Na visão de Fernando se vai ao estádio por causa do time que está em campo, com o qual se tem uma relação pessoal e espiritual. Primeiro vem o time, só depois a comunidade Botafoguense. No caso da Maria é exatamente ao contrário.

Isso explica a preferência do Fernando pela escolha do lugar no estádio com a comodidade do setor VISA. Ele precisa de um lugar confortável e tranquilo para poder se concentrar no jogo e construir sua relação cognitiva.

O torcedor flexível: Arnaldo de Botafogo

Maria e Fernando representam dois tipos ideais de torcedores que parecem ficar em pólos opostos. Mas se olharmos com mais atenção percebemos que os dois tipos ideais não estão tão nitidamente separados. Maria, por exemplo, articula o desejo de uma boa visão e Fernando já ficou perto das torcidas organizadas na sua juventude. Muitos dos entrevistados mostraram-se híbridos entre os dois tipos ideais. É possível defender as duas posições, por isso decidi descrever ainda um torcedor que representa bem esse torcedor híbrido. Arnaldo consegue justificar o fato de assistir a alguns jogos de um modo mais emocional e outros nos quais busca mais conforto.

Entrevisto Arnaldo na casa dele, em Botafogo, onde chego de metrô. Saio da estação e desço a Rua São Clemente que é uma das mais movimentadas da zona sul do Rio de Janeiro. À esquerda e direita dessa rua predominam prédios residenciais de muitos andares. São poucas as construções em estilo colonial que sobreviveram e que muitas vezes têm algum valor histórico, como é o exemplo da casa de Rui Barbosa. Arnaldo mora num destes condomínios fechados. A varanda dele é surpreendentemente silenciosa se levarmos em conta o barulho dos carros na rua. A sua vista dá para uma vila antiga e muitos outros prédios de condomínios fechados, que encobrem a vista para o Pão de Açúcar e para a praia de Botafogo.



Foto 42: Rua São Clemente no bairro de Botafogo.

Arnaldo tem 25 anos e mora no seu apartamento de uma sala e dois quartos com a namorada, que é Flamenguista. Ele está finalizando o curso de direito na faculdade, mas já trabalha como advogado. Seus pais são Botafoguenses e ele foi pela primeira vez ao Maracanã com seu pai. Esta é, na lembrança de Arnaldo, a ocasião na qual se tornou de fato torcedor do Botafogo. A família foi ver a final do campeonato carioca entre Botafogo e Flamengo, em 1989, com ingressos para a arquibancada. Mas crianças não podiam entrar na arquibancada nesta época, por isso ficaram ameaçados de não entrar no estádio. Por acaso, ganharam de um amigo ingressos para a cadeira especial e puderam ver a vitória do Botafogo. Arnaldo diz que não se lembra de mais nada do jogo, mas a partir daí tornou-se botafoguense e foi a muitos jogos com o pai.

Na escola fez amizade com muitos Botafoguenses e criou dessa forma sua rede social, podendo ter companhia para ir aos jogos, quando seu pai começou a se desinteressar pelo Botafogo: “E meu pai já parou aí em torno de 98, 99, mas, quando rebaixou, meu pai parou de vez de ver o Botafogo e aí eu segui sozinho esse caminho. Foi aí que eu acho que eu criei mais gás pelo Botafogo.”

Em sua opinião, a condição principal de ser Botafoguense é ser sofredor: “Botafoguense é o torcedor que sofre com o time. Menos que comemorar o Botafoguense sofre com o time.” A principal característica de suas idas ao estádio é a falta de planejamento prévio. Ele quer ser livre e decidir espontaneamente. Ele não tem uma turma fixa com a qual vai ao estádio, não vai a todos os jogos e costuma decidir em cima da hora em qual lugar ficará. Dessa forma, há jogos em que fica perto da torcida e outros em que fica conscientemente distante:

Tem dia que eu quero ficar na torcida organizada, entro na torcida organizada e fico lá. Ninguém vai te receber mal, ninguém vai te tratar mal, ninguém vai te expulsar do local. Você entra. Você usa uma camisa de torcida organizada, de qualquer uma do Botafogo, você fica em qualquer outra torcida organizada do Botafogo. Se você botar a camisa da TJB, você pode ficar na Fúria, você pode ficar na Botachopp. Se você botar da Botachopp, pode ficar na Fúria, pode ficar na TJB. Se botar da Fúria, pode ficar na TJB, pode ficar na Botachopp. Todo mundo te recebe. Então, eu nunca tive essa coisa de ter que participar de torcida organizada. Se eu tô no clima de ficar gritando, de participar da festa, eu me meto no meio da torcida organizada e fico lá. Fico lá no meio da torcida organizada e nunca fui mal recebido. Nunca fui mal recebido, nunca fui destrutado, nem nada. Eu vou lá, fico... Eu acho que torcida organizada é necessário. Eu gostei da torcida organizada. Gostei bastante, gostei bastante. Teve inclusive um jogo contra o Rezende eu entrei com as bandeiras do Botafogo, né. Todas as bandeiras era eu que tava carregando. E é legal, parece uma coisa boba assim, mas é, quando você tá correndo, assim, todo mundo batendo palma, pô, eu me senti na apoteose, assim, né. O mestre-sala e porta-bandeira, né. Eu era a porta-bandeira, mas foi uma coisa legal porque me deram a bandeira e falaram assim: “Entra você

com essa bandeira”. E era a bandeira da zona sul, da Botachopp. E aí eu entrei correndo naquele lugar e todo mundo: “Aê!!” E, pô, é outro clima, né. A torcida organizada é outro clima. Mas o problema é que tem muitas vezes que eu gosto de ir ao estádio só assistir ao jogo. Tem vezes que eu gosto de ir ao estádio assistir ao jogo. [...] Às vezes eu vou ao estádio e “não, hoje eu vou ficar numa área mais calma”, “hoje o jogo vai ser difícil”. O jogo contra o Flamengo mesmo é um jogo difícil, é um jogo que eu gosto de ficar assistindo, eu não consigo gritar, eu não canto contra o Flamengo é jogo sempre complicado, jogo complicado eu não consigo ficar lá na torcida gritando, eu prefiro ficar assistindo, aí eu fico nervoso, aí por isso que eu não vou pra torcida organizada, senão você fica meio que preso a ter que ficar em grupo. Então eu me desvinculo pra eu poder ter essa liberdade de escolher onde que eu vou ficar.

Dessa forma, sua escolha depende do jogo, da disposição e da companhia, somente assim Arnaldo opta por ficar perto ou longe da torcida organizada. Na primeira opção, assim como Maria, sua escolha é orientada pelo caráter festivo e emocional de participar do jogo. Na segunda opção, seu objetivo é se concentrar no jogo e, por isso, não pode ser perturbado pelas interferências das torcidas organizadas, necessitando de uma boa visão do campo, assim como Fernando. Neste caso, é necessário se desvincular da comunidade para poder se concentrar. Arnaldo chama a primeira opção de torcer e a segunda de assistir. Para ele existem as duas formas, as quais distingue:

O Engenhão é um estádio pra você sentar, assistir ao jogo como se estivesse no sofá de casa. É um estádio confortável. É um estádio que tem lá toda a estrutura maravilhosa e tal, mas não é um estádio de torcedor, é um estádio de espectador. Você senta ali e assiste o jogo. O torcedor mesmo, a torcida organizada fica ali apertada, fica ali em pé, em cima da cadeira. Se você for ver, a torcida organizada... Parece que perde um pouco aquela coisa de festa, que o Maracanã tem na cadeira verde. No Maracanã aquelas cadeiras verdes são tranquilas pra você ficar em pé, não tem encosto, né. No Engenhão não. O Engenhão é pra você sentar.

Não é clara a escolha de Arnaldo, por um dos lados. Várias vezes, durante a entrevista, ele se mostra um torcedor apaixonado, por exemplo, quando reclama da falta de emoção e festa no Engenhão:

Aí fica aquela coisa a torcida sentada. Dá um desânimo aquilo ali. Fica triste, fica bucólico, fica... Você senta, parece até que tá velho, que tá no Maracanã velho. Sentar pra ver o jogo, assistir. E nem vende mais cerveja, então você fica sentado e toma uma água vendo o jogo. Então acabou porque o Engenhão pra mim, assim deve, muito... Não é uma coisa pra torcedor. Eu acho que é muito também porque o pessoal desanima. Que aí vai e senta.

Neste momento destaca inclusive as vantagens do Estádio Caio Martins, no qual o Botafogo mandou seus jogos por um tempo:

O Caio Martins a arquibancada era ruim e tudo, mas era uma arquibancada que todo mundo ficava em pé, tipo arquibancada de campeonato de vôlei na praia, que era aquela madeira com aqueles tubos. Você ficava ali em pé e

tinha que ficar em pé mesmo. Não tinha onde sentar. Aí eu acho que era mais torcida, era mais animação, era mais festa, apesar de ser uma época ruim para o Botafogo. Oito anos sem título, mas aí era festa pelo menos, comemorava. Já o Engenhão não. O Engenhão é muito fraco mesmo.

Neste momento a essência de ser torcedor é ser apaixonado: “Por isso eu acho que o Botafoguense é o mais apaixonado.” Novamente em oposição à torcida do Flamengo, isso seria a grande diferença:

Eu acho que a torcida do Botafogo talvez seja a mais apaixonada, assim. É difícil você encontrar alguém que seja Botafoguense, como você vê Flamenguista. Você pergunta pra pessoa: “Qual o seu time?” A pessoa diz: “Ah, eu sou Flamengo, mas eu não vejo jogo, eu não acompanho. Tô aí, eu vou ao estádio quando o time tá bom, quando vai todo mundo”. Agora você pergunta pra uma pessoa? “Você é Botafoguense”. Se você pergunta: “Qual é seu time?” “Sou Botafoguense”. “Mas acompanha?” “Não, sou Botafoguense doente”. Botafoguense sempre fala: “Sou Botafoguense doente. Tô lá. Presente”.

Porém, essa fala já é um pouco ambígua. A torcida do Botafogo seria apaixonada, que seria uma categoria usada por Maria, mas no final da citação Arnaldo fala em “Botafoguense doente”, que seria categoria usada por Fernando. Doente remete a louco e, portanto, a uma relação cognitiva com o time e não mais uma relação emocional.

Essa ambiguidade também está presente, quando ele diz: “Como é difícil encontrar um Botafoguense que seja distante do futebol do Botafogo, que fique distante da torcida e tudo.” Porque se concentrar no futebol, ou seja, cognitivamente com o jogo em campo, ou se concentrar na experiência comunitária e emocional da torcida, são duas formas distintas de se conectar com um time de futebol.

Mas várias vezes, durante a entrevista, Arnaldo se mostra também um espectador que aprecia o conforto para poder desfrutar melhor do jogo e nele se concentrar, assim como Fernando. Por exemplo, o entrevistado destaca como principal vantagem do Maracanã a sua acessibilidade: “Eu acho o Maracanã melhor. Eu acho o Maracanã mais próximo. Melhor o acesso. Porque no Maracanã você pode chegar no Maracanã de metrô, de trem, de ônibus e de carro. É tranquilo porque tem muito local pra estacionar.”

Além disso, Arnaldo é sócio-torcedor do Botafogo, por causa do conforto que este programa oferece:

É mais barato e te dá uma série de facilidades, você tem fila especial pra entrar, você fica em local separado. Fica junto com a torcida normal, mas você tem uma entrada separada, então você pega uma fila menor. Você pode entrar mais em cima da hora ainda, né. Pode entrar 5 minutos antes do jogo, você já pode entrar porque não tem fila, seu cartão passa ali na hora, você entra. É mais barato do que você comprar ingresso pra todos os jogos. Te dá uma tranqüilidade também de se acabar ingresso pro jogo você tem como entrar, você tem o ingresso e, principalmente, porque é uma forma de apoiar o clube.

Ou seja, ele não apóia uma torcida organizada, mas apóia o clube que agora é o vínculo principal. Assim como Fernando, para Arnaldo o traço fundamental do torcedor Botafoguense é o de possuir conteúdo e história: “É impressionante como o Botafoguense, por conta dessa coisa de seus grandes ídolos serem ídolos de tempos bem antigos, 1960, 50, todo Botafoguense se dá ao luxo de estudar um pouco a história do Botafogo”.

Neste momento da entrevista Arnaldo esquece a oposição entre assistir e torcer e diz que o torcedor é interessado no jogo e não na torcida. Mesmo que tenha lamentado anteriormente a falta da festa e a proibição da cerveja, concorda agora com essas medidas:

Quem gosta mesmo de futebol vai ao estádio com bebida ou sem bebida. Faça chuva ou faça sol. Não vai ter problema com... Não vai ser choque de ordem, lei seca, estatuto do torcedor que vai modificar o comportamento do torcedor não.

Fernando concordaria plenamente com esta fala. O que importa é o jogo e por isso é necessário que sejam criadas as condições para se poder concentrar nos acontecimentos no campo. Cerveja, pessoas em pé ou outras interferências apenas atrapalhariam essa relação cognitiva com o time. É a visão que deve ser garantida: “Eu prefiro escolher em primeiro lugar onde dê pra assistir melhor o jogo e depois perto da torcida.”

Em uma única entrevista, Arnaldo defendeu os dois pontos de vista. Ele foi capaz de ser tanto um torcedor apaixonado que se relaciona com o time através da torcida, quanto ser um espectador cognitivo, que se relaciona com a torcida através do time. Sua decisão pela forma de assistir ao jogo se dá espontaneamente no dia do jogo, podendo escolher entre as duas opções. Ele chama a primeira opção de torcer e a segunda de assistir, pois as percebe como atitudes distintas.

Construímos nesta análise dois tipos ideais de torcedores: o emocional-comunitário e o cognitivo orientado em conforto. É importante lembrar que tipos ideais

difícilmente existem na realidade, como mostrou o último exemplo do torcedor flexível Arnaldo, que combina as duas formas. Em diferentes graus há vários tipos destes torcedores flexíveis. Mas todos usam as mesmas categorias.

Primeiramente, defendem a idéia de que a torcida do Botafogo é uma grande família, onde todo mundo é igual. Ou seja, suas identidades são definidas através do Botafogo. No estádio parece que a torcida do Botafogo é uma grande massa homogênea, mas em seguida, percebemos que na verdade ela é bastante heterogenea e possui estrutura. Para alguns a emoção é mais importante e para outros o conforto. Finalmente faz-se uso da categoria de acusação “violência”, a que se recorre para definir o próprio grupo social e se diferenciar dos “outros”. Por isso, devem ser analisadas, em seguida, as categorias “identidade”, “emoção”, “conforto” e “violência”.

2.2.1 Identidade

A análise de identidades é um tema clássico da Antropologia. Criar grupos e oposições entre esses grupos é parte fundamental para a construção de teias de significados às quais o ser humano está amarrado (GEERTZ, 1989). O campo do futebol também está estruturado por grupos e suas identidades que estão na sua disputa pelos capitais em jogo (BOURDIEU, 1983, 1990). Estas identidades estão sendo teatralizadas (BROMBERGER, 1995) e os estádios são seus palcos.

Durante a etnografia, chamou muito a atenção o modo pelo qual os torcedores formulam um sentimento de pertencimento comunitário. As diferenças entre torcedores do mesmo clube são negadas. Nesse sentido, a torcida do Botafogo teria, na sua concepção, características que valem para todos seus integrantes. Ela é percebida como uma família homogênea em que não há divergências:

Mas a torcida do Botafogo ela é muito próxima, assim, de ser homogênea. É muito família. É muito família a torcida do Botafogo. (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo)

Nós Botafoguenses somos assim considerados um pouco diferentes dos outros torcedores, porque muita gente é Flamengo, porque a maioria é Flamengo, é mais fácil torcer pelo Flamengo. Mas nós Botafoguenses, a gente normalmente diz que não escolhemos o Botafogo, o Botafogo escolhe a gente. Não tem uma explicação exata porque a gente é. O torcedor do Botafogo, ele é muito apaixonado pelo seu time. Nós não somos a maior torcida, mas temos assim uma paixão muito grande pelo futebol (Torcedor botafoguense Paulo Roberto, Ipanema).

Talvez ele seja o que eu quero ser até o final, até o final da minha vida eu quero ser Botafogo igual o Nilton Santos (Torcedora botafoguense Tatiane, Tijuca).

Nos trabalhos antropológicos sobre torcedores de futebol, o tema das identidades é central.⁴⁹ Bromberger (1995) analisou, por exemplo, as identidades clubísticas em Marselha (França), Napoli e Turim (Italia), que expressam identidades locais. No caso do Brasil há muitas pesquisas sobre a identidade nacional brasileira e sua construção através da seleção nacional, por exemplo, Gastaldo/Guedes (2006). Alabarces afirma, analisando o caso argentino, que a manutenção de uma identidade precisa da “[...] invención de un *Otro*, en tanto la dinámica de invención de una identidad exige su alteridad” (2002, p.48).

Já os fundadores da antropologia pensaram sobre essa formação de grupos e, mais importante, sobre sua classificação: “Para nós, com efeito, classificar coisas, é ordená-las em grupos distintos entre si, separados por linhas de demarcação nitidamente determinadas.” (MAUSS, 1981, p.400)

A classificação e a invenção dos grupos “Nós” e do “Outro” são, portanto, construções sociais. Para os meus informantes o Outro é o Flamengo. Tudo foi ordenado a partir de numa dicotomia bem simples: o Botafogo, como pólo positivo, e o Flamengo, como outro radicalmente negativizado (ALABARCES, 2002, p.183).

Quando se fala em Botafogo os interlocutores se referem ao Botafogo Futebol e Regatas, que é uma associação de natureza esportiva sem fins lucrativos, que tem como objetivo promover a prática da educação física e os esportes olímpicos, principalmente do futebol e do remo.⁵⁰ O Botafogo é uma fusão do Club de Regatas Botafogo, fundado em 1894, e do Botafogo Football Club, fundado em 1904. Segundo o estatuto do clube, ele é constituído por seu patrimônio, principalmente a sede do clube no bairro Botafogo, no Rio de Janeiro, com prédios administrativos e praças esportivas, e por seu quadro social.

Existem dez categorias de sócios, por exemplo atletas, sócios contribuintes e formas honorárias de ser sócio. Todos, enquanto cumprem as regras do estatuto, podem votar na eleição dos órgãos administrativos constituídos por um presidente e vários conselhos. Além disso, o Botafogo tem um programa “Torcedor oficial do Botafogo

⁴⁹ Existe uma ampla literatura sobre torcedores de futebol e identidade com o, por exemplo, “Game without Frontiers” de Giulianotti & Williams (1994), “Hinchadas” de Alabarces (2005) ou o número especial da *Revista Esporte e Sociedade* organizado por Aragón & Hollanda & Magazine (2011) sobre o tema.

⁵⁰ www.botafogo.com.br/oclube_estatutos.asp

Futebol e Regatas”, que dá aos participantes o direito de assistir aos jogos de futebol do Botafogo no estádio, mas não confere o direito de votar ou transitar nas dependências do clube.

O Botafogo conta com um time profissional de futebol que é o motivo principal pelo qual meus interlocutores se referem a ele. Este time existe desde 1904 e ganhou, no decorrer da sua história, vários campeonatos importantes da sua categoria como, por exemplo, o carioca e o brasileiro. O Botafogo, apesar de ser um clube de diversas modalidades esportivas, é famoso pelo seu time de futebol e, principalmente, por alguns jogadores famosos como Garrincha, Nilton Santos, Zagallo e Didi.

Até agora foi descrita a forma administrativa do Botafogo, mas existe uma grande massa de pessoas que se entendem como parte do Botafogo sem se vincular oficialmente como atletas ou sócios do clube. Este vínculo é comumente entendido como afetivo. Esta massa é chamada de torcida do Botafogo e seus membros são os torcedores do Botafogo. Seguindo as pesquisas citadas neste trabalho, a torcida do Botafogo está entre as maiores no Brasil.

Por outro lado no caso de Flamengo, os interlocutores se referem ao Clube de Regatas do Flamengo, que é uma sociedade civil sem fins lucrativos de utilidade pública, que tem como objetivo promover a prática da educação física, principalmente do futebol e do remo.⁵¹ O Flamengo é constituído por seu patrimônio composto, principalmente, pela sede do clube localizada no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, por prédios administrativos e praças esportivas, e por seu quadro social. De acordo com o estatuto do clube, existem dez categorias de sócios. As mais importantes são atletas, sócios contribuintes e formas honorárias de ser sócio. Todos, desde que não tenham vínculo empregatício com o clube, podem votar na eleição dos órgãos administrativos do clube, que são compostos por um presidente e vários conselhos.

O Flamengo sustenta um time profissional de futebol que é o motivo principal pelo qual meus interlocutores se referem a ele. Este time existe desde 1911, enquanto o clube já havia sido fundado em 1895. O Flamengo ganhou no decorrer da sua história os campeonatos mais importantes de sua categoria como o Carioca, o Brasileiro, a Copa Libertadores e Mundial Interclubes. O Flamengo, apesar de ser um clube de diversas modalidades esportivas, é famoso pelo seu time de futebol.

⁵¹ www.flamengo.com.br/site/downloads/estatuto.pdf

Além desta forma administrativa do Flamengo, existe uma grande massa de pessoas que se entendem como parte do Flamengo sem se vincular oficialmente como atleta ou sócio ao clube. Como no caso do Botafogo também este vínculo é comumente entendido como afetivo. Esta massa é chamada de torcida do Flamengo e seus membros são os torcedores do Flamengo. Segundo as pesquisas citadas neste trabalho a torcida do Flamengo é a maior entre as torcidas de futebol no Brasil.

A princípio há ainda dois outros grandes clubes de futebol no Rio de Janeiro - Fluminense e Vasco da Gama -, além dos demais times, contra quais o Botafogo joga nos campeonatos Carioca, Brasileiro, Copa do Brasil e eventualmente em competições internacionais. A lógica é sempre a mesma, para ganhar o campeonato é necessário derrotar todos eles. Teoricamente todos são rivais na luta pelos títulos, mas o Flamengo se cristalizou como o grande rival, sempre presente nas falas dos meus interlocutores.

Vejo três motivos para esta escolha: 1. O Flamengo é um clube da mesma cidade, 2. O Flamengo tem a maior torcida no Brasil e 3. O Flamengo é o clube com o maior sucesso em número de títulos entre os clubes cariocas. O fato de o Flamengo ser um clube carioca implica que no meio social dos botafoguenses, também existam flamenguistas, ou seja, é necessário lidar com eles no dia-a-dia. Esse aspecto é percebido como algo desagradável:

Cara ódio, odeio, odeio, não suporto Flamengo. Tenho nojo, prefiro que me xingue até de um palavrão de baixo calão, do que me chamar de Flamenguista. Que nem um vizinho aqui ele passa "Fala Flamenguista". Fico com raiva, minha vontade é avançar no pescoço dele (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Único jogo que tenho medo de não ganhar é contra o Flamengo. Porque eu sei que a torcida vai comparecer em peso e a do Botafogo não vai aparecer em peso, certamente. Porque tem medo, associa a torcida do Flamengo à violência. Talvez por ser uma torcida muito maior, muito maior a possibilidade de ter pessoas na torcida do Flamengo que vão provocar algum tipo de violência e além da rivalidade ser grande também. Então certamente jogos contra o Flamengo têm mais risco de ocorrer incidentes de violência em torno do estádio. Pelo menos contra Botafogo do que contra os outros times. Então a torcida do Flamengo é essa. Que eu vejo como a mais prepotente (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

Como os Flamenguistas são numerosos, a chance de haver um comentário deles é bastante grande. Além disso, o tamanho da torcida e o número dos títulos faz do Flamengo o líder de mercado, ou seja, o parâmetro a partir do qual os outros times precisam se medir. É mais interessante se comparar com o principal time do que com os outros. Os títulos do Flamengo são um alvo comum dos Botafoguenses:

O que mais me irrita na torcida do Flamengo é a falta de humildade. Flamenguista não sabe perder. Flamengo só sabe ganhar. Talvez por ter ganho muito, ganhou muito se acostumou a ganhar. Beleza, mas esqueceu que no futebol você também precisa saber perder. Flamenguista não sabe perder. Tô para conhecer o primeiro ainda. Não conheço um Flamenguista que sabe perder (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

Não apenas o Botafogo, mas também o Flamengo está sendo percebido nessas falas como uma unidade homogênea: “E Flamenguista é sempre assim, ele não sabe brincar, não sabe perder” (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador). Não é percebida uma diferença entre atletas, administração e as diversas classes de sócios e torcedores do clube. Todos teriam as mesmas características, traços sociais e morais.

Tem os estereótipos consagrados: torcedor do Flamengo é burro, é favelado, é preto, é pobre, é qualquer coisa que o torcedor adversário acha que vai ofender a torcida do Flamengo, a torcida do Flamengo é. Isso no Botafogo é muito presente, na torcida do Botafogo. Acredito que na do Fluminense também seja. Tem os amigos tricolores que freqüentam estádios dizem. Mas eu vejo também em fórum na internet e no próprio estádio eu vejo manifestações deste tipo em relação à torcida do Flamengo contra e em relação ao Flamengo bem maior. Talvez porque a rivalidade seja grande porque a torcida do Flamengo seja a maior (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

E a do Flamengo pouco nas classes mais altas, e conforme vai descendo escolaridade e grau de instrução e renda a torcida do Flamengo vai aumentando. Então normalmente, porra, não vou dizer o cara não pode ter um carro e ser flamenguista, claro que pode ter um carro, mas não é a característica, se for traçar o perfil do torcedor do Flamengo. Normalmente é de 2 a 5 salários mínimos com nível de escolaridade primeiro grau completo ou incompleto e onde você vai ter percentualmente mais analfabetos. Se você fizer pesquisa na cadeia lá onde o nível é de C, D, E, você vai ter a torcida do Flamengo percentualmente, em números absolutos e percentualmente a torcida do Flamengo vai ser a maior torcida. Se você pegar, qual é a maior universidade do Rio, a PUC, né, universidade particular então. Você vai ver que percentualmente. Você não vai ter o mesmo número de Flamenguista que você vai ver na favela. Isso não tem como, isso é a característica durante anos ela foi moldada dessa forma. Botafogo, Fluminense, mais Botafogo ainda, você tem mais equilíbrio, você tem uma torcida escolarizada, politizada, um bom nível de instrução, nível de renda, mas você tem também em classes mais baixas em favela, ela tá mais homogênea (Torcedor botafoguense João, Tijuca).

Eu vejo a torcida do Flamengo como uma torcida que é uma torcida mais violenta, uma torcida de palavrão. Ela faz aquele espetáculo todo no estádio, mas ao mesmo tempo consegue estragar o espetáculo com uma briga, com tiroteio, com assalto. Meus amigos contam histórias. Toda vez a torcida do Flamengo sempre como uma torcida mais baderneira, uma coisa de desordem (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo).

Eu já vi muita confusão nos jogos do Flamengo. Então é uma torcida extremamente agressiva. Sempre tem confusão. Nunca fui a um jogo do Flamengo que não tivesse confusão. Tem confusão com a torcida adversária,

entre eles muita briga também. Entre eles mesmos há briga (Torcedora botafoguense Tatiane, Tijuca).

Enquanto a primeira fala ainda mostra a consciência de que se trata de estereótipos, as outras ligam o Flamengo às classes sociais mais baixas e práticas violentas, sem relativizar. A maioria das falas entende a ligação do torcedor com o time como uma relação emocional. Os Flamenguistas por serem violentos não teriam estas emoções que define um torcedor. A matemática, como ciência racional, também não combina com o ser emocional do torcedor. O Flamenguista não teria o conteúdo de um verdadeiro torcedor. Ele vai aos jogos, porque todo mundo vai. Por isso, existe a acusação da “Maria vai com as outras”. Enfim, na opinião dos Botafoguenses, os Flamenguistas não teriam entendido, o que significa ser um torcedor. Aliás, a última fala nega até a humanidade dos Flamenguistas. Dessa forma, as opiniões são bastante estereotipadas e até discriminatórias. O Flamengo é percebido como a expressão máxima do mal e, portanto, o oposto do Botafogo.

Os Botafoguenses criam um discurso para justificar que o Botafogo é algo bem distinto:

Eu acho que a calma, o amor, eu acho que Botafoguense ama, quem é Botafoguense mesmo, ele ama o Botafogo. Eu destaco isso. Porque olha eu não vejo amor com relação aos Flamenguistas pelo Flamengo. Porque o que eu vejo é ah é o time que mais ganha, um time que você vê sempre passa a mão por cima da cabeça dele. Eu vejo também o amor dos Fluminenses, dos tricolores pelo Fluminense. Só que eu destaco mais no Botafogo (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Amor pelo clube é uma categoria central no discurso dos Botafoguenses e é exatamente esta emoção que faltaria ao Flamengo. Outros destacam a história que daria conteúdo ao Botafogo, para ser algo diferente. O discurso é bem mistificador: “Não dá para explicar”:

Quando eu ia ao exterior, essa coisa toda, só se ouvia falar em dois clubes no Brasil: era o Santos e o Botafogo. O Santos que era o Pelé e o Botafogo que era o Garrincha. Então, ele é um time, assim, diferente, né. Quer dizer, é como você chegar na praia e pedir um picolé Itália ou então você pedir um Häagen-Dazs, né? Eu comparo o Itália à torcida do Flamengo, é uma commodity, é uma coisa comum, não tem nada atrativo, enfim, já o Häagen-Dazs é uma coisa já personalizada. As pessoas que torcem pelo Botafogo elas têm história, né? Têm motivo, têm conteúdo. Não que eu seja contra Flamenguista, essa coisa toda, mas o Botafogo me traz, assim, muita lembrança, história, né. Você nota que há uma construção da marca, uma construção do nome. Tudo simbólico, né. Existe toda uma coisa até cognitiva mesmo, né, no Botafoguense. Ele é diferente. (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

Alem de ser diferente e sentir mais emoção, o Botafoguense teria também traços de personalidade típicos. Ele seria um pessimista e sofredor:

O Botafoguense é o pessimista. Botafoguense é pessimista. Botafoguense não olha pro time e não vê aquele time sendo campeão de nada. Botafogo não acredita no time. [...] Botafoguense é realmente um sofredor. É muito saudosista porque a época boa do Botafogo é uma época passada. Então, fala muito do passado: Garrincha, Nilton Santos. O Botafogo é hoje em dia graças ao passado que teve, né. A um passado assim bem distante mesmo, ainda mais pra mim, que eu não vi nada disso. Então, o Botafogo é uma torcida saudosista. É impressionante como o Botafoguense, por conta dessa coisa de seus grandes ídolos, serem ídolos de tempos bem antigos, 1960, 50, todo Botafoguense se dá o luxo de estudar um pouco a história do Botafogo. [...] Eu acho que o Botafoguense de todos os torcedores acaba sendo o mais apaixonado. Por que como é que uma pessoa que é tão pessimista, ainda assim acaba acreditando, acaba indo, acaba pagando pra ver? Por isso eu acho que o Botafoguense é o mais apaixonado. É o mais pessimista, é o que menos acredita em títulos, não acredita em nada, entra naquela assim “vamos tentar”, “vamos ver se conseguimos alguma coisa”, “vamos arriscar” e não deixa de ir. Eu sou uma prova disso. Eu não acredito. Eu comecei o campeonato carioca falando “esse time não vai ganhar nada”, “esse time não vai chegar a lugar nenhum”, “a gente não vai nem pra semifinal do carioca”, fui a todos os jogos. [...] Já o Flamenguista não é assim. O Flamenguista é a maior torcida do Brasil, quiçá do mundo, então eles tem um público maior, um público médio maior, mas o Flamenguista só vai ao estádio mesmo quando o time embala. [...] Então, o Flamenguista tem essa coisa da festa. Ele só vai quando o time tá bom. Botafoguense não. Se você for ao Engenhão todo o domingo, todo o santo domingo que você for ao Engenhão, você decora os rostos, são as mesmas pessoas que estão lá. [...] Botafoguense é fiel. É fiel. Apanha da mulher, mas continua indo lá, vai lá visita. Botafoguense apanha da mulher e vai lá. [...] Botafogo é a mulher do botafoguense. Botafogo bate no cara e o cara volta. No dia seguinte tá lá, “Vamo lá, eu te amo” (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo).

O informante acredita que o torcedor do time Botafogo assume certas características, que seriam típicos deste clube: apaixonado, saudosista, pessimista, sofredor e até mesmo masoquista. Isso nos faz lembrar uma constatação de Mauss:

Aqui, o próprio indivíduo perde sua personalidade. Entre ele e sua alma exterior, entre ele e seu totem, a indistinção é completa. Sua personalidade e a de seu *fellow-animal* constituem uma coisa só. A identificação é tal que o homem assume os caracteres da coisa ou do animal de que é assim aproximado. Por exemplo, em Mabuiag, as pessoas do clã do crocodilo passam por ter o temperamento do crocodilo: são ferozes, cruéis, sempre prontas para a batalha (1981, p.401).

Nas falas dos meus interlocutores, o Botafoguense individual perdeu sua personalidade e assumiu os caracteres do seu totem, que é o Botafogo. O clube é, portanto, muito mais do que um time de futebol, mas se assemelha a um clã, uma tribo ou alguma outra comunidade social. Isso é impressionante porque nas sociedades que Mauss (1981) descreve não há a opção de escolha, cada indivíduo tinha que pertencer a

um grupo totêmico, o que é diferente em relação aos times de futebol: pelo menos teoricamente é inclusive possível escolher não torcer por nenhum time.

Damo (2007, p.51) chama este totemismo moderno de clubismo, que é intrinsecamente ligado a um tipo específico do esporte futebol, a que ele (Ibid, p.42- 45) denomina de matriz espetacularizada em distinção às matrizes bricolada, comunitária e escolar. A matriz espetacularizada se caracteriza através de três particularidades: a sua organização monopolista, globalizada e centralista pela associação internacional de futebol, FIFA, com sede na Suíça, a divisão de trabalho e a sua excelência performática exigida dos atletas. Em outras palavras: o futebol espetáculo é como uma empresa multinacional, que precisa gerar dinheiro. Para facilitar esse negócio, padroniza-se, divide-se o trabalho e exige-se alto desempenho.

Isso significa que os dois clubes dos quais estamos falando, Botafogo e Flamengo, estão não apenas numa competição pelos títulos esportivos, mas também e, principalmente, numa competição econômica. Títulos, jogadores e imagens vinculados ao clube valem dinheiro. Os consumidores destes produtos dos clubes são os torcedores. Quanto maior for o número de torcedores de um clube, mais produtos podem ser vendidos, ganhando-se mais dinheiro que pode ser reinvestido em jogadores ou na infraestrutura do clube, melhorando o desempenho do time, ganhando mais títulos, o que pode resultar em mais torcedores.

Portanto, os clubes têm todo interesse em manter o maior número de torcedores e preservá-los fiéis. Apenas o sucesso esportivo não consegue criar este vínculo entre clube e torcedor, como mostram tanto os clubes com sucesso e sem torcida, quanto os clubes sem sucesso e com torcidas grandes. O segredo é conseguir criar uma comunidade parecida com uma tribo ou uma nação, que satisfaz a necessidade de emoção ou conteúdo do pertencimento clubístico nos torcedores. Esse paralelo entre nacionalismo e clubismo levou Damo (2007, p.38) a criar um quadro no qual compara as duas formas de associação:

Tabela 25: Nacionalismo e clubismo.

ESTADO-NAÇÃO	CLUBE-TORCIDA
Entidades supranacionais — ONU, Otan, G8.. .	Associações de clubes e federações — FIFA, Conmebol, Clube dos Treze. . .
Território geográfico bem demarcado	Território imaginado — os colorados concentram-se, basicamente, no Rio Grande do Sul e nos demais estados onde há imigrantes sul-rio-grandenses, como no oeste catarinense e paranaense e nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul
Capital, centro-administrativo, local onde se concentra imaginariamente o poder	Estádio Beira-Rio — a “casa do Inter”, território de domínio colorado, onde a torcida exige que o time se imponha, vença, faça-se respeitar, etc.
Monopólio do uso legítimo da violência	Isto é, como se sabe, um privilégio que o Estado só delega em circunstâncias especiais. Embora os clubes contratem seguranças para proteger seus atletas e seu patrimônio, as forças repressivas do Estado são constantemente demandadas
Chefe de Estado	Presidente do clube
Parlamento e partidos políticos	Conselho deliberativo e facções internas — InterAção, Inter 2000, Inter Grande, entre outros
Representatividade junto a outros Estados como consulado e embaixada	Tanto o Grêmio quanto o Inter possuem extensa rede de representantes espalhados pelo interior do estado, pelo Brasil e mesmo fora dele, denominados de “cônsules”
Cidadãos (indivíduos de direito)	Torcedores, sócios
Nacionalismo (brasilidade, italianidade. . .); mitos e ritos	Clubismo — coloradismo, seus ritos e mitos
Língua oficial como código de comunicação	Cores (código visual), cânticos e xingamentos (códigos acústicos)

Fonte: Damo, 2007, p.38. Com exemplos em relação aos clubes do Rio Grande do Sul.

Os clubes de futebol estão sendo comparados, metaforicamente, neste quadro, com nações. Seguindo a idéia de Anderson (2008) de comunidades imaginadas, porque seus integrantes se sentem parte dessas comunidades mesmo que nunca possam vir a conhecer todos seus integrantes. Portanto, este sentimento de pertencimento é socialmente construído, igual ao clubismo. Da mesma maneira como não era possível no Mabuiag, de Mauss (1981), não pertencer a nenhuma tribo ou clã, não é possível no mundo contemporâneo não pertencer a nenhuma nação. Damo (2007, p.56) deduz disso: “Não existe, no caso do clubismo, a possibilidade de “não ser de ninguém”.

Isso não é bem a verdade. Enquanto a não aceitação das instituições e regras de nenhum Estado leva a consequências destruidoras para o indivíduo, porque seria excluído da sociedade humana, no mundo atual, é sim possível não torcer para nenhum clube. Isso certamente provocaria, no Brasil e outros países, sanções no dia-a-dia, mas não levaria a consequências que ameaçassem a sobrevivência.⁵²

Os clubes de futebol da matriz espetacularizada são muito mais empresas do que nações que conseguem vender “pertencimento” a uma comunidade. Para tanto, é necessária a criação de uma identidade e um marketing que venda esta identidade. O clube precisa de símbolos. O Botafogo investe claramente nisso: tem o escudo do clube, camisa, hino e bandeiras, todos à venda nas lojas oficiais do clube. Nesta estratégia o arrendamento do estádio foi certamente um passo de alta importância, criando o lar da comunidade botafoguense.

O clube toma claramente medidas para tornar o Engenhão botafoguense: colocou as cores e escudos do clube em vários lugares do estádio e ergueu três estátuas, na entrada oeste, de três dos principais jogadores do clube: Garrincha, Nilton Santos e Jairzinho. Estes seriam também símbolos da seleção brasileira se não estivessem vestidos com camisas do Botafogo. Anderson (2008, p.246-255) cita o museu como ferramenta poderosa na invenção de comunidades imaginadas. O Botafogo mantém um museu na sua sede, no bairro de Botafogo, e, no Engenhão, uma área com várias fotos com referência à história do clube.

⁵² Posso fazer neste caso uma autoantropologia: eu como alemão posso viver no Brasil sem assumir nenhum clube. Isso leva a sanções como brincadeiras em conversas, mas será aceito. Ao contrário disso, não posso recusar todas as nacionalidades, preciso assumir alguma, no meu caso ou a alemã ou a brasileira. Isto implica ter o passaporte e em seguida assumir certos direitos e deveres. Uma pessoa sem passaporte nenhum estaria sem o direito de ficar em nenhum país e portanto fora de qualquer lei, se tornando alvo de qualquer maltrato.



Foto 43: Estátua do jogador Nilton Santos em frente ao Engenhão.

Nesta história, o Botafogo ganhou menos títulos do que seus rivais locais cariocas Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama, por isso, a identidade do Botafogo se concentra muito nos jogadores famosos e na superstição. O Botafogo seria diferente por causa dos seus jogadores excepcionais e os seus adeptos supersticiosos. Elementos misticadores que dificilmente são comprováveis e, exatamente por isso, tão próprios para a discutibilidade do futebol.

Mattos (1997, p.101-117) descreve que o Botafogo foi fundado por filhos, ainda adolescentes, da elite carioca e, por isso, o clube e a sua torcida teriam características de uma elite irresponsável:

Duas características marcariam esta elite irresponsável: a cultura da oposição e a crença no acaso. [...] Porém, se há algo que salta aos olhos em relação ao que seria a vocação para o sofrimento dos botafoguenses é o mascaramento de sua paixão pela oposição, nem sempre justificável por argumentos político-ideológicos. [...] A elite irresponsável do Botafogo adquire, assim, seu lado bobó da corte, bufão, ao mesmo tempo parceira do poder e perturbadora da ordem, fruto de uma intelectualidade criada muito mais com o ponto de vista das ruas que o das instituições. [...] Para eles, existe um jogo praticado no gramado, onde o acaso pode ser mais ou menos determinante de um resultado e um outro jogo, fora do campo, onde o acaso decide o destino (Ibid, p.109-115).

Estamos aqui observando o processo da construção de uma identidade, mas podemos lembrar também do já citado artigo de Mauss no qual afirma que “Muito longe

de serem as relações lógicas das coisas que servem de base às relações sociais dos homens [...] na realidade são estas que serviram de protótipo àquela” (1981, p.451). Ou seja, podemos suspeitar de que tenha havido um grupo social na sociedade carioca que teve a demanda por um clube como o Botafogo. Esse grupo foi assim descrito como uma “elite irresponsável”.

A fundação do Botafogo Football Club por adolescentes é um dado que consta também no site do Botafogo.⁵³ Além disso, o clube cultiva símbolos que reforçam as características descritas por Mattos (1997): o manequinho, o cachorro Biriba e a camisa 7. O manequinho é uma cópia do Manneken Pis de Bruxelas, que é a estátua de um menino que está fazendo xixi em público, um ato de irresponsabilidade e oposição às regras oficiais.

O principal símbolo da superstição do Botafoguense é o cachorro Biriba. Este vira-lata invadiu o campo durante um jogo do Botafogo, em 1948, evento que teria levado o Botafogo a fazer um gol e à subsequente vitória do time alvinegro. O presidente do clube na época, Carlito Rocha, escolheu Biriba como mascote e o levou para todos os jogos. Muitas fotos deste cachorro aparecem no site do Botafogo. Foram criadas até mesmo as figuras de desenho animado Biriba e Biruta para crianças, que recebem uma seção particular no site e aparecem como bonecos gigantes nos jogos. Até hoje, o cachorro é o principal mascote do Botafogo, simbolizando a superstição e irresponsabilidade.

⁵³

www.botafogo.com.br/



Foto 44: O Mascote Biriba num jogo do Botafogo no Engenhão.

Finalmente, há a camisa 7 que pertenceu ao jogador Garrincha nos anos 1950 e 1960. Esse jogador se destacou por suas pernas tortas e, mesmo assim, ser capaz de movimentos improváveis como driblar ostensivamente os adversários, frequentemente provocando risos nos torcedores. Muitas vezes, ele simbolizou a irresponsabilidade dentro de campo e se tornou, ao lado de Nilton Santos, o jogador mais simbólico do Botafogo.

Com essa imagem de Garrincha combina também o fato de o Botafogo ter contratado para suas campanhas de sócio-torcedor humoristas famosos do Rio de Janeiro: Hélio de La Peña e Marcelo Adnet como garotos-propaganda. Este último participa do filme *Heleno* que trata sobre mais um jogador polêmico e irresponsável do Botafogo: Heleno de Freitas. Nessas iniciativas do clube Botafogo se trata de tradições inventadas no sentido de Hobsbawm & Ranger (1984).

Dessa forma, o Botafogo como clube e como torcida consegue atribuir a si mesmo um perfil claro e único, criando e recriando sua identidade e, portanto, a sua

comunidade imaginada.⁵⁴ Por isso, os Botafoguenses consideram a sua torcida homogênea, um processo que é importante para a manutenção da própria identidade. Esta unidade é importante porque há forças que ameaçam essa união. Essas forças têm duas direções: externas e internas.

As forças externas são as várias opções de afiliação que o ser humano tem. Não existem apenas clubes de futebol no Rio de Janeiro, mas também no Brasil inteiro, na América Latina e no resto do mundo. Sobretudo, os jogos de clubes europeus, considerados os melhores do mundo, estão sendo transmitidos em peso e são, portanto, acessíveis num mundo globalizado. Além disso, há a possibilidade de escolher não se interessar por futebol e aderir a algum outro tipo de lazer. Como já foi dito, um clube de futebol é no fundo uma empresa que opera no interior de um mercado de oferta e procura, por isso é constantemente ameaçado pelas outras ofertas, que certamente aumentaram por causa da globalização.

Giulianotti & Robertson (2009, p.133-147) analisam a influência da globalização sobre o futebol usando as concepções de transnacionalismo e da conectividade na formação de novas identidades de torcedores. Essas concepções são interessantes para analisar os dados aqui mostrados e perceber que esta internacionalização tem pouca influência nos meus informantes.

Certamente, eles têm acesso a mídias que fornecem informações sobre clubes de outras partes do mundo, especialmente Europa, assim como estão cientes da problemática do êxodo de jogadores brasileiros para esses clubes, o que enfraquece os times brasileiros. Entretanto, esse fato não tem como consequência alguma diminuição da sua ligação com o clube Botafogo e suas circunstâncias locais.⁵⁵ Os meus informantes praticamente não citam clubes brasileiros fora do Rio de Janeiro, sejam eles sul-americanos, europeus ou de outras partes do mundo. Apenas Fernando (Leblon) cita a sua estada no estádio do Real Madrid, exatamente como exemplo negativo, para argumentar que ele gosta mais de assistir jogos no Brasil. Os clubes mais citados são os rivais locais Fluminense, Vasco da Gama e, principalmente, o Flamengo.⁵⁶ Se a

⁵⁴ Neste momento é importante salientar que as fronteiras entre administradores do clube e torcedores são difíceis de definir. Qualquer torcedor pode se tornar um administrador e qualquer administrador deve ser um torcedor. Fiz entrevistas com torcedores que tiveram claramente a agenda de montar uma chapa para poder serem eleitos para a administração do clube.

⁵⁵ As pesquisas do IBOPE e do Datafolha apresentadas neste trabalho indicam que não houve uma diminuição nem da torcida do Botafogo, nem de nenhum outro time brasileiro da primeira divisão.

⁵⁶ Posso acrescentar mais um dado de uma autoantropologia: Sou torcedor do Bayern de Munique. Mas se eu quero participar de conversas informais no Rio de Janeiro, preciso assumir uma identidade local e me afiliar, pelo menos nesses momentos, a um time local. Bayern, apesar de ser um dos times mais

globalização tem uma influência sobre os informantes, trata-se, então, de um efeito de reforço da ligação local e não como derivado de uma transnacionalização.

A influência internacional mais sentida se refere às mudanças das normas de organização dos jogos através da construção do estádio Engenhão ou da aplicação de leis novas, como o Estatuto do Torcedor, que estão sendo percebidos como fruto da influência europeia. Há duas posições principais: recusa ou aceitação dessas mudanças.

Vamos discutir que o futebol brasileiro deveria ser como o futebol europeu. Que a Inglaterra é maravilhosa. Quando nego invade o campo e se mata na Inglaterra ninguém mostra. Quando jogam garrafas no jogador batendo escanteio ninguém mostra. Mas como a Inglaterra é maravilhosa, o modelo do futebol inglês é perfeito. Aqui os ingressos têm de ser mais caros mesmo, porque aí vai ter mais conforto para o torcedor, vai poder investir mais, vai gerar mais renda para o clube. [...] Muito discurso de quem organiza o Maracanã. Você vai ao Maracanã e tá lá: “Bem vindo ao Maracanã, torcedor de Copa do Mundo”. Não sou torcedor de Copa do Mundo nem quero ser torcedor de Copa do Mundo (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

Quero time bom para ser campeão, então jogar no Engenhão. Que pesa que a visão é pior, mas porra é um estádio de primeiro mundo que é teu e você, você tá com o estádio e daí você tem de saber fazer dinheiro com ele (Torcedor botafoguense João, Tijuca).

Mesmo que as duas posições sejam contraditórias, ambas reforçam um sentimento local. Um rejeita as mudanças estrangeiras por não serem brasileiras e que, portanto, não combinarem com a identidade local. A outra posição incluiu a influência estrangeira na identidade local e a sua transformação em algo local. O local sempre prevalece frente ao global, como mostra também a seguinte citação:

Eu não ligo muito para a Copa do Mundo não. Sabia. Me ligo só no jogo do Botafogo. Eu não ligo. Eu assisto sim. Ah, O Flamengo vai jogar com o Sport, ah, o Fluminense vai jogar com não sei quem, ah, com Coritiba. Aí assisto os jogos, porque vou torcer para o Flamengo perder. Outro vou torcer para o Fluminense perder também, para ser rebaixado. Aí eu assisto. Mas assim, o Brasil vai jogar hoje com a Argentina. Eu posso até assistir por causa da rivalidade Brasil – Argentina. Mas, ah, o Brasil vai jogar com a Alemanha. Não tô nem aí para eles. Se ganhar melhor. Mas se não ganhar, também... Mas com o Botafogo, ai ooooooooooh (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Alabarces (2002, p.186) percebe além das pressões exteriores, pressões interiores que levariam a uma tribalização (MAFFESOLI, 2006), ou seja, a uma segmentação das torcidas no seu interior.⁵⁷ Vimos anteriormente que há os subgrupos

famosos do mundo, não tem a menor importância na mesa de um bar no Rio de Janeiro. Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama não jogam contra Bayern e, por isso, não faz parte deste universo.

⁵⁷ Santos (2004) usa a concepção de tribalização para analisar as torcidas organizadas brasileiras.

dos torcedores-símbolo, as torcidas organizadas e as torcidas de alento, no caso do Botafogo, que poderiam ser um sinal desta tribalização. Mas a descrição histórica das maneiras de torcer no Rio de Janeiro mostrou também que, desde o surgimento do primeiro público de futebol, há grupos com as mais diversas concepções sobre o que significa torcer. A tribalização não parece ser novidade.

É mais fecundo recuperar a idéia de Bourdieu (1983, 1990) de um campo esportivo no qual existem disputas pelos capitais envolvidos. Os dados anteriormente descritos sugerem que este campo está estruturado entre os torcedores que dão prevalência à categoria nativa emoção e aqueles que dão prevalência à categoria nativa conforto.

Vale a pena realizar algumas reflexões teóricas sobre essa situação. Lembremos das concepções propostas por Goffman (2004, p.99-128), que analisa o comportamento humano a partir da metáfora do teatro com palco e plateia. Um estádio de futebol tem a especificidade de possuir, na verdade, dois palcos: o campo e as tribunas⁵⁸. Os torcedores criam seu próprio espetáculo de autoencenação transformando as tribunas num segundo palco. Suponhamos, então, que há pessoas que dão preferência ao palco tribuna, ou seja, o espetáculo das torcidas, e outros ao palco campo, ou seja, o espetáculo dos times.

Como já observado anteriormente, os torcedores que informam colocar a categoria nativa “emoção” no centro da sua experiência dos jogos, são pessoas que se conectam com o time através da comunidade torcedora que está nas tribunas, ou seja, são eles que preferem o palco à tribuna. Por outro lado, os torcedores que informam colocar a categoria nativa “conforto” no centro da sua experiência dos jogos, são pessoas que se conectam com a comunidade torcedora através do time que está no campo, ou seja, são eles que preferem o palco do campo.

Dessa forma, temos duas categorias de análise: o torcedor emocional e o torcedor confortável, que são tipos ideais que estruturam o campo dos torcedores e entre os quais há muitas combinações possíveis que podem ser chamadas, por exemplo, de torcedores flexíveis:

⁵⁸ Tribuna entendida como todo o espaço para espectadores, ou seja, incluindo não só a tribuna de honra, mas também as arquibancadas e as gerais.

Gráfico 9: Tipos ideais de torcedores.

Tipo ideal Emoção, comunidade, tribunas		Tipo ideal Conforto, time, campo
Torcedor emocional	Torcedor flexível	Torcedor confortável

Esses foram os torcedores entrevistados para a presente pesquisa e configuram, portanto, o recorte de análise. São torcedores presentes nos jogos do Botafogo, interessados no clube e no time do Botafogo, com suas emoções e necessidades, que consomem produtos vinculados a este campo conforme essas necessidades.

Essa categorização dos torcedores foi inspirada nas reflexões de Heitmeyer & Peter (1992), que diferenciaram três grupos de torcedores: cliente orientado para/pelo consumo (*konsumorientierter Kunde*), torcedor centrado em futebol (*fußballzentrierter Fan*) e torcedor orientado em eventos (*erlebnisorientierter Fan*), como descrito em Curi (2006b). O torcedor centrado em futebol seria o torcedor emocional, na presente classificação, um torcedor com fortes ligações com a comunidade do seu clube de futebol.

Na concepção de Heitmeyer & Peter (1992), essas ligações foram enfraquecidas por causa da crescente comercialização do futebol, criando o cliente orientado para/pelo consumo, um torcedor que quer conforto para ver o jogo e consumir. Esse tipo pode ser comparado com o nosso torcedor confortável, sendo que a classificação através do consumo parece complicada porque, na verdade, todos aqueles torcedores consomem. Eles compram ingressos, alimentos, souvenirs, etc e apenas as prioridades de consumo mudam, por isso é preferível classificar os torcedores seguindo as categorias que eles mesmos usam, de emoção e conforto, e não pela categoria consumo.

Finalmente, há o torcedor orientado em eventos, que segundo Heitmeyer & Peter (1992), teria surgido em consequência da comercialização, devido ao completo rompimento de laços tanto com a comunidade nas tribunas, quanto com o jogo no campo. Esses torcedores criariam um espetáculo ou um evento próprio que, muitas vezes, se manifesta em atos violentos, denominados de hooliganismo.

Essa reflexão chama a atenção para o fato de que há mais pessoas no estádio do que os torcedores entrevistados para a pesquisa. Há, de um lado, grupos bem visíveis que radicalizaram a idéia da emoção e do sentimento de pertencimento, ao criar suas

próprias comunidades que, no Brasil, são chamadas de Torcidas Organizadas e Ultras ou Fã-clubes em outras partes do mundo. Os torcedores emocionais declaram tanto sua proximidade quanto sua distinção com estes agrupamentos. Uma radicalização desta concepção de ser torcedor seriam as pessoas que querem apenas emoção e não se interessam mais pelo clube de futebol, ou seja, o torcedor orientado em eventos de Heitmeyer & Peter (1992).

Mas temos também do outro lado do nosso esquema, espectadores teoricamente sem vínculo nem com a comunidade de torcedores, nem com o jogo em campo. São estes representantes de empresas que querem fazer negócios e para isso alugaram os espaços mais confortáveis do estádio: os camarotes. Eles procuram apenas conforto para suas atividades e o jogo é praticamente um pequeno detalhe sem importância. Ao lado deles, há torcedores que também fazem uso dos camarotes, mas que se interessam pelo jogo. Estes radicalizaram a proposta de conforto no estádio. Dessa forma, temos a partir destas reflexões teóricas as seguintes categorias de torcedores no estádio, que se enquadram entre as categorias de emoção e conforto:

Gráfico 10: Categorias de torcedores.

Emoção			Conforto			
Torcedor orientado em eventos	Torcidas organizadas	Torcedor Emocional	Torcedor flexível	Torcedor confortável	Torcedor de camarote	Representantes de empresas

Neste contexto, Giulianotti (1999) criou também uma classificação interessante de torcedores. Os seus “supporters” seriam pessoas com ligações emocionais, pessoais e sociais de longa duração com o time e seu estádio, ou seja, o nosso torcedor emocional. A categoria dos “followers” corresponde ao nosso torcedor confortável, interessado no contexto histórico-cultural e nos jogadores do clube com o qual tem ligações identitárias.

Até esse ponto, as reflexões de Giulianotti (1999) correspondem às presentes, mas, além disso, o autor percebe um novo tipo de torcedor chamado de “flâneur”. Esse tipo seria um espectador que vai aos mais distintos eventos esportivos para consumir o espetáculo em geral, ou seja, tanto as tribunas, quanto o jogo. A ligação com o clube ou a torcida envolvida é muito fraca ou inexistente. Ele é um observador exterior como o pesquisador deste trabalho, portanto o “flâneur” está fora da classificação de torcedores

apresentada. Este torcedor poderia ser chamado também de turista. No Rio de Janeiro, podemos observar muitos grupos de turistas nos estádios de futebol.

Finalmente Giulianotti (1999) sugere a existência da categoria dos “fans”, que se identificam fortemente com seu clube, mas moram distanciados e, portanto, criam uma relação com o clube através de mídias como a televisão ou a internet. Dessa forma, Giulianotti (1999) chama a atenção para o fato de que não há apenas os torcedores que frequentam os estádios, mas muitos outros, que talvez nunca na vida pisarão nesses espaços. É possível consumir um jogo de futebol de muitas maneiras distintas: no estádio, na televisão, no rádio, através de jornais ou internet e em bares (neste último caso, veja: GASTALDO, 2006).

Portanto, o recorte desta pesquisa se refere aos três tipos ideais de torcedores no centro da classificação: os torcedores emocionais, flexíveis e confortáveis. Nem as formas radicais à direita ou à esquerda do esquema, nem os flâneurs, nem os torcedores que não frequentam estádio, fazem parte da pesquisa.

Vimos, portanto, que tanto os clubes de futebol quanto seus torcedores têm interesse em criar uma identidade homogênea da sua comunidade torcedora, negligenciando diferenças. Mas, no interior destas comunidades, há uma disputa simbólica pelos significados do torcer (TOLEDO, 1999). Esta disputa acontece num campo estruturado pelas categorias nativas “emoção” e “conforto”. Como é papel dos antropólogos analisarem categorias nativas, seguem as seguintes reflexões.

2.2.2 Emoção

Falar sobre a “paixão pelo futebol” é um lugar comum quando se trata desse esporte. Mas o que seria essa emoção chamada “paixão”? Parece que todo mundo sabe do que está falando quando comenta sobre emoções. Vamos analisar a produção antropológica sobre as emoções e questionar essa categoria.

Como obra pioneira sobre o assunto, podemos citar os trabalhos de Elias & Dunning (1992), que vêem o surgimento do esporte intimamente ligado a um desenvolvimento por eles denominado de processo civilizatório. Neste processo, as configurações de uma dada sociedade se alteram, de modo que seus membros se tornam capazes de exercer um autocontrole maior de suas pulsões emocionais. Os países chamados ocidentais teriam atingido o estágio mais alto deste processo. Seus membros deveriam estar aptos para um alto controle destas pulsões emocionais. Os fenômenos do

hooliganismo na Inglaterra contradizem essa tese e, por isso, mereceram uma análise mais atenta.

Uma das explicações que Elias & Dunning (SD, p.145-151) elaboram é a de que o esporte faria parte do lazer que, em oposição ao tempo de trabalho, é caracterizado por uma cessão temporária do controle de afetos, pela informalização de normas (ou até mesmo desafio das normas) e uma tensão agradável de emoções.⁵⁹ Essas características do lazer e, portanto, também do esporte, criam as condições ideais para incidentes violentos, podendo até mesmo incitá-los:

They all (as atividades de lazer) provide chances for experiencing a pleasurable stirring-up of emotions, an enjoyable excitement which can be experienced in public and shared with others and which can be enjoyed with social approval and in good conscience. In many cases, the arousal of pleasurable emotion in leisure activities is connected with specific types of enjoyable tension, with forms of pleasurable excitement which are specific to this sphere of life, though one would expect them at their socio-physiological and socio-psychological roots to be connected with other types of excitement. In fact, leisure excitement entails a risk of transforming itself into one or the other of these non-leisure types. The risk – going to the brink – is constitutive for many leisure activities. It often forms an integral part of the enjoyment (ELIAS & DUNNING, SD, p.150).

Portanto, o futebol - um esporte e uma atividade de lazer - pode ser visto num campo de tensão entre emoção, considerada socialmente desejada e agradável, e violência, considerada um problema social e, portanto, um comportamento desviante. Neste sentido, o título do trabalho sobre torcidas organizadas de Teixeira (2003) *Os perigos da paixão* chama a atenção, porque a autora coloca emoções como a paixão no centro das suas observações e ao lado da violência.

A autora começa sua pesquisa com a descoberta de uma contradição. Enquanto as torcidas organizadas são acusadas de terem a violência como elemento constitutivo, os seus membros percebem a paixão incondicional pelo time, ou seja, uma emoção, como elemento fundamental da sua organização. Em consequência disso, os torcedores acusam outros grupos presentes no espetáculo futebol, como dirigentes de clubes e jogadores, de falta de paixão pelo clube. Observamos alguns exemplos.

Acusação da imprensa contra as torcidas organizadas:

Os vândalos matam-se à sombra do futebol. Eles se enfeitam de torcedor, mas torcedor mesmo nenhum deles é. O sentimento que move o amante do futebol é a paixão – paixão com lágrima, mas sem sangue. A minoria que se organiza em falange, ao contrário, nutre-se de um instinto maligno que nada tem a ver com o esporte (JB, 22/10/94) (TEIXEIRA, 2003, p.109).

⁵⁹ Outras explicações seriam, por exemplo: pobreza, desemprego, educação violenta, falta de autocontrole emocional devido a um certo habitus de classe (ELIAS & DUNNING, 1992, p.129).

Acusações dos membros de torcidas organizadas contra dirigentes e jogadores:

Eu culpo os dirigentes por isso, porque eles cagam e andam... eles não têm muito amor pelo próprio clube, eles pensam muito com a... às vezes, de certo modo, pode ser que esteja certo ou não, eles pensam muito com a imagem deles, as palavras certas a serem ditas, o dinheiro certo a ser colocado. Antigamente não, a administração... era amor mesmo, né? (Ibid, 64)

Nego não tem amor nenhum, não tem nada ali que segure o cara. Não é dinheiro, o cara está ali até por qualquer outro motivo, menos amor e às vezes até menos dinheiro. O cara só está ali por nada, o cara é um nada. A gente está ali se matando, para o cara chegar e dar declarações absurdas, falar monte de besteiras do time que a gente ama, que a gente gosta. Dói, qualquer torcedor comum também se dói com isso e a gente também porque a gente é louco, né? A gente não quer nem saber de porcaria nenhuma, nós vamos para lá de qualquer jeito (Ibid, p.70).

Percebemos a importância central do discurso sobre emoções como paixão e amor nessas falas. Cada informante proclama, para si, ser o verdadeiro torcedor e ter, portanto, o direito de definir o que é certo ou errado a respeito do clube e do espetáculo futebol. O discurso sobre emoção está sendo usado nesta disputa pelo poder de definição. Os conceitos aqui usados para descrever a situação são noções conhecidas na teoria antropológica, especialmente na antropologia das emoções. Sendo assim, observaremos em seguida estes conceitos e o seu poder explicativo.

Para a análise antropológica se mostrou bastante útil o enfoque contextualista de Lutz (1988) e Lutz & Abu-Lughod (1990). Seguindo estas autoras:

[...] os conceitos de emoção devem ser vistos como elementos de práticas ideológicas locais, que envolvem negociações sobre o significado dos eventos, sobre direitos e moralidade, sobre o controle dos recursos, enfim, todas as esferas da vida social (1988; 5). Nessa proposta, as emoções são tomadas como idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e as outras (Lutz e White 1986).

Mais recentemente, essa abordagem ganha uma dimensão contextual mais acentuada, buscando ir além das relativizações para analisar as emoções de um ponto de vista pragmático, nas situações sociais específicas em que elas são expressas (Lutz e Abu-Lughod 1990). Nessa estratégia de análise, o foco no discurso é central. Definido, nos termos dados por Foucault, como práticas que constituem os objetos sobre os quais elas discorrem, o discurso cria experiência ao mesmo tempo que é produzido em contextos específicos de relações de poder (Lutz e Abu-Lughod 1990). Desse modo, mais do que tratar um discurso emotivo como meio de expressão dos sentimentos (que, segundo uma visão ocidental moderna, estariam situados “dentro” da pessoa), ele deve ser analisado enquanto um conjunto de atos pragmáticos e *performances* comunicativas, tanto sobre emoções como sobre aspectos tão variados como relações de gênero e de classe. (REZENDE, 2002, p.74-75)

Ou seja, o discurso sobre a emoção está sendo entendido como uma maneira de ganhar vantagens dentro de um certo campo de disputa, denominado de contexto ou prática ideológica. Bourdieu & Wacquant (1996) entendem que um campo está definido

pelas disputas por certos capitais, por exemplo, o capital econômico – o poder financeiro, o capital social – relações sociais, o capital cultural – títulos - e o capital simbólico – poder de definição. Estes capitais, seguindo Bourdieu (1983), podem ser acumulados e convertidos um no outro e os integrantes de um certo campo fazem isso para se colocar em posições vantajosas.

Seguindo essa argumentação, podemos suspeitar que exista também um capital emocional. Um capital certamente menos poderoso do que os outros, mas existente e não completamente fraco. Se atentarmos para as falas anteriormente citadas por Teixeira (2003), perceberemos que os informantes tentam converter seu capital emocional no capital simbólico de poder definir a situação. Damo (2007, p.58) entende o pertencimento clubístico como capital afetivo, que pode ser convertido em capital econômico. Está em jogo o poder de definir quem tem a verdadeira paixão no futebol, quem é o verdadeiro torcedor e quem tem, portanto, o direito de estar no estádio e de pronunciar uma opinião hegemônica.

A ideia de um capital afetivo ou emocional é muito sedutora, mas precisa ser repensada a partir da reflexão acima. Não é que os torcedores tentem converter seu capital emocional em capital simbólico. O que ocorre é que os torcedores tentam aumentar seu capital simbólico para desse modo conseguir definir a situação em que a emoção seja uma parte fundamental do futebol. Segundo esses torcedores, somente eles saberiam o que é emoção. Portanto, o que está em disputa é o capital simbólico capaz de definir o que significa emoção e conseqüentemente o que significa “torcer”. Nesse sentido, o capital emocional não existiria, porque não pode ser acumulado nem trocado por outros capitais.

Levando esta ideia adiante, podemos supor que aquele grupo que consegue impor sobre os outros grupos seu discurso a respeito das emoções, consegue uma posição hegemônica na disputa dentro do campo futebol, podendo, assim definir quem são os “verdadeiros” torcedores de um dado clube.

Dessa forma o discurso sobre emoções é bastante pragmático. Para a análise:

é fundamental para a compreensão do discurso considerar o contexto em que é acionado – por quem, para quem, quando, com que propósitos. O discurso emotivo seria, portanto, “uma forma de ação social que cria efeitos no mundo, efeitos estes que são interpretados de um modo culturalmente informado pelo público dessa fala emotiva” (Lutz e Abu-Lughod 1990, 12, [...]). (apud REZENDE, 2002, p.75)

Nesse sentido, o discurso sobre emoção está sendo acionado pelos torcedores na disputa pelo poder de definição da realidade no campo futebol. Teixeira (2003) menciona alguns outros grupos no campo futebol para os quais os membros das torcidas organizadas endereçam seus discursos: outros torcedores do mesmo clube, torcedores e especialmente torcidas organizadas de outros clubes, jogadores, dirigentes, jornalistas, árbitros e policiais.

No presente trabalho, foi criada uma dicotomia entre os torcedores emocionais e os torcedores confortáveis. Os primeiros diferem profundamente dos segundos porque colocam emoções como amor, paixão ou sentimento no centro do seu discurso para explicar porque gostam de futebol, do seu clube, neste caso o Botafogo, e do seu lugar no estádio. Para eles, assistir um jogo é, antes de tudo, uma experiência emocional.

Mas estar lá não tem comparação. Então não adianta falar pra mim que você vai em casa sentado no sofá que é muito mais confortável do que de repente você estar debaixo do sol, debaixo de chuva, porque estar lá você sente a vibração lá. Você vê aquilo ali diante dos seus olhos, não tem, não tem comparação. Então a primeira vez que eu tive essa sensação de estar lá de ver a torcida gritando com o time eu sabia que daí não ia sair mais, que ali ia continuar (Torcedora botafoguense Tatiane, Tijuca).

A torcedora resume bem as duas posições: os que buscam a emoção e os que buscam o conforto, que ela rejeita. Ela percebe uma diferença qualitativa. Experimentar a sensação de estar no estádio com a torcida é algo único e viciante. Não é possível desistir, é preciso continuar. Portanto, parte fundamental desta emoção é a presença no estádio e os outros torcedores do mesmo time:

Geralmente eu fico na torcida organizada. Por que? Porque eu gosto da torcida organizada. Acho que estar ali, acho que é o calor humano. As músicas da torcida. Acho que é mais animado. É um lugar onde comecei a ir. Porque as pessoas que eu comecei a ir ficavam na torcida. Então você acaba tomando gosto por onde as pessoas ficam (Torcedora botafoguense Tatiane, Tijuca).

Porque o que eu gosto da arquibancada é que você fica na sua torcida e é mais animada. Animação do jogo é você ver seu time ganhar e você ficar nas torcidas porque são mais animadas (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Para esse tipo de torcedor, calor humano, amigos, música e animação são concepções centrais da emoção de se assistir a um jogo de futebol. Escutando tais descrições, percebemos que o meio social, a comunidade da própria torcida, é mais importante do que os acontecimentos em campo. A ligação com o time acontece através da comunidade.

É necessário criar laços com esta comunidade e para isso mostrar as emoções. Mauss (1921) já descreveu esta obrigatoriedade de mostrar emoções no caso dos ritos funerários na Austrália. Mostrar emoções é uma forma de comunicação. Os presentes estão dizendo: eu faço parte desta comunidade. Esta observação traz a lembrança das reflexões de Turner sobre rituais e da importância das emoções:

Se o pesquisador está familiarizado com o idioma comum no qual uma sociedade expressa emoções tais como amizade, amor, ódio, alegria, tristeza, contentamento e medo, não pode deixar de observar que estas são vivenciadas em situações rituais. [...] é difícil, para o observador, duvidar de que tais emoções são realmente suscitadas nos atores, além de serem formalmente representadas no costume ritual (2005, p.70-71)

Essas emoções teriam o papel de constituir uma comunidade de laços emocionais, ou seja, uma “comunitas” (TURNER, 1974).⁶⁰ O uso do corpo é fundamental para expressar as emoções: os torcedores cantam, dançam e riem.⁶¹ Por isso considera-se constrangedor quando faltam essas expressões da emoção:

Acho uma coisa que eu não gosto na torcida geral do Botafogo, eu acho muito desanimada. Se Botafogo tá bem todo mundo canta, todo mundo aplaude, todo mundo grita. Mas na hora que tem de gritar mesmo, que tem de levantar, não levanta (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

O comportamento descrito é interpretado como deficitário. Dessa forma, meus informantes classificam a massa torcedora entre pessoas que demonstram as emoções, conforme as suas concepções de emoção, e outros que demonstram menos as emoções. Os pontos de referência nesta estrutura são as torcidas organizadas e as cadeiras VIPs, o chamado setor VISA:

Gosto ficar entre as organizadas porque a galera faz mais festa, canta mais, participa mais do jogo, grita, xinga. Só fui uma vez de cadeira. Para nunca mais. Tudo mundo atrás ou a policia manda sentar e ai senta. É um saco (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

Não quero cadeira numerada,
Vou ficar na arquibancada
Prá sentir mais emoção.

⁶⁰ Esta seria uma típica questão para futuras análises tendo como base as ideias de Roberto DaMatta (1997) no sentido de que esse autor percebe o futebol, assim como o carnaval, enquanto rituais nacionais que contam uma história sobre aqueles que performam o ritual. DaMatta (1997) interpreta o futebol e o carnaval como espaços informais, cósmicos e principalmente igualitários. Seus atores seriam indivíduos. Ao contrário disso, o Dia da Pátria seria o ritual nacional que representa a formalidade e a hierarquia dramatizado por pessoas. Esta visão levanta certas questões na presente análise: será que os torcedores realmente são indivíduos igualitários ou não seria o caso de desconfiarmos que as emoções do ritual fazem deles pessoas hierárquicas? Além disso é altamente questionável se um estádio seja um lugar igualitário, segundo DaMatta (1997). Sinto que esta seria uma discussão que deveria ser feita numa outra ocasião e não nesta tese, incluindo a literatura sobre individualismo de Dumont (1993).

⁶¹ Esta ritualização das emoções e sua apresentação na televisão foi observada e analisada através dos instrumentos teóricos de Bateson (1965) por Machado (2005).

(Letra da música: Domingo, eu vou ao Maracanã, Composição: Neginho da Beija Flor)

As torcidas organizadas são percebidas como responsáveis pela emoção do futebol. Elas assumem uma função-chave: organizam a produção da expressão emocional e conseguem definir o que é emoção. Vimos num capítulo anterior, sobre as transformações históricas na forma de torcer, que a definição de emoção mudou e, muitas vezes, foi objeto de disputas. Em certas épocas, o apoio incondicional e em outras o direito do protesto foram ou continuam sendo entendidos como o verdadeiro comportamento do torcedor:

Eles se acharam muito mais torcedores do que todos os outros torcedores. Mais torcedores do que os torcedores das torcidas organizadas porque dizem que as torcidas organizadas torcem para a própria organizada e não para o time. E mais torcedores do que os torcedores comuns, digamos assim o povão, porque o povão não vai a todos os jogos. [...] E eles falam isso também, que a torcida não vai, quando vai ficar sentado para assistir o jogo, que para ficar sentado é melhor ficar em casa assistir na televisão, que quando você está no estádio é para você gritar o tempo todo. Tem algumas pessoas na torcida que estão encarregados de ficar de costas para o campo virado para a torcida [...] e eles dão esporro nas pessoas. Que não tão cantando. Puxa, tem de cantar. Tem aquelas bandeirinhas, tem de ficar bandeirando o tempo todo, igual da Argentina. Aí chega uma hora que enche o saco. Pô, tu quer ver o jogo, tem um momento tenso do jogo (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

O informante se refere à Loucos pelo Botafogo, a torcida de alento do Botafogo, que quer criar um novo estilo de torcer e impor este estilo como o verdadeiro. O incentivo incondicional é o valor central desta definição, dessa forma, eles querem se distanciar das torcidas organizadas, mas o próprio informante se mostra insatisfeito com esta proposta. Está em jogo a definição de emoção.



Foto 45: Torcedores assistindo ao jogo em pé, mesmo havendo muitos lugares disponíveis.

O lado emocional se opõe ao das cadeiras VIPs, ou seja, ao público que assiste o jogo sentado. Este comportamento é percebido como não apropriado para um jogo de futebol. Estas pessoas podem ter dinheiro e conforto, mas não têm a emoção do futebol. Novamente é visível a discutibilidade da categoria emoção. Seria perfeitamente possível que os torcedores do setor VIP interpretem seu próprio comportamento como emocional. Essas observações são muito interessantes, porque muitas vezes achamos que emoções são inatas, entretanto podemos perceber nesses exemplos que tal categoria é socialmente construída e usada para conseguir o capital simbólico de poder definir o que é ser torcedor. Recorrendo a uma argumentação de Lutz podemos concluir que “O uso de conceitos de emoção, como elementos da prática ideológica local, envolvem negociações sobre o significado de eventos, sobre direitos e moralidade, sobre controle de recursos [...]” (LUTZ, 1988, p.5).

Esse discurso sobre emoções é também usado para se diferenciar das torcidas de outros clubes. Como já analisado, o principal outro é o Flamengo:

Que ao mesmo tempo grita raça, amor e paixão usa o argumento final dos números para falar de futebol. Então ao mesmo tempo que é raça, amor e paixão e futebol também é matemática. Então somos os maiores, somos hexacampeão ganhamos a Libertadores, somos campeão do mundo, somos duas vezes campeão da Copa do Brasil, fomos 32 ou sei lá quantas vezes campeão carioca. Somos não sei penta tri não sei o que. Então é a matemática da torcida do Flamengo (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

Fica nítido nessas falas que o elemento central, que define um torcedor na opinião dos meus informantes, a emoção, falta na relação dos Flamenguistas com seu clube. No outro, o Flamengo, falta, portanto, um elemento constitutivo básico. Eles contabilizam os sucessos, ou seja, fazem matemática. Esta ciência exata seria o pólo oposto da emoção que é algo místico, inexplicável. Podemos explicar matemática, emoção não.

Se a emoção for um elemento constitutivo para o futebol e os flamenguistas não a possuem, então estamos frente à acusação maior nesta rede de significados e que excluiria o Flamengo do sistema de significados do futebol. Isso significaria dizer que eles, os flamenguistas, não são torcedores. Os botafoguenses no setor VIP, que mostram um comportamento interpretado como não emocional, não podem ser atacados porque fazem parte da mesma comunidade. Mas os flamenguistas representam o Outro, que pode ser livremente atacado. A acusação escolhida é a mais forte possível, pois visa a exclusão total do adversário.

Mas podemos perceber nos discursos ainda uma outra oposição. A oposição frente ao futebol europeu. Damo (2007) fala da Hollywood do Futebol e se refere aos países Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Espanha. Estes são os países com os clubes mais ricos do mundo, as ligas mais fortes e são o destino preferencial dos jogadores brasileiros. Nesses países aconteceram grande parte das últimas Copas do Mundo e Europeias: Espanha (1982), França (1984, 1998), Alemanha (1988, 2006), Itália (1980, 1990), Inglaterra (1996), nas quais foi modernizada grande parte dos seus estádios, criando o padrão seguido pelo Engenhão e, no futuro, também, pelo Maracanã. No mesmo período, não houve nenhuma Copa do Mundo na América do Sul.

Por isso, não surpreende que a Europa seja percebida como concorrente no mercado futebolístico, pois consegue atrair os melhores jogadores e definir o padrão dos estádios. Clubes brasileiros, como Botafogo, sofrem com a situação porque perdem seus jogadores para clubes europeus, o que prejudica a qualidade do próprio time. Surge a necessidade de justificar, porque o futebol brasileiro - e no caso desta pesquisa o Botafogo - mesmo frente a esses fatores ainda é o melhor. O discurso é parecido em relação ao Flamengo: riquezas e títulos são pura matemática sem emoção. O que não apenas a torcida do Botafogo, mas o brasileiro e o sul-americano, em geral, possuem é a emoção. Esta deve ser avaliada como mais preciosa. Desta forma é necessário rebater a “ameaça do mercado” (GUEDES, 2006, p.73):

No Real Madri é como se você tivesse num velório. É uma coisa muito calada. É sem graça. Não vejo nada de... Até passa pela televisão, você fica vendo... Eles não gritam e tudo. Eu já vi jogos na Argentina no Boca, já é diferente, já é um pouco agitado, as torcidas cantam o tempo todo. Semana passada teve o jogo com o time paraguaio, o Cerro Porteño pela sul-americana, foi uma torcida pequena a do Cerro, mas foi... Lá eles tocam o tempo todo tambor e etc. É animada, quer dizer, eu acho que é o espírito mesmo do latino, né. Quer dizer, na América Latina essa coisa de vibrar durante o jogo todo, xingar, e gritar, e cantar, essa coisa toda, né (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

No caso desta segunda citação podemos observar um outro fenômeno em relação à primeira. O segundo torcedor não está preocupado com uma hegemonia do futebol europeu, mas com uma espécie de invasão. O modelo dos novos estádios para a Copa do Mundo 2014 representa o futebol europeu, que não combinaria com tradições brasileiras. O Engenhão e a modificação do Maracanã simbolizam uma invasão de normas estrangeiras, representadas pelo conforto e a configuração do torcedor como consumidor. Conforto e consumo estão entendidos como opostos à emoção, porque a

emoção seria inata, portanto, de graça. Este torcedor acusa os dirigentes do futebol de querer transformar o amor do torcedor em um negócio.

Nesta última fala fica bem nítida a disputa pelo significado do torcer. Os novos estádios estão concebidos como espaço de conforto, agradando os torcedores que serão descritos no próximo capítulo, os torcedores confortáveis. Os torcedores emocionais não encontram mais espaço. Eles querem cantar, dançar e para isso precisam ficar em pé. O Engenhão não oferece mais este espaço. A construção do estádio simboliza uma tomada de posição a favor de um certo tipo de torcedor, o torcedor confortável, e portanto contra um outro tipo de torcedor, o torcedor emocional.

O discurso sobre a emoção se mostra como ferramenta-chave nesta disputa. Dessa forma, um grupo de torcedores quer defender seu espaço, sua presença no estádio. Mas, por que eles se sentem tão ameaçados? A disputa é uma disputa entre pessoas de poder aquisitivo distinto. O modelo de estádios confortáveis implica em preços maiores. A capacidade dos estádios cai e, portanto, é necessário cobrar mais por lugar. A oferta cai e a consequência é um aumento do preço.

Como os torcedores com menos poder aquisitivo podem enfrentar esta ameaça do capital econômico? Apenas com seu capital simbólico de definição do ato de torcer como algo emocional. Por enquanto, esta parte da torcida sob a liderança das torcidas organizadas consegue definir clubes como comunidades afetivas e a presença nos estádios como experiência emocional. A emoção é parte constitutiva do jogo de futebol e só os torcedores emocionais podem produzi-la. Este é o motivo que explica porque as torcidas organizadas continuam a existir. A partir do momento que se define emoção de uma forma parecida como no tênis, onde o público assiste ao jogo em silêncio e sem cânticos organizados, as torcidas organizadas se tornam obsoletas e fadadas ao fim.

A emoção se mostra como algo valioso, que os clubes querem transformar em capital econômico. Para isso precisam das torcidas organizadas que conseguem transformar seu capital simbólico de definir a emoção no direito de estar presente no estádio. Além disso, existe também a oportunidade de se conseguir capital econômico. A alternativa para os clubes seriam os animadores profissionais pagos ou os torcedores-símbolos modernos, como descritos anteriormente, que entenderam a demanda do mercado pela emoção.

Neste contexto é adequado pensar a categoria “comunidade afetiva” a partir do qual foram descritos os clubes. Qual seria a alternativa para os clubes? Eles estão num campo mercadológico de demanda e oferta. Num mercado livre, correm o risco que seus

clientes, que são os torcedores, mudem de clube, dependendo das vantagens que eles oferecem, por exemplo, com bons jogos e com vitórias. Isso seria muito arriscado porque vitórias não são planejáveis. Além disso, só há um campeão por ano e todos os outros perderiam torcedores.

Para os clubes é altamente favorável conseguir conectar um grande grupo de pessoas através de vínculos emocionais à sua comunidade afetiva, chamada torcida. Seus membros garantem verbas para o clube através de ingressos, publicidade e cotas nos direitos de transmissão na televisão. As torcidas organizadas são os ideólogos deste capital emocional, sem o qual os espetáculos futebolísticos se transformariam em espetáculos sem emoção e sem o senso comunitário.

Se a emoção é um instrumento de disputa no campo do futebol, significa que foi socialmente construída e não existe objetivamente. As pessoas de fato mostram sentimentos, de fato procuram aventuras que incitam o lado emocional, de fato se sentem diferentes em um estádio de futebol e buscam esse sentimento. Mas a emoção pode ser modelada, pode ter expressões muito diversas nas diversas culturas ou grupos sociais. Como disse Damo: existe uma educação sentimental da forma que:

Não por acaso escolhe-se criteriosamente o jogo para debutar as crianças, sobretudo os meninos, pois se deseja marcá-las com uma experiência positiva, uma vitória do time e um ambiente festivo, dados pela excitação coletiva (DAMO, 2005, p.359).

2.2.3 Conforto

Enquanto a categoria “emoção” estrutura um tipo ideal de torcedor, a categoria “conforto” representa o outro lado. Da mesma maneira como “emoção”, o “conforto” deve ser analisado como um instrumento na disputa pelo significado do torcer, ou seja, uma categoria que precisa ser desconstruída e desnaturalizada. Dessa forma temos que perguntar: O que significa “conforto” para nossos informantes?

Para meus informantes há cinco elementos fundamentais para se ter conforto: facilidade de compra de ingresso pela internet, estacionamento, poder assistir ao jogo sentado em cadeira numerada, oferta de restaurantes e principalmente boa visão de jogo:

É um estádio superconfortável, muito bonito e agora o Botafogo está começando a tentar explorar não apenas um estádio de futebol para ter receitas na bilheteria ou receitas no estacionamento mas também utilizar as suas áreas para trazer empresas para alimentação por exemplo, contrato com Bob's ou outros restaurantes para efetivamente dar mais opções. Porque o Engenhão na verdade ficou muito, ele é muito bonito, mas ficou sem serviços. Ele não é um estádio confortável neste sentido. Você não tem boa

lanchonete. Enfim, se você quer levar sua esposa não tem onde, um shopping que seja aberto para ela fazer compras como é muito comum nos Estados Unidos, quando você vê futebol. O Engenhão foi feito para ser uma arena olímpica. Somente isso, não foi feito para ser uma arena tipo multiuso. Para fazer shows e tudo mais. Pode ser adaptado para isso? Pode (Torcedor botafoguense Paulo Roberto, Ipanema).

Normalmente um grupo de amigos que vamos sempre juntos, dificilmente vamos sozinho, então sempre organizamos lá no carro de um ou no carro de outro. Dependendo da disponibilidade (Torcedor botafoguense Paulo Roberto, Ipanema).

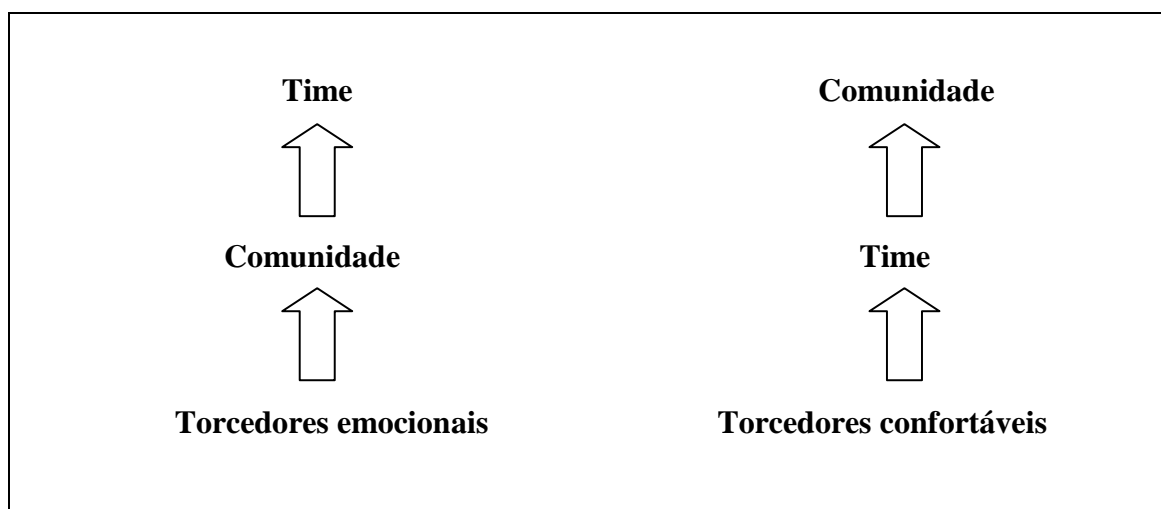
E a gente vai, eu vou no meu carro. Eu pego eles, eles moram em Ipanema, a gente vai até Engenhão, coloca lá dentro, tem um estacionamento próprio, e volto, deixo eles em casa (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

Estes seriam elementos de um estádio moderno de primeiro mundo que representaria o conforto:

Estádio de primeiro mundo tem cadeiras. Estádio de primeiro mundo você tem meios de transporte de massa, meio de transporte de massa não é ônibus, é trem e metrô. Então estádio de primeiro mundo tem, não é só o que tá dentro do estádio mas também o que está fora. Então você tem de ter estações de trem e estações de metrô. [...] Estádios de primeiro mundo você tem estacionamento. Você tem um serviço de bar, banheiro, bar basicamente, bar e banheiro que te atenda. [...] Então estádio de primeiro mundo você tem de ter instalações, banheiros que atendam. No Engenhão você tem isso. Têm serviço de gastronomia, de restaurantes, lanchonetes que te atendam. [...] Então com isso, estacionamento é importantíssimo aqui no Brasil porque grande parte das pessoas vão de carro aos jogos. E eu não conheço nenhum estádio no Brasil que tenha tanta vaga de estacionamento quanto o Engenhão. Claro foi construído agora e já foi pensado nisso, você tem o coberto e o descoberto. Provavelmente não sei de cabeça os números mas os números que mais tem lugar para estacionar no Brasil é o Engenhão. Então esse é o diferencial de estádio de primeiro mundo. Outra coisa, estádio de primeiro mundo, o Maracanã até tem uma cobertura, mas estádio de primeiro mundo se tem a cobertura porque chove. Então você tem de pensar, pelo menos 80% dos seus lugares tem de estar cobertos. Não pode pegar chuva. [...] Vê que mais, telão. Já é um luxo aí. Uma coisa que estádios de primeiro mundo têm. Mais nada (Torcedor botafoguense João, Tijuca).

No centro das atenções destas falas não está mais a emoção. Estes torcedores não usam termos como amor, paixão ou sentimento. Não são pessoas que por amor ao clube aceitam incômodos, investimento de tempo ou fadigas para apoiar o time. Ao contrário, esses incômodos devem ser diminuídos para facilitar acesso e visão do jogo. Mesmo indo com alguns amigos no mesmo carro, o encontro com a comunidade botafoguense é reduzido. A relação destes torcedores com a comunidade é através do time. De modo contrário, os torcedores emocionais constroem seus laços com o time através da comunidade de torcedores.

Gráfico 11: Relação dos torcedores com o time e a comunidade de torcedores.



A boa visão do campo e, portanto do jogo, conta. Qualquer interferência é percebida como distúrbio. Por isso, deve haver assentos, a cobertura e cenas mais bonitas devem ser repetidas em televisões ou telões para não se perder nenhum detalhe. Não deve haver pessoas em pé, fazendo gracinhas ou que de qualquer outro modo obstrua a visão:

O não ficar sentado me incomoda bastante. O Maracanã nessa decisão, quando o Botafogo tava perdendo de 2 a 0 no primeiro tempo, ele virou pra 2 a 2 e foi pros pênaltis. Quando ele virou, a torcida não sentou mais. Isso me incomodou bastante, né, porque eu queria ficar sentado vendo o jogo. E aí eu tive que ficar em pé. Eu acho que os lugares devem ser numerados, né. Isso é questão cultural mesmo. Da mesma maneira que o cinema, né, há muito tempo, foi uma inovação aqui no Rio de Janeiro, começou pelo Downtown da Barra com lugares numerados e etc, e todo mundo meio contra, não sei o que, bá, bá, bá, e hoje você vê que praticamente todos os cinemas, com raras exceções, eu acho que na zona norte, ali eu acho que tem um grupo... Eu acho que ainda tem um grupo, alguns cinemas não são numerados, mas ele te dá um conforto porque você compra o ingresso e chega a hora que você quiser porque aquele lugar vai ser o seu, você tem o direito de sentar. Eu acho que devem ser todos numerados, independente de setor e tudo, deve ser lugar numerado, até pra evitar a compra ou o ingresso falsificado ou coisas do tipo, né. E essa coisa de ficar em pé, eu sou contra. Eu acho que fez o gol, ótimo, pula, né. Ou então vai pra um ataque lá e tá na linha de fundo e todo mundo levanta, isso também me incomoda bastante, né. Aí eu levanto também porque eu não consigo ver, mas eu acredito que passado isso, vamos sentar, né, vamos sentar. Senão pra quê que existe a cadeira, né (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

A relação com o time parece ser algo não emocional, mas espiritual. A pessoa não usa o corpo para exprimir a sua relação com o clube. Ela fica parada no assento, concentrada no jogo. Não surpreende o uso de termos espirituais como religião, ideologia e loucura:

Mas a torcida do Botafogo ela é até pela história mesmo, enfim, ela é pra mim, assim, ela é... Ela me traz, assim, uma energia muito forte, muito

grande, né. E aquela coisa de perseverança, de luta, de vencer o impossível em situações adversas, né. Então aquela famosa frase: “Coisas que só acontecem com o Botafogo”. Então é a frase tradicional aqui no futebol brasileiro. E as pessoas que formaram, né. Você tinha o Neném Prancha que tinha lá os provérbios dele, né. O próprio João Saldanha que era um técnico que fez história, inclusive a grande importância da seleção de 70 quem formou foi ele, né. E outras pessoas. Então é muito importante. Têm pessoas, assim, muito destacadas, formadores de opinião, formadores de... É como se fosse uma ideologia, né. O Botafogo pra mim é uma religião. A gente segue porque... Não tem muita explicação, mas é algo que dá orgulho, né (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

Importante nesta fala é a mistificação da relação do torcedor com seu time. O espírito, assim como a emoção, é algo místico, que “não dá para explicar”. Mas o discurso espiritual é algo individualizado. O indivíduo é louco, o indivíduo tem fé, história e/ou ideologia. Com essa loucura se conecta ao time, que está conectado a outros indivíduos, tão loucos quanto o informante.

A ideia dos torcedores emocionais, que se ligam de uma forma emocional entre si, para juntar as emoções e dessa forma apoiar em conjunto o time, perturbaria a relação individualizada-espiritual do torcedor confortável. Ele precisa explicar a sua relação com o clube de uma forma cognitiva, por isso esses torcedores não se sentem torcedores “desde a barriga da mãe”, mas fizeram a escolha quando eram crianças. A diferença é fundamental: alguém que nasce numa comunidade não tem escolha, ao contrário disso os torcedores confortáveis decidiram o seu pertencimento, em algum momento da vida, a um clube especial.

A acusação frente ao outro estrutural, o Flamengo, portanto, não é a falta de emoção, mas a emoção exagerada:

Já a torcida do Flamengo eu vejo sempre em êxtase. Pra mim ela tá 24 horas dopada, com muita adrenalina. Ela vive eternamente na situação de euforia. E quando a pessoa fica muito eufórica, ela não pensa. Então eu acho que é uma torcida pouco inteligente (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

O entendimento cognitivo do ser torcedor fica nítido nessa fala. Na visão dos torcedores que buscam o conforto ainda não há comodidade suficiente. O Engenhão é percebido como um estádio que promete o conforto como na Europa, mas ainda não chegou lá. Esses torcedores imaginam como o Engenhão ainda poderia melhorar:

As ruas são muito estreitas, mas é um orgulho pra torcida do Botafogo ter a concessão do Engenhão, né, diante de o Botafogo não tinha... Ele na verdade, ele não tinha um estádio. É o Caio Martins que é em Niterói, né, que era do Canto do Rio, que ele fazia as partidas lá. Mas não se compara ao Engenhão. É um estádio muito antigo e etc... Então ele tem toda uma estrutura de modernidade, de conceito de um estádio de futebol não somente pra jogo, mas ele tem uma estrutura que ele pode, por exemplo, criar restaurantes, como na Europa você vê as pessoas chegando antes pra almoçar em

restaurantes. Após o jogo você pode criar espaços pra uma discoteca, uma boate, um happy hour, um evento, né. Então, inclusive isso é um projeto, se não me falha a memória, eles estão querendo implantar no início do ano que vem já esse projeto. Com mais bares, restaurantes. E aí as pessoas, por exemplo... O jogo é às 4, as pessoas chegam uma hora da tarde, almoçam, e, vendo todo o movimento com ar-condicionado, aquela coisa toda, a comodidade, e na hora do jogo vão exatamente pros lugares lá, enfim, não sei como isso vai ser, a logística, né. E aí assistem ao espetáculo e, ao terminar, vai pra um outro espaço onde tem uma comemoração, tem uma festa, alguma coisa assim (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

Enquanto os torcedores emocionais rejeitam as mudanças arquitetônicas e organizacionais no futebol brasileiro porque, segundo entendem, transformariam o torcedor em consumidor e, portanto, num ser sem emoção, os torcedores confortáveis apóiam essas mudanças e estão dispostos a pagar mais por isso. Eles expressam o desejo de ter mais serviços desconectados do futebol como, por exemplo, um shopping, que é um espaço tipicamente comercial. É necessário deixar claro que todos os torcedores são consumidores. Os torcedores emocionais consomem souvenirs do clube, compram ingressos, bebidas e comida. Nesse sentido, é interessante observar que, enquanto os torcedores confortáveis pedem espaços para comemorar dentro do estádio, os torcedores emocionais já se encontram regularmente nos bares ao redor do estádio para fazer as suas festas. A diferença não consiste no fato de que um é consumidor e o outro não, mas no fato de que o consumo faz parte do discurso dos torcedores confortáveis, enquanto é rejeitado pelos torcedores emocionais.



Foto 46: Bar do Setor VISA.

Appadurai (2008) propõe analisar o consumo a partir de uma mudança de olhar do consumidor para a mercadoria. Esse ponto de vista pode ser bastante útil no caso de um jogo de futebol. O autor defende que qualquer coisa pode fazer parte de uma situação mercantil: “proponho que a situação mercantil na vida social de qualquer “coisa” seja definida como a situação em que sua trocabilidade (passada, presente ou futura) por alguma outra coisa constitui seu traço social relevante” (APPADURAI, 2008, p.27).

Com essa concepção, Appadurai (2008) propõe analisar a trajetória das mercadorias. Isso nos leva a observação de que não podemos trocar um jogo de futebol diretamente por dinheiro ou qualquer outra coisa. Precisamos de um cupom, chamado ingresso. O que o torcedor compra é na verdade um pedaço de papel, que dá acesso a um certo setor do estádio durante um certo espaço de tempo. O que ele faz no estádio nesse espaço de tempo é pouco regulamentado. O torcedor poderia, a princípio, deitar-se num canto e dormir. A proposta é ver o jogo, mas o torcedor pode ignorar isso completamente. Tal característica da mercadoria “jogo de futebol” abre a possibilidade de mostrar tantos comportamentos distintos, como os que foram descritos no decorrer deste trabalho.

Esta característica possibilita também ao clube de futebol oferecer, dentro do estádio, outras mercadorias como suvenires, bebidas ou comidas, que também podem ser vendidas fora do estádio. O que está em questão no discurso dos torcedores não diz respeito a quem é o consumidor, mas onde se compra. Embora haja possibilidade de se comprar comida ou camisas do clube, nas ruas e bares ao redor do estádio, os torcedores confortáveis desejam que a venda de produtos seja dentro do estádio. É de interesse do clube e das federações de futebol a ampliação dos espaços de comercialização de produtos no estádio. Um caso extremo é uma Copa do Mundo, na qual a organizadora FIFA exige não apenas o estádio, mas uma área grande e fechada ao seu redor, na qual somente poderá haver publicidade e venda dos produtos vinculados aos patrocinadores oficiais do evento (HOLZMEISTER, 2010, p.149-167). A questão é quem vende, onde e quanto espaço se disponibiliza para isso. A tendência atual é que os clubes e federações expandam os espaços de comercialização de produtos de sua chancela.

Uma outra consequência da venda dos jogos através de cupons é que o próprio cupom se torna um meio de troca além do dinheiro, que é o meio generalizado de troca. Há uma estruturação da massa de torcedores através do valor do ingresso. Alguns

pagam mais e outros menos dinheiro.⁶² Porém, há também uma estruturação porque alguns não pagam em dinheiro, mas de outra forma. Por exemplo, alguns membros de torcidas organizadas ganham ingressos, convertendo seu capital simbólico no direito de assistir ao jogo. Mas há também vários torcedores nos setores VIP, que recebem crachás, porque fazem parte da diretoria do clube ou são seus convidados. Nesse caso, convertem capital social em ingressos.

Podemos observar que a existência dos ingressos cria relações de patrono-cliente, ou seja, as mercadorias e seu consumo são um meio de comunicação que transmite relações de status. Isso significa que estamos observando uma disputa por posições sociais. É importante para meus informantes assinalar se estão do lado do cliente ou do lado do patrono. Ter conforto significa ter espaços reservados de consumo aos quais só tem acesso quem possui suficiente capital social ou econômico. As expressões emocionais devem ficar excluídas desse espaço. O acesso ao setor VIP representa uma distinção (BOURDIEU, 2008) entre as pessoas de posse dos diversos capitais:

Se, entre todos os universos de possibilidades, o mais predisposto a exprimir as diferenças sociais parece ser o universo dos bens de luxo e, entre eles, dos bens culturais, é porque a *relação de distinção encontra-se aí inscrita objetivamente* e se reativa – com, ou sem, nosso conhecimento e independente de nossa vontade – em cada ato de consumo, através dos instrumentos econômicos e culturais de apropriação exigidos por ela (BOURDIEU, 2008, p.212, itálico no original).

É importante para os torcedores confortáveis exigir comodidade no estádio para poder se distinguir das classes populares que preferem um estilo mais emocional de torcer. Da mesma maneira, é importante para os torcedores emocionais rejeitar tal comodidade para poder ganhar vantagens nessa disputa simbólica pelos significados do torcer:

[... Mas] Lá dentro o estádio ele é feito baseado nos estádios europeus. Só que a cultura brasileira é muito diferente, então no Engenhão você não consegue ficar em pé. Assistir o jogo em pé. E no Brasil culturalmente se assiste jogo em pé sempre. Não tem como você ficar sentado, é uma questão cultural. Têm alguns locais da arquibancada onde as pessoas vêm sentadas. Mas a organizada fica em pé. E no Engenhão como tem as cadeiras o espaço para você ficar em pé é impossível. Você fica, mas você fica de uma forma

⁶² Os meus informantes têm os mais diversos vínculos com o clube: membro da diretoria, sócio, sócio-torcedor ou nenhum desses vínculos, que resultam em diversas formas de adquirir os ingressos. Por escolha metodológica nenhum deles é membro de torcida organizada. Não faz parte do escopo desta pesquisa analisar estes vínculos mais profundamente, mas seria interessante propor um trabalho analisando o funcionamento dos clubes de futebol no Brasil. Proponho questões como: Como se elege a diretoria? Qual o papel destas diversas categorias de torcedores? Qual a consequência para a política do clube?

muito presa. Não tem movimento. E a torcida organizada, parte do show que ela faz, ela precisa de movimento. Precisa se locomover (Torcedora botafoguense Tatiane, Tijuca).

Os grupos sociais envolvidos nessa disputa desenvolvem seus habitus, se comportando de uma certa forma e rejeitando outras. No nosso caso, o comportamento emocional é incompatível com o comportamento confortável. Um destaca o uso do corpo como meio de expressão, exigindo certas propriedades arquitetônicas que o Engenhão não oferece. Ao contrário disso, os torcedores orientados pelo conforto, que negligenciam o uso do corpo e têm uma percepção mais espiritual do ato de torcer, encontram suas necessidades atendidas.

Percebemos, portanto, que o espaço social dos torcedores está estruturado através de duas categorias principais: emoção e conforto. Essas duas categorias definem duas maneiras de torcer. Os discursos documentados mostram que essas duas maneiras de torcer estão em disputa pela hegemonia, sendo que o Engenhão representa uma manifestação a favor dos torcedores que buscam conforto. O torcedor emocional e o torcedor confortável são dois tipos ideais de torcedores que na realidade dificilmente existem em forma pura. Percebemos, muitas vezes, que os torcedores estão em algum lugar entre as duas posições, por isso, não sem motivos vários torcedores foram citados neste trabalho tanto na seção emoção, quanto na seção sobre conforto.

2.2.4 Violência

Durante a pesquisa surgiu um fenômeno interessante. Mesmo que muitos torcedores emocionais, como a torcedora Maria, retratada em capítulo anterior, busquem ficar perto das torcidas organizadas e se comportem de uma forma idêntica aos membros dessas agremiações, eles não se tornam membros, aliás, rejeitam essa possibilidade. O que explica esse fenômeno?

O torcedor Michael resume bem as justificativas:

Eu não sou sócio de nenhuma torcida organizada porque a torcida organizada é uma instituição ambígua. Eu não sou contra a torcida organizada, não acho que deveria acabar. Por outro lado existem diversas atitudes que você ver protagonizadas por torcidas organizadas muitas vezes. E que eu acho algumas são reprováveis. Dentro do estádio fico perto da Fúria, por exemplo. Eu não gosto de andar, quando vejo muita gente da Fúria em dias de clássico fora do estádio, por exemplo, eu não gosto muito de andar perto da torcida. Porque qualquer momento pode acontecer alguma confusão. E eu dali envolvido de bobeira e acabar sendo prejudicado. É muito por isso que eu não faço parte da torcida organizada também. Um por causa dessa questão das disputas entre as torcidas que acabam muitas vezes acontecendo as vias de fato. E eu acho que isso aí acaba perdendo um pouco o sentido de uma

torcida organizada em prol de um clube. As torcidas organizadas acabam criando uma dinâmica própria entre elas também. Então é muito por causa desse distanciamento que vai acontecendo em relação ao clube que eu não faço parte. E também por causa de, isso aí é uma coisa que muitas vezes exige algum tempo da sua vida, para você chegar mais cedo no estádio para organizar as coisas organizar as bandeiras e tal. Porque eu acho que esse é o sentido de você fazer parte da torcida. Não adianta nada você ter a carteirinha da torcida organizada para você continuar indo ao estádio como um torcedor comum. Indo ao estádio chegando na hora do jogo, sem ajudar nada, sem arrumar nada, não participando das reuniões nas sedes locais. Então não vejo sentido. Se for para fazer parte de alguma torcida, acabar me querendo envolver mais. Não tenho tempo, nem vontade de me envolver muito por causa desse distanciamento que vai acabar acontecendo entre a torcida e o clube pelo qual eu torço. É muito por isso que não virei sócio de uma torcida, nem pretendo (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do Governador).

Embora o informante seja um torcedor emocional, que gosta de ficar perto da torcida organizada no estádio e se identifica com a forma como se comportam durante o jogo, ele rejeita ser sócio dessas agremiações. Há duas justificativas para isso. Primeiro, as torcidas organizadas exigiriam um envolvimento maior que implicaria num investimento de tempo e participação efetiva em diversas atividades. O informante não se mostra disposto a aceitar tamanha carga de comprometimento com a torcida durante seu dia no estádio. Mas a principal justificativa ancora-se na acusação de que as torcidas organizadas costumam se envolver em atos violentos.

O discurso sobre violência é central não apenas nas entrevistas com meus interlocutores, mas na discussão sobre futebol e visitas aos estádios no Brasil, em geral. Muitas das pesquisas expostas anteriormente, nesse trabalho, se dedicam à questão da violência no futebol. Muitas vezes, o termo violência ora carece de definição ora não é definido. Parece que todos sabemos o que é violência. Esse é um fenômeno observado por Baêta Neves:

Há palavras que, pelo uso tornado corrente, parecem dispensar definições. Seriam consensuais; todos saberiam do que estão falando a simples leitura ou enunciação. Este caráter consensual tem um efeito duplo: ora reforça a palavra pelo efeito de unanimidade e obviedade que lhe confere, ora a enfraquece porque lenta e silenciosamente retira da palavra a possibilidade de ser vivificada pela verificação de suas relações com as coisas às quais se referiria. A palavra “violência” parece ser um destes casos (BAÊTA NEVES, 1995, p.7).

No Brasil, há dois estudos que colocam “futebol” e “violência” no título: o primeiro é *Futebol e Violência*, de Reis (2006), que analisa legislações referentes à prevenção da violência no futebol e o outro é “*A Violência e o Futebol*”, de Murad (2007), que oferece uma pesquisa teórica e empírica ampla de fenômenos violentos

associados ao futebol. Ambos têm dificuldades em definir a violência. Murad (2007, p.77) define violência da seguinte maneira:

A palavra violência, etimologicamente, provém do latim *violentia* – raiz semântica *vis* = a força – significa opressão, imposição de alguma coisa a outra pessoa ou a outras pessoas, por intermédio do emprego da força, qualquer que seja o seu tipo, a sua substância, forma ou sentido: força dos poderes social, econômico, jurídico ou político, força das armas, força física, força simbólica ou de qualquer outra natureza que se queira.

“Por Violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). (...) a Violência consiste, tem por finalidade, destruir, ofender e coagir. (...). A Violência pode ser direta ou indireta” (BOBBIO, 1995, p.1291).

Sobretudo a segunda parte da definição é insuficiente porque se refere exclusivamente à violência física. O próprio autor analisa em outro momento (MURAD, 2007, 23), a violência estrutural no Brasil, se referindo principalmente à desigualdade social do país, citando alguns dados: há 12 milhões de desempregados no Brasil, 11% da população são analfabetos e o Brasil ocupa o 63º lugar no índice do desenvolvimento humano da ONU. Vários exemplos desse tipo de violência, que poderia ser chamada de estrutural, já foram descritos neste trabalho, como o aumento do ingresso, a imposição de novas regras para torcedores de futebol ou a modificação do espaço dos estádios.

Mas mesmo nesses exemplos é preciso perguntar se tais imposições ocorrem conscientemente, como sugere aquela primeira parte da definição de Murad (2007). Será que há um grupo que força conscientemente um outro grupo a continuar analfabeto? Muitas manifestações de violência acontecem de uma forma absolutamente involuntária como acidentes de carro. Novamente o esporte é um bom exemplo porque há muitos ferimentos e lesões, causados por atos violentos, mas que não são resultado de um ato intencional.



Foto 47: Torcidas Organizadas: emoção ou violência?

Um aspecto muito importante na definição de violência é o ponto de vista. Um discurso muito comum durante as guerras é que os países envolvidos declaram que estão apenas se defendendo contra a violência do outro. Tanto que contemporaneamente ministérios de guerra são chamados de ministérios da defesa. Os ataques terroristas do dia 11/09/2001 ao World Trade Center, em Nova York, foram certamente percebidos por uma grande parte da população mundial como uma das maiores violências já cometidas. Mesmo assim, também podemos supor que há também populações que perceberam esses ataques como uma defesa legítima.

No futebol, temos o exemplo da “Mão de Deus”, de Maradona, que assinalou um gol de mão a favor da seleção da Argentina contra a Inglaterra durante a Copa do Mundo de 1986. Maradona não atacou ninguém fisicamente e ninguém ficou ferido, mesmo assim a quebra das regras estabelecidas provavelmente foi percebida como uma forma de violência na Inglaterra. Ao contrário disso, os argentinos provavelmente qualificam o episódio como uma manifestação de esperteza. Fica bastante claro que no momento da avaliação do que pode ser considerado como violência, o ponto de vista é fundamental. O problema da definição de violência já foi descrito por Heitmeyer & Hagan (2002), que apresentam uma coletânea sobre o tema com mais de 1500 páginas e pesquisas do mundo inteiro sobre o fenômeno. Os autores chamam atenção para o fato de que há mudanças na percepção e sensibilidades em relação, por exemplo, ao estupro

no casamento ou bloqueios sentados⁶³. Muitas vezes o volume de violência não mudaria, mas sim a sensibilidade da sociedade:

Os problemas das pesquisas sobre violência já começam na definição exata do que deve ser violência. Há um consenso de que violência machuca e eventualmente mata, que gera muitas formas de destruição, que sempre provocam vítimas. Mas nesse ponto termina a nitidez. Não está claro quem ou o que exatamente foi ferido e que gravidade tem o ferimento. Será que devastações psíquicas já são violência ou são apenas ferimentos subjetivos por falta de documentação objetiva, das quais as vítimas eventualmente são suspeitas? Devemos considerar formas estruturais de violência, que não precisam de atores diretos, mas produzem vítimas, ou o uso desse rótulo, violência estrutural, tem apenas caráter de denúncia? (HEITMEYER, HAGAN, 2002, p.16)⁶⁴

Fica bastante claro que a definição de violência não é um valor em si, mas depende bastante do ponto de vista do observador. Ou melhor, depende do sistema de significação da pessoa que faz uso dessa categoria como nos explica Oliveira (2008). Na visão desse autor podemos apenas falar em violência, quando ocorre um insulto moral. Como exemplo, Oliveira menciona a violência domiciliar em Timor-Leste, que não era percebida até a chegada das forças da ONU e de várias ONGs a esse país. A prática de agressões físicas contra crianças por motivos pedagógicos era considerada normal e, portanto, não definida como violência. A partir do momento em que os agentes da ONU e das ONGs chegaram e fizeram campanha contra esse tipo de prática, considerando-a como violência, foi possível alterar o sistema de significação daquela população. Há relatos de um aumento significativo de queixas policiais e divórcios por causa da violência domiciliar desde aquela época. Ou seja, a prática da violência domiciliar não mudou, mas sim a percepção dela enquanto insulto moral.

Da mesma forma podemos observar torcedores que entendem agressões físicas como insulto moral, mas não se importam com palavrões. Outros percebem a simples obstrução da visão do campo como um insulto moral e, portanto como uma violência. Igualmente o aumento de preços do ingresso pode ser interpretado como imoral e, portanto uma violência. Isso explicaria os diferentes pontos de vista frente a esse assunto.

⁶³ Bloqueios sentados são formas de manifestações nas quais os manifestantes não caminham com faixas pelas ruas, mas ficam sentados em pontos estratégicos para impedir a passagem de indesejados. Isso aconteceu muito na Alemanha para impedir o transporte de lixo nuclear. Tanto o bloqueio sentado, quanto a retirada por policiais que carregam os manifestantes são legalmente permitidos. Resistir à ação dos policiais, seria interpretado pela lei como violência. Ou seja, o bloqueio e o carregamento não são violências aos olhos da lei, mesmo assim podemos suspeitar que as duas manifestações estão sendo percebidas como violentas pelos grupos opostos.

⁶⁴ Original alemão, tradução minha.

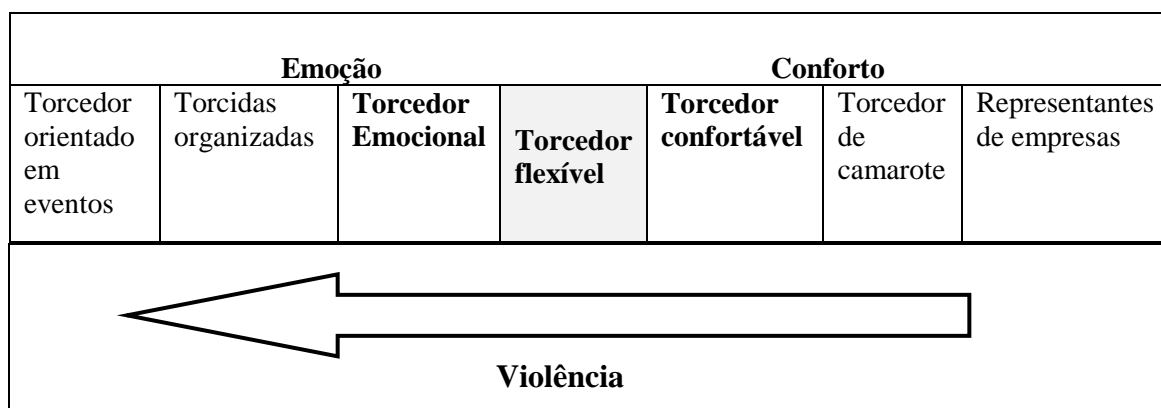
Apesar de meus interlocutores divergirem em vários momentos no que diz respeito à definição de violência, eles também apresentam pontos em comum. De um modo geral, entendem violência, sobretudo, como algo negativo, indesejado e que deve ser extinto. Essa é uma situação ideal para poder acusar grupos indesejados de serem violentos. Sempre haverá violência e sempre podemos definir o comportamento do outro como violento, sendo este percebido como algo negativo, o que justificaria sua erradicação. Observamos nos capítulos anteriores categorias afirmativas: emoção e conforto. Os informantes se sentem parte de um grupo porque gostam de emoção ou conforto, categorias julgadas como positivas. Ao contrário disso, temos na violência uma categoria de acusação cujo objetivo é se distanciar de um outro grupo. A linha de argumentação neste caso é: “Não faço parte de tal grupo porque eles são violentos”. A categoria violência tem o propósito de denegrir a imagem de certo grupo social, que deve ser rotulado como perigoso. Ou seja, a categoria violência é um instrumento importante na disputa pelo significado do ato de torcer.

Hollanda (2010, p.339-406) faz uma longa e profunda discussão acerca das teorias sobre a violência, chegando exatamente a essa mesma conclusão: a violência é parte do discurso dos torcedores e serve como categoria de acusação. Em seguida o autor faz uma observação interessantíssima a respeito da seção de cartas dos leitores “Bate-Bola”, que existia no *Jornal dos Sports*. Nessa seção, os torcedores das quatro equipes cariocas acusam-se reciprocamente de serem violentos:

A licenciosidade da seção Bate-Bola tornava a troca de ameaças explícitas e fazia dessa coluna um lugar de reivindicações da autodefesa, bem como da defesa da honra própria. Uma tribuna livre, para não dizer libérrima, era aberta a vários tipos de confrontação e de modulação verbal (Ibid, 2010, p.387).

Fazendo uso dessa metodologia de análise do discurso, não é necessário verificar se existe violência ou não, mas apenas documentar as acusações feitas. Já descrevemos neste trabalho, no capítulo sobre identidade, as acusações de que os rivais, principalmente o Flamengo, são violentos. Porém, podemos observar que acusações desse tipo também surgem dentro da própria torcida do Botafogo. Lembremos do esquema feito anteriormente:

Gráfico 12: Categorias de torcedores e categoria de acusação “violência”.



Quanto mais os torcedores se encontram à esquerda deste quadro, ou seja, aqueles que colocam a emoção no centro do seu discurso, mais sofrem acusações de serem violentos. Consequentemente os torcedores que colocam o conforto no centro do seu discurso sofrem pouca ou nenhuma acusação de serem violentos. A rotulação acontece da direita para a esquerda. Vamos observar algumas falas dos torcedores começando da esquerda para a direita.

As torcidas organizadas não são parte do escopo deste trabalho, por isso pegamos uma citação emprestada do trabalho de Teixeira (2003, p.136):

Tem torcida que você vai encontrar de tudo, você vai encontrar vários grupos, umas têm muita menina, outras você vai encontrar neguinho que não vale muita coisa. O cara que vai entrar numa torcida, a primeira coisa que ele tem que fazer é chegar e sondar para que torcida ele está entrando. Se ele quiser ele vai um dia ficar na torcida para ver como é. Você vai lá vê maconha, sabe que a torcida é violenta, sabe que a torcida se mete em confusão. O cara que entra numa torcida dessa, o que ele está esperando? Vai arrumar confusão também. Tem torcida que vai até arrumar confusão, mas não vai ter tanta merda como outras, tem torcida muito visada pelas outras, torcida grande. Esse negócio de quantidade, sobretudo no estádio é muito sério, negócio de fazer número.

Este membro de uma torcida organizada acusa algumas poucas torcidas organizadas ou grupos menores, no interior delas, de serem violentos. Dessa forma, é criada uma distinção entre torcedores organizados violentos e não violentos, ou seja, as torcidas entre si se acusam de serem violentas. O informante diz que a escolha cabe ao torcedor, que pode optar pela torcida da qual fará parte. Portanto, há, na sua concepção, torcedores que procuram violência e confusão, que ele estigmatiza como

“maconheiros”, ou seja, usuários de drogas ilícitas e “neguinho”, ou seja, pessoas com pele escura, o que pode ser interpretado como uma discriminação racial.⁶⁵

Heitmeyer & Peter (1992) chamariam esse grupo de torcedores de “Torcedores orientados em eventos”. Os eventos não são necessariamente os jogos, mas podem ser também as confusões e a maconha. É importante para o informante poder acusar um grupo do qual não faz parte. A violência é a categoria de acusação, que não é associada apenas a práticas de violência física, mas inclui também outras práticas ilegais, como o uso de drogas ilícitas.

As torcidas organizadas são certamente o grupo mais rotulados num estádio de futebol. Praticamente todos os meus informantes os acusaram de ser violentos. Vejamos:

Agora, o que tá me entristecendo em jogo é essa guerra de torcida. Porque o pessoal não vai para ver jogo, vai para brigar mesmo. Entendeu as torcidas organizadas não vão para assistir o jogo, vão para brigar. E vai chegar uma época que eu sinto muito, mas não vai dá para eu ir para o Engenhão. Não vai dá para ir, porque cara uma brigalhada do caramba. A violência tá... Eu não vou expor meu filho à violência em hipótese nenhuma. Muito menos expor ele para poder ver um jogo que você vai e sai de lá pior do que quando entra (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Esse é o depoimento mais impressionante nessa série de opiniões sobre torcidas organizadas, porque é feito pela torcedora Maria, descrita anteriormente como torcedora emocional. Ela relatou que vai às festas das torcidas organizadas, as encontra ao redor, dentro do estádio, e assiste ao jogo cantando em pé no meio das torcidas organizadas. Ou seja, demonstra que procura explicitamente se aproximar desse agrupamento, mas ao mesmo tempo define claramente sua distância em relação às organizadas fazendo uso do discurso sobre a violência. A distância não é geográfica, mas discursivo-social. Quando Maria fala sobre violência, se refere explicitamente à violência física.

Em seguida, podemos ver citações de torcedores flexíveis e confortáveis, que procuram a distância geográfica das torcidas organizadas:

A grande insegurança que ainda existe hoje em dia é na ida ao jogo. Encontro de torcida organizada. Há muito tempo atrás, há muito tempo atrás teve uma briga em São Januário entre torcedores do Santos e Vasco. Foram diversos torcedores do Santos que lotaram a parte deles e teve confusão com a torcida do Vasco. Eu lembro que os torcedores do Santos... Eu morava perto do Botafogo, mas o Botafogo sempre teve amizade com o Vasco. Sempre foram co-irmãos de torcida. E os torcedores do Santos passaram na minha rua. Mas

⁶⁵ Esta afirmação é polêmica. Certamente existem pessoas que defendem que ‘neguinho’ é usado independente da cor da pele das pessoas e, portanto, a palavra não tem teor racista. Principalmente movimentos antiracistas vão dizer que palavras aparentemente carinhosas com conteúdo racial têm por efeito reproduzir uma sociedade racista velada. Esta tese não versa sobre o racismo brasileiro e, portanto, não pode entrar nesta discussão. O leitor interessado deve procurar a literatura adequada.

passaram, assim, uns dois mil torcedores do Santos. E eu morava aqui em Botafogo perto da Urca, né. Então era longe do estádio. Eles passaram ali pra atizar a torcida, ou seja, longe do estádio eles estavam arranjando confusão. Dentro do estádio eles também arranjaram confusão. Mas longe do estádio eles já estavam ali procurando confusão com a torcida. [...] Uma coisa que a polícia já consegue repreender melhor perto do estádio, mas não distante. Acho que a grande insegurança é essa. Mas passaram, assim, dois mil torcedores do Santos. Passaram assim andando e gritando, chamando os vascaínos. E na minha rua tinha bastante vascaíno. Tinha uma torcida do Vasco lá. Foi no mesmo dia que teve a confusão. Ou seja, longe do estádio você tem mais preocupação... Você tem menos preocupação com briga perto do estádio porque eu sei que perto do estádio a polícia aparece, separa, e dá cacetada em alguém, joga spray de pimenta, mas pelo menos, separa a briga. Já longe do estádio não. Longe do estádio você tá ao deus dará. O que acontecer ali, às vezes, corre e torce pra Deus te ajudar porque fica bem difícil (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo).

Porque eu acho que qualquer torcida organizada do Botafogo ou qualquer uma eu acho que às vezes eles se excedem em algumas coisas. Ficam um pouco mais agitados, levantam e tal, às vezes tem briga, confusão, então eu prefiro ficar mais afastado. Não gosto de torcida organizada (Torcedor botafoguense Paulo Roberto, Ipanema).

Eu gostava de ficar perto porque eu ia muito com meu pai e com a minha irmã e a gente ficava perto porque gostava das coisas, das tensões, aquela coisa toda. Mas eu nunca cheguei a entrar efetivamente. E com o tempo com a violência, essa coisa toda, a gente começou a se afastar, onde ficavam as torcidas a gente não ficava junto. A gente ficava afastada. Porque começou a ficar violento e tudo, briga de torcidas e etc (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

Esses torcedores também percebem as torcidas organizadas como causadoras da violência, mas, diferentemente da torcedora Maria, eles fazem questão de se afastar. O conceito de violência é mais amplo do que apenas violência física. Agrupamentos maiores, gritaria e agitação já fazem parte desse conceito, ou seja, situações que estão sendo percebidas como inseguras são rotuladas como violência.

Este conceito de violência faz com que o torcedor confortável, Fernando, exija regras e medidas mais rígidas para organizar melhor os dias de jogo. Por isso, apóia medidas como estatuto do torcedor, choque de ordem ou lei seca:

Choque de Ordem é fundamental. É uma bagunça. Só pra você ter uma idéia, esse jogo que a gente foi pro Coritiba, a gente passou pelo Maracanã, você notava claramente uma organização porque depois a gente veio a saber pelo rádio que teve o choque de ordem lá, reboque, multas, etc, ambulantes... É muito importante. É muita bagunça. As pessoas confundem lazer, festividade com zona, bagunça, né. (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

Quer dizer, o jogo bom do Botafogo no Engenhão é aquele jogo que vai pouco público... Parece até contradição, mas é verdade. Vai pouca gente, o time se concentra, porque o time tá em situação muito ruim, em posição, assim, crítica, né, que ele tá numa zona muito perto do rebaixamento. [...] Então não tem muita torcida como foi o jogo contra o Atlético Mineiro. Foram 6 mil pessoas, chovia bastante no Rio de Janeiro e aí o time joga

muito bem o primeiro tempo, sai com 3 a 0. Aí vai no jogo do Avaí você vê um estádio lotado, cheio de crianças, famílias, mulheres, meninas, e aí o time totalmente desconcentrado, é um ôba ôba, é uma festa, e aí 1 a 0, 2 a 0, e termina o primeiro tempo. Quer dizer, eu acho que esses jogos muito festivos eu não gosto, particularmente (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

As festas estão sendo percebidas como perigosas e desagradáveis. Toda a massa torcedora é rotulada como descontrolada e, portanto, potencialmente violenta, o que pode até prejudicar o desempenho do time. Esse é um motivo, além do conforto, de se procurar um lugar separado da massa torcedora no estádio. A área VIP é o espaço onde é possível não apenas concentrar-se no jogo, mas também sentir-se seguro. Em suas falas, o torcedor não usa o termo violência, mas deixa entender que os setores fora da área VIP são latentes focos de violência e insegurança. O conceito de violência é bastante amplo: violência física, massa, bagunça e até festas fazem parte.

Esse acúmulo de pessoas é comum nos setores mais baratos dos estádios de futebol que seriam fartos em sinais que podem simbolizar insegurança e violência para alguns interlocutores, como jovens adolescentes sem camisa, com cabeça raspada e pele escura, gritaria, palavrões entre outros. Aliás, muitas vezes um grande número de policiais não aumenta o sentimento de segurança, mas ao contrário indica: este é um lugar perigoso. Embora não seja descrita nenhuma violência física, o lugar é percebido como violento e, portanto, as pessoas presentes são estigmatizadas como violentas.

Os torcedores emocionais poderiam declarar as imposições criadas através da nova arquitetura do Engenhão, do *Estatuto do Torcedor* ou do *Choque de Ordem*, que dificultam a festa e a “bagunça” de assistir o jogo em pé, como formas de violência. Eles se mostram contrários a essas medidas, mas não as denominam de violência. Essa categoria não é usada nesse sentido. A rotulação de ser violento só está sendo usada contra os torcedores emocionais, especialmente as torcidas organizadas e não contra os torcedores confortáveis.

Não foi possível estender a etnografia para os camarotes, muito menos aos representantes de empresas que se encontram lá eventualmente. Mas podemos citar algumas opiniões de jornalistas que assistem aos jogos da tribuna de imprensa e que estão ali por motivos profissionais. Esses profissionais ficam bem separados do restante dos espectadores e precisam se concentrar no jogo por obrigação do ofício, sendo-lhes necessária uma boa visão do campo e conforto para poderem trabalhar. O comportamento das torcidas organizadas seria ruim para exercer sua função. Jornalistas têm na mídia um meio de transportar sua opinião orientada pela sua experiência de

assistir ao jogo, podendo, portanto, atingir muitas pessoas. Por isso, não surpreende que façam um amplo uso da rotulação das torcidas organizadas e conseqüentemente dos torcedores emocionais.

Como documenta Toledo (1996, p.30) uma fala do jornalista Nogueira:

(...) Torcida organizada, amigo leitor, vem me cheirando a falange. A idéia pode ter nascido de boa intenção, mas, hoje, é baderna só. Torcida organizada converteu-se em aliança espúria entre arruaceiros e dirigentes medíocres. (...) É de estarrecer que os grandes clubes brasileiros venham estimulando, ao longo do tempo, a pulverização de suas torcidas em grupos e subgrupos irados (...)⁶⁶

Mas este discurso não mudou desde então e, sendo assim, há exemplos mais recentes:

Torcedores de certas facções de torcida do Botafogo, aliados a facções até de outros clubes, ameaçam vingança contra facções da torcida do Flamengo que cometeram o bárbaro assassinato do jovem botafoguense no último domingo. É guerra declarada entre facções de torcedores... De torcedores, não! Guerra de marginais, de bandidos mesmo, que se infiltram nas torcidas organizadas. Dizem que vai ser reativado o Núcleo de Investigação de Torcidas Organizadas. E por que teria sido desativado se a violência entre torcidas é cada vez maior? Criminosos disfarçados de torcedores têm de ser presos, proibidos de entrar nos estádios, para que famílias e torcedores decentes possam fazê-lo (Fernando Calazans, *O Globo*, 09.11.2005)

O Maracanã não tem solução, só será um estádio decente no dia em que for devolvido ao torcedor do Rio de Janeiro. E para isso, paradoxalmente, só há uma saída: cedê-lo à iniciativa privada, vendido ou por concessão, para ser gerido de forma profissional e não como o cabide de emprego de políticos de hoje.

A final da Copa do Brasil entre Flamengo e Vasco, na quarta-feira, revelou, após meses e meses de obras da atual administração, um estádio caótico, sujo, sem conforto e dominado pela politicagem.

[...] Vá alguém tentar sentar numa cadeira numerada a que tenha direito. É capaz de ser agredido (Rodolfo Fernandes, *O Globo*, 28.07.2006).

Os jornalistas citados chamam as torcidas organizadas de violentas, mas na verdade isso pode ser estendido para todos que não querem aceitar as cadeiras numeradas. A solução seria uma repressão rígida contra as torcidas organizadas e todos os torcedores que não querem aceitar as novas regras do futebol. Um estádio confortável, moderno e privatizado seria desejável. Quem se opõe a essa concepção será rotulado como violento. Essa é a visão dos jornalistas que trabalham nos camarotes de imprensa.

Vimos que o termo violência é uma categoria de acusação de grande eficácia, que consegue rotular os torcedores dos lugares mais baratos, principalmente as torcidas organizadas. Essa rotulação ocorre de uma forma homogeneizante, sem precisar de

⁶⁶ “Na Grande Área”, *O Estado de São Paulo*, 7 de fevereiro de 1993.

provas, nem definições. Todos aceitam o termo como algo negativo. Como disse Baêta Neves: “Há palavras que, pelo uso tornado corrente, parecem dispensar definições” (1995, p.7). Isso teria um efeito de reforçar a palavra, porque neste caso todo mundo sabe que violência é ruim e todo mundo sabe quem é violento. Mas ao mesmo tempo a enfraquece, porque é usada de uma forma tão inflacionária, que numa análise mais atenta percebemos que os envolvidos falam de formas de violência bem diversas, tornando, portanto, necessária uma definição.

De qualquer modo, a categoria de acusação violência se mostrou como uma arma bastante pesada na disputa pelo significado do torcer. Quem está sendo rotulado como violento pode ser submetido a conseqüências negativas, inclusive a exclusão do estádio.

Conseguimos, dessa forma, estruturar a massa torcedora que parecia tão caótica. Ela se estrutura através das duas categorias nativas (emoção e conforto) que definem dois habitus que se encontram em pólos opostos. Os pertencentes do pólo conforto rotulam os pertencentes do pólo emoção como violentos. Dessa forma, a categoria de acusação violência estrutura a massa torcedora de forma que os torcedores se distanciam de grupos que eles consideram perigosos porque seriam violentos. A categoria violência define o outro.

2.3 Medidas de Segurança Pública

Este trabalho é dividido em duas partes. Uma primeira que descreve o desenvolvimento arquitetônico dos estádios de futebol no Rio de Janeiro e uma segunda que analisa a reação dos torcedores do clube de futebol Botafogo a essas mudanças. O presente capítulo sobre segurança pública pretende criar uma ponte entre as duas partes, juntando as reflexões.

Vimos que a categoria central usada para justificar as mudanças arquitetônicas nos estádios é “segurança”. Isso se encaixa muito bem com o discurso dos torcedores que estão preocupados com a categoria “violência” e, portanto, pedindo medidas de segurança. A construção do Engenhão e a renovação do Maracanã são reações a essa demanda de transformar esses estádios em “all-seater”, ou seja, sem lugar para se assistir os jogos em pé e, dessa forma, fragmentar e hierarquizar os estádios. Além disso, se constrói um sistema de vigilância dos espectadores através de controles rígidos nas entradas e sistemas de vídeo.

As reações dos torcedores do Botafogo a tais medidas foram descritas nos capítulos anteriores, constatando dois pólos principais: os torcedores emocionais e os torcedores confortáveis, que mostraram reações opostas. Mas a arquitetura dos estádios é apenas uma dentro de um pacote de medidas de segurança que são: estatuto do torcedor, choque de ordem e carteira do torcedor. Essas medidas serão analisadas neste capítulo.

O “Estatuto do Torcedor” é uma lei brasileira destinada a proteger o torcedor, que entrou em vigor em 2003, com uma alteração em 2010, e que tem a pretensão de ser uma lei de defesa de consumidores. Portanto, o seu ponto de partida não é o evento esportivo em si e nem a diminuição da violência, mas a figura do torcedor, que passa a ser definido no primeiro capítulo como “toda pessoa que aprecie, apóie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva” (BRASIL, 2003, cap. I, art. 2).

Logo no artigo 3 encontramos como referência a lei 8.078/90, que é o Código de Defesa do Consumidor (BRASIL, 1990). Passam a ser considerados como “fornecedores” tanto a entidade responsável pela organização da competição, quanto a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo. A redação deste artigo reforça a compreensão de que um dos objetivos do Estatuto do Torcedor é o estabelecimento, entre essas entidades mencionadas e o torcedor, de uma relação de oferta e consumo de serviços, como observou Duarte (2007). Essa percepção, portanto, reforça a hipótese de que o evento esportivo passou a ser tratado, prioritariamente, como mais um produto.

O fato de um evento esportivo não ser um produto físico como, por exemplo, uma TV, que pode ser devolvida em caso de defeito, necessitaria de uma regulamentação específica, que é descrita nos capítulos do estatuto como, por exemplo: transparência da organização; segurança do torcedor; alimentação e higiene; arbitragem esportiva e justiça desportiva.

Reforçamos que estamos falando de um produto temporário, que configura uma competição baseada nas chances igualitárias para as partes envolvidas, tal como o esporte moderno foi definido por Elias (1992). A proteção deste caráter de competição, justo e igual, pode ser entendida como um dos objetivos secundários a ser alcançado pelo Estatuto do Torcedor.

A idéia do Estatuto é de que, uma vez garantidas as exigências da lei, serão fornecidos segurança e conforto, enfim, um bom produto ao espectador. Assim se

resolveria o problema da violência no futebol, pois os consumidores estariam satisfeitos. No caso de insatisfação dos consumidores, eles teriam a possibilidade de prestar queixa no Ministério Público e pedir indenização.



Foto 48: Polícia na entrada do Engenhão.

O problema é que parece difícil cumprir as exigências do Estatuto do Torcedor. Não é possível, aqui, analisá-lo em todos os seus artigos e detalhes, mas podemos fazer uma breve reflexão, questionando alguns pontos (para uma análise ampla ver Reis, 2006). Primeiramente, precisamos perguntar por que é necessária uma lei tão específica direcionada aos espectadores de esporte? O Estatuto do Consumidor não era suficiente? Por outro lado: e quanto aos frequentadores de outros eventos de massa como shows de música ou encontros religiosos? Eles também terão seu estatuto? Finalmente, o Estatuto do Torcedor tem uma preocupação com crimes cometidos tanto pelos torcedores, quanto pelos dirigentes esportivos. O código penal não considerou esses atos como crimes? A existência do Estatuto do Torcedor sugere que atos como suborno, lesão física ou homicídio foram proibidos na sociedade toda, com exceção dos estádios. Como se no interior deles existisse um vácuo de leis, que permitiria esses atos ilegais. Com a criação do Estatuto do Torcedor esta situação teria mudado. Isto não é a verdade. Suborno, lesão física ou homicídio sempre foram crimes e o código penal também se aplica aos estádios.

Se existem leis como o Estatuto do Torcedor e o Código Penal, porque então o Estatuto do Torcedor é necessário? Seguindo Kant de Lima (2008), esta multiplicação

de leis seria algo típico da tradição do Civil Law que rege o Brasil, ao contrário do *Common Law*, que rege os países anglo-saxões. Enquanto a primeira depende de uma quantidade grande de leis, que devem prever as situações legais e serem aplicadas de acordo com um processo de interpretação pelos especialistas – juízes, advogados, policiais –, a segunda cria a lei continuamente na corte através das decisões de júris, que são compostos por leigos. Ou seja, a lei brasileira é feita para um corpo de especialistas que obtêm o saber jurídico e, portanto, certo poder:

Sua impregnação [do saber jurídico] na sociedade brasileira, que se representa legalista e formal, evidencia-se em nossa prática social densamente povoada de normas, regulamentos, artigos e parágrafos que pairam em existência ainda mais ameaçadora a nossos desígnios imediatos porque contraditórios, difusos, desordenados e implícitos. Há sempre a possibilidade de que desconheçam normas (em geral, de formal e “obrigatório” conhecimento de todos) que possa ser subitamente invocada para nos impedir (ou favorecer ...) uma atividade muitas vezes corriqueira e diuturnamente repetida. Nossa única possibilidade de sucesso, então, deixa de repousar em nossa única possibilidade individual e coletiva, para deslocar-se sistematicamente para a habilidade e prestígio de nossos patronos do momento, capazes de sempre e sistematicamente “controlar” a situação, mas dificilmente de fazer valer nossos direitos (KANT DE LIMA, 2008, p.16-17).

O Estatuto do Torcedor se insere perfeitamente nessas observações. Ele é um regulamento, entre tantos outros, que confunde mais do que resolve. A quantidade de leis exige a formação de um corpo de especialistas que se forma em instituições às quais somente uma pequena parcela da população tem acesso. Tal situação é uma ferramenta que garante certo poder para essa parcela dominante da população. Mesmo conhecendo as leis, é necessário saber como interpretá-las nas situações concretas. Ou seja, este caráter interpretativo da lei gera uma insegurança muito grande e deixa o poder nas mãos daqueles que melhor sabem manipular o saber jurídico.

Este acúmulo quantitativo de leis pode levar a situações curiosas como, por exemplo, em relação ao artigo 39 do Estatuto do Torcedor:

Art. 39. O torcedor que promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores ficará impedido de comparecer às proximidades, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, pelo prazo de três meses a um ano, de acordo com a gravidade da conduta, sem prejuízo das demais sanções cabíveis.

§ 1º Incorrerá nas mesmas penas o torcedor que promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de cinco mil metros ao redor do local de realização do evento esportivo (BRASIL, 2003).

Ou seja, a pessoa que promove tumulto ou incita violência na Avenida Presidente Castelo Branco, ao lado do Maracanã, numa segunda feira, será julgado pelo código penal, mas se for num domingo é julgado pelo Estatuto do Torcedor. Mesmo se

for preso nessas circunstâncias, logo antes ou depois do jogo, ele poderia alegar que não é torcedor, não cabendo, portanto, a aplicação do Estatuto do Torcedor. Fica nítido que a lei não é clara e abre muito espaço para interpretações, que por sua vez são feitas pelos especialistas do saber jurídico que concentram, dessa forma, poder.



Foto 49: Agentes da Prefeitura responsáveis pelo Choque de Ordem em frente do Engenheiro.

O principal problema neste parágrafo é a definição de torcedor. Como vimos no decorrer do presente trabalho, essa definição não é fácil. Os meus interlocutores organizam seu dia de jogo de formas muito diversas. Para eles, um jogo pode durar mais do que apenas 90 minutos, mas, muitas vezes, um dia inteiro, considerando as preparações, caminhos e encontros intrinsecamente ligados à experiência do jogo. Essa característica notadamente flexível não é considerada pelo Estatuto do Torcedor e não poderia ser.

Outra consequência da multiplicação das leis é o desconhecimento das mesmas pelos torcedores. Este mecanismo é parte fundamental para assegurar o poder de conhecimento das leis nas mãos de alguns poucos privilegiados. Mesmo que todos os cidadãos brasileiros sejam obrigados a serem cientes das leis, é impossível conhecer todas, simplesmente porque são muitas. Esse desconhecimento do conteúdo do Estatuto do Torcedor foi amplamente comprovado por Silva et al. (2007), Curi et al. (2008) e Nicácio et. al. (2009). O torcedor se torna devedor porque não conhece os seus direitos, assim como foi analisado no capítulo sobre o Maracanã. A quantidade de leis tem como

consequência a impossibilidade de se cumprir todas. Podemos observar o mesmo padrão nas respostas dos meus interlocutores.

Acho muito bonito assim que ele começa a ser colocado em prática. Até hoje não vi nada. O Estatuto que não existe. [...] Então eu acho que tem certas coisas que não funcionam. Não sei se só não funciona aqui no Brasil, mas aqui no Rio, no Brasil as coisas são muito mais complicadas de funcionar. E culturalmente é muito difícil fazer algumas mudanças que o próprio estatuto do torcedor quer. Como por exemplo botar o lugar numerado. Não vai conseguir tão fácil assim. Eles podem conseguir numa Copa do Mundo, podem. Mas num jogo de Campeonato Brasileiro, Carioca, não é possível. Pelo menos não a curto prazo. Isso tem de ser uma mudança cultural. Não vai ser de uma hora para a outra. Numa Copa do Mundo de repente você até consegue, mas é uma das coisas que não vai funcionar.

De que você sente falta?

Olha para dizer a verdade eu não tenho muita noção o que tá no Estatuto. Eu sei algumas coisas como lugar marcado. Mas eu não sei muito do Estatuto em si não. Eu sei que mudança depois do Estatuto a gente praticamente não tem. Nisso assim não sei muito falar não (Torcedora botafoguense Tatiane, Tijuca).

O Estatuto do Torcedor quando ele foi criado foi uma coisa importante, né. No Engenho, inclusive, existe uma delegacia... Delegacia não, um juizado. E aí é muito legal, porque inclusive já tive lá presente pra fazer uma queixa. [...] Mas esse Estatuto eu acho que melhorou bastante, já deu uma certa colocação de limites pras torcidas. Eu acho apenas que ele tem que ser executado mais, quer dizer, existe a lei, só tem que... É feita, né, legislativo, agora o executivo tem que tomar as providências; ou seja, o governo tem que partir e praticar aquele Estatuto, né (Torcedor botafoguense Fernando, Leblon).

O conteúdo do Estatuto do Torcedor é amplamente desconhecido. Cada um cria a sua própria opinião sobre o que deve estar escrito nele e o que seria importante de ser mudado. Enquanto os torcedores emocionais têm uma certa descrença quanto a se colocar em prática a obrigação de assistir ao jogo sentado em cadeiras numeradas, os torcedores confortáveis apóiam essa proposta. A segunda citação é interessante porque mostra que o informante acha que o Estatuto foi feito para um grupo específico, as torcidas organizadas, que precisam ser controladas e não para todos os torcedores que devem ter direitos, mas também deveres.

A sensação de ineficácia e não cumprimento é geral. Os dois informantes nunca leram o Estatuto, mas têm a certeza que não está sendo aplicado. Reis (2010) analisa que o Estatuto do Torcedor não define claramente qual instituição deveria ser responsável pelo seu cumprimento. Dessa forma, a lei se torna bastante arbitrária. Ela é usada ou não pela instituição ou pessoa a quem convém.

Da mesma maneira funciona o *Choque de Ordem*, criado pela prefeitura do Rio de Janeiro, durante o governo do prefeito Eduardo Paes. Trata-se de uma medida

repressiva para coibir pequenos crimes nos principais corredores da cidade e, desse modo, ordenar esses espaços e aumentar o sentimento de segurança da população. Os principais alvos são vendedores de rua e o controle de bebidas alcoólicas, principalmente para motoristas. Para a realização dessas medidas foi criada a Secretaria de Ordem Pública:

Choque de Ordem

Um fim à desordem urbana.

A desordem urbana é o grande catalisador da sensação de insegurança pública e a geradora das condições propiciadoras à prática de crimes, de forma geral. Como uma coisa leva a outra, essas situações banem as pessoas e os bons princípios das ruas, contribuindo para a degeneração, desocupação desses logradouros e a redução das atividades econômicas.

Com o objetivo de pôr um fim à desordem urbana, combater os pequenos delitos nos principais corredores, contribuir decisivamente para a melhoria da qualidade de vida em nossa Cidade, foi criada a Operação Choque de Ordem. São operações realizadas pela recém criada Secretaria de Ordem Pública, que em um ano de existência vem conseguindo devolver a ordem à cidade.⁶⁷

No dia 23 de janeiro de 2009, o prefeito Eduardo Paes publicou no Diário Oficial que o Choque de Ordem será aplicado também nos arredores do Maracanã, mas não no Engenheiro, a partir de duas horas antes e até duas horas depois dos jogos. A partir desse momento ficaria proibida, nas ruas ao redor do estádio, a venda de bebidas alcoólicas, de suvenires, ingressos ou qualquer outra venda na rua, assim como estacionar o carro (*Globo e Jornal do Brasil*, 24/01/2009). A medida tem valor de lei, o que permite aos agentes fiscais multarem ou prenderem infratores.

Segundo o *Jornal do Brasil*, a Secretária de Esporte, Turismo e Lazer do Estado do Rio de Janeiro, Márcia Lins, durante a apresentação da medida, disse: “Nossa intenção é mudar o perfil e a cultura dos torcedores em longo prazo. Queremos dar garantias para que a família retorne aos jogos” (*Jornal do Brasil*, 24/01/2009).

Na mesma reportagem, o secretário de Ordem Pública da prefeitura do Rio de Janeiro, Rodrigo Bethlem, afirmou que:

Você não pode abrir precedentes quando se tem um evento tão importante quanto a Copa do Mundo. Se a gente quer sediar um evento como esse, temos que arcar com esse ônus. Isso vai afetar o faturamento do comércio da região, mas a longo prazo trará benefício. Haverá uma valorização do local. Isso já foi feito em países da Europa e deu certo. Apenas estamos copiando (*Jornal do Brasil*, 24/01/2009).

⁶⁷

www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=87137, acesso em 14/11/2010.

As falas dos dois secretários trazem elementos típicos do discurso oficial em torno do futebol, dos megaeventos e das medidas de segurança pública aplicadas aos estádios. Explicita-se o objetivo de se ter um outro tipo de torcedor frequentando os estádios. A exclusão das camadas baixas e a atração das camadas com maior poder aquisitivo ganha o eufemismo de “o retorno das famílias”. Essa mudança deve ser consequência da regulamentação do comércio ao redor dos estádios. O *Choque de Ordem* é uma medida que interfere no desenvolvimento livre do comércio, de modo que se define quem pode vender, o que se pode vender e onde vender. Trata-se, portanto, de um instrumento para definir o espaço da venda oficial, como descrito no capítulo sobre conforto. A justificativa para tal medida é que se estaria seguindo um modelo já adotado na Europa, recorrendo à percepção comum do público brasileiro de que a Europa é o modelo a ser seguido.

O discurso de querer ser como na Europa, sinônimo de querer ser moderno, é tão forte que dispensa as evidências. Não se questiona se é verdade que os países europeus têm medidas similares nos seus jogos de futebol. Não se questiona o que significa “dar certo” nestes países e, também, não se questiona a diferença existente entre os países europeus. Segue uma tabela com informações de alguns países da Europa sobre medidas de segurança pública, mostrando a diversidade de medidas, sem mencionar os países da Europa ocidental ou de outros continentes.

Tabela 26: Medidas de segurança no futebol de alguns países europeus e no Brasil.

	Alemanha	Espanha	França	Holanda	Inglaterra	Itália	Brasil
Geral	Existe em todos os estádios, com exceção de Leverkusen.	Não existe.	Existe em praticamente todos os estádios.	Alguns estádios ainda as possuem.	Não existe.	Oficialmente não existe.	Deve ser eliminada nos estádios da Copa 2014
Material: Bandeiras, Instrumentos musicais	Permitido com restrições.	Permitido com restrições.	Permitido com restrições.	Permitido com restrições.	Permitido com restrições. Não existe a prática de baterias.	Em princípio proibido. É necessário pedir permissão oficial.	Permitido com restrições.
Venda de bebida alcoólica	Permitida.	(sem informação)	Proibida.	É proibido vender álcool ou maconha apenas para a torcida visitante.	Proibida dentro dos estádios.	(sem informação)	Proibido dentro do estádio e nas áreas do Choque de Ordem.
Stadium ban (Impedimento de entrar nos estádios)	Existe. Há um registro nacional dos banidos.	Existe.	Existe. Há um registro nacional dos banidos.	Existe. Há um registro nacional dos banidos.	Existe. Há um registro nacional dos banidos.	Existe. Há um registro nacional dos banidos.	Existe, seguindo o Estatuto do Torcedor. Não há registro nacional.
Estatuto do Torcedor	Não existe nenhuma lei específica para torcedores. Valem as recomendações da Convenção europeia sobre violência de espectadores.	Lei dos eventos esportivos, Lei contra violência, racismo, xenofobia e intolerância no Esporte.	Normas da Liga.	(sem informação)	Taylor Report. Valem as recomendações da Convenção europeia sobre violência de espectadores.	‘Osservatorio sulle Manifestazioni Sportive’ do ministério do interior.	Existe.
Registro Nacional de Torcedores	Não existe. Os clubes têm registros dos seus sócios, que recebem carteirinhas.	Não existe. Os clubes são obrigados por lei de ter um registro dos seus torcedores e torcidas.	(sem informação)	Existe com Carteirinha do Torcedor.	Não existe. Os clubes têm registros dos seus sócios, que recebem carteirinhas.	Planejado para 2011, com a emissão de uma carteirinha. Responsável: Ministério do Interior.	Planejado.

Quadro: Medidas de Segurança nos estádios: comparação internacional. Fonte: Sandra Schwedler, 2010.

A prefeitura do Rio de Janeiro considerou o Estatuto do Torcedor ainda fraco demais e por isso decidiu aplicar as medidas do Choque de Ordem ao Maracanã. A arbitrariedade da lei se multiplica dessa forma. A venda de certos produtos é permitida em certas áreas e em outras, não. Vendedores de rua existem no Rio de Janeiro inteiro,

mas foram proibidos nos arredores do Maracanã. É importante ressaltar que até o momento da redação desta tese o Choque de Ordem se aplica unicamente ao Maracanã e a nenhum outro estádio carioca, nem o Engenhão. Ou seja, estamos falando de uma lei válida apenas para locais geográficos específicos, não de uma lei que vale para tudo e todos. Esta é a fonte da arbitrariedade.

As opiniões dos meus informantes sobre o Choque de Ordem reproduzem os dois pólos (de torcedores emocionais e confortáveis), como analisado anteriormente. Os primeiros se mostram contrários às medidas e os segundos, favoráveis. A sensação do não cumprimento continua:

Uma palhaçada. Uma palhaçada, porque olha só, eles proibiram a bebida, a lei seca. Acabou a briga? Acabou a violência? Do lado de fora, acabou? Não acabou. Não acabou. Então acho isso uma palhaçada. Nós estamos vivendo numa democracia onde é falsa democracia. Não tá existindo. Você não tem direito de tomar a sua cerveja. Mas tem direito de sentir a marola da maconha dentro do estádio. Entendeu. A maconha não faz a cabeça? Agora porque proibir só a cerveja? Acho uma palhaçada. Não vejo que a bebida alcoólica aumenta o índice de violência, que eu digo de briga, de acidente, continua. Acontece um acidente, o pessoal continua bebendo. Entendeu. Eu acho uma palhaçada. Não diminui a briga, não diminui nada fora do estádio. Achei ridículo isso.

E o choque de ordem?

Olha. Eu acho também uma palhaçada. Eu acho, esse prefeito, graça a deus eu não votei nele. Mas eu acho isso tudo uma palhaçada que ele tá fazendo. A mesma coisa é o pessoal vendendo as suas camisas, as suas bandeiras. Essas coisas. O que aquilo está afetando? São trabalhadores que estão ganhando seu dinheiro ali. Ninguém tá roubando, entendeu. Ninguém tá fazendo nada demais. Muito torcedor às vezes compra ali. Gente, nem tudo mundo tem R\$150 para pagar uma camisa oficial. Eu acho uma palhaçada, uma palhaçada desse prefeito (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Não funciona. Principalmente venda de produtos. Você continua vendo facilmente. Não precisa procurar muito não. Inclusive bebidas alcoólicas. Inclusive no Maracanã. E eu acho que a questão de não vender bebidas alcoólicas nos arredores faz pouquíssima diferença. As pessoas levam de casa elas bebem aonde tiver a distância que for isso não vai fazer a menor diferença. Então eu acho que deve ter a medida. Deve. Mas que ela vai surtir o efeito desejado não vai. E continua a se vender cerveja livremente é muito fácil. Assim como você vê cambista na cara do policial (Torcedora botafoguense Tatiane, Tijuca).

Eu acho assim que já dá pra sentir muita mudança de como era quando eu bebia, da época que era liberado, antes do Choque de Ordem, pra como é hoje em dia. Acho que já mudou muita coisa. Muita coisa. Acho que já mudou muita coisa. Acho que já tem muita coisa, assim, muito mais positivo que a gente tira, do que negativo. Eu, como frequentador de estádio, já reparei isso. Já reparei isso já. Já vejo muitos mais fatores positivos do que negativos. Eu já me sinto mais seguro. Você tem o trabalho de ir lá, não sei aonde, andar, beber. Mas eu já não vejo mais... Eu acho até que diminuíram as confusões. Engraçado que eu acho isso, diminuíram as confusões. (Torcedor botafoguense Arnaldo, Ipanema).

Enquanto o torcedor, na última citação, diz que seu sentimento de segurança aumentou com o Choque de Ordem, as primeiras duas torcedoras negam este efeito. Ao contrário, a primeira se mostra preocupada com os vendedores que perdem seu negócio por conta da medida e com os torcedores de menor poder aquisitivo, que não conseguem comprar suvenires oficiais. Fica nítido como as medidas favorecem o habitus dos torcedores confortáveis e que têm o poder aquisitivo maior.

As categorias segurança e insegurança são também entendidas de formas distintas. Enquanto alguns informantes se referem à violência física, outros se referem a situações confusas. Pesquisas recentes (NICÁCIO et. al., 2009) indicam que o sentimento de segurança dos torcedores dentro dos estádios é bastante grande hoje em dia, enquanto a chegada até o estádio é considerada mais insegura. Nesse sentido, o *Choque de Ordem* é supostamente uma medida acertada. Ao contrário da última medida a ser aqui analisada, o *Registro Nacional de Torcedores* com emissão de uma Carteirinha de Torcedor.

No dia 13 de março de 2009, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e o Ministro do Esporte, Orlando Silva, apresentaram em Brasília o pacote “Torcida Legal”, cuja principal medida é um Registro Nacional de Torcedores. Qualquer pessoa que quiser assistir a um jogo de futebol profissional, no Brasil, seria obrigada a se registrar e receber uma carteirinha. Com esse documento, o torcedor poderia comprar seus ingressos, que seriam gravados no chip da carteira. Dessa forma, ingressos poderiam ser vendidos em diversos lugares, como casas lotéricas, e na entrada do estádio se passaria apenas a carteira na roleta para entrar. A medida visa um aumento do controle de quem está nos estádios, facilitando a identificação de torcedores violentos (*O Globo, Folha de São Paulo e Lance!*, 14/03/2009).



Foto 50: Polícia montada em frente ao Engenheiro.

É importante ressaltar que, originalmente, a idéia era registrar todos os torcedores e não só os membros de torcidas organizadas. Em São Paulo, existe desde 2006 uma campanha para se registrar apenas os membros das torcidas organizadas. Desde então só podem entrar nos estádios torcedores com símbolos das torcidas organizadas se tiverem se cadastrado anteriormente (*Lance!*, 20/09/2006).⁶⁸

Enquanto o fichamento das torcidas organizadas, em São Paulo, de fato foi implantado e continua existindo, o projeto do Registro Nacional de Torcedores provocou uma forte resistência e ainda não foi posto em prática. Segundo o editorial da *Folha de São Paulo* do dia 15/03/2009 sob o título “Todos fichados”:

Ao que consta, contudo, poucos se puseram a verificar se, para atingir a pacificação nos estádios, é mesmo necessária tamanha elucubração cibernética. De saída, o método escolhido pelos dirigentes inverte a lógica: em vez de fichar apenas os suspeitos, os torcedores violentos, ficham-se todos. Além disso, barrar a entrada de uma pessoa num evento público porque ela não tem um “cartão do torcedor” parece abertamente inconstitucional (*Folha de São Paulo*, 15/03/2009).

Mas houve também reações maciças através de cartas de leitores:

Como se não bastassem as estripulias no Congresso, o ministro dos Esportes anuncia a criação de uma carteira de identificação do torcedor. Torcedor é cidadão, e cidadão já tem documentos que o identificam. A desculpa de preparação para a Copa 2014 é um insulto à inteligência do cidadão. Pelo visto, só aprovarão essa idéia estapafúrdia fabricantes de carteiras, de roletas, de sistemas de identificação digital etc. Ministro, menos falação, mais trabalho, mais eficiência, menos empulhação!

Ricardo Cavalcanti. (Rio de Janeiro, por e-mail, 12/3/2009), (*O Globo*, 13/03/2009).

⁶⁸

www.futebolpaulista.com.br/torcedor.php?sec=27

De acordo com essas opiniões seria aceitável criar um cadastro das pessoas consideradas violentas, mas não é aceitável a criação de um registro para todos. As pessoas violentas seriam os suspeitos de sempre, ou seja, os membros das torcidas organizadas. Por isso, o projeto em São Paulo não provocou a mesma reação. Um dos meus informantes inclusive confundiu os dois projetos:

O plano é esse, você precisa primeiro se registrar num registro nacional e só se você tem esse comprovante, você vai receber um cartão, você pode comprar ingressos.

É, eu não sabia que era tanto assim não. O que eu tinha ouvido falar era que você ia ter um cadastro de torcedores, mas eu pensava que era só torcida organizada.

Não, é todo mundo.

Ótimo, né? Uma boa forma de controlar né? Saber quem tá no estádio e é bom que evita cambista, né? Cambista é uma praga. Eu acho perfeito. Eu acho perfeito. Eu não sei como faria isso em cima da hora, né? Tipo, eu que compro ingresso na hora. A não ser que tivesse um cartão já, já um registro, alguma coisa assim. Mas eu acho que seria ótimo. É uma medida radical, mas é ótimo, assim, pra uma questão de segurança. Dá muita confusão no estádio (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo).

Sou a favor. Sou a favor. Porque acho que, tipo assim, pessoas, eu acho que fica mais fácil de você identificar. Tipo assim, eu vou sempre, a Acileia presidente da Guerreiras vai sempre, entendeu. Você já vai saber quem tá dentro do estádio. Mas aqui o Brasil não tá preparado para isso não. Eu não acho que esteja preparado (Torcedora botafoguense Maria, Bangu).

Os meus interlocutores nem estão se mostrando contrários ao Registro Nacional de Torcedores, mas eles também não se mostram bem informados, além de céticos sobre a sua implantação. Em nome da segurança parece ser possível justificar muitas medidas, mesmo se isso diminui o livre arbítrio de, por exemplo, se decidir ir a um jogo sem planejamento prévio, algo que é tido como importante para um dos torcedores citados: o Arnaldo.

Há uma crescente regulamentação das visitas aos estádios para ver jogos de futebol, muitas delas em forma de leis. Esta multiplicação das leis tem como resultado o fato de os torcedores não conseguirem conhecê-las. A sua aplicação se torna responsabilidade de um corpo jurídico pouco definido, que pode julgar com certa arbitrariedade. A disputa pelo significado do que é torcer é fundamental para influenciar a criação/legitimação destas normas e a sua aplicação. A carteira de torcedores, que se aplicaria não apenas às classes baixas, provocou fortes reações contrárias.

Esta situação da arbitrariedade do sistema jurídico cria um sentimento de impunidade e ineficácia das leis entre os cidadãos. Como consta na carta do leitor, anteriormente citado, sobre a questão das carteirinhas, há uma desconfiança de que

alguém lucrar de forma ilícita ou, no mínimo, privilegiada com a medida. Cada um tem uma interpretação particular da lei, que não se conhece, e que resulta em expectativas frustradas, porque muitas vezes a aplicação difere dessa interpretação. Em seguida, surgem as exigências de punições imediatas dos criminosos, que supostamente todos conhecem, pelos policiais que estão presentes e não pelos tribunais distantes. Podemos retomar a discussão de Kant de Lima para analisar as consequências dessa situação para o trabalho dos policiais ao redor dos estádios:

É claro que este estado de liminaridade tem consequências práticas para a atividade policial. Quando *previne* a criminalidade, a polícia atua sobre o comportamento *virtual* dos indivíduos e grupos, usando de arbítrio para prevenir aquilo que considera um estado *potencial* de quebra da ordem jurídica. Julga, então, indivíduos prevendo seu comportamento futuro – seu grau de *periculosidade*. Age, portanto, dentro dos princípios da escola positiva de Direito Penal. Tal ambigüidade de princípios e funções faz com que a polícia, não oficialmente, adjudique e puna criminosos – tarefas atribuídas com exclusividade ao Poder Judiciário - utilizando outros procedimentos e subordinando suas atividades a princípios “puramente” inquisitoriais, diferentes daqueles do Judiciário (2008, p.53).

Ou seja, o papel da polícia é manter a ordem pública. Como a proliferação de leis provoca não apenas o não conhecimento destas, mas também impossibilita a aplicação de todas as leis para todas as pessoas, a polícia é obrigada a escolher a quem a lei se aplica. Para complicar a situação, a polícia deve prever futuras situações de desordem e punir diretamente para evitar os sentimentos de impunidade na população. A única forma de reagir a essa situação é perseguir os mais fracos, ou seja, os mais marginalizados, considerados com o maior grau de periculosidade.

Neste momento, o discurso sobre a violência no futebol, anteriormente discutido, se torna importante. Porque os torcedores emocionais são considerados os mais violentos, com o maior grau de periculosidade e, portanto, são os alvos preferenciais da polícia para aplicar a lei. O discurso sobre a violência é a justificativa para as medidas de segurança pública. Quando surge uma medida que atingiria a população não marginalizada, ou seja, os torcedores confortáveis, há resistência impossibilitando a medida, como é o caso do *Registro Nacional de Torcedores*.

A torcedora Maria relata as suas experiências com este procedimento arbitrário da polícia:

De segurança? Não acho que não tem diferença não. Eu não acho que tem diferença não. Só acho a polícia militar muito abusadinha com a torcida do Botafogo. Eu acho, acho eles muito autoritários. Tipo assim, no último jogo mesmo que eu fui agora Botafogo e Fluminense, veio o pessoal da Fúria, cantando e tal. E o policiamento veio atrás escoltando, né. Para que não houvesse nem briga nem nada. Aí eles vieram escoltando. Andando com a

patrulhinha atrás. Aí um rapaz passou em frente de um bar de esquina. E o negócio que tava prendendo biscoito caiu, mas o rapaz não estava no pelotão que tava a Fúria. A polícia foi bater no cara, o cara não tinha nada a ver. Ele ia entrar no bar para poder encontrar algo (Torcedora botafoguense Maria, Bangu)

Se vai ver a polícia metendo a porrada. A torcida briga? A torcida briga! Mas no Botafogo - Flamengo você tem três torcidas brigando: você tem a torcida do Flamengo, a torcida do Botafogo e você tem a polícia metendo a porrada como se fosse torcida. Ela não coíbe nada, ela se comporta como uma terceira torcida organizada e mete a porrada em qualquer um e dane-se quem tiver na frente. Adianta? (Torcedor botafoguense João, Tijuca)

Ou seja, a polícia age fazendo uso do seguinte método: “Primeiro encontra-se o ladrão, depois obtém-se sua confissão, e então realiza-se a investigação formal” (Kant de Lima, 2008, 54). Sendo que nos casos relatados não houve sequer confissão ou investigação, mas uma punição imediata:

Como essas atividades são exercidas inquisitorialmente, a polícia e a população vigiada e investigada – particularmente as classes baixas – não desenvolvem relações de confiança recíproca e incondicional (Ibid, p.56).

A torcedora Maria chama a polícia de “abusadinha”, sendo esse o motivo da desconfiança. Todas as medidas de segurança pública, aqui descritas, são favoráveis para as classes dominantes e estigmatizam as classes baixas. Elas reforçam a desconfiança mútua. Os estádios estão se transformando em um espaço para os torcedores que buscam conforto, negligenciando aqueles que buscam emoção. Este desenvolvimento está sendo descrito por meus informantes.

Aqui no Brasil, qual é o público que tá aqui? Você faz ao contrário, se cria um estádio e tem de adequar o público àquele estádio. Tá errado. Você tem de adequar o estádio ao público que vai. Se seu público é aquele que fique em pé pulando, agitando, você não pode botar esse público em cadeiras acolchoadas. O cara fica em pé, o cara quebra... Então se pode botar cadeira numerada, bota. Tem até o cara que gosta de sentar numa cadeira, ele quer sentar, ele quer chegar no estádio na 34, fila A, é minha. Então ele compra a 34, fila A. Paga mais caro, por ter o lugarzinho dele. Agora você tem aquele público que fica em pé com bandeira pulando, berrando, a garotada. Esse público não tem lugar para ficar, porque o estádio não foi feito pensando neles. Você tem de ter atrás do gol, onde a organizada vai ficar, então atrás do gol não tem cadeira, atrás do gol é arquibancada de cimento onde pode pular. É ao contrário, não é o público que tem de se adequar ao estádio, é o estádio que tem de se adequar ao público. Então pode ter numerada, pode ter numerada. Pode ter cadeira, pode ter cadeira. Agora você tem uma galera, um público grande, metade do público que vai ao jogo é o pessoal de torcida. Esse pessoal fica em pé, vai ficar pulando. Ah, quebrou a cadeira? É claro, tu botou o cara aí! Você sabe que vai ter esse comportamento. Não é errado, é cultural (Torcedor botafoguense João, Tijuca).

A proposta do torcedor citado de criar espaços distintos e separados para os diferentes tipos de torcedores poderia ser uma alternativa interessante para evitar conflitos. Dessa forma, todo mundo teria seu lugar, ninguém precisaria se sentir

excluído. Além disso, percebeu-se um problema de atratividade dos jogos: o público no futebol brasileiro é muito baixo. Talvez a proposta do torcedor pudesse atrair mais torcedores. Garantir a presença das torcidas organizadas e dos torcedores emocionais criaria também a atmosfera emocional que, segundo as falas de torcedores, ainda faltaria ao Engenhão. Mesmo os torcedores que ficam nos lugares mais caros consomem emoção, pois ela faz parte do espetáculo. As citações nos capítulos anteriores comprovam essa necessidade.

Por enquanto, o discurso sobre a violência e a segurança é tão forte que impede pensar em nível governamental sobre aquelas alternativas, conseguindo ser até mais forte do que reflexões economicamente racionais. Já mostramos na primeira parte deste trabalho que a construção do Engenhão não trouxe vantagens financeiras nem para o proprietário – a prefeitura do Rio de Janeiro – nem para o locatário – Botafogo CFR. O controle das classes baixas e as formas de se assegurar a participação das classes dominantes nos eventos de futebol são tão importantes que impedem de se pensar sobre propostas que encham o estádio com torcedores de qualquer poder aquisitivo, o que seria economicamente mais razoável.

Se não for a razão econômica que guia as decisões relativas às medidas de segurança pública, então são outros os capitais (simbólicos) envolvidos no futebol. É simbolicamente importante ter o estádio mais moderno, ter a Copa do Mundo, ter um *Estatuto do Torcedor* e um *Choque de Ordem*. Parece que é mais importante do que a viabilidade financeira ou a sua verdadeira eficácia para a segurança pública e participação de todos os cidadãos.

3. CONCLUSÃO

Como foi mostrado na introdução deste trabalho, observamos os acontecimentos na arquibancada do Maracanã durante uma partida entre as seleções de futebol do Brasil e Equador nos Jogos Pan-Americanos de 2007. Pudemos ver que a maioria dos torcedores seguia as regras impostas pelos organizadores: passaram pelo rígido esquema de controle e segurança nas entradas e se direcionaram aos seus assentos numerados na arquibancada, de onde assistiram ao jogo sentados. Mas percebemos também um grupo com um comportamento dissonante, que ficou em pé, não respeitou a numeração e cantou a favor de um time local ao invés de cantar a favor da seleção brasileira. Este segundo grupo causou tanto constrangimento que seguranças foram chamados para impedir suas ações. Perguntamos, então, por que esses comportamentos provocavam reações tão fortes que tornaram necessária a presença de seguranças?

Com as reflexões e os dados levantados durante o trabalho pudemos tentar explicar a situação. Vimos que, há mais que cem anos, estádios de futebol são construídos no Rio de Janeiro, sendo continuamente modificados no decorrer deste tempo. Esses estádios se inscreveram na geografia da cidade, influenciando seu crescimento, além de expressarem certas questões urbanas pertinentes às diversas épocas. Mas percebemos também que não houve nenhuma grande construção ou intervenção nesses estádios por cerca 50 anos entre 1950, ano da Copa do Mundo no Brasil e da inauguração do Maracanã, e 2000, ano no qual começaram as maiores modificações no Maracanã e já estava em andamento o planejamento da construção de um estádio olímpico, o Engenhão. É no século XXI que se percebe uma transformação grande nos estádios de futebol no Rio de Janeiro.

Por isso, perguntamos quais os significados dessa transformação? O Brasil sediará nos anos 2014 e 2016 os principais megaeventos esportivos do mundo: a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos de verão. Sendo assim, considerou-se necessária a construção de novos estádios em todas as sedes dessas competições. O Engenhão, no Rio de Janeiro, inaugurado em 2007 para os Jogos Pan-Americanos, se tornou uma espécie de protótipo para os outros estádios. Dessa forma, foi possível analisar a sua arquitetura e a reação dos seus usuários - os torcedores - a essas novas construções e suas regras implícitas. De que modo uma nova arquitetura influencia o comportamento dos torcedores de futebol? Esta arquitetura foi feita para um tipo específico de torcedor?

O arquiteto do Engenhão Carlos Porto informou em entrevista que foram seguidos quatro critérios na criação do Engenhão: marca, conforto, segurança e exigências das federações internacionais de esporte. Na sua visão, o estádio deve servir como veículo de propaganda da cidade e do país, sendo uma marca passível de ser reconhecida facilmente nas imagens midiáticas, como é o caso do estádio olímpico em Beijing. Por isso, o Engenhão possui os quatro arcos que seguram o telhado e podem ser avistados de longe, dando-lhe um *design* característico.

Além disso, Porto enxerga a televisão como um concorrente na disputa por espectadores. Sendo assim, um estádio contemporâneo teria de oferecer o máximo de conforto para incentivar os torcedores a sair de casa e ir ao estádio. O conforto se caracterizaria pela construção de assentos, camarotes, bares, banheiros, telão e amplas áreas de movimentação.

Não apenas no Brasil, mas em vários lugares do mundo, houve grandes catástrofes em estádios com vítimas fatais. Isso gerou como consequência o aumento nas exigências de segurança para as construções, demanda esta que foi atendida por Porto. Alguns dos elementos do esquema de segurança são equipamentos de controle nas entradas, circuito de câmeras de vigilância, amplos acessos e saídas, separação dos setores e a colocação de assentos.

Finalmente, existem as exigências das federações internacionais de esporte, nas quais consta grande parte das medidas de conforto e segurança já citadas. E, além disso, estas federações também determinam algumas normas técnicas como tamanho do campo, materiais de construção ou localização dos setores da imprensa.

O arquiteto aparentemente não precisou se preocupar com a viabilidade financeira da empreitada. Porém essa é uma preocupação central da proprietária do Engenhão, a Prefeitura do Rio de Janeiro, que investiu muito dinheiro e não faz uso do estádio. A solução foi a realização de um processo de licitação alugando o Engenhão para um grande clube de futebol, que é o Botafogo CFR. Este clube paga um aluguel, relativamente baixo, e arca com os custos de manutenção, que são bastante altos segundo Anderson Simões, ex-integrante da diretoria do Botafogo. Apenas a venda de ingressos para os jogos do Botafogo não financia os gastos com a manutenção do estádio. Por isso, o Clube está à procura de fontes alternativas de recurso como shopping center, shows ou a venda do nome do estádio (*naming rights*). Muitas dessas medidas implicam em novas obras que nem a Prefeitura, como proprietária, nem o Botafogo, como inquilino, querem bancar. Cada um passa a responsabilidade para o

outro. Ou seja, do ponto de vista da viabilidade financeira, seria desejável atrair espectadores com melhores condições financeiras capazes de pagar ingressos mais caros. Este seria um público interessado em conforto e segurança, além de apreciar o *design* do estádio. O Engenhão foi construído para este público.

Dessa forma, o Engenhão difere bastante do Maracanã, que foi erguido sob premissas bem distintas. No contexto histórico do pós-guerra, o Maracanã deveria simbolizar o Brasil como grande nação democrática e moderna que oferecia uma proposta alternativa aos regimes fascistas europeus que haviam sido derrotados. Dessa forma, o projeto do Maracanã teve pouca preocupação com conforto, segurança, *design* ou viabilidade econômica, estando muito mais concentrado em oferecer espaço suficiente para garantir a participação democrática de um número máximo de espectadores. Por isso, durante muito tempo ele foi o maior estádio do mundo. Além disso, se optou por uma arquitetura quase redonda para garantir aos espectadores praticamente o mesmo ângulo de visão do campo de qualquer lugar do estádio e independentemente da condição financeira. Existia um espaço chamado de “geral”, com ingressos baratíssimos, que foi abolido nos novos estádios para a Copa de 2014. O Maracanã foi concebido como espaço de inclusão e comparado a esse aspecto, o Engenhão é um espaço da exclusão.

Enquanto o público, no Maracanã, frequentemente ficava acima dos 100.000 torcedores, no Engenhão cabem apenas 45.000 sendo que esta marca foi pouquíssimas vezes alcançada. Ao que parece existe alguma insatisfação do público carioca de futebol com o Engenhão ou com a forma pela qual o espetáculo de futebol está sendo produzido no Rio de Janeiro. Por isso, decidimos fazer uma etnografia com os torcedores do Botafogo no Engenhão e perguntar-lhes qual lugar escolhem para ficar no estádio e por quê. Dessa forma, esperamos conseguir informações sobre os motivos que levam as pessoas ao estádio, tendo em mente também a preocupação com a concorrência da televisão.

Os torcedores entrevistados justificaram sua escolha através de duas categorias principais: emoção e conforto. De um lado temos um grupo que diz buscar no estádio “emoção”. Isso significa, para esse grupo, o desejo de ficar na área mais barata do estádio e próximo às chamadas torcidas organizadas. Essa proximidade se justifica pelo fato de que essas torcidas são consideradas, para aquele grupo de torcedores, como os produtores de emoção ao tocarem a bateria, puxarem as canções e dançarem durante o jogo do seu time. Para que adotem esse comportamento é necessário que assistam ao

jogo em pé e com liberdade para se moverem. Aquele grupo de torcedores que afirma buscar emoção nos estádios entende o futebol como um evento comunitário no qual se encontra amigos com quais se compartilha a comemoração de uma vitória e o sofrimento de uma derrota. Em geral esses torcedores informaram que não gostam do Engenhão por não oferecer as condições que necessitam para torcer. O estádio é percebido como frio ao contrário do Maracanã, por eles preferido

Chamo esse tipo de torcedor, de torcedor emocional, para quem os acontecimentos na arquibancada são mais importantes do que os que ocorrem no campo. Por isso não se importam com uma visão prejudicada, por exemplo, por pessoas em pé, bandeiras ou obstáculos arquitetônicos. Eles percebem o Botafogo como uma comunidade que deve ser apoiada pelos torcedores com a produção de emoção, ou seja, a relação com o time se dá através da torcida.

Esta é uma observação importante que pode ser melhor explicada ao se caracterizar aqueles torcedores que fazem do conforto a principal justificativa pela escolha do lugar que ocupam no estádio. Esses torcedores confortáveis rejeitam exatamente as bandeiras e as danças, percebidas como bagunça e querem usufruir do maior conforto possível. Eles querem se concentrar primeiramente no jogo e para isso precisam de um assento e uma boa visão do campo. Por isso ficam irritados, quando alguém levanta à sua frente, obstruindo sua visão.

Eles também entendem o Botafogo como uma comunidade, mas com a qual se conectam através do time. A concentração nos acontecimentos em campo e a tentativa de apoiar o time de uma forma mais “espiritual” estão no centro da sua atenção. Enquanto assistem ao jogo, não querem falar com ninguém. Depois do jogo podem encontrar amigos e se sentirem parte da comunidade Botafogo. Sendo assim, sua conexão com o time, a torcida e o futebol se dá de forma inversa a dos torcedores emocionais. Trata-se, portanto, de um tipo de torcedor que tende a gostar do Engenhão porque oferece o conforto exigido.

Torcedores emocionais e confortáveis são tipos ideais, no sentido usado por Max Weber (1982). São categorias que auxiliam nossa análise, mas que dificilmente existem em sua forma pura na realidade. A grande maioria dos torcedores entrevistados prefere uma das duas tendências, mas dificilmente assume uma única posição. A maioria se encontra em algum lugar entre os dois pólos torcedores emocionais e torcedores confortáveis. Alguns até mudam conscientemente entre as duas posições e podem ser chamados de torcedores flexíveis. Ao mesmo tempo em que reconhecem o valor da

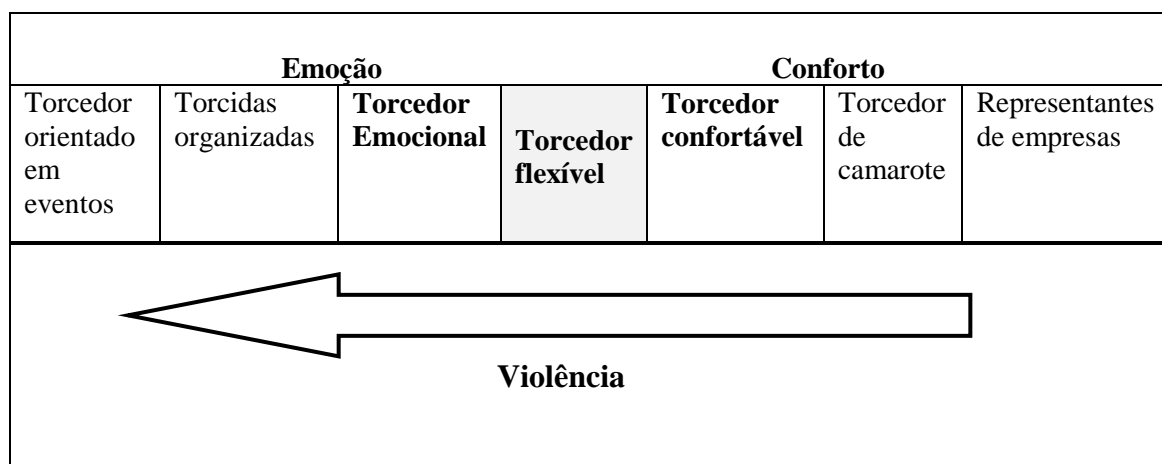
“emoção” em certas ocasiões, por exemplo, em jogos mais festivos, momentos em que se aproximam das torcidas organizadas, também informam que há jogos nos quais o conforto é mais importante, por exemplo, jogos mais tensos que exigem mais atenção.

Nesta pesquisa não foram entrevistados membros de torcidas organizadas porque já são alvo de muitos trabalhos produzidos nas Ciências Sociais. O objetivo é exatamente abrir o leque de perspectivas e saber mais sobre os muitos outros torcedores presentes no estádio. Uma das observações interessantes diz respeito ao fato de que os torcedores emocionais declaram que buscam a proximidade das torcidas organizadas, dividem o mesmo espaço com elas, mostram o mesmo comportamento e usam a mesma roupa, mas fazem questão de enfatizar que não são membros destas agremiações. Quais os motivos desse fenômeno?

Temos aqui o uso de uma terceira categoria nativa usada por todos os entrevistados que é a “violência”, categoria que serve de acusação contra outros grupos de torcedores e é usada como forma de diferenciação. Essa acusação tem uma direção: é sempre usada contra torcedores que buscam a emoção e nunca contra torcedores que procuram o conforto. Apesar de todos os torcedores entrevistados se considerarem parte da comunidade Botafogo - da qual nenhum torcedor desse clube deve ser excluído -, e que é entendida como uma grande família, existe uma estrutura diferenciadora no interior desta comunidade. A partir da categoria “violência” se estrutura a torcida do Botafogo, criando diferenciações. Os torcedores tentam ficar do lado “não-violento” e essa é a explicação porque os torcedores emocionais não se associam às torcidas organizadas, comumente vistas como grupos violentos.

Dessa forma podemos construir um esquema analítico da estrutura da torcida do Botafogo no Engenho:

Gráfico 12: Categorias de torcedores e categoria de acusação “violência”.



Percebemos à esquerda, o pólo emoção e à direita o pólo conforto. Encontramos no centro do esquema as três categorias analisadas neste trabalho: torcedores emocionais, flexíveis e confortáveis. À esquerda estariam as torcidas organizadas, produtores da emoção, mas percebidas como diferentes dos torcedores emocionais. E à esquerda das organizadas, temos os torcedores orientados em eventos, que é uma categoria criada pelo sociólogo alemão Heitmeyer (1992), para descrever torcedores que não se interessam mais pelo futebol e buscam apenas eventos e emoções, como por exemplo os hooligans.

À direita dos torcedores confortáveis temos os torcedores de camarotes aos quais não se teve acesso. Seu interesse é pelo jogo em campo e certamente têm acesso ao máximo de conforto possível. Entretanto, podemos imaginar também que há nesses camarotes pessoas que se encontram apenas para fazer negócios, sem se interessar pelo time e jogo. Eles precisam do conforto, mas o jogo se torna periférico. Essas pessoas dificilmente vão sofrer a acusação de serem violentas. Por isso, no esquema acima a acusação de violência está com a seta voltada para a esquerda, ou seja, para o pólo da emoção. Portanto, emoção e conforto são categorias afirmativas: os torcedores dizem “Nós buscamos a emoção ou o conforto”. Enquanto isso, violência é uma categoria de acusação direcionada contra os outros e que pode ser usada também contra torcedores de times adversários, no caso do Botafogo, de preferência contra os torcedores do Flamengo, o principal rival.

É importante reiterar que a dicotomia entre torcedor emocional e confortável pode parecer reducionista, e certamente o é, mas foi construída a partir das categorias

usadas pelos próprios torcedores entrevistados na presente pesquisa. Ou seja, são os torcedores que constroem sua perspectiva dessa forma.

Além disso, podemos observar que os construtores e administradores do Engenhão têm as mesmas categorias em mente. Ambos enxergam um problema de violência no futebol brasileiro e, por isso, consideram necessária a construção de estádios mais seguros, que ofereçam mais conforto. Ou seja, um estádio feito para os torcedores confortáveis e não para os torcedores emocionais.

Esse pensamento se reflete também nas medidas de segurança pública que as instituições estatais têm tomado visando a Copa do Mundo: estatuto do torcedor, carteirinha do torcedor e choque de ordem. Novamente há uma imagem idealizada de um torcedor confortável, que deve apoiar essas medidas e de fato nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, os torcedores emocionais rejeitam tais medidas, enquanto os torcedores confortáveis as acolhem.

Essa diferenciação não se refere apenas a um estilo de torcer, mas sim às condições financeiras, porque desde a implantação das medidas de segurança mencionadas e da construção dos novos estádios houve ao mesmo tempo um aumento no preço dos ingressos. Outro fato importante foi o fim da Geral, o espaço mais barato dos estádios. Ou seja, o atual processo de construção de estádios e produção do evento futebol é um movimento de exclusão dos torcedores emocionais.

A questão é que os jogos no Engenhão ficam bastante vazios, o que representa um problema financeiro para o clube Botafogo. Aparentemente os torcedores emocionais foram excluídos e os torcedores confortáveis parecem não estar dispostos a fazerem uso de um estádio concebido para atendê-los. Qual é o motivo para tal fenômeno? É possível apenas especularmos. Pode ser que a parcela de torcedores confortáveis da população carioca ou brasileira seja tão pequena que não se mostre suficiente para encher o estádio. Pode ser que exista ainda algo relativo ao estádio Engenhão que continua incomodando os torcedores confortáveis, no que diz respeito, por exemplo, ao bairro em que é localizado, percebido como pobre e inseguro, ou à falta de transporte e estacionamento confortável. Mas pode ser também, que o elemento da emoção, como descrito neste trabalho, seja simplesmente tão importante para o futebol carioca e brasileiro, que não pode ser simplesmente excluído. Mesmo que os torcedores queiram conforto, eles também querem emoção. A oposição talvez não seja tão rígida como o quadro parece insinuar.

Em termos teóricos foram usados neste trabalho os conceitos de Bourdieu (1983, 1990) de *habitus*, campo, disputa e capitais. Podemos observar uma disputa simbólica pelo significado do “torcer” no Rio de Janeiro e no Brasil (TOLEDO, 1999). Nesta disputa há alguns torcedores com um *habitus* mais emocional e outros com um *habitus* mais orientado no conforto. A acusação de “ser violento” é um discurso recorrente e uma ferramenta poderosa. Esta disputa envolve relações de poder e quem nela é derrotado ficará excluído do campo do futebol. Se o futebol e o esporte de um modo geral costumam ser percebidos como uma brincadeira ou simples atividade de lazer, esse caso nos faz ver a seriedade deste campo. Estão em jogo os vários capitais. Quem fica excluído não poderá mais aplicar ou aumentar seu capital econômico, social, cultural ou simbólico.

Esta reflexão nos oferece as ferramentas para analisar a situação nas arquibancadas do Maracanã durante o Pan-2007. Temos um grande grupo de torcedores com o *habitus* orientado no conforto, que não apenas aceita, mas gosta das regras criadas para aquele megaevento esportivo. Do outro lado temos um grupo menor com o *habitus* emocional que causa constrangimentos. A produção do evento não foi feita para eles que, por sua vez, não conseguem lidar com estas novas regras. Esse tipo de público quer ficar em pé, apoiando seu time com canções e danças, o que obstrui a visão dos torcedores confortáveis. Como vimos, no caso do Pan, a reação foi forte: houve vaias e gritos contra este grupo de torcedores emocionais e até os seguranças foram chamados. A disputa travada pelos dois grupos de torcedores para tentar definir como se torce de verdade ficou bem visível.

Nesse contexto de um megaevento esportivo, esta disputa foi claramente ganha pelos torcedores confortáveis. Podemos esperar que na Copa do Mundo 2014 e nos Jogos Olímpicos 2016 os torcedores emocionais não entrarão nos estádios. Mas nos campeonatos locais e nacionais esta disputa está em pleno andamento e não necessariamente ganho pelos torcedores confortáveis. O grande trunfo dos torcedores emocionais nesse contexto é que a média de público é baixa nos jogos de futebol no Brasil, ou seja, os dirigentes de futebol não podem abrir mão deles. Ao que parece, nos campeonatos locais e nacionais os capitais dos torcedores emocionais valem mais do que nos megaeventos. Isso ocorre, pois esses torcedores têm bastante capital simbólico e conseguem definir o que é emoção, algo desejado nos jogos de futebol.

Refletir sobre o andamento ou até o resultado desta disputa é pura especulação. Podemos apenas observar que neste momento parece que há uma disjunção entre a

arquitetura dos estádios novos e o *habitus* dos torcedores brasileiros. Aparentemente um não foi feito para o outro. Provavelmente seria economicamente mais razoável atender melhor às necessidades dos torcedores emocionais. Por outro lado, percebemos o alto valor da esfera simbólica de se sediar um megaevento, possuir estádios descritos como modernos, com regras ditas civilizadas. O resultado será provavelmente algum meio termo.

Uma outra questão nesta reflexão é: até que ponto os resultados desta pesquisa podem ser generalizados? Os dados foram levantados com alguns torcedores do Botafogo no Engenhão, portanto, seria correto afirmar que os resultados valem apenas nessas circunstâncias específicas. Por outro lado, acredito que não arriscamos demais se aplicamos os resultados para todas as torcidas de clubes da primeira divisão brasileira, no Rio de Janeiro. Afinal, foram observados também jogos no Maracanã, com torcedores de outros times. Além disso, houve entrevistas com construtores e administradores dos estádios e do futebol, que não são necessariamente ligados apenas ao Botafogo e o Engenhão.

Provavelmente será possível observar as mesmas tendências a uma disputa simbólica pelo significado do torcer entre torcedores emocionais e confortáveis em todas as sedes da Copa do Mundo 2014, com um aumento de importância do segundo grupo. Afinal, o Engenhão é um protótipo para esses estádios e a discussão sobre o significado dos megaeventos esportivos e as medidas de segurança nos estádios é nacional e não local. Certamente há adaptações e versões dentro dos contextos locais. Mas a tendência é a mesma.

Por exemplo, será interessante observar o que acontecerá nas cidades com clubes de pouca expressão nacional como Cuiabá, Manaus e Natal. Por outro lado, temos cidades importantes do futebol brasileiro, onde os jogos atraem uma média alta de espectadores como Belém e Florianópolis que ficaram fora da Copa do Mundo 2014. Será que os torcedores desses locais construirão modelos alternativos do significado de torcer? Seja como for, é interessante observar de que modo acontecimentos e discussões locais estão inseridos em movimentos mundiais e globalizados. Os megaeventos esportivos acontecem em praticamente qualquer lugar do mundo e estão sendo globalmente observados. Mas as suas consequências e adaptações são intrinsecamente locais. Um típico movimento de indigenização (Appadurai, 1994).

Estive em fevereiro de 2011 na cidade de Natal e assisti a um jogo no estádio Machadão. A cidade deve ser uma das sedes da Copa do Mundo, mas as obras nem

havam começado. Vi um estádio antigo, com claras deficiências em relação à estrutura arquitetônica e segurança. Era possível escolher quase livremente o lugar, assistir ao jogo em pé e havia venda de cerveja e até mesmo cachaça nas arquibancadas. Os torcedores não me pareceram incomodados com esta situação. Falei para alguns que não se vende mais bebida alcoólica nos estádios no Rio e que o mesmo provavelmente aconteceria em Natal até a Copa do Mundo. Todos responderam: “Aqui é o nordeste, as pessoas não vão aceitar abrir mão da sua cerveja.” Acredito que esses interlocutores estão enganados, mas quem sabe, se desenvolva alguma indigenização potiguar na produção dos jogos de futebol em Natal.

Sendo assim, os megaeventos esportivos estabelecem uma agenda extensa e importante de pesquisas no Brasil. Certamente podemos esperar muitas dissertações e teses sobre o tema, não apenas nas Ciências Sociais, mas também em muitas outras áreas. A pergunta principal é “Quais as consequências desses eventos para a economia, cultura, política, arquitetura, urbanismo e a vida social no Brasil e suas cidades?” Do ponto de vista da Antropologia interessa especialmente o valor simbólico, que mostrou sua força no presente trabalho, para o Brasil e os brasileiros.

No decorrer deste trabalho, dentro do contexto da análise do esporte pela Antropologia, duas temáticas ainda sugerem desdobramentos futuros. O primeiro é uma reflexão sobre o funcionamento dos clubes e federações esportivos brasileiros. Observamos o problema de um suposto jeito amador da organização dos clubes e a contínua exigência do chamado clube empresa. Ao mesmo tempo percebemos que já há clubes administrados de uma forma eficiente e profissional. Precisamos perguntar o que significa amador e profissional? O que os envolvidos entendem por essas categorias? E quem ganha e o que se ganha com a continuação ou a alteração dessas formas de administração? Será que é de fato possível introduzir o clube empresa no Brasil? Ainda mais importante: será que esta mudança é desejável?

A outra agenda importante é que percebemos as múltiplas variações dentro do mesmo padrão cultural dos torcedores. Observamos não somente os torcedores emocionais e confortáveis, mas também grupos denominados de torcedores-símbolo, torcidas organizadas e torcidas de alento. Essas formas de expressão estão numa contínua mudança e intercâmbio. É possível que surjam novas variações. Este é um campo rico de investigações, que exige uma observação contínua. Os resultados são, inclusive, importantes para os clubes de futebol e os construtores de estádios, porque dessa forma eles podem reagir a mudanças nos padrões culturais.

Eu estava redigindo as últimas páginas desta tese quando aconteceu no Rio de Janeiro um evento organizado pela Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro. Visitei o evento e observei os acontecimentos com muito interesse. A partir do ano de 2007 as torcidas organizadas aparentemente perderam espaço e força nos estádios cariocas em benefício das torcidas de alento, como descrito na presente tese. Mas as mudanças na arquitetura dos estádios, na produção do evento futebol e nas medidas de segurança pública não agradaram a nenhuma das duas partes.

Elas sentiram que precisavam se mobilizar para protestar contra e, se possível, inverter as mudanças. Para isso era necessário se organizar e por conta disso, de repente, as torcidas organizadas tiveram novamente uma vantagem. Esses agrupamentos já estavam organizados e podiam fundar uma federação que conseguisse expressar suas exigências frente às autoridades. Esses agrupamentos conseguiram enviar uma delegação para São Paulo e Brasília para falar com o Ministro do Esporte e representantes das federações esportivas.

No dito evento houve um embate verbal entre torcidas organizadas e de alento. Ao final ficou claro que as torcidas de alento precisam se organizar e participar da federação se quiserem fazer valer suas exigências. A reviravolta era completa e curiosa aos olhos deste pesquisador. Ficou nítido que este movimento precisa ser observado e documentado pelas ciências sociais. Espero que tenha conseguido contribuir para este trabalho com as ferramentas desenvolvidas, principalmente com as categorias de torcedores emocionais e confortáveis. Porém fica também a sensação que as mudanças acontecem de uma forma tão rápida que talvez a tese já esteja ultrapassada no momento da sua defesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Mauricio. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Patria: El Fútbol y las Narrativas de la Nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.
- ALVITO, Marcos. “*A parte que te cabe neste latifúndio*”: o futebol brasileiro e a globalização. *Análise Social*, Vol. 41, No. 179, 2006, p. 451–474.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Com Brasileiro, não há quem possa!* Futebol e Identidade Nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2008.
- _____. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global: Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ARAGÓN; HOLLANDA; MAGAZINE. *Esporte e Sociedade – Revista Digital*, Ano 6, Nr. 17, Março 2011/Agosto 2011.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A Vocação do Prazer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo em la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- ASSAF, Roberto; GARCIA, Roger. *Grandes Jogos do Maracanã, 1950 – 2008*. Rio de Janeiro: Assaf, 2008.
- ATKINSON, G.; MOURATO, S.; SZYMANSKI, S.; OZDEMIROGLU, E. *Are We Willing to Pay Enough to ‘Back the Bid’?: Valuing the Intangible Impacts of London’s Bid to Host the 2012 Summer Olympic Games’*. *Urban Studies*, Vol. 45, No. 2, 2008, p. 419–444.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.
- BAÊTA NEVES, Luiz Felipe. Na Zona do Agrião. Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol. In: DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- BAÊTA NEVES, Luiz Felipe. *Da Construção do Conceito de Violência*. Pesquisa de Campo, Nr 2, 1995.
- BALE, John. *Sport, Space and the City*. London: Routledge, 1993.
- BATISTA, Graziella Cataldo. *Cibertorcid@s Organizadas: A Violência das Arquibancadas para a Rede*. Dissertação em Comunicação, Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
- BATESON, Gregory. *Naven: the culture of the Iatmul people of New Guinea as revealed through a study of the “naven” ceremonial*. Standford: University Press, 1965.

- BEHNKEN, L.M.; Godoy, A. O Relacionamento Entre as Esferas Pública e Privada nos Jogos Panamericanos de 2007. *Esporte e Sociedade – Revista Digital*, Ano 4, Nr. 10, Novembro 2008/Febrero 2009.
- BELLOS, Alex. *Futebol: the Brazilian Way of Live*. London: Bloomsbury, 2002.
- BENEDICTO, Danielle. Desafiando o coro dos contentes: vozes dissonantes no processo de implementação dos Jogos Pan-Americanos, Rio 2007. *Esporte e Sociedade - Revista Digital*. Ano 4, Nr. 10, Novembro 2008/Febrero, 2009.
- BLACK, D. R.; VAN DER WESTHUIZEN, J. *The allure of global games for 'semi-peripheral' politics and spaces: a research agenda*. *Third World Quarterly*, 25, (7), 2004, p.1195-1214.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: Bourdieu, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136 -163.
- _____. Programa para uma sociologia do esporte. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207 – 220.
- _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.
- _____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EdUSP, 2008.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. *Reflexive Anthropologie*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1996.
- BROMBERGER, Christian. *Le Match de Football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Maison des Sciences de l'Homme, 1995.
- BRASIL. *Lei n. 8.078/90*. Proteção do Consumidor. Brasília, 1990.
- BRASIL. *Lei n. 10.671/03*. Estatuto de Defesa do Torcedor. Brasília, 2003.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: Memória do Futebol Brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CALDEIRA, T. R. *City of Walls: Crime, Segregation and Citizenship in Sao Paulo*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2000.
- CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do belo*. Rio de Janeiro: Taurus, 1995.
- _____. *Quando o Brasil era moderno*. Guia de arquitetura 1928 – 1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001
- CÉSAR, Benedito Tadéu. *Os Gaviões da Fiel e a Águia do Capitalismo ou o Duelo*. Dissertação em Antropologia Social, Campinas: Unicamp, 1981.
- COHEN, Albert. K. *Delinquent Boys: The Culture of the Gang*. New York: Free Press, 1955.
- CRUZ, Marcus César Martins. *Grandes Projetos: Transformações e rupturas nos espaços urbanos – O caso do “Engenhão”, no Engenho de Dentro – RJ*. Dissertação em Geografia, Niterói: UFF, 2009
- COLLINS, A; Flyin, A; MUNDAY, M.; ROBERTS, A. *Assessing the Environmental Consequences of Major Sporting Events: The 2003/04 FA Cup Final*. *Urban Studies*, Vol. 44, No. 3, 2007, p.457–76.

COSTA, Leda Maria da. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo*. Tese em Letras, Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

CURI, Martin. Samba, girls and party: who were the Brazilian soccer fans at a World Cup? An ethnography of the 2006 World Cup in Germany. *Soccer and Society*, Vol. 9, Is. 1, 2008, p.111-134.

_____. As arenas do Pan: os espectadores entre serviço e repressão. *Esporte e Sociedade – Revista Digital*, Ano 4, Nr. 10, Novembro 2008/Fevereiro, 2009.

_____. *Sozialstruktur der brasilianischen Fußballfanclubs (Torcidas) und Konsequenzen für sozialarbeiterische Konzepte in der Fanarbeit*. Monografia em Serviço Social, Nürnberg: Georg-Simon-Ohm-FH, 2002.

_____. *Mechanismen und Prozessdynamiken der Stigmatisierung von Fußballfans in Rio de Janeiro – Brasilien*. Dissertação em Sociologia, Hagen: FernUniversität, 2006a.

_____. *Torcedores adolescentes de futebol: orientações sociais e políticas, sociabilidades, violência (Resenha)*. *Esporte e Sociedade*, ano 1, n. 2, 2006b. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es212.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2007.

CURI, et. al. *Observatório do Torcedor: o Estatuto*. CBCE, vol 30, No 2, 2009.

DACOSTA, et al. *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

_____. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei. *Futebol e Identidade Social: Uma Leitura Antropológica das Rivalidades entre Torcedores e Clubes*. Porto Alegre: UFRGSC, 2002.

_____. *Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: HUCITEC, 2007.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.

DIAS, Celso Osório da Silva. *Olê, Olá o Nosso Time tá Botando prá Quebrá: Um Estudo sobre Torcidas Organizadas de Futebol no Brasil*. Dissertação em Antropologia Social, Porto Alegre: UFRGS, 1991.

DIMEO, Kay, J. *Major Sports events, image projection and the problems of 'semi-periphery': a case study of the 1996 South Asia Cricket World Cup Third World Quarterly* 25 (7), 2004, p. 1263 - 1276.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

DRUMOND, Maurício. *Pátrias em jogo: Esporte e Propaganda política nos governos de Vargas e Perón*. In: MELO, Victor Andrade de. *História comparada de esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

DUARTE, H. *Comentários às disposições de responsabilidade civil da Lei nº 10.671/03*. 2007. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=4726>. Acesso em: 17.12.2007.

- DURKHEIM, Emile. *A Divisão do Trabalho Social*. Rio de Janeiro: Fontes, 1977.
- EISENBERG, C.; LANFRANCHI; MASON, T.; WAHL, A. *100 Years of football: the FIFA centennial book*. London: Weidenfels & Nicolson, 2004.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Sport im Zivilisationsprozeß*. Münster: Lit, SD.
- FIFA. *Inspection Report for the 2014 FIFA World Cup tm: Brazil Bid*. 2007. Disponível em:
<<http://www.fifa.com/mm/document/affederation/mission/fwc2014%5fbrazil%5fbid%5finspection%5freport%5fen%5f24491.pdf>>, Acesso em 05.01.2009.
- FILHO, Mario. *O sapo de Arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Mauad: Rio de Janeiro, 2003.
- FOOTE-WHITE, William. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish*. New York: Vintage, 1977.
- FRAIHA, Silvia. *Méier & Engenho de Dentro*. Rio de Janeiro: FRAIHA, 1998.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira*. Capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FRUIN, J.J. *Crowd Dynamics and Auditorium Management*. Disponível em:
<<http://www.iaam.org/CVMS/IAAMCrowdDyn.doc>>. Acesso em: 26.11.2007.
- GAFFNEY, Christopher Thomas. *Temples of the earthbound Gods*. Austin: Texas, 2007.
- GAFFNEY, Ch.; MASCARENHAS, Gilmar. The soccer stadium as a disciplinary space. *Esporte e Sociedade – Revista Digital*, Ano 1, Nr. 1, Novembro 2005/Feveireiro 2006.
- GASTALDO, Édison. *Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas Futebolísticas*. *Esporte e Sociedade – Revista Digital*, Ano 1, Nr. 3, Julho 2006/Outubro 2006.
- GASTALDO, E., GUEDES, Simoni Lahud (Org). *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989 (1973).
- GIRTTLER, Roland. *Methoden der Qualitativen Sozialforschung*. Vienna: Böhlau, 1992.
- GIULIANOTTI, Richard. *Football: A Sociology of the Global game*. Cambridge: Polity Press, 1999.
- GIULIANOTTI, Richard & ROBERTSON, Roland. *Globalization & Football*. London: SAGE, 2009.
- GOFFMAN, Erving. *Wir alle spielen Theater: Die Selbstdarstellung im Alltag*. München: Piper, 2004.
- GOLDEN GOAL. *É disso que o Povo Gosta*. Rio de Janeiro: Golden Goal, 2007.
- GUEDES, Simoni Lahud. *Os europeus do futebol brasileiro ou como a “patria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado*. In: GASTALDO, E., GUEDES, Simoni

- Lahud (Org): *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 73 – 86.
- _____. *O Futebol Brasileiro – Instituição Zero*. Dissertação em Antropologia Social, PPGAS-MN, Rio de Janeiro: UFRJ, 1977.
- _____. *O Brasil no campo de futebol*. Niterói: EDUFF, 1998.
- GUEDES, S.L; CURI, M. *The Peace Game about Brazil's Military Presence in Haiti*. In: CURI, M. *Football in Brazil*. Oxford: Routledge, 2010.
- GUTTMANN, Allen. *Sports Spectators*. New York: Columbia, 1986.
- HEITMEYER, Wilhelm & PETER, Ingo. *Jugendliche Fußballfans: Soziale und politische Orientierungen, Gesellungsformen, Gewalt*. Weinheim: Juventa, 1992.
- HEITMEYER, Wilhelm & HAGAN, John. *Internationales Handbuch der Gewaltforschung*. Wiesbaden: Westdeutscher, 2002.
- HEIZER, Teixeira. *Maracanazo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- HELAL, R. et. al. *A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HELAL, Ronaldo. Estádios Vazios, ausência de Ídolos: Notas para uma Reflexão sobre a Crise do Futebol Brasileiro. *Pesquisa de Campo*. Futebol: 100 anos de paixão brasileira. Rio de Janeiro, UERJ, Departamento Cultural, Nr. 0, S. 61 – 70, 1994.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz, 1984.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. *O descobrimento do futebol*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- _____. *O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. Tese em História Social, Rio de Janeiro: PUC, 2009. (Publicação, 2010)
- HOLZMEISTER, Antonio. *A nova economia do futebol: Uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Dissertação em Antropologia Social, PPGAS-MN, Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- _____. *A virada econômica do futebol: Observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo*. Tese em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS-MN, UFRJ, 2010a.
- _____. *A Brief History of Football Stadiums in Brazil*. In: CURI, M. *Football in Brazil*. Oxford: Routledge, 2010b.
- HORNE, John; MANZENREITER, Wolfram. *Sports Mega-Events: Social Scientific Analyses of a Global Phenomenon*. Oxford: Blackwell, 2006.
- JAMESON, Fredric. *Espaço e Imagem: Teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- JENNINGS, Andrew. *Foul! The secret world of FIFA bribes, vote rigging and ticket scandals*. London: Harpercollins, 2006.
- KANT DE LIMA, Robert. *Ensaio de Antropologia e Direito*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.
- KAPFERER, Bruce. *Legends of People, Myth of State*. Washington: Smithsonian, 1988.

- KLEIN, Marco Aurelio. *Comissão Paz no Esporte: Fase I, Relatório Final*. Brasília: Ministério do Esporte e Ministério da Justiça, 2006.
- LANCE!. *Enciclopédia do Futebol Brasileiro 1 + 2*. Rio de Janeiro: Lance!, 2001.
- LEACH, Edmund. *Sistemas políticos da alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- LEITÃO, Sérgio. *Maracanã: da tragédia à glória*. Rio de Janeiro: Madgráfica, 2000.
- LEITE LOPES, José Sergio. *A Vitória do Futebol que incorporou a pelada*. Revista USP, 22, 1994, 64 - 83.
- _____. *Le Maracanã, coeur du Brésil*. Sociétés et Représentations, 7, 1998, 129 - 140.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo, 1973.
- _____. *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo, 1976.
- LUHMANN, Niklas. *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997.
- LUTZ, Catherine & WHITE, Geoffrey. *The anthropology of emotions*. Annual Review of Anthropology, 15, 1986.
- LUTZ, Catherine. *Unnatural emotions: Everyday sentiments in a micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- LUTZ, Catherine & ABU-LUGHOD, Lila (org). *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MACHADO, Murilo d'Almeida. *O Êxtase no Futebol. A Comunicação Ritual e suas Experiências Sensoriais*. Tese em Multimeios, Campinas: Unicamp, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme Castor. *Festa no pedaço: Cultura popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MALHANO, Clara & MALHANO, Hamilton Botelho. *Memória social dos esportes: São Januário – Arquitetura e História*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1978.
- MATTOS, Claudia. *Cem Anos de Paixão: Uma Mitologia Carioca no Futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MATTOS, Hilton. *Heróis do cimento*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MAUSS, Marcel. *L'expression obligatoire des sentiments (rituels oraux funéraires australiens)*. Journal de psychologie, 18, 1921.
- _____. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- _____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2001.
- _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MÁXIMO, João. *Maracanã: Meio século de paixão*. São Paulo: DBA, 2000.
- MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva: Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

- MENEZES, Isabela Trindade. *Entre a Fúria e a Loucura: Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas*. Dissertação em Memória Social, Rio de Janeiro: Uni Rio, 2010.
- MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra!* Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- MURAD, Maurício. *A violência e o futebol*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- _____. *Dos Pés à Cabeça: Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- MUYLAERT, Roberto. *Barbosa – Um gol faz cinquenta anos*. São Paulo: RMC, 2000.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Fluminense Football Club: História, Conquistas e Glórias no Futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- NAURIGHT, J. *Global games: culture, political economy and sport in the globalised world of the 21st century*. *Third World Quarterly*, 25 (7), 2004, 1325 - 1336.
- NICÁCIO, et. al. *Campeonato Brasileiro de 2007: A Relação do Torcedor de Futebol com o Estatuto de Defesa do torcedor na cidade de Belo Horizonte (MG)*. CBCE, vol 30, No 2, 2009.
- NOGUEIRA, Soares, Muylaert. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Campanhia das Letras, 1994.
- OLIVEIRA, Luiz Roberto Cardoso de. *Existe Violência sem Agressão Moral?* RBCS, vol 23, No 67, 2008.
- OLIVEIRA & GRAÇA. *O Perfil do Torcedor Carioca*. Rio de Janeiro: Laboratório UniCarioca de Pesquisas Aplicadas, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma Derrota: 16 de Julho de 1950, Brasil x Uruguai*. São Paulo: L&PK, 1986.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Futebol e violência entre “Torcidas Organizadas”*: A busca da identidade através da violência. Dissertação em Ciências Sociais, São Paulo: PUC, 1995.
- PINA, Sandra. *E assim surgiu o Maracanã*. São Paulo: DCL, 2006.
- PREUSS, Holger. *Impactos econômicos de Megaeventos: Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos*. In: DACOSTA et al. *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. *Metamorfose do Futebol*. Campinas: UNICAMP, 2000.
- PRONI, Marcelo Weishaupt; ZAIA, F.H. *Overview of the financial condition of the Brazilian Football Clubs*. In: CURI, M. *Football in Brazil*. Oxford: Routledge, 2010.
- RAEDER, Savio. *Conflitos no Ordenamento Territorial em Sedes de Megaeventos Esportivos*. *Esporte e Sociedade – Revista Digital*, Ano 4, Nr. 10, Novembro 2008/ Fevereiro 2009.

- REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- REIS, Heloisa Helena Baldy. *Futebol e Violência*. São Paulo: FAPES, 2006.
- _____. *O Espetáculo Futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor*. CBCE, vol 31, No 3, 2010.
- REZENDE, Cláudia Barcellos. *Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções*. Mana, vol. 8, nr. 2, 2002.
- RIBAS et al. *Tijuca & Floresta*. Rio de Janeiro: FRAHIA, 2000.
- RIO PAN-2007. *Candidate City*. Rio de Janeiro: Sir Speedy, 2002.
- RODRIGUES, Francisco. *A Geral do Grêmio*. Monografia em História, Niterói: UFF, 2008.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2007.
- SANDER, Roberto. *Anos 40: Viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo: Primórdios do Futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. *Dos Espetáculos de Massa às Torcidas Organizadas: Paixão, Rito e Magia no Futebol*. São Paulo: AnnaBlume, 2004.
- SÉRGIO, Renato. *Maracanã: 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- SILVA, Lúcia. *História do Urbanismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.
- SILVA, S. R. da. et. al. *Observatório do torcedor: a Relação dos Torcedores de Futebol e Torcedores de Voleibol com o Estatuto de Defesa do Torcedor em Belo Horizonte*. Recife: Conbrace, 2007.
- SOARES, Antonio Jorge. *O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade*. In: Helal, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. *O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos*. In: HELAL, et. al. *A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001, p. 123 – 134.
- SOUZA, Denaldo de Souza. *O Brasil entra em campo!* São Paulo: Annablume, 2008.
- STIGGER, Marco Paulo, et al. *O Esporte na Cidade: Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- STOLLENWERK, Hans. *Sport, Zuschauer, Medien*. Aachen: Meyer & Meyer, 1996.
- STOTT, C., et. al. *Policing, Crowd Dynamics and Public Order at Euro2004*. Disponível em: <http://www.liv.ac.uk/psychology/staff/CStott/Final_Report_2004.pdf>. Acesso em: 26.11.2007.

- SWART, K; Bob, U. *The seductive discourse of development: the Cape Town 2004 Olympic bid*. Third World Quarterly, 25 (7), 2004, 1311 – 1324.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2004.
- TOUGUINHÓ, Oldemário. *Maracanã*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- _____. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados de torcer. In: DA COSTA, Márcia Regina (org). *Futebol espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- TORO, Camilo Aguilera. *O Espectador como Espetáculo: Notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970 – 2004)*. Dissertação em Sociologia, Campinas: Unicamp, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- TURNER, Victor. *Floresta de símbolos – aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2005.
- UNIÃO EUROPEIA. *European Convention on Spectator Violence and Misbehaviour at Sports Events and in particular at Football Matches*. União Européia: Estrasburgo, 1985. Disponível em: <<http://conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Html/120.htm>>. Acesso em: 05.12.2007.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VIEIRA, Cláudio. *Maracanã: Templo dos deuses brasileiros*. Rio de Janeiro: Claudio Vieira, 2000.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. *Economia e sociedade*. Brasília: UNB, 1994.

Internet

- www.botafogo.com.br/
- www.botafogo.com.br/borderos.asp
- www.botafogo.com.br/oclube_estatutos.asp
- www.cbf.com.br/php/tabela.php?ct=1&cc=39&aa=2009
- www.charangadoflamengo.com.br/indexSite.html
- www.cesarmaia.com.br/site/realizacoes/estadio-joao-havelange-engenhao.asp
- www.ducker.com.br/
- <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2007/interna/0,,OI1807766-EI8817,00.html>
- www.fferj.com.br/Sitenovo/2008/Campeonatos2010/Carioca/Sumulascarioca.asp

www.fimdejogo.com.br/blog
www.flamengo.com.br/site/downloads/estatuto.pdf
www.futebolpaulista.com.br/torcedor.php?sec=27
www.gauchosnacopa.com.br/
www.goldengol.com.br/ceojh/camarotes2010/index.html
www2.goldmansachs.com/ideas/brics/book/99-dreaming.pdf
www.guerreirosdoalmirante.com.br/
www.historiadetorcedor.com.br/
www.lamsa.com.br
www.legiaotricolor.com.br/
<http://leonardoweb.globo.com/>
www.loucosbotafogo.com/
www.norteshopping.com.br
www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=87137
www.rsssfbrazil.com/miscellaneous/torcidas.htm
www.santanabolasete.com/
www.urubuzada.com.br
http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Ol%C3%ADmpico_Jo%C3%A3o_Havelange

Revistas e Jornais

Folha de São Paulo (01/12/2006, 01/07/2007, 14/03/2009, 15/03/2009, 25/03/2009)

Jornal do Brasil (24/01/2009)

Lance!/IBOPE (2004)

Lance! (14/03/2009, 20/09/2006)

O Globo (09/11/2005, 28/07/2006, 24/01/2009, 13/03/2009, 14/03/2009, 06/05/2009, 03/10/2009)

Panfleto do CSP/FSM, 2009

Revista Obras do Pan, 2007